

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS JATAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO PARA CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

THIAGO BATISTA ASSIS

**PROFESSORES DE MATEMÁTICA: ENTRELAÇAR DE VIDAS ENTRE O
PESSOAL E O PROFISSIONAL**

JATAÍ
2017

THIAGO BATISTA ASSIS

**PROFESSORES DE MATEMÁTICA: ENTRELAÇAR DE VIDAS ENTRE O
PESSOAL E O PROFISSIONAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e para Matemática.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Linha de pesquisa: Organização escolar, formação docente e Educação para Ciências e Matemática

Sublinha de pesquisa: Linguagem, Cultura e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Flomar A. Oliveira Chagas

Jataí

2017

Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

ASS/pro	Assis, Thiago Batista. Professores de matemática: entrelaçar de vidas entre o pessoal e o profissional [manuscrito] / Thiago Assis Batista. -- 2017. 198 f. Orientadora: Prof ^a . Dr ^a . Flomar Ambrosina Oliveira Chagas. Dissertação (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós – Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2017. Bibliografia. Apêndices. 1. História de vida. 2. Professores de Matemática. 3. Práticas pedagógicas. 4. Dissertação. I. Chagas, Flomar Ambrosina Oliveira. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.
	CDD 510.7

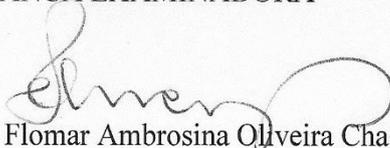
THIAGO BATISTA ASSIS

**PROFESSORES DE MATEMÁTICA: ENTRELAÇAR DE VIDAS ENTRE O
PESSOAL E O PROFISSIONAL**

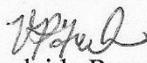
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática.

Esta dissertação foi defendida e aprovada, em 14 de dezembro de 2017, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Flomar Ambrosina Oliveira Chagas
Presidente da banca / Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Profa. Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz
Membro interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes
Membro externo
Universidade Federal de Goiás

*À Estael de Lima Gonçalves, por dividir comigo
diuturnamente os desafios da vida e por sempre acreditar
em mim e à doce Heloísa presente de Deus em nossas
vidas. Amo vocês.*

AGRADECIMENTOS

Tem sede de justiça, esperança no vento
E crê que em breve tempo o tempo de tristeza
Poderá findar
Tem medo da inveja, por saber que a poesia
Transmite alegria e muita gente má deturpa por pesar
Tem as reflexões, tem erros, tem virtudes
Tem paz nas atitudes por ter ideal
Tem ódios na explosão
Tem pensamentos próprios, tem fome de igualdade
Fé na sinceridade, febre de direito e defende a razão.
Moisés Manuel (1978)

A música “Sozinho da Noite”, do cantor jataiense Moisés Manuel exprime tudo o que acredito tanto em minha vida pessoal quanto na profissional. Sempre defendi uma sociedade justa, humana, pautada pelo respeito às diferenças. Luto por aquilo que acredito e tenho esperança de dias melhores. Minha capacidade de ser, de fazer e de sonhar são embaladas pela leveza das flores, mas também por seus espinhos. Como os escritores, que de palavras formam um poema, dessas flores monto arranjo.

Minha vida sempre foi pautada pela fé, acredito em um ser supremo que nos guia e nos fortalece para que possamos enfrentar a diversidade, por isso neste momento agradeço a Deus, pelo dom da vida e por diversas vezes ter me amparado nos momentos que fraquejei e pensei em desistir. À Mãe Aparecida, por me cobrir com seu manto sagrado, me protegendo a cada passo.

É um desafio, de igual proporção ao de escrever essa dissertação, agradecer genuinamente as pessoas que contribuíram nessa minha trajetória e deixam nela um pouco de si. Serei eternamente grato a vocês, pessoas imprescindíveis, na realização e na conclusão deste trabalho.

Início essa tarefa pelas mulheres da minha vida: minha avó Joana, minha mãe Adevânia, minha sogra Célia, minha esposa Estael e minha filha Heloisa, obrigado por serem suporte, incentivo e fortaleza. Agradeço ainda ao meu irmão Anilson Júnior que, por diversas vezes, assumiu minhas responsabilidades profissionais para que eu pudesse me dedicar a este estudo.

Devo ainda agradecimentos especiais a minha comandante, amiga e parceira: Major Selma Rodrigues Silva. Foi essencial ter sua anuência e apoio nesta pesquisa. Também externo meus agradecimentos a todos os colegas do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro (CEPMG NR), de maneira especial à Professora M.a Patrícia Lacerda por suas importantes contribuições.

Agradeço à professora, orientadora e amiga, Flomar Chagas, por acreditar em meu potencial, por estar sempre disposta e disponível a construir esse trabalho ao meu lado e ainda por fazer parte da minha história de vida.

Agradeço a todos os colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática (PPGECM) do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Jataí em especial a Professora Vanderleida Queiroz por participar de forma efetiva na concepção e desenvolvimento deste trabalho, e ainda acrescento os professores Marcos Menezes e Rita Rodrigues, pelas contribuições essenciais na construção desse estudo.

Por fim, mas, sem dúvidas, não menos importante agradeço, aos professores Lucivânia, Lázaro, Edmilson, Solene e Fernanda que participam como sujeitos desta pesquisa, se desnudaram em frente ao pesquisador e se dispuseram a contar as suas histórias de vida, muito obrigado!

Talvez as palavras não sejam suficientes, mas termino dizendo: esse trabalho também é de vocês, para vocês e por vocês!

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada no município de Jataí-GO, com professores de matemática do ensino médio da rede estadual de ensino, tendo como objetivo geral compreender as influências da história de vida de professores sobre suas práticas pedagógicas e a contribuição dessas narrativas para sua formação. Com foco na análise das recordações sociais e profissionais dos docentes, este trabalho, numa abordagem qualitativa, buscou responder a seguinte questão: Qual a influência das histórias de vida nas práticas pedagógicas dos professores de Matemática do ensino médio? O material de investigação foi obtido por meio de entrevistas pautadas pela metodologia história oral, realizadas com cinco professores. Essas entrevistas, além de serem utilizadas como fonte de pesquisa, também deram origem a um documentário educativo, apresentado como produto educacional. Na discussão do problema e para a interpretação das narrativas, dialogou-se com diversos autores das ciências sociais e das ciências da educação. Ainda, foram empreendidas reflexões teóricas sobre o gênero cinematográfico documentário, explorando suas perspectivas e contribuições na construção e divulgação do conhecimento. Os resultados obtidos demonstraram que a trajetória pessoal e profissional são fatores determinantes na forma de atuação dos professores, expondo suas concepções sobre o fazer pedagógico e sobre a profissão.

Palavras-chave: História de Vida. Professores de Matemática. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This research was carried out in the city of Jataí-GO, with mathematics teachers of the high school state education network, whose general goal is to understand the influences of teachers' life history on their pedagogical practices and the contribution of these narratives to their formation. With a focus on the analysis of teachers' social and professional memories, this paper, in a qualitative approach, sought to answer the following question: What is the influence of life histories on the pedagogical practices of high school mathematics teachers? The research material was obtained through interviews based on oral history methodology, carried out with five teachers. These interviews, in addition to being used as a research source, also gave rise to an educational documentary, presented as an educational product. In the discussion of the problem and for the interpretation of the narratives, several authors of the social sciences and the educational sciences were interviewed. Also, theoretical reflections on the cinematographic documentary genre were undertaken, exploring their perspectives and contributions in the construction and dissemination of knowledge. The results showed that the personal and professional trajectories are determining factors in the way teachers act, exposing their conceptions about pedagogical doing and about the profession.

Keywords: Life History. Mathematics teachers. Pedagogical practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS...	20
1.1 Panorama sobre o método história oral	20
1.2 História de vida <i>versus</i> biografias	23
1.3 Memória, lembranças e identidade.....	25
1.4 A metodologia história de vida na educação.....	29
2 PERCURSO METODOLÓGICO	37
2.1 Pesquisa qualitativa.....	37
2.2 Peculiaridades de um documentário	39
2.3 Caminhos trilhados: a busca pelos personagens	44
2.4 Luz, câmera, ação: da elaboração do roteiro à gravação das narrativas	46
2.5 Produção, transcrição e textualização	48
3 VOZES QUE ECOAM: AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES	51
3.1 Sujeitos da Pesquisa	52
3.1.1 <i>Professor Lázaro Alves Cabral</i>	52
3.1.2 <i>Professor Edmilson Oliveira Ferreira</i>	52
3.1.3 <i>Professora Fernanda Lima Silva Ferreira</i>	53
3.1.4 <i>Professora Solene Neves dos Santos Silva</i>	53
3.1.5 <i>Professora Lucivânia Ferreira Cabral</i>	54
3.2 Arcabouço das análises	55
3.2.1 <i>Contexto familiar e econômico</i>	55
3.2.2 <i>Profissão Professor vista como sacerdócio e as mazelas da profissão</i>	65
3.2.3 <i>Influências acadêmicas e profissionais</i>	71
3.2.4 <i>Sentido e sentimento sobre a profissão docente</i>	79
3.2.5 <i>Relação professor – aluno</i>	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICES.....	100

INTRODUÇÃO

As identidades se constituem por meio de um conjunto de experiências vivenciadas no contexto social e cultural. Essa trajetória se inicia na educação familiar e perpassa a educação formal e tem continuidade no ambiente de trabalho. Assim, a vida humana é constituída sobre circunstâncias e rupturas.

Sob esse pressuposto, buscamos autores como Nóvoa (2013), Goodson (2013) e Tardif (2014) dentre outros para fundamentar as discussões e as reflexões quanto à história de vida e sua ligação com a trajetória docente. Para esses autores, ao ensinar, o professor traz consigo diversos saberes, sejam de ordem pessoal ou profissional. Na sala de aula, o professor e a professora não transmitem apenas conteúdos, mas também sentimentos, percepções e valores. Desse modo, a prática pedagógica deles e delas se estrutura sobre os alicerces de sua história de vida.

Bosi (2004) afirma que o passado explica o presente. O reconhecimento da memória como saber significa, portanto, entender a vida cotidiana como parte fundamental dos sujeitos. Nessa concepção, conto a minha história para que você, leitor, compreenda as origens deste estudo, conheça: quem sou eu? Como cheguei até aqui? Como e por que me tornei pesquisador?

Sempre fui direcionado pelos pensamentos de meus pais, que me disseram, que para ser alguém na vida, é preciso estudar e que o único mecanismo para se conquistar melhores condições financeiras e sociais é a qualificação profissional. Eles, apesar de não viverem juntos, pois logo que nasci se separaram, ambos de famílias muito humildes, de gente trabalhadora e de pouca instrução, sempre me incentivaram e, dentro de suas limitações, me apoiaram e apoiam em tudo. Minha mãe concluiu o ensino médio há uma década, em um curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e meu pai cursou apenas até a 8ª série do Ensino Fundamental.

Bourdieu (1998) afirma que a atitude dos pais em relação à escola influencia as escolhas dos filhos e, conseqüentemente, sua carreira escolar. Assim, acredito ter sido influenciado pela visão de meus pais e enxergado no estudo a única maneira de alcançar mudanças econômicas e sociais.

Meu pai logo se casou novamente e teve outra filha, minha mãe também. Mais tarde, ambos tiveram mais filhos, hoje tenho quatro irmãos, três irmãs e um irmão - esse meu grande parceiro e amigo, “meu braço direito”.

Sempre estudamos em escolas públicas. Iniciei minha vida acadêmica no antigo Centro Social Urbano, um local destinado a projetos sociais, que funcionava como uma creche escolar. Permanecia ali o dia todo; aprendíamos o que hoje se ensina no jardim de infância: as cores, as formas geométricas, os primeiros números...

Logo depois comecei a estudar na Escola Estadual Emília Ferreira de Carvalho, onde cursei do pré-escolar até a 4ª série. Como era linda a minha escola, me encantava a cada momento com as descobertas que ali se revelavam. A Dona Querubina, Diretora da Escola, era uma mulher dinâmica, educada e doce, conduzia a escola com tranquilidade e serenidade. Recordo-me, também, dos dias em que éramos conduzidos à sala da coordenadora, professora Disneia; essa, sim, era rígida, tremíamos e suávamos frio quando ela tomava a tabuada. E os tempos verbais então, que sufoco!

Lembro-me ainda da professora Marieta, muito conhecida na cidade por sua rigidez excessiva, mas como sempre fui um aluno muito tranquilo, ela sempre me elogiava em reuniões de pais, e nunca precisei ficar com o nariz colado no quadro, ser apertado atrás da porta ou ser alvo de um apagador ou giz. Ela era muito brava!

Quando concluí a primeira fase do ensino fundamental, a minha antiga escola já não atendia ao meu avanço escolar. Nesta época, todo bom aluno sonhava em estudar na Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), porém para ingressar na instituição era necessário ser aprovado em um exame de seleção concorridíssimo. Aprovado e muito entusiasmado, comecei minha vida acadêmica na instituição, à qual atribuo a constituição dos alicerces da minha vida profissional e pessoal.

A poesia, o teatro, as artes plásticas e uma prática pedagógica diferenciada possibilitaram o meu crescimento cultural, político e social. Passei pela transição de Escola Técnica para Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) e minha história de vida se entremeia com a história da instituição. Nessa instituição, presidi por três mandatos o grêmio estudantil, fui bolsista da Coordenação de Comunicação Social, Comissão de Seleção e do Sindicato dos Servidores Públicos Federais (SINASEFE). Conheci minha esposa! Poderia aqui nominar importantes profissionais, que para mim são referenciais, exemplos a serem seguidos e que se tornaram verdadeiros amigos, como a orientadora deste trabalho, a Profa. Flomar A. Oliveira Chagas e tantos outros.

Durante minha caminhada na instituição, descobri minha aptidão profissional. Ao organizar diversos eventos na escola, como formaturas, desfiles, festas juninas, dia das mães, concursos, aniversários e outros. Descobri que queria ser organizador de eventos. Na oportunidade não havia nenhum curso de formação superior para esta área, até então o curso de

Turismo era o que mais se aproximava. Havia, porém, um problema, esse curso era ministrado apenas Goiânia-GO - teria que mudar de cidade e buscar alternativas para prover o meu sustento. Com o apoio de meus pais e de minha família, mudei-me para lá e, aprovado no vestibular, comecei a cursar Turismo e Hospitalidade no CEFET-GO.

Mas ainda me faltava algo. O Turismo não era bem o que eu sonhava e coincidentemente, as universidades privadas descobriram o potencial dessa área e resolveram investir em cursos de formação para o mercado de eventos. Então, em 2008, ingressei na 1ª turma de Tecnólogo em Gestão de Eventos da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), graças a um programa de bolsas do governo federal Lula 2003-2011). Com o meu trabalho e com apoio de minha família concluí meus estudos naquilo que sempre sonhei. Após me formar, atuei durante vários anos na administração e organização dos mais variados tipos de eventos: casamentos, festas de quinze anos, formaturas...até funerais!

Em 2010, ingressei na Polícia Militar de Goiás no quadro de praças, tornando-me, então, Soldado da PMGO. Na Academia de Polícia de Militar de Goiás, cursei Especialização em Gestão de Segurança Pública, no curso de Formação de Praças da PMGO. Fui designado a trabalhar no 15º Batalhão de Polícia Militar de Goiás, com sede em Jataí-GO, retornando, assim, às minhas origens.

Durante três anos atuei ativamente na implantação da filosofia de policiamento comunitário na cidade de Jataí, construindo uma parceria entre o cidadão e as forças de segurança pública. Por meio da implantação do Gabinete de Gestão Integrada (GGI) e Conselho Comunitário de Segurança e Direitos Humanos (CONSEG), a cidade de Jataí passou a ser referência nas práticas de Policiamento Comunitário no Estado de Goiás.

Ao integrar as ações de Policiamento Comunitário, em 2013, a cidade de Jataí foi contemplada pela Política de Expansão dos Colégios Militares, sendo implantada uma unidade na cidade. O tradicional Colégio Estadual Nestório Ribeiro foi escolhido pela comissão de implantação para sediar o Colégio Militar de Jataí. Indicado para compor a equipe de Gestão da nova unidade, passei a ocupar a função de Chefe da Divisão de Ensino do CPMG – Nestório Ribeiro. Antes, ministrava palestras, cursos de formação profissional e treinamentos, mas agora iria compor a direção de um colégio? Eis aqui uma missão ousada!

Minha vivência com a escola era de aluno participativo, engajado, mas agora teria que pensar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, orientar professores com anos de experiência, participar da gestão de uma escola com muitos problemas: violência, drogas, indisciplina, desmotivação de professores e servidores e sem falar na desconfiança, do medo - éramos vistos como invasores. Digo nós, porque a direção dos colégios militares é composta por

três funções: comandante e diretor, subcomandante – chefe da divisão disciplinar e diretoria de ensino.

Três militares assumiram a gestão da escola com muitos desafios e dificuldades. Mas com grande desejo de fazer diferença e de mudar uma realidade. Então, percebi a necessidade de uma qualificação profissional e de um aprofundamento teórico e metodológico sobre a Educação. Buscando desempenhar com esmero e atender as demandas de minha função, passei a procurar cursos que me possibilitassem uma ampla visão educacional e que me remetessem a uma reflexão sobre a educação pública brasileira.

Assim, no primeiro semestre de 2015, cursei, como aluno especial no Mestrado em Educação para o Ensino de Ciências e Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Câmpus Jataí, a disciplina de Tópicos de Políticas Educacionais e Gestão, ministrada pela Professora Vanderleida Rosa de Freitas Queiroz. As discussões realizadas e o contato com teóricos e estudiosos da Educação despertaram-me amplo interesse pela pesquisa educacional. Então, no segundo semestre de 2015, decidi, participar da seleção para aluno regular do programa, apresentando o projeto de pesquisa História de Vida de Professores de Matemática do Ensino Médio das Escolas Públicas de Jataí. Aprovado, iniciei um novo ciclo em minha trajetória acadêmica. Após doze anos, estou novamente em uma sala de aula do IFG – Câmpus Jataí, antigo CEFET e a inesquecível ETFG, vivendo novos desafios e revivendo lembranças.

Dessa forma, as pesquisas sobre histórias de vida de professores têm sido utilizadas na perspectiva de fornecerem subsídios para a compreensão das relações estabelecidas nos ambientes de ensino. Essas investigações buscaram compreender não só a trajetória profissional, mas também a trajetória pessoal.

Isso somadas às dificuldades apresentadas pelos alunos do ensino médio inerentes à disciplina de Matemática, as quais observamos como integrante da equipe gestora de um colégio de ensino médio, propomos esta investigação. Temos o intuito de ampliar o conhecimento sobre quem são os professores efetivos que lecionam a disciplina de Matemática no ensino médio das escolas públicas de Jataí-Goiás, bem como entender os motivos que os levaram a escolher a profissão docente, suas angústias, suas conquistas e suas perspectivas sobre a docência.

O trabalho em uma escola de ensino médio permitiu o contato com algumas nuances e particularidades do sistema educacional brasileiro no que se refere ao ensino básico. Evasão, repetência, desmotivação são problemas que nos afligem cotidianamente. Em reuniões pedagógicas, cursos de formação de professores, esses tópicos estão sempre em pauta.

Dados do censo escolar e do Índice do Desenvolvimento Educação Básica (IDEB) (2015) evidenciam essa realidade. No ensino médio a situação se agrava, pois 50,2% dos matriculados não o concluem e dos que concluem 10%, segundo critérios do Ministério da Educação não atingem o nível de conhecimento esperado. As disciplinas de Matemática e de Língua Portuguesa são focos de atenção em todas as avaliações externas e internas, são tidas como disciplinas críticas, pois os níveis de proficiência são considerados insuficientes. A situação do município de Jataí não difere da realidade de todo o país. De acordo com as informações obtidas na Subsecretaria Regional de Educação de Jataí no ano de 2016, as escolas de ensino médio da cidade apresentaram situação semelhante.

Vale ainda ressaltar que Jataí é uma das cidades mais antigas e prósperas do Sudoeste goiano com uma população estimada para ano de 2016 de 97.077 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015). Dessa população, 7,7% são jovens de quinze a dezenove anos, idades essas consideradas ideais, pelo Movimento Todos pela Educação, para cursar o ensino médio. Conforme dados do Sistema de Gestão Escolar de Goiás (SIGE-GO, 2016), estão devidamente matriculados e frequentando essa etapa de ensino na rede pública apenas 37,42% desses jovens, os demais estão matriculados na rede privada ou se encontram fora da escola.

Na cidade de Jataí, há sete colégios de ensino médio mantidos pelo Governo de Goiás, sendo: Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Nestório Ribeiro (CEPMG NR), que funciona por meio de um termo de cooperação firmado entre as Secretarias de Educação e de Segurança Pública, Centro de Ensino em Período Integral José Feliciano Ferreira (CEPI-JFF), Centro de Ensino em Período Integral João Roberto Moreira (CEPI- JRM), Colégio Estadual Frei Domingos, Colégio Estadual Marcondes de Godoy, Colégio Estadual Alcântara de Carvalho e Colégio Estadual Serafim de Carvalho.

Pesquisadores, como Silveira (2002) apontam que os problemas enfrentados no ensino médio estão diretamente ligados ao desinteresse dos alunos em razão da baixa qualidade do ensino e do currículo engessado e desconectado do contexto social. As escolas, nesta segunda década do século XXI, recebem um novo perfil de aluno, que possui acesso às tecnologias de comunicação e de informação, o que provoca um confronto entre as práticas pedagógicas tradicionais e um novo perfil de aluno, as aulas expositivas e uso do quadro negro não despertam mais o interesse dos alunos.

Nesse sentido, nota-se que a disciplina de Matemática, por possuir uma linguagem própria e elementos específicos que a maioria dos alunos não compreende o seu significado e

sua aplicação prática, faz com que ela se torne protagonista nesse contexto, a maioria dos alunos expressa algum tipo de preconceito ou resistência a essa disciplina.

Para os professores da disciplina, matemática precisa tornar-se fácil, o que pressupõe que ela seja difícil. Estes identificam na voz do aluno que ela é considerada chata e misteriosa, que assusta e causa pavor, e por consequência, o aluno sente medo da sua dificuldade e vergonha por não aprendê-la. Como resultado de tantos sentimentos ruins que esta disciplina proporciona ao aluno, somado ao bloqueio em não dominar sua linguagem e não ter acesso ao seu conhecimento vem o sentimento de ódio pela matemática. Ódio, porque ela é difícil. (SILVEIRA, 2002, p. 8)

Outro fator preponderante na maneira como os alunos enxergam a Matemática está diretamente relacionado às práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, sendo quase unanimidade a educação tradicional e formal. Para D'Ambrósio (2012), a educação formal é baseada na mera transmissão de conteúdos, com aulas expositivas de explicações de conteúdos e exercícios repetitivos. Como exemplificam os escritos de Rocha, (2006, p. 38):

O ensino de matemática, tal como se apresenta hoje em muitas escolas da rede pública, tem assumido um caráter mecanicista, treinativo, examinativo e desvinculado da vivência dos alunos, não contribuindo em nada para torná-los criativos, investigativos, autônomos e construtores do próprio conhecimento, o que deveria ser objetivo primordial da educação matemática.

Sobre esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) (2000) apontam que a Educação Matemática deve proporcionar a construção de um conhecimento efetivo, de significado e não apenas propedêutico. Dessa forma, referendam a interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos ministrados nesse nível de ensino. O conhecimento matemático precisa ser visto como parte essencial para a formação cidadã e não apenas como preparatório para ingresso na universidade ou no mercado de trabalho.

Segundo D'Ambrósio (2012, p. 95), “os professores das ciências naturais têm sido mais flexíveis à abertura. O mais resistente tem sido a Matemática”. Dessa forma, a educação matemática vem incorporando, paulatinamente, inovações, adaptando vagarosamente ao contexto atual. Pode-se, então, perceber, o quão é significativo a reformulação da postura pedagógica dos professores para o desenvolvimento de uma educação emancipadora, que possibilite a permanência do aluno na escola e o seu desenvolvimento cognitivo.

Essa investigação nasceu, portanto, com o intuito de compreender e de analisar as práticas pedagógicas dos professores de Matemática do ensino médio das escolas públicas de Jataí, sob o pressuposto de que o professor, ao longo de sua trajetória, vivencia fatos que

contribuem de forma direta ou indireta para que ele se desenvolva profissionalmente e que sua história de vida interfere diretamente na sua prática pedagógica.

Freire (1986) salienta que ensinar não se restringe à mera transmissão de conteúdo, ensinam-se também modos de ser, visões de mundo, atitudes e posturas sociais. Dessa maneira, a prática pedagógica não constitui somente na formação profissional, ela está situada na zona de convergência entre o eu profissional e o eu pessoal. Dessa forma, este estudo coloca a seguinte questão-problema: Qual a influência das histórias de vida nas práticas pedagógicas dos professores de Matemática do ensino médio?

Para facilitar a compreensão e a análise do objeto de pesquisa, a questão-síntese desdobra-se nas seguintes questões: Como as condições socioeconômicas e culturais interferem nas escolhas e nas práticas dos professores? Quais sentimentos os professores atribuem à profissão docente? Qual o sentido da profissão docente para os professores? Qual significado os professores atribuem à sua prática pedagógica?

Esta é uma pesquisa qualitativa que por meio da gravação de um documentário foram registradas as narrativas de cinco professores de Matemática do ensino médio das escolas públicas de Jataí. Tendo como objetivo compreender as influências da história de vida sobre suas práticas pedagógicas. Ainda, almejou-se nesta pesquisa, desenvolver um documentário a ser utilizado como recurso pedagógico para formação de professores; compreender os principais elementos que constituem a identidade docente a partir das vivências e memórias; conhecer os sentidos e os sentimentos sobre a profissão docente e entender os significados que os docentes atribuem à sua prática pedagógica.

A pesquisa traz elementos subjetivos dos professores, pois, conforme afirma Kossoy (2001), a imagem é um testemunho visual, na qual se pode detectar uma série de dados que jamais poderiam ser mencionados somente pela linguagem. Assim, as análises e as interpretações se desenvolveram a partir da observância dos discursos, dos gestos e das expressões.

A pesquisa está organizada do seguinte modo: no primeiro capítulo, exponho os fundamentos teóricos da metodologia história oral, alicerçado sobre os estudos de Alberti (2007); Meiby e Ribeiro (2011); Lozano (2006), e com o suporte teórico sobre memória e oralidade de Bosi (2004) e Pollak (1992) e sobre identidades de Vygotsky (1998); Hall (2014) e Tardif (2014). Nesse mesmo capítulo, foi exposta também a revisão de literatura, na qual se apresenta um histórico sobre as pesquisas publicadas nos últimos dez anos que versam sobre a história de vida de professores de Matemática.

No segundo capítulo, trato sobre os pressupostos metodológicos do gênero cinematográfico documentário com o aporte teórico de Aumont e Marie (2007); Nichols (2016) e Ramos (2013). No terceiro capítulo, sob a perspectiva sociológica evidenciada por Bourdieu (1980), foram tecidas considerações sobre as narrativas dos professores demonstrando a interferência do contexto social sobre as suas histórias de vida.

Por fim, articularam-se reflexões sobre a investigação realizada, realçando as contribuições dessa para a formação de professores.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O presente capítulo apresenta os pressupostos teóricos sobre o método história oral, evidenciando sua utilização na pesquisa educacional voltada para a formação de professores.

1.1 Panorama sobre o método história oral

A história oral ganhou impulso no Brasil na década de 1990, com a criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994. A utilização dessa abordagem propiciou o desenvolvimento de uma linha inovadora de pesquisas que favoreceu a intersecção entre memória, tempo e identidade. As pesquisas envolvendo essa metodologia, nas últimas décadas, apresentaram um notório crescimento, para além dos trabalhos de abordagens históricas e das demais ciências sociais, sendo uma metodologia empregada em trabalhos de variados grupos sociais e profissionais que almejam construir o seu próprio conhecimento.

Para Lozano (2006), todo esse interesse pela oralidade, é propiciado pela possibilidade de se desenvolver novos conhecimentos, a partir de fontes inéditas, proporcionado pela oralidade. Alberti (2007, p. 22) afirma que “ a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc.”

Assim sendo, a história oral possibilita interpretações qualitativas dos processos histórico-sociais. Ela é uma metodologia de pesquisa que prioriza a realização de entrevistas abertas. São as narrativas individuais que possibilitam a compreensão do objeto de estudo; parte-se do particular para o todo. A subjetividade da experiência dos indivíduos é parte primordial desse método de pesquisa, conforme expressa Alberti (2007, p. 19):

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo de compreender suas ações.

A história oral possibilita a reflexão do contexto social a partir dos indivíduos. O propósito dos estudos orais não é a mera comprovação de fatos históricos, mas sim uma análise profunda sobre a experiência do indivíduo em uma dada circunstância, “fazer história oral

significa, portanto, produzir conhecimento histórico, científico, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’ (LOZANO, 2006, p. 17).

O núcleo da investigação em história oral advém das disciplinas sociais. A Sociologia, a Antropologia e a Psicologia forneceram importantes contribuições para a constituição desse método. Para Lozano (2006), foi a tradição etnográfica da Antropologia que proveu aos historiadores, métodos, técnicas, conceitos e problemas de estudos. Os referenciais de análises, o aprimoramento das entrevistas, a validação do método e o desenvolvimento dos protocolos de pesquisa foram contribuições da Sociologia do século XX. Foi a partir da Psicologia e de suas variações que a história oral assegurou uma das suas principais peculiaridades, a observância e a análise da relação estabelecida entre o entrevistado e o entrevistador.

É evidente o caráter multidisciplinar da história oral. Além dessas disciplinas, podemos destacar outras que também forneceram subsídios que contribuíram para o avanço do método história oral, como por exemplo, as técnicas de transcrição advindas da Linguística e os procedimentos de análises do discurso oral, oriundos da Semiótica (LOZANO, 2006).

Com tais características, os estudos orais devem ser tomados como um rico campo de investigação, que podem trazer importantes abordagens teórico-metodológicas, possibilitando o conhecimento de realidades múltiplas, portadoras de minúcias muitas vezes menosprezadas.

As pesquisas em história oral podem acompanhar a trajetória de vida dos pesquisados, ou somente concentrar-se em um período específico de suas vidas, conforme os objetivos traçados pelo projeto de pesquisa. Meiby e Ribeiro (2011) apontam que há três gêneros narrativos em história oral: história oral de vida, história oral testemunhal e história oral temática.

Os gêneros história oral testemunhal e história oral temática concentram-se, respectivamente, em coletar narrativas inerentes a fatos seletivos da vida dos pesquisados. Esses visam a documentar e a analisar informações sobre problemas de caráter coletivo que versem sobre o estabelecimento de políticas públicas reparadoras ou de reconhecimentos. Essas modalidades utilizam as fontes orais como mecanismos complementares; as entrevistas visam a confirmar ou a fomentar discussões sobre o assunto estudado.

Já a história de vida, método de estudo deste trabalho, versa sobre a coleta de narrativas, aprofundadas sobre as trajetórias dos pesquisados, apoiando-se integralmente na subjetividade e na memória. Os estudos sobre histórias de vida, portanto, não buscam comprovações de fatos ou de verdades; o que se espera nessa vertente é a compreensão dos sujeitos em sua totalidade. A expectativa em torno desses trabalhos não se restringe ao estabelecimento de padrões e de

comparações; seu valor está no fornecimento de subsídios capazes de possibilitar a interpretação de identidades almejando-se compreender o coletivo a partir do individual.

O homem é um ser histórico que se constitui a partir das relações estabelecidas com o meio social. Desse modo, a história de vida se constitui por meio de uma troca mútua entre o sujeito e o contexto histórico. Ao ocupar-se da experiência vivida, esses estudos versarão sobre a estruturação sociológica das trajetórias humanas, conforme Bourdieu (2006, p. 190), denominando de superfície social

[...] equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual se desenrolou e, logo, o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço [...].

A história de vida, dessa forma, pode ser considerada como um importante instrumento para a análise e a interpretação de identidades, de grupos sociais, uma vez que incorpora experiências subjetivas mescladas com o contexto social, propiciando maior aproximação com a realidade, além de tornar os sujeitos protagonistas no processo. Isto é, dá-se voz àquela cuja história não está escrita e nem documentada.

A história de vida é uma versão legítima da intencionalidade do narrador, pois a versão dos fatos advém da memória e da subjetividade. Nessa perspectiva, quem decide o que será contado é o pesquisado. Deste modo, as revelações sobre suas trajetórias bem como sobre os acontecimentos relacionados, são lembrados de acordo com a importância que o narrador atribui a eles. Meiby e Ribeiro (2011, p. 84) afirmam que “a história oral de vida é sempre um ‘retrato oficial’, uma versão ‘fabricada’, ‘intencional’. Assim, a ‘verdade’ reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar, ocultar, negar, esquecer ou deformar casos, situações”.

Os caminhos percorridos nos trabalhos com história de vida levam em conta a descontinuidade, pois os entrevistados relatam os acontecimentos de acordo com sua memória e não de forma cronológica. Ressalta-se ainda que possam ocorrer aprofundamentos em determinados temas e afastamentos em outros; idealizações e fantasias também podem permear as narrativas. No entanto, de acordo com Meiby e Ribeiro (2011), o que importa quando trabalhamos com história de vida não é a verdade, mas, sim, a compreensão do sujeito mediante sua organização mental.

Outra característica fundamental da metodologia história de vida é a estreita relação estabelecida entre o pesquisado e o pesquisador. Esse laço se estabelece no contexto da entrevista, que quase sempre deixa marcas em um e em outro; ambos não saem ilesos desse encontro. O trabalho com história de vida exige, portanto, do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas visões de mundo, por suas atitudes e por seus posicionamentos.

Durante a realização de uma entrevista, entrevistado e entrevistador se avaliam reciprocamente, atentando-se à fala, às expressões corporais e à postura adotada. Para o estabelecimento de um vínculo profícuo, é fundamental que essa relação se sustente na informalidade, na sinceridade e no comprometimento de ambos. A concepção de uma narrativa não é algo simples. Ao contar a sua história, o entrevistado espera a cumplicidade do entrevistador, pressupondo que ele reconhecerá sua experiência de vida como única. E que não será julgado, mas compreendido.

1.2 História de vida *versus* biografias

Pensar a história oral ligada à biografia pode ser óbvio. No entanto, é necessária uma reflexão histórica e sociológica sobre esses campos de pesquisa. É perfeitamente possível produzir trabalhos biográficos sem o uso da história oral, bastando consultar outras fontes de pesquisa, como documentos escritos, fotografias, entre outros. Também se pode fazer o uso da história oral sem cunhos biográficos, como por exemplo, os estudos de acontecimentos históricos.

Para reflexões a seguir, tomemos as definições apresentadas por Queiroz (1988). Uma história de vida pode ser entendida como um relato em que um dado narrador explana sobre sua vivência cotidiana, sob a mediação de um pesquisador. É um trabalho que se processa de forma coletiva entre o sujeito-narrador e um intérprete-pesquisador. Já a biografia é definida como a história de um indivíduo escrita por outro, cujas fontes de pesquisa podem ser documentos oficiais, como certidões de nascimento, casamento ou óbito, currículos, ficha funcional, registros religiosos, publicações, arquivos pessoais, como fotos, diários, cartas e até mesmo a própria história oral no caso de indivíduos vivos ou de familiares e pessoas próximas.

O surgimento da história oral deu-se de forma interligada ao método biográfico. Ambos os campos de pesquisa admitiram, inicialmente, os relatos e as autobiografias como objetos de pesquisa com preeminência nos indivíduos. Posteriormente, com a ampliação do método e da constituição do gênero história de vida, buscou-se redirecionar o foco das análises e as trajetórias individuais contribuíram para a compreensão do coletivo e não somente do sujeito

em questão. Isso significa dizer que não mais o relato de vida de um indivíduo ou uma autobiografia comporia a pesquisa, mas um número suficiente de histórias de vida que conseguisse explicar um grupo.

Dessa forma, estudos como o de Queiroz (1988), ao tratarem das diferenças entre biografia e história de vida, desprestigiam a primeira em função da segunda, uma vez que apontam que os estudos biográficos são altamente direcionados aos feitos do indivíduo, os quais o mesmo decidiu revelar. Por outro lado, a história de vida busca atingir a coletividade de que o pesquisado faz parte; sua trajetória possibilita o entendimento do contexto e as relações sociais. Queiroz (1988, p. 24) acrescenta:

[...] a finalidade de um biógrafo, ao escrever-lhes a história, é oposta à de um pesquisador ao utilizar a técnica de histórias de vida. O primeiro fará ressaltar em seu trabalho os aspectos marcantes e inconfundíveis do indivíduo cuja existência decidiu revelar ao público. O segundo busca, com as histórias de vida, atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como mero representante da mesma através do qual se revelam os traços desta. [...] em seu anonimato, contém o indivíduo num microcosmo as configurações que sua coletividade abarca, ao ordenar umas em relação às outras unidades, de que se compõem o grupo.

Assim, é possível afirmar que os estudos biográficos se limitam a informar os resultados e não o processo das trajetórias. Por outro lado, as histórias de vida possibilitam a análise e a exploração dos percursos que desencadearam um fato, acontecimento ou tomada de decisão, preenchendo as lacunas deixadas pela biografia, uma vez que os vestígios pesquisados não são fixos. As histórias de vida oferecem maiores possibilidades, pois o pesquisador explora as trajetórias individuais correlacionadas com o contexto social, aprendendo as influências mediadoras do grupo primário (pais, familiares, amigos, escola e assim por diante) sobre os indivíduos. A principal crítica ao método biográfico é justamente a sua linearidade, conforme aponta Levi (2006, p. 169):

Em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.

Bourdieu (2006) também adverte que conceber trajetórias de vida seguindo o parâmetro racional restringe a compreensão do campo social em que o sujeito estudado está inserido, uma vez que o conjunto de relações estabelecidas não é apreendido em sua totalidade. Em referência a essa complexidade, Queiroz (1988, p. 30) ressalta a importância do pesquisador no contexto dos estudos sobre trajetórias: “a história de vida, como qualquer outro procedimento empregado na coleta de dados, é, pois, um instrumento, não é nem coleta, nem produto final da pesquisa; ela recolhe um material bruto que necessita ser analisado”.

Diante disto, compreendemos que as histórias de vida e os estudos biográficos são gêneros distintos, mas que compartilham a vida individual como objeto de estudo e de análise. Vislumbramos que a história de vida e os estudos biográficos se complementam, pois, pensar em história de vida é pressupor que a vida é uma história, que pode ser contada com minuciosa riqueza de detalhes. Entretanto, os fatos marcantes devidamente registrados e documentados de forma oficial, elementos advindos dos estudos biográficos, completam o que o discurso e a memória não agraciaram, servindo de subsídio para aprimorar as indagações e as análises feitas pelo pesquisador, “[...] não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória” (BOSI, 2004, p. 23).

Sobre isto, Queiroz (1988, p. 28) acrescenta: “É certo que toda pesquisa sociológica, quer utilize técnicas como a história de vida, quer outras técnicas diversas [...] ganha novas dimensões, maior profundidade, maior envergadura, desde que acompanhadas e complementadas por outras maneiras de coleta”. Nessa concepção, entendemos que história de vida não pode ser concebida sem referências à biografia, uma vez que desvendar os mitos presentes nas narrativas torna-se fundamental para se atribuir autenticidade à pesquisa.

1.3 Memória, lembrança e identidade

Em qualquer momento, somos capazes de nos lembrarmos de algum aspecto de nosso passado, sejam acontecimentos registrados nos livros didáticos, nos manuais e em *sites*, sejam lembranças de acontecimentos íntimos. Assim, como conseguimos nos lembrar conteúdos ensinados na escola como da Proclamação da Independência do Brasil de 1822, da Proclamação da República de 1889, do Golpe Militar de 1964 ou abordados pelos meios de comunicação ou em rodas de conversa, também temos a capacidade de nos recordar de fatos corriqueiros do nosso cotidiano, como de uma briga com o irmão, a queda de um filho, uma discussão no trabalho, comemorações como festas de casamento, de formaturas, de aniversários, de celebrações natalinas, entre outras.

Para Bosi (2004, p.53), “a lembrança é a sobrevivência do passado”. São as lembranças que permitem a manutenção e a preservação das tradições, a disseminação dos saberes, dos símbolos e dos valores de um grupo. Também são elas que estruturam a nossa identidade.

Na teoria sócio-histórica de Vygotsky (1998), encontramos que o homem é um ser histórico que se constitui a partir das relações estabelecidas com outro, por meio da linguagem e dos signos, apropriando-se dos significados e dos valores fornecidos pelo meio social.

Assim, é por meio da linguagem que se estabelecem, de maneira significativa, nossas lembranças. De acordo com Bosi (2004, p. 56), “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”. A linguagem possibilita a transmissão daquilo que pensamos, sentimos e acreditamos. É também pela linguagem que categorizamos, que interpretamos e que arquivamos as representações e os símbolos constituídos socialmente.

Desse modo, de forma simplista e sobre o caráter psicológico, podemos dizer que o conjunto de lembranças que guardamos e que expomos de alguma forma, seja pela oralidade ou por meio de comportamentos habituais, constitui a nossa memória, conforme expressa Bosi (2004, p. 48):

O passado conserva-se e, além de conservar-se atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado.

Por esse ângulo, Pollak (1992), utilizando-se dos estudos de Maurice Halbwachs, explicita que a memória deve ser entendida sobre o prisma social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente, sujeito a modificações e inconstâncias da vida social. Nessa perspectiva, o autor imputa dois elementos constitutivos para a formação da memória, sendo eles: os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos que ele denomina como “vividos por tabela” - em alusão aqueles acontecimentos vivenciados de forma coletiva ou que tomamos conhecimento.

Assim, a formação da memória reúne uma série de eventos dos quais nem sempre participamos, mas que tomamos parte por meio da socialização política ou histórica, conforme desenvolve Pollak (1992, p. 201):

Se formos mais longe, esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar a todos os eventos que não se situam dentro do espaço – tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização

política, ou socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada.

Além de acontecimentos, nossa memória também é composta por pessoas, por lugares e por datas os quais compartilhamos e vivenciamos ou simplesmente conhecemos de alguma forma. Dessa maneira, há uma relação estreita entre a memória individual e a memória coletiva, uma vez que, ao recordar sobre o passado, o sujeito se situa no contexto social do grupo do qual participa e sofre influências. Assim, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 2004, p. 54).

Enfim, a memória pode ser compreendida como um fenômeno construído socialmente e individualmente por meio da junção das lembranças pessoais e grupais. A maioria de nossas lembranças, ou mesmo nossas ideias, foram inspiradas ou adquiridas nos grupos em que e com os quais convivemos.

Cada indivíduo compõe o seu cabedal de memórias. Há fatos que aconteceram no coletivo que nos deixaram marcas profundas, e outros que nem tanto, passando despercebidos. Nessa concepção, é possível afirmar que o mister da lembrança é a preservação do passado da maneira mais apropriada ao indivíduo, o qual hierarquiza os fatos de acordo com a importância que lhes atribui, descarta o que considera indiferente e simplifica aquilo que é visto como confuso. Conforme preconiza Bosi (2004, p. 31):

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar.

Recompor um momento vivido, uma experiência ou até mesmo uma trajetória, constitui-se em uma longa e complexa caminhada, uma vez que precisamos reviver uma época, nossas ideias, nossas expectativas e assim por diante. Cada um de nós guardou algo, uma lembrança valiosa sobre cada fase da vida. Logo, a memória institui-se como uma ação do presente mediante reminiscências do passado. Se recordamos, é porque houve algum tipo de provocação, as quais afloram nossos pensamentos no momento presente. De acordo com Bosi (2004, p. 55), lembrar é enxergar o passado sob uma ótica atual em que,

na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A

memória não é sonho, é trabalho. Se assim for, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

A memória possibilita a conexão do presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo de representação, pois as lembranças recordadas são submetidas às percepções atuais. Bosi (2004, p. 81) escreve que “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação”. Assim, as lembranças do passado são acompanhadas de outro contexto; elas são alteradas, ganham um novo sentido. As representações e os sistemas simbólicos são os meios pelos quais refazemos essa leitura e atribuímos significado a essas experiências.

Logo, a imagem que concebemos de nossa experiência para nós mesmos e para os outros está diretamente relacionada às expectativas enunciadas pelo contexto social, uma vez que ela é submetida aos critérios de aceitação, de admissão, de credibilidade e de valores instituídos pelo grupo. Assim sendo, buscamos uma identificação intuitiva com essas expectativas e valores, assim conforme Pollak (1992, p. 204),

podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

É possível ainda dizer que a memória possibilita a unidade, a coerência e a continuidade do grupo. Nessa perspectiva, Hall (2014, p. 110) corrobora que “[..] as identidades são construídas dentro e não fora do discurso e que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e de práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. Assim, o autor defende que a identidade nos classifica como sujeito histórico, determinando nossa posição diante das representações e dos símbolos rigorosamente instituídos pelo grupo. Em suma, a identidade e a memória são construídas a partir das representações e dos símbolos valorados pelo coletivo, o que significa dizer que o indivíduo atribui significado ao que é relevante ao grupo que o forjou.

1.4 A metodologia história de vida na educação

A história oficial registra os nomes e as memórias de personalidades, de lideranças públicas, de pessoas notáveis e de grande relevância. Toda mudança social, política e cultural foram desencadeadas por cotidianos, muitas vezes, tidos como corriqueiros, mas sempre relevantes, pois toda mudança social advém de transformações individuais.

Dessa forma, pesquisas que possuem como fonte de estudos a vida cotidiana de categorias profissionais específicas são crescentes. As narrativas individuais não são mais consideradas apenas relatos em uma perspectiva etnosociológica, mas como um campo de experiências e de informações relevantes para compreensão da sociedade. “A utilização contemporânea das abordagens autobiográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico” (NÓVOA, 2013, p. 18). Logo, o uso das histórias de vida e das abordagens autobiográficas nas Ciências Humanas tem sido apontado como uma metodologia inovadora, que abrange a subjetividade como principal referencial, dando aos sujeitos a oportunidade de se expressarem.

No campo da educação, essa metodologia abriu caminho para estudos que versam sobre o processo de formação de professores e as influências de suas trajetórias sobre as suas práticas pedagógicas. Autores como Nóvoa (2013), Goodson (2013) e Tardif (2014) oferecem subsídios sobre o uso da história de vida nas pesquisas que versam sobre a formação de professores.

Nóvoa (2013) disponibiliza contribuições para o uso da história de vida como recurso para a compreensão da profissão docente. Para esse autor, para compreender o profissional é preciso conhecer o pessoal “[...] a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 2013, p. 17).

Assim, o autor estabelece que a formação profissional se dê a partir da junção entre vivências pessoais e as experiências adquiridas com a profissão, sem a possibilidade de desvinculação entre os dois. Dessa forma, evidencia que as histórias de vida possibilitam a concepção de um conhecimento específico sobre os professores, tanto como pessoas quanto como profissionais (NÓVOA, 2013, p. 20) argumenta que

de facto, a qualidade heurística destas abordagens, bem como as perspectivas de mudança de que são portadoras, residem em grande medida na possibilidade de conjugar diversos olhares disciplinares, de construir uma

compreensão multifacetada e de produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes.

Goodson (2013, p. 71) defende que as informações sobre a vida dos professores são fatores de extrema relevância para as pesquisas educacionais, uma vez que este tipo de abordagem possibilita dar voz aos professores:

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este facto surpreendente. O que considero surpreendente, se não francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes.

Assim como Nóvoa (2013), Goodson (2013) salienta que a origem sociocultural dos professores exerce forte influência sobre sua dinâmica profissional. O modo de vida dos professores dentro e fora do ambiente escolar, suas identidades e suas culturas interferem na sua prática educativa. Desse modo, a maneira como os professores lidam com as suas carreiras está intimamente ligada à sua história de vida (GOODSON, 2013, p. 75):

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo – nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo.

Os estudos que versam sobre histórias de vida de professores, portanto, desenvolvem-se a partir da transposição da imagem do professor-profissional para o professor-pessoa. Conforme Goodson (2013), as histórias de vida possibilitam, sobretudo, uma melhor compreensão sobre o processo de formação dos professores: como e por que os indivíduos tornaram-se professores e quais as influências de suas experiências profissionais e pessoais sobre sua forma de ensinar.

Ainda sob esse mesmo ponto de vista, Tardif (2014, p. 218) corrobora:

[...] a cultura geral dos professores, seus conhecimentos pessoais, seu senso comum, em suma todos os “saberes” que eles adquiriram durante a vida inteira e que podem partilhar com um grande número de indivíduos desempenham um papel no ensino. [...] um professor pode muito bem utilizar sua cultura pessoal para atingir fins profissionais. Ele pode também se basear em valores pessoais para agir em uma aula. Esses valores pessoais são, então, incorporados à sua ação profissional: eles tornam conseguinte, meios a serviço do trabalho docente, e é nessa perspectiva que convém estudá-los.

Nesse sentido, a história de vida (o que somos) está diretamente conectada com aquilo que fazemos (práticas pedagógicas). “[...] o saber dos professores parece estar assentado em *transações constantes* entre o que eles *são* (incluindo emoções, a cognição, as expectativas, a história pessoal deles, etc.) e o que *fazem* (TARDIF, 2014, p. 16).

Dessa forma, esse autor acredita que o saber pedagógico dos professores é uma construção social, uma vez que é constituído a partir da experiência de vida, da história profissional e das relações sociais que se processam nos ambientes profissionais e pessoais. Tardif (2014, p. 19) expõe:

[...] o saber dos professores contém conhecimentos e um saber-fazer cuja origem social é patente. Por exemplo, alguns deles provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm das universidades ou das escolas normais; outros estão ligados às instituições (programas, regras, princípios, pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros, ainda provêm dos pares, dos cursos de reciclagem etc. Neste sentido, o saber profissional está, de certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades etc.

Logo, na visão do autor, para ensinar, os professores, usam saberes, sejam eles oriundos desse ou daquele grupo; para ele, o saber dos professores é múltiplo e temporal, sendo adquirido por meio da história de vida e das experiências profissionais expressas. “[...] pode-se dizer que uma parte importante da competência profissional dos professores tem raízes em sua história vida [...]” (TARDIF, 2014, p. 69).

Por conseguinte, Tardif (2014) ainda ressalta:

Ao longo de sua história de vida, pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e as suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reatualizados e reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício. Nesta perspectiva, os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho de sala de aula, decorreriam, em grande parte, de pré-concepções do ensino e da aprendizagem herdadas da história escolar.

Dessa forma, as experiências escolares anteriores acrescidas da vida familiar e das relações extraescolares (esporte, teatro e outros) contribuem de maneira significativa para moldar a identidade docente. Acerca dessas questões Tardif (2014, p. 73) afirma:

Diversos trabalhos biográficos, a maioria das vezes, realizados por formadores no âmbito das disciplinas da formação inicial, permitem identificar experiências familiares, escolares ou sociais, citados pelos alunos – professores como fontes de suas convicções, crenças ou representações e

apresentadas frequentemente como certezas, relacionadas com diversos aspectos do ofício professor: papel do professor, aprendizagem, características dos alunos, estratégias pedagógicas, gestão da classe etc.

A história de vida dos professores, desse modo, expõe um saber existencial sobre os professores, pois, nessa concepção, os docentes podem ser compreendidos a partir do seu modo de agir, pensar e ver o mundo. Em suma, os dados sobre a vida dos professores possibilitam o entendimento sobre as transformações, as evoluções e as perspectivas da carreira docente.

Com o intuito de identificar trabalhos publicados relacionados à metodologia de história de vida de professores de Matemática, realizamos uma pesquisa nos bancos de teses e de dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e das universidades brasileiras. Restringimos as buscas aos trabalhos publicados entre 2006 e 2016.

Em meio a essas buscas, encontramos uma série de teses, de dissertações e de artigos, desenvolvidos pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Criado em 2002, esse grupo tem desenvolvido pesquisas no campo da Educação Matemática utilizando o recurso metodológico História Oral. O GHOEM reúne pesquisadores de várias instituições sendo, portanto, um grupo multi-institucional, com sede na Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru.

Assim, os pesquisadores do GHOEM realizam estudos voltados à compreensão da cultura escolar e às influências da Educação Matemática no contexto estudado. Temas como formação de professores de Matemática, história de vida de professores, História da Educação Matemática, dentre outros, integram o *hall de* trabalhos publicados pelo grupo. No momento, o grupo é direcionado pelas seguintes linhas de pesquisas: Análise de Livros Didáticos – Hermenêutica de Profundidade; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção e narrativas e ensino e aprendizagem de Matemática (Inclusiva).

Os pesquisadores Antônio Vicente Marafioti Garnica e Carlos Roberto Vianna, membros do GHOEM, possuem uma ampla trajetória no desenvolvimento de estudos que abordam a educação matemática e a metodologia de pesquisa história oral. Garnica (2015, p. 39) mostra que,

No Ghoem, a história oral configurou-se como uma metodologia de viés qualitativo a partir de interlocuções com áreas nas quais esse modo de proceder – e de justificar os procedimentos – já era usual, como a história, a história da educação, a sociologia, a arte, os estudos culturais. De uma série

de encontros com profissionais de outras áreas e dos textos e autores que nos eram continuamente apresentados, foi se constituindo uma história oral que o Ghoem julgou adequada para tratar os temas de pesquisa de cada um de seus membros. Ainda que continuemos a testar os limites e potencialidades da história oral que aplicamos, hoje já há um quadro amplo, relativamente estável, de ações que disparamos ao usar a história oral em nossas pesquisas.

Nesse seguimento, os pesquisadores do GHOEM vislumbram a Educação Matemática numa perspectiva interdisciplinar, que surge e se mantém por meio do diálogo com outras áreas do conhecimento. A história oral na educação matemática, portanto, é apresentada pelos pesquisadores do grupo como um método que possibilita a interlocução entre a matemática e a cultura escolar.

Dessa forma, no banco de dados do GHOEM, são encontradas diversas teses e dissertações publicadas nos últimos anos que utilizam a metodologia história oral, nas vertentes história oral temática e história oral de vida. Nas publicações que utilizam a vertente história oral temática, identificamos uma convergência a pesquisas que versam sobre a história dos cursos de formação de professores de matemática no Brasil, suas possibilidades, perspectivas e concepções; em outras palavras, o objeto de pesquisas desses estudos são, em sua maioria, os cursos de formação.

Existem, porém, trabalhos como a tese do professor Emerson Rolkouski, integrante do GHOEM, *Vida de professores de Matemática (im) possibilidades de leitura*, defendida em 2006, que, por meio da metodologia história oral de vida, procurou compreender como e por que os sujeitos se tornaram professores, quais foram as influências do meio social ao longo da vida desses para se constituírem como professores de matemática. Sob o enfoque metodológico da história oral na modalidade história de vida, cinco professores, com diferentes titulações, foram entrevistados e seus depoimentos possibilitaram uma análise sociológica e psicológica sobre a profissão docente. Utilizando como referência os escritos de Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Jerome Bruner, numa perspectiva psicológica, Rolkouski (2006) tece a sua análise e ainda se aventura por um caminho que ele denomina de científico-literária, no qual lê os depoimentos dos professores correlacionados a textos literários. Em seu trabalho, o autor conclui que não é possível analisar vidas, pois elas são autênticas e não possibilitam generalizações.

No banco de teses e dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) encontramos a tese “*A constituição docente em Matemática à distância entre: saberes, experiências e narrativas*”, defendida em 2010 por Diva Souza Silva. Nesse trabalho, a autora analisa os saberes e as trajetórias dos alunos-professores matriculados no curso de licenciatura

em Matemática na modalidade ensino a distância (EaD) em uma universidade pública, mineira. Sob a abordagem histórico-cultural, Silva (2010) dialoga com teóricos que apontam os saberes progressos dos docentes como um dos pilares para o processo de formação de professores. Em uma abordagem qualitativa e pelo método de pesquisa denominado investigação por narrativas, a autora analisa os cursos de formação de professores na modalidade Ensino a Distância (EAD) e a relação constituída por estes alunos-professores com a profissão professor, mediante a modalidade de ensino a distância.

Ainda no banco da UFMG, localizamos a tese “*Momentos críticos e de críticas nas narrativas de professores de Matemática*”, defendida em 2009 por Wagner Ahmad Auarek. Em seu trabalho, Auarek (2009) investiga o professor de Matemática presente nas salas de aulas atualmente. Sua pesquisa discute os aspectos relativos ao significado e sentimentos dos professores sobre a docência, sobre a educação matemática e sobre a relação professor-aluno. O autor também aborda as condições de trabalho dos professores e as situações vivenciadas no cotidiano escolar. A coleta de dados foi constituída por meio de narrativas, coletadas com seis professoras do ensino fundamental de escolas públicas. Dessa forma, o autor conclui que os professores de Matemática vivenciam momentos de tensões e de dificuldades impostas por uma nova realidade educacional.

No banco de teses e dissertações da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), localizamos a tese “*Biografias educativas e o processo de constituição profissional de formadores de professores de Matemática*”, defendida por Bárbara Cristina Sicardi, em 2008. Nesse trabalho, a autora apresenta uma reflexão sobre as histórias de vida dos profissionais que atuam em cursos de capacitação de professores de matemática. Ela busca compreender as trajetórias destes, a fim de identificar seus princípios epistemológicos e metodológicos. De cunho qualitativo e interpretativo por meio de narrativas (auto) biográficas, obtidas com dois formadores, procurou-se compreender as práticas pedagógicas, a partir da articulação entre o pessoal e o profissional. O trabalho dela salienta os conceitos teóricos da metodologia de pesquisa história de vida.

Em se tratando de teses, o trabalho mais recente encontrado sob a metodologia história de vida foi defendido em 2016, pela professora Christiane Novo Barbato, na Universidade São Francisco de São Paulo, com o título “*A constituição profissional de formadores de professores de Matemática*”. Nesse trabalho, numa ótica sociológica, tendo como referência os escritos de Maurice Tardif, Claude Lessard, Selma Garrido Pimenta e Antônio Nóvoa, a autora investiga o processo de formação docente de oito professores universitários. Por meio de narrativas (autobiográficas), a autora obtém relatos sobre as trajetórias de vida pessoal, acadêmica e

profissional dos participantes. Isso possibilitou à autora concluir que a interação social, as experiências familiares, escolares e profissionais são os alicerces para a constituição da identidade docente.

No GHOEM, também encontramos alguns trabalhos em nível de mestrado, publicados. Em 2013, Anderson Afonso da Silva apresentou a dissertação “*Narrativas de Professores de Matemática sobre seus enfrentamentos cotidianos*”. Em 2014, Vinícius Sanches Tizzo, defendeu a pesquisa intitulada “*A história oral como uma abordagem didático pedagógica na disciplina política educacional brasileira de um curso de Licenciatura em Matemática*”.

Em seu trabalho, Anderson Silva (2013) registra, por meio de narrativas, os desafios do cotidiano de três professores de Matemática. Sua proposta fundamenta-se nos estudos de Agnes Heller sobre cotidiano. Numa abordagem qualitativa, o autor utiliza-se da metodologia História Oral para compreender como as experiências do professor se incorporam às suas práticas pedagógicas. A partir dos relatos, o autor discute as atribuições e os desafios do professor de Matemática da educação básica da rede pública de educação.

Tizzo (2014), em sua dissertação, analisa as possibilidades do uso da História Oral, como uma estratégia para a formação de professores. Em sua pesquisa, ele propõe o uso da história oral como uma abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira (PEB), do curso de Licenciatura em Matemática da Unesp/Rio Claro. Dessa forma, sua proposta de intervenção possibilitou discutir como o contato dos graduandos com as histórias de vida dos professores em exercício contribuem com o processo de formação docente, bem como possibilitou também o conhecimento da trajetória de vida dos próprios graduandos. Também encontramos no banco de dados da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) a dissertação “*Professores de matemática: trajetória docente e história de vida entrelaçadas*”, defendida em 2010 por Marisônia Pederiva da Broi. Nessa pesquisa, a autora entrevista sete professores de três instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul, que por meio de questionário foram indicados por alunos como sendo bons professores. Nessa perspectiva, a autora investiga as influências da história de vida dos professores sobre suas práticas pedagógicas, partindo do pressuposto de que o social e o profissional caminham juntos.

Ainda, no banco de teses e de dissertações da Unicamp, está disponível a dissertação “*(Re)constituição dos saberes de professores de Matemática nos primeiros anos de docência*”, apresentada em 2005 por Luciana Parente Rocha. Nesse trabalho, a autora busca compreender como os professores recém-formados em Matemática vivenciam o início da carreira docente e seus desafios diante do colocar em prática os saberes adquiridos durante a sua formação. Dois professores participam da pesquisa. Por meio das narrativas dos professores e das observações

em campo, a autora analisa as dificuldades do início da carreira docente e a relação entre a prática e a teoria no processo de formação docente.

Em nível de mestrado e de doutorado, acreditamos serem esses os trabalhos, publicados até o momento, que abordam o uso da metodologia história oral, direcionada à compreensão do processo de formação dos professores de Matemática. Em revistas especializadas, anais de eventos e cadernos de resumo é possível encontrar artigos, resumos expandidos e ensaios sobre o assunto, porém, optamos por explicitar neste trabalho apenas as teses e as dissertações por serem trabalhos que apresentam maior aprofundamento teórico metodológico e que foram publicadas entre os anos 2006 a 2016, por abordarem contextos atuais.

Aplicar a metodologia história oral de vida nessa pesquisa foi a forma que constatei ser mais apropriada para compreender o “Tornar-se Professor de Matemática”. Acreditando nas palavras de Goodson (2013), demos voz aos professores a fim de que eles se retratassem em diferentes ângulos e perspectivas. Essas vozes ecoaram e deram origem a um grande coro que possibilitou a construção de um conhecimento único sobre a vida dos professores efetivos de Matemática da cidade de Jataí-GO.

Assim, como nos trabalhos elencados, entendemos que, para compreender o profissional, é preciso conhecer o social (família, valores, cultura) e, sobretudo, reconhecer a subjetividade dos atores sociais como elementos ricos e repletos de conhecimentos. Desse modo, demos voz aos professores, registramos e salvaguardamos suas histórias e suas memórias, tanto na forma escrita, por meio dessa dissertação, quanto na forma oral, por meio do Produto Educacional desenvolvido nesse trabalho, o documentário “História de Vida de Professores”.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, delineamos os caminhos metodológicos percorridos desde o envio dos convites, até a textualização das narrativas, além de explorar as minúcias do gênero documentário.

2.1 Pesquisa qualitativa

Esta pesquisa explora as perspectivas do método história oral de vida, que se solidifica sob a abordagem teórica metodológica qualitativa. Optamos por essa metodologia, pois ela concede voz aos pesquisados. Os dados e as informações advêm da subjetividade dos sujeitos, que oferecem não apenas dados empíricos, mas um conjunto de fatores, os quais possibilitam uma discussão aprofundada sobre os sujeitos pesquisados. Segundo Bogdan; Biklen (1994, p. 49) “A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial passa a construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”.

Dentre as principais características dessa abordagem, destacam-se, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção do pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

De acordo com Bogdan e Bicklen (1994) a apropriação de qualquer ideia por parte do pesquisador é influenciada por sua visão de mundo. O modo como utiliza a abordagem teórica é determinado pelos paradigmas que lhe servem de sustentação para o estudo dos fenômenos sociais. Neste sentido, a pesquisa qualitativa possibilita a intersecção entre a subjetividade do investigado e a do investigador.

Acerca do instrumento de coleta de informações, utilizamos a entrevista aberta que prioriza os relatos orais dos pesquisados e possibilita o detalhamento das questões e conceitos relacionados ao objeto de pesquisa. Sua estruturação permite que o entrevistado discorra livremente sobre o tema proposto, com o mínimo de interferência do entrevistador.

Para Bogdan e Biklen (1994), o caráter flexível deste tipo de entrevista permite aos sujeitos responderem de acordo com suas perspectivas pessoais. A entrevista aberta é o instrumento de coleta de dados mais utilizado por pesquisadores que escolhem a abordagem autobiográfica, pois possibilita aos sujeitos expressarem livremente suas opiniões, crenças,

valores e significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo. Bogdan; Biklen (1994, p135), afirmam.

Neste caso, o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse e, em seguida, explora-a mais aprofundadamente, retomando tópicos e os temas que o respondente iniciou. Neste tipo de entrevista, o sujeito desempenha um papel crucial na definição do conteúdo da entrevista e na condução do estudo.

Assim, recolhemos as narrativas de cinco professores, sendo três oriundos do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás – Nestório Ribeiro (CEPMG – NR) um do Colégio Marcondes de Godoy e um do Centro de Ensino de Período Integral – João Roberto Moreira (CEPI – JRM). Escutamos relatos de acontecimentos, de fatos e de situações vivenciadas ao longo de suas trajetórias, desde a infância aos dias atuais, percalços, angústias e sentimentos inerentes à profissão de professor.

Neste estudo, tivemos dois momentos de coleta de depoimentos, no primeiro solicitamos aos professores que discorressem livremente sobre sua história de vida, após expressarmos a frase “Conte-nos sua história, professor (a)!”. A pronúncia dessa frase teve a intenção de conduzir os sujeitos da pesquisa a relatarem, de forma abrangente, suas experiências profissionais e sociais, seus sentimentos e significados sobre a vida de professor.

Para evitar que alguns professores resumissem seus relatos, dispúnhamos de um roteiro complementar. Como estímulo, enunciava as seguintes questões: infância, adolescência, trajetória escolar (educação básica), trajetória acadêmica, trajetória profissional, como você se vê como professor (a)? Quais os sentidos e sentimentos em relação à profissão docente? Qual significado atribui à sua prática pedagógica?

Já no segundo momento, utilizamos perguntas geradoras feitas em bloco, conforme orientações de Meihy e Ribeiro (2011, p. 101), “nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, funcionar como estímulos, sempre colocados em grandes blocos, de forma a dar liberdade de escolha dos fatos e impressões”. Essas perguntas buscaram captar as acepções dos professores sobre a profissão docente.

O trabalho com as narrativas pode ser dividido em dois níveis: a coleta dos depoimentos e o tratamento das informações. No tratamento das informações, utilizam-se a transcrição e a textualização das narrativas, como fizemos nesta pesquisa, direcionados pelos escritos de Meihy e Ribeiro (2011) e Albert (2007). Dessa maneira, primeiramente transcrevemos na íntegra a fala dos depoentes para o papel, mantendo os vícios de linguagem, as repetições e as

hesitações. Posteriormente, o texto foi preparado para a leitura, sendo retirados os excessos de elementos típicos da oralidade, houve correções e adequações gramaticais.

A realização dessas etapas permitiu um contato amplo com as narrativas, pois assistimos por várias vezes a cada uma delas, até chegar ao ponto de praticamente decorá-las. O processo de análise pauta-se, na perspectiva sociológica evidenciada por Bourdieu (1980). De acordo com as pressuposições teóricas deste autor, os pesquisadores que objetivam compreender trajetórias de indivíduos, devem considerar uma série de variáveis, denominadas de *habitus*. Desse modo, o *habitus* pode ser descrito como o conjunto de fatores que influenciam o processo de socialização dos indivíduos: espaço social, fatores econômicos, cultura, dentre outros. Sob este ponto de vista, para as análises, destaca-se: contexto familiar e econômico, profissão professor vista como sacerdócio, sentido e sentimento sobre a profissão docente, sobrecarga de trabalho, influências acadêmicas e profissionais e relação professor-aluno.

Além do material gerado pelas narrativas dos cinco professores, foram considerados, como fonte de análise e de pesquisa os documentos disponibilizados pela Subsecretária de Educação de Jataí e outras fontes. Tais como: currículos, fichas e dossiês profissionais. A proposta da pesquisa foi apresentada de forma detalhada para todos os professores e as professoras participantes. Esclarecemos que as narrativas seriam registradas por meio de gravações em imagens que se tornariam material de pesquisa e posteriormente resultariam na produção de um documentário a ser apresentado como produto educacional desse trabalho. Dessa forma, foram assinados os respectivos termos de autorização do uso de imagem, voz e dados biográficos, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988, no seu artigo 5º, inciso X, que assegura inviolabilidade à honra e à imagem.

2.2 Peculiaridades de um documentário

Seria o documentário um gênero cinematográfico como outros ou teria características e singularidades em seu formato? Há algum tempo, o conceito de documentário poderia ser facilmente resumido ao registro de relatos, fatos e depoimentos de uma realidade. Como indica a terminologia da palavra, “documenta” a realidade da vida humana e “reproduz” as imagens, os sons e os fatos do cotidiano.

No entanto, a literatura existente sobre o assunto revela-nos as dificuldades para a delimitação do que vem a ser um documentário. Alguns especialistas afirmam que não existem conceitos formulados que sejam capazes de definir concretamente o gênero documentário; em sua maioria, constitui-se mais em uma tentativa de entendê-lo do que de conceituá-lo propriamente.

As características dos filmes documentais não são regidas por normas e por conceitos concretos. Suas definições partem do contraste com os filmes de ficção, como afirmam Aumont e Marie (2007, p. 86):

A oposição ao “documentário/ficção” é uma das grandes divisões que estrutura a instituição cinematográfica desde suas origens. Ela governa a classificação das “séries nos primeiros catálogos das firmas de distribuição que distinguem as vistas ao ar livre”, “as atualidades”, os “temas cômicos e dramáticos”. Chama-se, portanto, documentário, uma montagem cinematográfica de imagens visuais e sonoras dadas como reais e não fictícias. O filme documentário tem, quase sempre, um caráter didático ou informativo, que visa principalmente, restituir as aparências da realidade, mostra as coisas e o mundo tais como eles são.

Nesse sentido, um documentário ultrapassa os limites da informação; a partir da história contada, o documentarista conduz o espectador a reflexões sobre a realidade que ora se expõe, tendo como pressuposto a não interferência na condução das cenas e nas narrativas. Nichols (2016, p. 37) afirma:

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia.

Dessa forma, um documentário é mais que uma comprovação da realidade; ele é também uma maneira específica de contemplar o mundo sob outros pontos de vista. Os registros precisos dos vídeos de sistema de segurança ou de fatos específicos, como a abertura de um evento esportivo, possuem um caráter apenas documental. Por outro lado, os documentários reúnem imagens e informações para, posteriormente, utilizarem-nas para conceber uma nova perspectiva sobre o tema abordado. Nichols (2016, p. 62) afirma:

[...] os documentários talvez representem o mundo da mesma forma como os advogados representam os interesses de um cliente: defendem uma determinada interpretação das provas que temos diante de nós. Nesse sentido, os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não conseguiriam; em vez disso, intervêm mais ativamente ou propõem uma interpretação para obter consentimento ou influenciar uma opinião.

Os documentários, portanto, promovem representações auditivas e visuais do mundo histórico, defendendo ou representando pontos de vista próprios. Transmitem ideias, propostas e argumentos, objetivando persuadir os telespectadores. Os documentários representam algo familiar: vemos pessoas, lugares e objetos que nos são comuns. Essas características, aliadas ao poder da imagem e dos sons captados durante as gravações, fornecem subsídios suficientes para atribuir credibilidade ao que ora se expõe.

A imprevisibilidade e a falta de domínio dos diretores atribuem aos documentários ainda mais veracidade: “[...] os documentários falam de situações ou acontecimentos reais e honram os fatos conhecidos; não introduzem fatos novos, não comprováveis. Falam sobre o mundo histórico diretamente, não alegoricamente” (NICHOLS, 2016, p. 31). Os documentários, em vez de inventar personagens e histórias, apresentam fatos conhecidos e outras fontes de informação para verificação dos fatos expostos.

Logo, um documentário não expressa apenas os problemas do universo de referência. Ele permite também várias modalidades discursivas, pois as diversas técnicas - filme de montagem, cinema direto, reportagem, atualidades, filme didático e até filme caseiro - permitem ao documentarista expressar suas visões de mundo acerca dos problemas apresentados, o que possibilita que as fronteiras entre documentário e ficção não sejam intransponíveis e possam variar de uma produção para outra.

O tratamento criativo ao qual são submetidos os documentários faz deles uma representação do mundo, não uma transcrição fiel dele. De acordo com Nichols (2016), todo documentário expressa a voz de quem o produziu; comentários falados, discursos sincronizados, efeitos acústicos e a música revelam a visão de mundo de quem o produziu. Se na ficção as produções fílmicas estruturam um mundo imaginário criado pelo cineasta, no documentário elas apontam o engajamento do criador com o tema tratado. Nichols (2016, p. 85) afirma:

O fato de os documentários não serem uma *reprodução* da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são, em vez de reprodução, uma *representação* do mundo. A voz do documentário nos torna consciente de que alguém está falando para nós de seu próprio ponto de vista sobre o mundo que temos em comum.

A voz do documentário fala por meio de todos os recursos fílmicos disponíveis: composição de planos, de edição das imagens, de trilha sonora, entre outras. Ela propaga os pensamentos do cineasta e como essas ideias se manifestam no processo de criação do filme. “Essa voz diz, em muitas palavras, ‘é assim que escolho agir e filmar no mundo que compartilhamos’; ‘e você, como faz?’ ” (NICHOLS, 2016, p. 89).

A forma mais explícita de dar voz a um documentário é, sem dúvida, a palavra falada ou escrita; no entanto, o que nos conduz à compreensão plena do que se expõe é o registro dos gestos, comportamentos e interações dos atores sociais, momento em que o cineasta esclarece o que realmente se pretende dizer sobre o tema tratado. “A imagem tem um ritmo cativante e uma mágica sedutora toda sua. A experiência de assistir a um filme difere da de olhar para a realidade de maneira que as palavras só imperfeitamente conseguem explicar” (NICHOLS, 2016, p. 142).

Para dar voz a um documentário, o cineasta parte daquilo que ele conhece bem e posteriormente amplia para o mundo exterior. A subjetividade atribui credibilidade a essa voz, uma vez que ela reforça o ponto de vista do autor. As obras documentárias trazem consigo sentimentos, paixões e convicções. Os bons documentários surgem da união entre o pessoal e o social, conforme afirma, Nichols (2016, p. 103), “o documentário preserva a ideia de discurso personificado, apaixonado, através de uma voz que fala tanto emotiva quanto objetivamente”.

Grande parte do poder de atração dos documentários está na sua capacidade de unir comprovação com emoção; de acordo com Nichols (2016), quem assiste a um documentário busca aprender algo ou se emocionar com as novas descobertas e possibilidades expostas pelo filme. A força da retórica ou da persuasão atribui valor à representação proposta pelo documentarista. Assim, o público de um documentário espera que o filme seja capaz de satisfazer os seus desejos de saber mais sobre o mundo que compartilhamos. Os documentaristas ativam esse desejo de saber quando abordam um tema histórico e expõem sua própria versão sobre ele. Nichols (2016, p. 60) explicita:

Os documentários estimulam no público a epistefilia (um desejo de saber). Nos melhores exemplos, transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva e uma poética comovente, que prometem informação e conhecimento, descobertas e conscientização. Os documentários propõem a seus públicos que a satisfação desse desejo de saber seja trabalho de ambos. Aquele que sabe (o agente tem sido tradicionalmente masculino) compartilhará conhecimento com aqueles que desejam saber. Nós também podemos ocupar a posição daquele que sabe. Eles *falam sobre eles para nós* e nós obtemos prazer, satisfação e conhecimento como *resultado*.

Em suma, um documentário não aborda simplesmente conceitos; ele os materializa, oferece uma experiência sensorial de sons e de imagens devidamente estruturadas para emocionar, persuadir e exteriorizar uma nova perspectiva de mundo.

Dessa forma, a credibilidade do pesquisador e da instituição são determinantes para o estabelecimento de uma relação de confiança mútua entre os participantes e o documentarista.

Geralmente, todos os participantes de um documentário emitem para o cineasta uma autorização para o uso de sua imagem, voz e dados biográficos. Esses indivíduos renunciam a todo e qualquer controle sobre os resultados da produção.

Neste sentido, o desenvolvimento de um olhar ético torna-se primordial para constituição de um documentário que respeite o indivíduo, a cultura e a história revelada. As ponderações éticas visam a amenizar os efeitos da exposição e não assumir um posicionamento mediante o tema tratado. Espera-se que o cineasta reflita sobre como representará o outro em sua produção. Dessa maneira, Nichols (2016, p. 71) explica:

As considerações e éticas tentam minimizar os efeitos prejudiciais. A ética passa a ser a medida de como as negociações sobre a natureza da relação entre o cineasta e as pessoas que ele filma, têm consequências tanto para aqueles que estão representados no filme como para os espectadores.

Os princípios éticos existem para regulamentar as condutas nos assuntos que as normas ou as leis não contemplam. Assim, o que se espera da ética no cinema documentário é a equalização entre os interesses do cineasta e as consequências de suas ações sobre a vida dos atores sociais. Assim, Chauí (2000, p. 433) afirma:

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também se reconhece como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais, sendo por isso responsável por suas ações e seus sentimentos e pelas consequências do que faz e sente. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.

Cabe ao cineasta refletir que, após o filme, as relações sociais, afetivas e familiares dos participantes continuaram a existir. Revelações polêmicas, desabafos e momentos de constrangimento precisam ser vistos pela vertente ética e não pela busca desenfreada pela audiência.

Logo, Chauí (2000, p. 433) reitera: “costuma-se dizer que os fins justificam os meios, de modo que, para alcançar um fim legítimo, todos os meios disponíveis são válidos. No caso da ética, porém, essa afirmação deixa de ser óbvia”. Desse modo, uma ação ética exige meios éticos, dessa maneira, nem todos os meios são justificáveis, mas apenas aqueles que primam pelo respeito e consideração aos participantes do filme.

Nessa perspectiva, em entrevista ao site Críticos, Coutinho (2014) afirma:

Enquanto pessoa histórica eu não preciso amar essa pessoa histórica porque eu nunca mais vou vê-la depois. Eu tenho que me preocupar é que eu não vá prejudicá-la, que é uma preocupação ética. Às vezes o personagem é maravilhoso, mas eu não posso usar na íntegra porque eu sei que ela pode ser prejudicada. Demitida do emprego, desmoralizada, etc e tal.

Por esse ângulo, o que se espera da ética no documentário é a garantia de que os atores sociais não serão julgados e sim compreendidos. Desenvolver a empatia, ou seja, a capacidade psicológica de colocar-se no lugar outro, em tentar compreender sentimentos e emoções, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que sente o outro indivíduo, torna-se fundamental na relação documentarista-atores sociais. O domínio dessa competência possibilita a compreensão do comportamento em determinadas circunstâncias e a forma como o outro se expõe. Assim, os documentaristas precisam desenvolver essa competência, na perspectiva de mediar o processo de produção do documentário, estabelecendo um círculo de confiança mútua.

2.3 Caminhos trilhados: a busca pelos personagens

Nesse trabalho, os participantes são totalmente expostos, pois seus rostos e dados biográficos são revelados, o que exige do pesquisador transparência, ética e responsabilidade na coleta e no tratamento das informações, conforme preconiza Nichols (2016, p. 77) “[...] o desenvolvimento da ideia de um olhar ético torna-se parte essencial do profissionalismo do documentarista”.

Em meio às reflexões teóricas empreendidas, verifica-se que diversos autores apontam que o vínculo estabelecido entre o pesquisador e os pesquisados é uma especificidade da metodologia de pesquisa história de vida; é por meio dessa relação que o diálogo entre as partes acontece. “Nesse sentido, para que o narrador conte sua vida, ele precisa sentir confiança e se sentir à vontade” (MIRANDA, CAPELLE E MAFRA, 2014, p. 60).

Sob esse enfoque, planejamos como nos aproximaríamos dos interlocutores da pesquisa. De posse de uma lista de contatos fornecida pela Subsecretaria Regional de Educação de Jataí, na qual constavam todos os professores de matemática, do quadro efetivo, que lecionavam no ensino médio nas escolas da rede estadual de educação no município de Jataí, com cerca de quinze nomes, realizamos um “Chá Matemático”.

Escolhemos um café aconchegante numa tarde de sábado para o encontro. Em uma carta convite, explicitamos os objetivos e a metodologia do documentário/pesquisa e os convidamos para que comparecessem ao evento, para maiores esclarecimentos. Na carta, deixamos o contato para confirmação de presença. Ressaltamos que essa primeira reunião foi realizada externamente ao ambiente formal, escolar, com o intuito de trazer “leveza” e “descontração” ao encontro.

Utilizando-se das tecnologias disponíveis, por meio do aplicativo *WhatsApp*, formamos uma lista de transmissão¹, para que pudéssemos compartilhar informações com os professores convidados. Após o envio dos convites, encaminhamos uma mensagem de apresentação, com um breve currículo e uma foto pessoal para que todos nos conhecêssemos. Ainda nesse canal de comunicação, solicitamos a confirmação das presenças, dispendo citações de trabalhos sobre história de vida, buscamos construir um vínculo inicial com os professores.

Para a primeira reunião, escolhemos o poema Retrato, da escritora Cecília Meirelles, que conduz o leitor a uma reflexão sobre si próprio, descrevendo as mudanças, as transformações psicológicas e físicas pelas quais passamos ao longo da vida. A autora estabelece uma comparação entre quem éramos no passado e como somos no presente. A opção por esse texto foi intencional, pois seu enredo contemplava os objetivos da pesquisa realizada paralelamente a elaboração desse produto educacional.

Dessa maneira, cada participante recebeu uma embalagem na qual havia um espelho de bolso e uma cópia do poema. Após a leitura dinâmica do poema, que termina com a seguinte estrofe “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face?” (MEIRELES, 1958, p. 10), solicitamos a cada participante que abrisse o pacote e olhasse seu rosto refletido no espelho. Nesse instante, expressamos a seguinte frase: Conte-nos sua história, professor (a).

Posteriormente, explanamos sobre a metodologia de pesquisa história de vida, suas contribuições para a formação de professores e como pretendíamos colher os depoimentos de cada um dos envolvidos na pesquisa. À oportunidade, ressaltamos que esses depoimentos comporiam um documentário a ser apresentado como produto educacional da dissertação de mestrado em andamento.

1 Uma Lista de Transmissão permite criar, salvar e enviar a mensagem para uma lista de contatos instantaneamente. Os destinatários recebem a mensagem como uma mensagem normal, diretamente, como uma conversa individual. Ao responderem, as respostas aparecerão individualmente. Fonte: WhatsApp, disponível em <https://www.whatsapp.com/faq/pt_br/general/23741782>.

Após o encontro por meio da linha de transmissão e de contatos telefônicos, continuamos a compartilhar com os professores pequenos textos sobre a metodologia história de vida e ainda obter a confirmação dos voluntários para a pesquisa. Seis professores se dispuseram a participar, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, que lecionam nos respectivos colégios: Colégio Estadual Alcântara de Carvalho, Centro de Ensino de Período Integral - João Roberto Moreira, Colégio Estadual Marcondes de Godoy e Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás – Nestório Ribeiro.

Ao iniciarmos as gravações dos depoimentos, um dos professores desistiu da participação, não atendendo mais as ligações e nem respondendo às mensagens de textos enviadas e *e-mails*.

Após o aceite dos professores, disponibilizamos dois documentos para formalização do voluntariado, que foram lidos e assinados por todos: a) *Consentimento da participação da pessoa como sujeito*: nesse documento, descrevemos a metodologia de pesquisa e o participante atesta ter conhecimento sobre ela; b) *Termo de autorização de uso de imagem, voz e dados biográficos*: nesse documento, o participante concede a autorização para a divulgação de sua imagem, da sua voz e de seus dados biográficos, conforme previsto pela Constituição Federal de 1988, no seu artigo 5º, inciso X.

2.4 Luz, câmera, ação: da elaboração do roteiro à gravação das narrativas.

No desenvolvimento das entrevistas, seguindo as orientações de Alberti (2007), optamos por estruturar um percurso a ser seguido para que, caso houvesse necessidade, o participante e/ou pesquisador pudessem recorrer às questões para direcionamento da conversa. Esse roteiro foi elaborado a partir dos objetivos da pesquisa, tendo como princípio três temas que consideramos fundamentais, quais sejam: sentido, sentimento e significado sobre a profissão docente.

Estabelecemos a realização de dois encontros consecutivos para cada participante, a fim de permitir aos sujeitos lembrarem de algo que não haviam contado e para abordar questões específicas sobre os aspectos fundamentais da pesquisa, além de evitar que os encontros se tornassem cansativos.

Logo, na primeira entrevista, foi solicitado aos entrevistados que discorressem livremente sobre sua história de vida. Após pronunciarmos a frase “*Conte-nos sua história, professor*”, a palavra estava franqueada ao participante, deixando-o livre para iniciar a sua narrativa. Mas, ao perceber que o entrevistado estava perdendo o foco e sem saber o que dizer

ou se tornando repetitivo, buscávamos apoio no roteiro para orientá-lo a dizer um pouco mais ou falar sobre algum assunto que não teria sido abordado até o momento, por exemplo: fale de sua infância, da sua adolescência, da sua trajetória escolar, da trajetória acadêmica, da trajetória profissional e outros. Ressalte-se que essas intervenções foram feitas sempre tomando cuidado para não interferir nas respostas.

Para a segunda entrevista, decidimos evidenciar questões mais complexas sobre a prática pedagógica e as visões de mundo dos professores. Assim, nessa etapa, direcionamos os entrevistados, isto é, apontávamos as questões a serem refletidas e dialogávamos sobre elas; depois, a palavra era passada ao participante, que discursava livremente sobre o assunto tratado. “[...] o pesquisador deve ter a capacidade de correr riscos. Isso significa fazer as perguntas certas, avaliações ou críticas pertinentes, a fim de que o pesquisado se sinta à vontade para verbalizar e rememorar suas histórias” (MIRANDA; CAPPELLE; MAFRA, 2014, p. 64).

Todo processo foi registrado por um cinegrafista profissional, que, de posse de duas câmeras de alta definição - uma fixa - destinada a capturar as imagens gerais e o áudio das narrativas e outro móvel, registrava as expressões faciais, movimentos das mãos, momentos de emoção e de detalhes das entrevistas. As gravações foram realizadas em locais distintos, conforme a disponibilidade dos docentes; em sua maioria, eles optaram em gravar nas escolas em que trabalham.

Antes do primeiro encontro, conforme explicita Alberti (2007, p. 32) “o conhecimento prévio do objeto de estudo é requisito para a formulação de qualquer projeto de pesquisa. No caso da história oral, dele dependem as primeiras escolhas que devem ser feitas no encaminhamento da pesquisa [...]”. Nesta concepção, buscamos informações preliminares de cada um dos professores, com o intuito de nos prepararmos para as entrevistas. Com a colaboração da Subsecretaria Regional de Educação de Jataí, acessamos o Sistema de Gestão Escolar de Goiás (SIGE-GO). Nessa plataforma, tivemos acesso aos seguintes dados dos professores: nome completo, data de nascimento, naturalidade, estado civil, data de posse como servidor público, formação acadêmica, cursos de pós-graduação, local de trabalho e nível de classificação na carreira docente no Estado de Goiás. Ainda buscamos informações na Plataforma *Lattes*, a fim de localizar o currículo dos participantes.

Durante a realização das entrevistas, permanecemos atentos e concentrado na fala dos entrevistados, demonstrando sempre interesse em ouvir o que eles tinham a dizer; em alguns momentos, apenas expressávamos algum gesto de apoio. Nesse filme, somos coadjuvantes; o personagem principal é o professor, que revela a sua história de vida da maneira como acha

melhor, interagindo com o pesquisador/documentarista e construindo seu próprio discurso, seja ele condizente ou não com sua prática social. Miranda, Cappelle e Mafra (2014, p. 63) afirmam.

É interessante destacar, também, que, mesmo que a vida dos indivíduos tenha, de alguma maneira, uma continuidade, a forma como ela é contada não segue esse padrão. Isso acontece porque, na história de vida, quem decide o que vai contar é o pesquisado. Sendo assim, a verbalização de suas trajetórias, bem como os fatos e acontecimentos relacionados a ela são lembrados de acordo com a importância que o narrador atribui a eles.

Assim sendo, é necessário que o pesquisador/documentarista tenha cuidado na condução da entrevista para que sua subjetividade não se aflore, evitando que ela se imponha sobre a do narrador/sujeito pesquisado, por meio de interferências desnecessárias para o estabelecimento de uma cronologia ou esclarecimento de fatos.

Na medida em que os diálogos se expandiam, os participantes sentiam-se à vontade para relatarmos as suas trajetórias. As amarras do nervosismo, da timidez e do receio aos poucos foram sendo superadas e uma relação de proximidade e confiança se estabelecia. A presença da câmera, do microfone e do cinegrafista iam ficando em segundo plano e os professores se concentravam na emoção de poderem narrar a sua própria história.

2.5 Produção, transcrição e textualização

Depois de concluídas as gravações com os participantes, iniciamos o processo de produção do documentário, transcrição e textualização dos depoimentos. Nessa etapa, no que se refere ao documentário contamos com apoio profissional de uma produtora de vídeos, que pelos seus conhecimentos técnicos e equipamentos adequados, nos auxiliou na edição do produto, por outro lado iniciamos a transcrição das entrevistas seguindo as orientações preconizadas por Meihy e Ribeiro (2011) e Alberti (2007).

Conforme Meihy e Ribeiro (2011), o tratamento dos depoimentos coletados em história oral, é dividido em três fases, assim designado: transcrição, textualização e transcrição. A transcrição é a primeira fase de passagem da forma oral para a forma escrita, é considerado um trabalho de ordem técnica, sendo uma fase de grande importância para análise, pois é partir dela que o pesquisador internaliza as falas dos pesquisados, nesta etapa o texto não sofre interferências do autor. Na textualização, podemos dizer que o texto passa por uma “higienização” textual, é neste momento que os vícios de linguagem, erros gramaticais e repetições são retirados, são mantidas apenas aquelas expressões imprescindíveis para que o

leitor compreenda as origens e a cultura do narrador, em suma o texto é preparado para ser exposto seguindo as normas gramaticais vigentes. Finalizando, a última etapa é transcrição, visto como uma tradução do depoimento é nessa fase que o pesquisador recria o depoimento conforme suas percepções, incorporando elementos do contexto da entrevista conforme anotações do caderno de campo, lembrando sempre que todo processo deve obedecer à vontade do colaborador.

As gravações, por nós realizadas, continham aproximadamente onze horas de gravações, uma média de 2,2 horas por depoimento. Em um trabalho exaustivo e longo como afirma Meihy e Ribeiro (2011, p.105), “a transcrição é um processo demorado, que cada hora gravada se investe cerca de cinco outras para a transcrição e mais dez para os arranjos finais de edição”. Nesta etapa, transcrevemos palavra por palavra do que foi dito pelos professores e pelo pesquisador durante a entrevista.

Posteriormente, passamos a textualização das entrevistas, Alberti (2007) afirma que nesta etapa o texto deve se tornar mais “elegante”, as inadequações de linguagem devem ser corrigidas tais como: concordância, regência verbal, ortografia, acentuação e outros. O discurso oral deve ser adequado à linguagem escrita, assim, é primordial que a pontuação seja inserida de forma adequada, pois, é por meio dela que o leitor tem a percepção da entonação dada ao depoimento.

Como já dito, neste trabalho demos voz aos professores e queremos que o leitor tenha a percepção do que o professor quis contar sobre sua história de vida, seus sentimentos, percepções e perspectivas. Desse modo, as narrativas expostas foram apenas textualizadas, uma vez que também por meio do documentário, o leitor poderá visualizar trechos da entrevista e vivenciar o contexto delas. Após a conclusão da textualização e da produção do documentário, todo material foi devidamente apresentado aos colaboradores, os quais autorizaram sua publicação e divulgação.

Com cada um dos professores realizamos dois encontros. No primeiro encontro, procuramos nos manter em silêncio, ouvindo atentamente a história contada, as interrupções só ocorreram por vontade do pesquisado, que solicitava tempo para descansar ou alguma orientação. O roteiro desenvolvido para esta etapa serviu apenas de apoio, pois atentávamos se o professor havia abordado todos os temas elencados, caso isso não ocorresse, pedíamos que o professor abordasse o assunto. Essas pequenas interrupções ocorridas na primeira entrevista, durante a textualização foram suprimidas afim que o leitor neste momento ouvisse apenas a voz do professor. Essas paradas foram substituídas pelo sinal [***] seguindo as orientações de Alberti (2007), que significam “Interrupção”.

No segundo encontro, no qual optamos por indagar os entrevistados, com alguns questionamentos específicos sobre a sua prática pedagógica e sua história de vida, decidimos preservá-los a fim de que o leitor se localize no enredo da história contada. Nesta fase, as perguntas foram feitas em blocos, o entrevistado pôde discorrer livremente sobre o assunto, comentando conforme sua compreensão. Nesta etapa, apenas foram suprimidas as interrupções para descanso e problemas técnicos.

O próximo capítulo traz a essência deste trabalho, nele estão refletidas as imagens, os saberes e as histórias de vida. Vozes ecoam e os sujeitos se apresentam como pessoas e como professores de Matemática.

3 VOZES QUE ECOAM: AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meirelles (1958)

Este capítulo não poderia começar sem referência ao texto que usei no primeiro encontro realizado com os professores participantes. Neste poema, Meirelles (1958) faz um retrato de si, mostrando as transformações que o tempo vivido provoca. Mudanças passam despercebidas, ocorrem de forma rápida e sutil, quando percebemos o tempo passou e a vida mudou. Não só o corpo muda, mas também o espírito.

A face se altera, o rosto de criança vai ganhando marcas do tempo, fatos e acontecimentos vão sendo incorporados à memória que, como grãos de areia, dão origem ao diamante bruto. Essas histórias assim como essa pedra preciosa que, após encontrada, precisa ser lapidada e transformada em uma joia, necessitam ser tratadas e preparadas para leitura, para encantarem, provocarem ou até mesmo transformarem aqueles que são professores ou pretendem ser. A imagem refletida no espelho hoje não é uma ação do presente, ela é resultado das marcas deixadas pelo passado por aquilo que vivemos e, ao narrarmos, talvez, quem sabe, encontremos respostas para à pergunta “Em que espelho ficou perdido a minha face?” (MEIRELLES, 1958 p.10). Conte-nos sua história, professor (a)!

3.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores efetivos de Matemática de escolas de públicas de Jataí, que ano de 2016 lecionavam no ensino médio.

3.1.1 Professor Lázaro Alves Cabral

O professor Lázaro Alves Cabral é casado, pai de três filhos, tem 49 anos, formado em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein (2006), Administração de empresas pela Faculdade Integrada de Cassilândia/MS (2003), Biologia pela Universidade Estadual de Goiás (2004). Possui especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Albert Einstein (2006). É natural de Jataí - Goiás, é professor de Matemática efetivo do Estado de Goiás há 23 anos, atualmente ministra aulas no ensino médio no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás – Nestório Ribeiro (CPMG – NR). O professor Lázaro participa ativamente da política local, ocupando vários cargos de gestão pública ao longo de sua carreira como a função de administrador da Superintendência Municipal de Trânsito da cidade de Jataí, diretor de Escola, Vice-Diretor e coordenador. O professor “Lazinho” como é chamado carinhosamente por todos, foi o nosso primeiro entrevistado. Por já conhecê-lo, pois, trabalhamos juntos no CPMG – NR desde a transferência do colégio para a administração militar ocorrida em 2013. Assim como os demais colegas de trabalho, ele acompanhou a elaboração do projeto de pesquisa e desde então manifestou sua disponibilidade em participar dela. Durante suas falas, o professor Lazinho, deixou suas emoções transparecerem e, com isso sua narrativa teve um desenrolar natural. Ambos os encontros aconteceram na sala da Divisão de Ensino do CEPMG – NR.

3.1.2 Professor Edmilson Oliveira Ferreira

O professor Edmilson Oliveira Ferreira é solteiro, pai de uma filha, tem 51 anos Licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia de Rio Verde (1992) e possui especialização em Metodologia de Ensino pela faculdade de Anicuns (1999), natural de Jataí - Goiás. É professor efetivo do Estado de Goiás há 29 anos, atualmente ministra aulas no ensino médio e fundamental no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás - Nestório Ribeiro (CEPMG - NR) e também é professor efetivo do município de Jataí há 17 anos, onde ministra aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) ciclo II 6º ao 9º ano. Edmilson foi o nosso segundo entrevistado. Detentor de uma postura séria e pouco falante, sua narrativa se processou de forma concisa. O professor Edmilson também é colega de trabalho, atuamos juntos no

CEPMG –NR. Ele também acompanhou o desenvolvimento do projeto de pesquisa e desde então se dispôs a colaborar comigo nessa empreitada. O nosso primeiro encontro aconteceu no CEPMG – NR e o segundo na Escola Municipal Clarindo de Melo, escola onde também trabalha.

3.1.3 Professora Fernanda Lima Silva Ferreira

A professora Fernanda Lima Silva Ferreira é casada, sem filhos, tem 32 anos, licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional Jataí (2005), Especialista em Conteúdos e Metodologias para o Ensino de Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Goiás (2013) e Mestre em Matemática pelo Programa de Mestrado Profissional em Matemática PROFMAT – UFG (2015), natural de Goiânia - Goiás. cursou a disciplina Tópicos de políticas educacionais e gestão no Programa de Mestrado em Educação para Ensino de Ciências e Matemática do IFG – Câmpus Jataí (2016) como aluna especial. Fernanda é professora efetiva do Estado de Goiás há nove anos, ministra aulas no ensino fundamental II na Escola Estadual Polivalente Dante Mosconi e no ensino médio no Colégio Estadual Marcondes de Godoy.

Também ministra aulas na rede particular de educação e integra o projeto de extensão; Universidade e Escola: uma parceria pelo Ensino de Matemática (UEPEM) coordenado pelo Curso de Licenciatura em Matemática da UFG – Regional Jataí. A professora Fernanda foi a terceira entrevistada. Nosso primeiro contato foi pelo *WhatsApp* e por carta quando enviei o convite para que ela pudesse participar do “Chá Matemático” por questões pessoais ela não participou do evento. Mas após nos falarmos por telefone, confirmou a sua participação na pesquisa. Nosso encontro foi na sala de orientações do Mestrado que fica localizado no IFG – Câmpus Jataí – Unidade Riachuelo, prédio que também funciona a Escola Estadual Dante Mosconi, onde Fernanda também trabalha. Durante seu depoimento, mostrou-se ser uma pessoa carismática, sempre com um sorriso no rosto e uma voz suave, que ao contar a sua história atribuía um tom poético a sua narrativa.

3.1.4 Professora Solene Neves dos Santos Silva

A professora Solene Neves dos Santos é casada, e mãe de duas filhas, tem 39 anos, licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional de Jataí (2000), Especialista em Interdisciplinaridade na Educação Básica pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas (FACISA), Campina Grande - Paraíba (2010), natural de Ponte Branca –

Mato Grosso. cursou a disciplina História e Filosofia da Matemática como aluna especial do Programa de Mestrado em Educação para Ensino de Ciências e Matemática do IFG – Câmpus Jataí (2016). Solene é professora efetiva do Estado de Goiás há treze anos, ministra aulas no ensino médio na modalidade integral no Centro de Ensino de Período Integral - João Roberto Moreira.

Solene foi a nossa quarta entrevistada. Já nos conhecíamos, fomos colegas de trabalho no CEPMG – Nestório Ribeiro, quando ela ministrou em 2014 a disciplina de Matemática no ensino fundamental II. Quando entrei em contato com ela por telefone e lhe enviei a carta convite para que participasse do projeto, em outubro de 2016 no meio do quarto bimestre ela imediatamente se prontificou a participar, mas impôs a condição que só poderia falar comigo em janeiro de 2017, durante o recesso escolar das escolas estaduais. Muito simpática, sorridente, durante seu depoimento, Solene com muita tranquilidade nos falou sobre sua trajetória de vida e com muita sutileza expôs suas percepções sobre a profissão docente. Conforme solicitação da entrevistada, nossos encontros ocorreram na sala de orientações do Mestrado, localizada no IFG – Câmpus Jataí – Unidade Riachuelo.

3.1.5 Professora Lucivânia Ferreira Cabral

A professora Lucivânia Ferreira Cabral, vive em união estável, não tem filhos, tem 43 anos, é formada em Pedagogia pela UFG - Regional Jataí (1995), Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Jataí (2009), Graduada em Matemática pela Universidade Estadual de Goiás (2005), Tecnóloga em Sistema de Informação pelo IFG – Câmpus Jataí (2003), instituição na qual atualmente é aluna no curso de Engenharia Civil (2016), Especialista no Ensino de Ciência e Matemática pelo IFG – Câmpus Jataí (2012), natural de Jataí – Goiás. Lucivânia é professora efetiva do Estado de Goiás há vinte seis anos. Ela também é servidora técnica administrativa do IFG - Câmpus Jataí há vinte quatro anos.

Lucivânia foi a última entrevistada. Sua vida corrida entre ser professora (CEPMG – Nestório Ribeiro), técnica de laboratório (IFG – Câmpus Jataí), universitária (Curso de Engenharia Civil), construtora e tantas outras atividades que desempenha com esmero, quase impossibilitou os nossos encontros. Com dificuldades de horários, mas nutrida de boa vontade, ela conseguiu organizar um tempo para participar do projeto. A professora Lucivânia, faz parte de minha trajetória, a conheço deste do ensino fundamental na então Escola Técnica Federal de Goiás, (ETFG – UNED Jataí), hoje IFG – Câmpus Jataí. Desde então, nossos caminhos sempre se cruzaram e, atualmente, somos colegas de trabalho no CEPMG – Nestório Ribeiro, onde ela

ministra a disciplina de Matemática no ensino médio. Muito organizada e disciplinada, seu depoimento foi um dos mais longos, no qual ela relatou a sua trajetória e de forma contundente expôs os desafios, as dificuldades e as limitações do trabalho docente.

3.2 Arcabouço das análises

De acordo com Bourdieu (1980), o *habitus* pode ser entendido como a incorporação da história aos sujeitos. Essa junção ocorre ao longo de diferentes períodos das trajetórias sociais, tendo início no ambiente familiar; *a posteriori*, perpassa pela ação dos ambientes escolares e pelas experiências profissionais vivenciadas. Assim, os agentes tornam-se portadores de determinados *habitus*, intimamente ligados às formações educativas e aos grupos sociais aos quais pertencem.

Dessa forma, a partir das narrativas emanadas dos professores e sob a teoria do *habitus* evidenciada por Bourdieu (1980), estabelecemos eixos de análises, a saber: contexto familiar e econômico; profissão professor vista como sacerdócio e as mazelas da profissão; influências acadêmicas e profissionais; sentido e sentimento sobre a profissão docente; relação professor-aluno.

A nossa intenção nesta pesquisa direcionou-se para a constituição de uma análise compreensiva, buscando apresentar e discutir as interferências das histórias de vida sobre as práticas pedagógicas dos professores de Matemática do ensino médio das escolas públicas de Jataí/Goiás.

Pretende-se com as análises realizadas destacar os aspectos reguladores do *habitus* na formação da identidade dos professores entrevistados, bem como expressar os processos de socialização por eles vivenciados, que os conduziram ao exercício do magistério.

Outros pressupostos teóricos podem ancorar estudos dessa natureza; porém, adotamos a perspectiva sociológica como modo de leitura da vida dos professores pesquisados, respeitando as individualidades e particularidades de cada narrativa.

3.2.1 Contexto familiar e econômico

O *habitus* emerge-se sob a concepção de que as identidades são forjadas a partir da conciliação entre as vivências individuais, as condições sociais, econômicas e familiares. No conceito defendido por Bourdieu (1980), essa troca é constante e ocorre de forma mútua: o mundo subjetivo dos indivíduos adquire experiências pelas e nas práticas do mundo objetivo.

A família tem papel singular na constituição social dos indivíduos. É no seio das instituições familiares que se inicia o processo de socialização dos indivíduos; certos hábitos, costumes e valores são adquiridos nesse espaço em que ocorre a socialização primária. A profissão dos pais, a religiosidade, a cultura, permanecem cravados na memória.

[...] sou filho de um lavrador e de uma manicure, vivi até os 10 anos em uma fazenda, quando vim para Jataí. “Vim de uma família muito humilde; meus irmãos tiveram as mesmas oportunidades de estudar assim como eu, mas eles não deram valor, só eu consegui me formar [...]” (*sic*) (FERREIRA, E., 2016).

Nasci em Jataí, em 1967, meu pai mecânico, minha mãe professora, comecei a estudar antes de ir para a escola, pois minha mãe me ensinou o alfabeto e a tabuada, quando eu entrei na escola no pré, aos 7 anos, com uma semana eles me passaram para a primeira série, no meio do ano eu fui para o segundo ano e no final do ano, eu já estava indo para a terceira série (CABRAL, L. A., 2016).

Meu pai faleceu quando eu tinha cinco anos. À época, morávamos em Goiânia, de onde era a família dele, e lá só ele trabalhava. Depois de seu falecimento, minha mãe decidiu mudar para Jataí, pois ela precisou de ajuda financeira para cuidar da gente. Ela trabalhava três períodos e nós ficávamos em casa (FERREIRA, F., 2016).

[...] eu tive a graça de nascer a oitava filha de um casal que viveu juntos durante 80 anos, uma linda história de amor, meus pais viveram! Infelizmente, minha mãe faleceu em dezembro do ano passado. Eu estudei sempre em escola pública, meus pais sempre nos deram o básico para a sobrevivência, a alimentação, as demais coisas nós tivemos que lutar, galgar, caminhar para poder conseguir, desde o sapato, a roupa, e nós estudamos em escolas públicas no ensino fundamental. Meus pais são cristãos, evangélicos, nos criaram na doutrina, muito rígidos; até por volta dos 20 anos, nós nem se quer podíamos assistir televisão, uma educação bem rígida mesmo, bem centrados (CABRAL, L.F., 2016)

[...] sou filha de um pai que foi lavrador, e de uma dona de casa, se casaram muito jovens, com 16 e 17 anos. Eles moravam em Mato Grosso, e num belo dia meu pai decidiu trilhar novos caminhos e chegou para minha mãe e falou “vamos embora, vamos em busca de alguma coisa melhor”. Vieram com a cara e a coragem e os três filhos pequenos, e ele encarou todo tipo de serviço para levar o sustento para casa (SILVA, 2016).

As origens socioeconômicas acompanham o indivíduo por toda vida. E é a partir dessas vivências que se constroem as autoimagens e se atribui valor às trajetórias. Bourdieu (2015, p. 188) afirma:

[...] em particular, todas as características ligadas à pertinência de classe mediada pela estrutura familiar e às experiências biográficas correlatas. Nesta lógica, não é a condição de classe que determina o indivíduo, mas o sujeito que se autodetermina a partir da tomada de consciência, parcial ou total da verdade objetiva de sua condição de classe.

O grupo familiar traz consigo uma coesão. Uma pessoa pode mudar de cidade, profissão, estado civil, mas vínculo familiar é irrevogável, conforme expressa Bosi (2004, p. 423):

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual.

Dessa forma, não é possível separar o indivíduo do seu contexto familiar, tendo em vista que as relações estabelecidas nesse espaço se constituem em um alicerce para a construção da identidade. Nas histórias de vida, mesmo em situações adversas, percebe-se a figura materna como protagonista desses ambientes.

[...] hoje tenho curso superior. Em primeiro lugar eu agradeço a Deus, depois aos meus pais, principalmente a minha mãe, que batalhou para eu chegar onde cheguei hoje [...] (FERREIRA, E., 2016).

Quando comecei a quinta série, ia para escola onde minha mãe trabalhava à tarde. Ela era coordenadora e assim às vezes faltava professor e eu assumia a sala de aula, isso aos 11 anos de idade [...]. Aos 18 anos, quando terminei o ensino médio, minha mãe me chamou para dar aula no lugar de uma professora que estava de licença, comecei em janeiro de 1986 [...] (CABRAL, L. A., 2016).

[...] terminando a graduação, faria um mestrado, em Matemática, [...] mas não consegui terminar [...]. Vários motivos contribuíram para que eu não conseguisse concluir, e um deles foi a pressão psicológica, pois, depois que o meu pai faleceu, como já disse, viemos para Jataí, onde minha mãe casou-se novamente e meu padrasto faleceu um ano antes que eu fui para Brasília. Acredito que por sentir falta dele, minha mãe não foi em Brasília, eu fui e minha mãe não ia me visitar, acho que em algum momento eu pensei assim “Se ele estivesse vivo, iria ser diferente”, então eu baqueei; tive que procurar psicólogo, fiquei internada, enfim não terminei [...] (FERREIRA, F., 2016).

Minha mãe sempre teve algum problema de saúde, e meu pai, nesse meio tempo, ia trabalhando cuidando, e eu como filha mais velha tive que assumir a responsabilidade em casa, com os irmãos, com a casa. Meu pai vivia me passando os ensinamentos de cuidar da casa, fazer comida, cuidar dos meninos e nisso fui adquirindo essas responsabilidades bem cedo. (SILVA, 2016).

As referências de irmãos são marcadas por comparações, desencontros e proteção e se concentram, na maioria das vezes, na infância e juventude.

Eu tenho três irmãos, dois homens e uma mulher. [...] meus irmãos tiveram as mesmas oportunidades de estudar, assim como eu, mas eles não deram valor [...] (FERREIRA, E., 2016).

Meu irmão falou: “Então eu vou fazer Letras”. Eu disse “Eu não quero ser sua colega, então vou fazer Matemática”. Porque eu gostava, eu queria ser professora, mas se eu pudesse escolher, eu acho que seria professora só de redação e literatura, porque eram disciplinas que gostava, e na época eu pensava que gostaria de ensiná-las, mas quando meu irmão falou que faria Letras, decidi cursar Matemática, porque eu não queria ser colega de faculdade dele (FERREIRA, F., 2016).

Eu tinha duas irmãs mais velhas, que fizeram técnico em contabilidade; naquela época, elas já comentavam que estava difícil trabalho, e eu sabia que o técnico em magistério era trabalho garantido, mal você terminava o curso, já estava empregado, mas eu tinha 15 para 16 anos quando terminei o curso de técnico em magistério (*sic*) (CABRAL, L.F., 2016).

De lá, íamos para casa e eu fazia os cuidados de casa, de irmãos e tudo mais. Depois fui para o colégio Emília, onde estudei da 1ª a 4ª série. Lá também estudavam meus irmãos; sempre aquela escadinha, um fazia uma série, aí vinha e o outro dando sequência. Acho que eu abria o caminho e depois tentava que eles fossem pelos mesmos (SILVA, 2016).

É possível notar que os irmãos contribuem de maneira significativa para a escolha profissional dos indivíduos pesquisados, seja por meio de situações afetivas, rivalidade ou de competição. Embora tenham as mesmas origens, os filhos nascem em épocas diferentes, vivenciando, portanto, contextos econômico, político e social distintos, o que interfere no modo de ser de cada um:

Minha mãe aguentou muita coisa, porque eu não sofri, meu irmão mais velho ele tem uma visão de tudo o que a gente passou, bem diferente da minha. Assim, quando minha mãe dava dinheiro no final de semana, ele não pegava, porque ele falava assim: - “não, minha mãe sofreu muito e sofre muito para ganhar o dinheiro”. Eu pegava dinheiro quando ela dava, saía; ele não tinha coragem de fazer isso. Mas eu acho que eu não percebia tudo o que acontecia, eu era nova, meus irmãos já tinham seus 10 e 11 anos, eu tinha 5, e aí eu acho que eu não passei pelas mesmas dificuldades que eles, não (FERREIRA, F., 2016)

Meu irmão caçula, muito danado, furava o pé com prego, cortava, quebrou a perna, aconteceu de tudo, cachorro o mordeu, e nisso tudo eu que socorria, no dia que ele quebrou a perna, eu que o carreguei, todo cheio de terra, para casa, para cuidar, e nisso foi despertando interesse também nos cuidados com o ensinamento deles também, da escola, era eu que ia à escola ver o que precisavam e repassava para minha mãe para meu pai. Cuidava do material escolar, dessas coisas todas. (SILVA, 2016).

O irmão e a irmã desempenham, portanto, papel fundamental na constituição da identidade individual do sujeito, uma vez que essa relação interfere na construção da personalidade por meio do encontro entre as semelhanças e as diferenças. A família proporciona a experiência inicial do viver em grupo, e os irmãos, além de despertarem sentimentos de competição e rivalidade, estimulam o afeto e a responsabilidade.

Bourdieu (2015) denomina a família como um campo social, espaço em que são forjados e replicados os recursos simbólicos. A casa é o ambiente no qual as escolhas são apreciadas, julgadas e acondicionadas.

Os meus irmãos não seguiram a carreira docente; hoje eles são militares. Meu irmão mais velho fez licenciatura em Letras e hoje ele é bombeiro em Goiânia e meu irmão do meio, ele não concluiu a licenciatura em Educação Física, porque ele passou na Polícia Militar [...]. Quando chega o Natal, a minha mãe pede para eles trazerem as fardas para tirar fotos e aí eu não tenho o uniforme da escola, eu sou meio excluída. Minha mãe está muito preocupada esse ano. Porque, para ela, seria uma realização muito grande ter três filhos concursados, ela sabia que a gente não ia ficar rico, mas não íamos passar pelo que ela passou, de depender dos outros para poder comer. Ela falava: “mesmo que vocês ganhem pouco, vocês vão ter comida”. E aí, com essas novas reformas, minha mãe não quer que eu seja mais professora, ela não entende porque ainda insisto. Fala que ainda não conseguiu que eu tivesse outra opção na época, mas que hoje eu tenho e que deveria aproveitar para deixar a docência (FERREIRA, F., 2016).

Segundo Bossi (2004, p. 426), é na vida diária que os indivíduos se revelam como são, sem interpretações ou convenções. “A face que ele expõe a outros grupos não é a mesma que se expõe ao julgamento concreto dos seus. [...] Quem não te conhece que te compre”. Dessa maneira, é no ambiente familiar que os indivíduos submetem suas conquistas e o seu *status* social ao julgamento dos seus.

Depois da estrutura familiar matriarcal, advém a constituição do matrimônio e o nascimento dos filhos, o que interfere sobremaneira nas decisões dos indivíduos, sendo fonte de incentivo e apoio ou impulsora de obstáculos e dificuldades.

No dia 11 de julho de 1992, eu coleei grau na FESURV e de lá para cá é só luta. Essa vitória não foi fácil, o mérito é nosso e das nossas famílias que nos apoiaram e estiveram o tempo todo ao nosso lado. Quando a gente vai realizar um sonho, temos que deixar a vida particular, a vida social e a vida familiar de lado, porque nós não tínhamos tempo, nós estudávamos de segunda a sábado, só tínhamos praticamente o domingo para ficarmos em família, não dava para curtir o final de semana porque não dava tempo, foi muito corrido, tínhamos que trabalhar o dia inteiro e estudar à noite, não foi fácil, mas nós conseguimos chegar lá (FERREIRA, E., 2016).

Há vinte anos, eu me casei, foi quando eu estava iniciando o curso de Matemática na UFG, então fiz 2 anos do curso e tive que parar porque meu filho nasceu, dava aula à noite e estudava de manhã. Chegava em casa, ele começava a chorar, chorava a noite inteira, os três primeiros meses foram difíceis, então fui perdendo aulas e vi que não ia dar conta de acompanhar, aí deixei o curso e tranquei a matrícula. Depois, quando fui voltar, tive que pegar aulas picadas, o que não dava certo e precisei trabalhar, tinha que encaixar minhas aulas lá, com aulas que dava aqui, então deixei o curso (CABRAL, L. A., 2016).

O casamento e a chegada dos filhos impõem rupturas às trajetórias, uma vez que essas condições geram novas responsabilidades, sejam elas de ordem econômica ou social. O profissional vê-se diante dos desafios de prover o sustento da família, cuidar dos filhos pequenos e dedicar-se à profissão e/ou à formação.

O contexto econômico, ao longo da vida, delineou as histórias narradas. É possível perceber nos relatos o quanto as condições financeiras interferiram na escolha pela profissão docente e na maneira como os professores lidam com suas carreiras.

Esses percalços parecem fundamentar as suas identidades, sendo destacados por meio de sentimentos de superação, determinação e evolução.

Comecei a dar aula no Nestório Ribeiro e no ano seguinte fui para a faculdade; na faculdade tive muitas dificuldades, a gente ia para Rio Verde todos os dias, todas as noites, saía daqui de Jataí às 17h30m, as aulas começavam às 18h. Ali chegávamos atrasados, às 18h30m, as aulas terminavam às 23h e nós saímos de lá às 22h30m por causa de transporte, de ônibus. Quantas vezes eu pousei na estrada porque o ônibus quebrou e a gente não tinha como voltar para Jataí. Era uma luta, passamos muita fome, tínhamos dificuldades (FERREIRA, E., 2016).

Quando eu fui prestar o vestibular, meu irmão mais velho também ia prestar junto comigo, e eu lembro que queria Biologia ou alguma licenciatura, acho que não tinha como fugir da carreira docente, só que não tínhamos condição de ir fazer o curso no Campus Jatobá, e como seríamos dois acadêmicos, minha mãe disse que não tinha condição de pagar ônibus todos os dias de ida

e volta para nós estudarmos lá. E por essa razão, teríamos que escolher algum curso daqui [...] (FERREIRA, F., 2016).

Após terminar o ensino fundamental, eu fui estudar técnico em Magistério no ISG; naquela época, a gente tinha duas opções: pobre, não sai para estudar fora; fazer Carlos Chagas, para fazer um cursinho, para passar em um vestibular, pobre faz uma escola técnica, quando terminava a oitava série, um curso técnico, gratuito, para poder trabalhar e sabendo que a gente não tinha outra condição, foi isso o que eu fiz. Existiam duas opções naquela época: o técnico em magistério e o técnico em contabilidade. [...] quando concluí o ensino médio e já comecei a lecionar, eu passei no vestibular para Pedagogia. Eu também tinha algumas opções: eu podia fazer Pedagogia, Letras, na Universidade Federal de Goiás e Direito no CESUT, eram as três opções que nós tínhamos aqui em Jataí. Direito era caro, eu não tinha condição de pagar; entre Letras e Pedagogia, optei pela Pedagogia porque já lecionava. Todas as minhas escolhas foram diante das opções que eu tinha, o que eu podia fazer, o que é que tem próximo de mim que eu posso fazer? Não é aquilo que eu desejava fazer, que eu gostaria de ter feito, mas era o que eu podia fazer (CABRAL, L.F., 2016).

O primeiro ano foi o mais difícil, pois o tempo era mínimo; não foi fácil entrar na universidade, eu tive que fazer minha preparação em casa mesmo, não tive como fazer cursinho, procurava conciliar o curso, que eu estava finalizando o quarto ano de cursinho técnico, com as disciplinas técnicas, fechando estágio e eu trabalhava também durante o dia e tentava ler os livros literários, procurava ajuda e eu consegui os resumos com o irmão do meu patrão, que tinha “Vest Livros” (SILVA, 2016).

Os aspectos econômicos estão, de certa forma, tão arraigados na memória dos professores, que no depoimento da professora Cabral, L. F., (2016), encontramos trechos que reafirmam que a profissão docente é ocupada geralmente pelas classes menos favorecidas economicamente.

O pessoal da área de licenciatura é muito sofrido. Os professores que se formam na área de licenciatura vêm da escola pública e não têm condições de fazer um curso superior em outra área. O professor, da licenciatura, deveria ser amparado. Quem tivesse o interesse de entrar em uma licenciatura, deveria ser subsidiado pelo governo desde então (CABRAL, L.F., 2016).

O estudo sobre o perfil socioeconômico dos professores brasileiros, publicado pela Unesco em 2009, referenda esse discurso, uma vez que demonstra que a maioria dos estudantes dos cursos de licenciatura é oriunda das classes mais desfavorecidas da população (BRASIL, 2009, p. 164):

Os atuais estudantes dos cursos de nível superior para a docência formam um grupo majoritário (50,4%) que se concentra nas faixas de renda familiar média, cujo intervalo é de três a dez salários-mínimos. Ligeiras variações favorecem os estudantes das demais licenciaturas em relação aos alunos de

Pedagogia nas diferentes faixas salariais superiores [...]. Observa-se, entretanto, uma clara inflexão em direção à faixa de renda mais baixa. É muito expressivo o percentual de alunos com renda familiar de até três salários-mínimos (39,2%), e escassa a frequência de sujeitos nas faixas mais elevadas de renda.

Todos os professores entrevistados vieram de famílias com poucos recursos econômicos, cujo esforço para concluir os estudos e ingressar na profissão são colocados nas narrativas como sinônimo de boa conduta moral. As trajetórias dos professores reforçam a visão de que a educação é um mecanismo de ascensão social. Esses pensamentos de superação das dificuldades econômicas são incorporados aos discursos dos docentes e repassados aos alunos como forma de inspiração e incentivo.

Os professores acreditam que os alunos precisam aprender sobre a necessidade de se esforçar e trabalhar muito para conseguir algo na vida. Dessa forma, a questão econômica compõe as práticas docentes, conforme demonstram os depoimentos.

[...] quando eles estão desleixados com o conteúdo, peço para que eles peguem com mais vontade, porque se já é difícil a sobrevivência hoje, daqui para frente vai ser pior e se não tiver um pouquinho de conhecimento, ele não vai conseguir chegar lá, porque os outros vão chegar, estão dando o melhor deles, então, é preciso que eles deem o melhor para que se sobressaiam lá na frente (CABRAL, L. A., 2016).

Realmente, a escola não vai dar dinheiro para ninguém, mas a escola vai te dar uma condição de ter uma vida melhor, de ter um emprego melhor, de subir profissionalmente, legalmente na sua vida, para que possa ter uma vida digna, uma família, um lar, uma casa, uma esposa, um carro. Eu falo para eles que a vida hoje tem muito caminho errado para seguir; se não tiver a ideia firme, se não tiver pensamento positivo, você pode entrar no caminho errado, só que esse caminho não tem volta, mas quando você vai estudando, subindo degrau por degrau, às vezes vai custar mais você chegar lá no final, mas você vai ter a glória (FERREIRA, E., 2016).

[...] eu sempre trabalhei com um público diferente de mim, não trabalhava com pobre, parece que eu era mais pobre que os meninos, então a vida deles parecia tão perfeitinhas e quando eu fui para uma escola que eu tive que trabalhar com um público com menos recursos, é diferente; a vivência deles, tudo é diferente. Aí ampliei minha visão do papel da educação para essas pessoas, que não é só ensinar Matemática, mas isso é muito recente para mim (FERREIRA, F., 2016).

Você passa depois em um comércio e vê seus alunos lá, no subemprego, trabalhando arduamente e você sabe que ele poderia ter um sucesso melhor, em termos econômicos e você não mudou, não alterou muito aquela atividade que ele está exercendo; é uma atividade que não é uma atividade que desmerece a pessoa, é um trabalho, e todo trabalho é dignificante, mas é um

trabalho, que vai deixá-lo mais cansado, com menos tempo de lazer, de vida familiar e não vai ser reconhecido pelo que faz, porque é assim que é a nossa organização, infelizmente, aqueles que não são tão aptos fazem trabalho braçal o dia inteirinho e recebem bem pouco. O futuro da família dele é o mesmo trajeto, pois ele vai ficar sobrecarregado no trabalho, com pouco tempo para os filhos, os filhos vão ficar à mercê e isso não é o ideal para as pessoas. A gente gostaria que todas as pessoas tivessem condição de vida mais dignificante, melhores, menos sofridas (CABRAL, L.F., 2016).

A valorização da ascensão social por meio dos estudos expressa certos *ethos* de classe, ou seja, valores incorporados pelos indivíduos que constituem o *habitus* e que se expressam nas práticas sociais. “[...] não é a condição de classe que determina o indivíduo, mas o sujeito que se autodetermina a partir da tomada de consciência, parcial ou total, da verdade objetiva de sua condição de classe” (BOURDIEU, 2015, p.188).

O *ethos* de classe retrata os valores constituídos ao longo de uma trajetória e atribui sentido às ações presentes dos indivíduos. Para os professores entrevistados, a ascensão social só é possível com esforço, dedicação e empenho. Assim como eles fizeram e fazem. Os professores valorizavam seu trabalho e se dizem extremamente dedicados à função docente, procurando sempre dar o melhor de si. “No seio de uma cultura clássica, todos os homens possuem em comum um mesmo tesouro de admiração, de modelos, de regras e, sobretudo, de exemplos, metáforas, imagens, palavras, em suma uma linguagem comum” (BOURDIEU, 2015, p. 206).

Nesse sentido, percebe-se que os professores querem ensinar os alunos a se comportarem dessa mesma forma.

Todos os dias levanto logo cedo, vou para a escola, alegre, quando dá para o terceiro horário, eu já estou em um “azedume” terrível, porque “pessoal, por favor, faça silêncio, pessoal, por favor, vamos lá, pessoal, por favor, levanta a mão para mim que eu vou olhar no seu caderno quem fez a atividade de hoje” e eu não ter ninguém, nenhuma alma viva para levantar a mão, então você vai murchando, a cada sala que você vai passando, é como se o sol estivesse esquentando e você fosse uma planta e fosse passando o sol esquentando e ninguém te dá um pouquinho de água e você vai murchando, murchando, [...] você está exausto e muitas vezes você quer ir embora e ainda mais, tem alguns dos nossos queridos alunos, se você chamar a atenção deles, eles revidam como se tivessem razão de conversarem ou de não ter feito uma tarefa. Mas como assim? Eu sou um profissional, formei, estudei, levantei pela manhã, vim, estou aqui para contribuir com a sua vida. Como assim? [...] (CABRAL, L.F., 2016).

Fica evidente nas narrativas o quanto os professores valorizavam os ex-alunos que conseguiram projeções sociais por meio do atendimento a esses chamados, e que foram

aprovados em concursos públicos ou em cursos tidos como concorridos. Esses *feedbacks* parecem reconhecer e aprovar os esforços individuais empreendidos.

Então, voltando, os alunos para quem eu dei aula, em finais de semana, sábado, domingo, feriado, que eu propunha, tinha tempo para estar fazendo isso, era solteiro. Hoje, eles me encontram, me agradecem por terem passado em concursos, estarem bem, alguns médicos que eu já dei aula, também vieram me agradecer, então é gratificante (*sic*) (CABRAL, L. A., 2016).

O que me agrada é quando eu vejo a mudança de comportamento do aluno, quando eu vejo que aquele aluno começou lá de baixo, que às vezes era de uma classe menos favorecida e consegue chegar ao topo, sendo um médico como já temos em Jataí, alunos que passaram por minhas mãos, que são médicos e dentistas, eu me sinto realizado quando eu vejo eles bem [...] (*sic*) (FERREIRA, E., 2016).

Mas eu fiquei extremamente grata quando vieram três pais, porque não tinha o resultado do ENEM ainda, mas havia saído o resultado das universidades particulares, eles me abraçaram fortemente e disseram: “olha aqui sua cria”; é muito interessante o modo que eles falam com você, “essa aqui é cria sua, foi primeiro lugar em Engenharia Civil”. Não foi o segundo ou terceiro lugar, ainda que seja em uma escola particular, mas o primeiro lugar. O curso de engenharia é um curso extremamente competido, não é fácil para uma pessoa ser aprovada (CABRAL, L.F., 2016).

O que se quer aqui destacar é que as narrativas dos professores entrevistados evidenciam o *habitus* originado nos ambientes familiares e forjado sob aspectos socioeconômicos da classe trabalhadora. Bourdieu (2015, p.356) aponta que

[...] o *habitus* do criador como sistema de esquemas orienta de maneira constante escolhas que, embora não sejam deliberadas, não deixam de ser sistemáticas e, embora não sejam ordenadas e organizadas expressamente em vista de um objetivo último, não deixam de ser portadoras de uma espécie de finalidade que se revelará só *post festum*.

Dessa forma, a ideologia do mérito individual compõe as práticas pedagógicas dos professores entrevistados, o que reforça os aspectos da cultura e do *habitus* reproduzidos nos ambientes escolares. Bourdieu (2015, p. 208), sobre o assunto, mostra-nos que “[...] os esquemas que organizam o pensamento de uma época somente se tornam inteiramente compreensíveis se forem referidos ao sistema escolar, o único capaz de consagrá-los e constituí-los, pelo exercício, como hábitos de pensamentos comuns [...]”.

Assim, percebe-se o legado coletivo transmitido de forma inconsciente pelos professores entrevistados. As influências familiares, o ingresso na profissão vinculada ao

contexto econômico, a escolarização apontada como a melhor e única forma de alcançar *status* social e o reconhecimento do mérito individual, comprovam a força do *habitus* de classe.

A transmissão de valores, virtudes e competências, e a forma de ver o mundo simbólico, fortalecem e intensificam a cultura inexoravelmente aceita e imposta pela sociedade capitalista. A ideologia do mérito pessoal e a defesa da meritocracia, reproduzem a visão que as pessoas são livres e iguais, que cada um, escolhe e determina seu sucesso pessoal. Nessa concepção, reafirma-se que tudo depende apenas do esforço e da dedicação pessoal, como anunciam os manuais de autoajuda, meios de comunicação e a maioria dos professores.

Sob esse aspecto, ignora-se as diferenças e trata-se os diferentes como iguais. A mobilidade social é anunciada como regra. A meritocracia e a ideologia do mérito pessoal, como toda a estrutura ideológica, exercem papel fundamental na reprodução do modo de produção capitalista, não possibilitando que as nossas desigualdades sejam abordadas de forma clara e transparente. Dessa forma, as instituições de ensino, além de replicar essas visões, elitizam determinados cursos e universidades na medida em que estes se tornaram requisito para aburguesamento.

Faz-se necessário, portanto, a constituição de um discurso contra-hegemônico, que observe as desigualdades sociais, e que prime pelo desenvolvimento de políticas educacionais que não mais operem sob a ótica da meritocracia, mas sim da equalização das oportunidades. Que os cursos de formação de professores não sejam meros replicadores das ideologias capitalistas, mas, constituidores de sujeitos autônomos e reflexivos.

3.2.2 Profissão professor vista como sacerdócio e as mazelas da profissão

Não é surpresa ouvirmos afirmações de que a profissão docente é desvalorizada. A mídia e os veículos de comunicação se encarregam, cotidianamente, em construir e replicar estereótipos. Os professores são postos como sacerdotes, passando a visão de que a docência é uma missão ou de pessoas fracassadas, desiludidas com a profissão, que ganham pouco e necessitam de renda complementar.

Essas situações foram de tal forma incorporadas à sociedade que os próprios professores replicam essa visão. A carreira docente é posta como uma espécie de carma, destino ou dom divino, conforme se percebe nas narrativas dos professores Ferreira, O. (2016) - “[...] meu sentimento em relação à docência é de missão e de amor. O professor é professor porque gosta mesmo, porque não é fácil ser professor, não é valorizado, nem pelos nossos governantes e às

vezes nem pelos nossos alunos, mas ser professor é uma missão, é uma dádiva de Deus”, Cabral, F. (2016) - “Mesmo com o descaso da maior parte de todos os setores com a gente, à docência é uma profissão de coração” - e Ferreira, F. (2016) ” Eu não sei de onde é que veio a vocação para ser professora, sempre gostei de ensinar”.

Segundo Chagas (2015), a origem da visão do magistério como sacerdócio advém do século XVI, período no qual as atividades educacionais eram desenvolvidas pela Igreja, cujo corpo docente era composto exclusivamente pelo clero e objetivava uma formação religiosa. Por conseguinte, essa visão se estendeu ao século XVIII, momento em que houve a abertura da educação às camadas populares e os leigos assumiram a função docente na condição de voluntários, como um ofício de fé. A própria palavra professor, etimologicamente, significa aquele que professa sua fé, que se doa aos seus alunos e que terá como remuneração a eternidade.

Atualmente, essa visão é usada para justificar a falta de incentivos salariais, deficiência na formação acadêmica e continuada, excessiva carga de trabalho e condições indignas de trabalho. A invocação do dom e vocação são simbologias pertencentes ao *habitus*, usadas para explicar a devoção dos professores ao magistério, que, mesmo diante dos percalços, ainda permanecem na profissão, conforme afirma a professora Ferreira, F.

Já teve época em que pensei em ir para outras áreas, pensei em fazer engenharia, em prestar concurso para banco. Dei muita aula particular para quem faz concurso de banco e sempre me perguntavam porque que eu era professora, sendo que eu sabia o que é mais difícil para entrar em concurso bancário, e cada resposta era diferente, eu encontrava motivações diferentes para continuar na carreira docente (FERREIRA, F., 2016).

Deixar a sala de aula, apesar de já pensar nisso, para um tempo futuro, quando você é colocado em uma outra função e sai da sala de aula, é perturbador, te causa insônia, te causa um mal-estar, mesmo que você saiba que você está lutando, tendo outros ideais, mas é algo que mexe com a gente, docência é algo de coração, é algo que está dentro da gente mesmo, é uma profissão que, é uma profissão diferente das demais, porque eu já trabalhei em vários outros setores, mas a docência. Na verdade, eu trabalho com outras pessoas, saber que você influencia a vida dela, encontrá-la na rua, depois de um tempo, e fala: “oi, eu te conheço, ou, você foi o meu professor”. Encontrar alguém que passa o recadinho, põe o seu nome no *Face* falando: “olha, eu agradeço fulano, fulano e fulano, porque estiveram presentes na minha formação”. É muito gratificante, é saber que você fez parte da vida de muita gente e não de modo insignificante ou pejorativo, você fez parte para elevar aquela pessoa e isso não tem valor, essa estima não tem valor, apesar de a gente viver em um mundo capitalista (*sic*) (CABRAL, L. F., 2016).

A cultura de ajudar e servir ao outro é valorizada pela sociedade, razão pela qual a concepção da docência como vocação/sacerdócio se consolidou, historicamente, como uma forma de enaltecer o sacrifício daqueles que optaram pelo magistério. Bourdieu (2015, p. 201) afirma:

O princípio unificador e gerador de todas as práticas e, em particular destas orientações comumente descritas como “escolhas” da “vocação”, e muitas vezes consideradas efeitos da “tomada de consciência”, não é outra coisa senão o *habitus*, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que enquanto lugar geométrico do determinismo objetivo e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas.

A visão de sacerdócio e vocação na docência tem conduzido os professores a uma proletarização, que é demonstrada por meio da degradação da autonomia, diminuição dos rendimentos, sobrecarga de trabalho e perda de direitos. Nos depoimentos, esses sentimentos são claramente evidenciados:

Ao longo desses anos, passamos por muitas decepções, muita glória, muita coisa boa, mas muita coisa ruim, muita luta, o professor não é valorizado, mas nós temos que unir forças para conseguirmos nossos direitos, isso não é fácil, é uma luta, tivemos muita perseguição, por ordem dos nossos chefes. Espero que essas coisas mudem, que 2017 seja um ano melhor e que as perseguições e as coisas ruins que estavam na educação melhorem no próximo ano (FERREIRA, E., 2016).

[...] o que mais me desagrada é a falta de reconhecimento, tanto da sociedade como dos governantes; querendo ou não, todos passam pelas mãos de professores, então, toda e qualquer formação que o cidadão tem ele passa por um professor, e eles não veem um professor como deveriam, e os governantes, por conta de salários que são tão baixos como os de hoje, às vezes eles desfazem dos direitos que a gente lutou para conseguir, assim, do dia para a noite. E a gente vive aí, o professor tentando pegar mais aulas, isso atrapalha inclusive na qualidade das aulas (CABRAL, L. A., 2016).

[...] Aí nós vamos tentando equilibrar as coisas e estou procurando me aperfeiçoar, porque sempre quis fazer um mestrado, sempre busquei isso, já tentei várias vezes o curso que é oferecido aos professores que estão atuando, que é o PROFMAT, mas vejo que quem está na sala de aula não tem tanta possibilidade de preparação para essa prova, porque eu sempre trabalhei com 40 aulas, 42 aulas semanais e toda preparação dessas aulas, organização de atividades, provas, exercícios, correção, esse trabalho é muito cansativo, e acabava não dando possibilidade de estudar (SILVA, 2016).

As escolas querem ter sucesso e põem 42 aulas para um professor, uma aula para cada primeiro, quatro primeiros, uma aula em cada segundo, quatro segundos, uma aula em cada terceiro, quatro terceiros, e aí põe uma aula em cada nono, e o professor tem que saber a matéria do primeiro, do segundo, do terceiro, do nono, fazer esses planos de aula, que roda lá no programa lentamente, qualquer pessoa que se coloca no lugar do outro, devia falar, que isso é um castigo, não tem “cabimento” é trabalho escravo, sem precedentes, isso é fadado ao fracasso. A pessoa só se submete a isso porque não tem outra opção (CABRAL, L.F., 2016).

Huberman (2013), em sua pesquisa sobre o ciclo de vida profissional dos professores, constata que existem sete fases na carreira docente, quais sejam: ingresso na carreira, estabilização, diversificação, pôr-se em questão, serenidade e distanciamento afetivo, conservantismo e lamentações e o desinvestimento (pp. 37-46). Esses aspectos, de modo geral, podem ser identificados nas narrativas dos professores entrevistados.

Infelizmente, cansando pelo descaso do governo, da família, dos alunos, pela falta de interesse, de motivação, e hoje eu já penso, eu não gostaria jamais de dizer isso, mas penso em abandonar a docência e futuramente vou trabalhar na área de Engenharia, construção civil. Mas, Deus sabe de todas as coisas, são projetos meus, mas eu espero que esteja sob os cuidados dele, se ele assim permitir, eu farei, se for permissão de Deus, caso contrário, eu estarei trabalhando, lutando ao lado dessa categoria que vem sendo desprestigiada a cada dia, mas é idealista (*sic*) (CABRAL, L.F., 2016).

O trabalho docente constitui-se a partir da junção entre os saberes da vida pessoal e ou da profissional. O professor não desenvolve o seu trabalho de forma isolada; as políticas educacionais e de reconhecimento profissional exercem fortes influências sobre a maneira como os professores lidam com suas carreiras. Huberman (2013, p.43) afirma:

[...] é evidente que os parâmetros mais sociais – características da instituição, o contexto político ou econômico, os acontecimentos da vida familiar - são igualmente determinantes. É possível, por exemplo, imaginar as condições de trabalho na escola que acentuariam ou diminuiriam a monotonia em situação de sala aula em termos tais que pudessem induzir, ou afastar os sintomas que integram o “questionamento a meio da carreira”.

Essa crise de identidade provoca mal-estar nos professores, cujas consequências são vistas e demonstradas a todo tempo. De modo geral, pode-se compreender que essa crise é resultado das transformações ocorridas na sociedade e que modificam o sentido e o significado do trabalho docente. “Hoje, o aluno é outro, a realidade é outra, as dificuldades são as mesmas, só que tem que trabalhar com realidades diferentes; a tecnologia já está mais avançada do que

há trinta anos” (FERREIRA, E., 2016). “E hoje, com raras exceções, uma juventude desmotivada, desinteressada na escola, a gente compete em termos de tempo, ele quer usar o tempo dele na tecnologia [...]” (CABRAL, L. F., 2016).

É possível notar nos depoimentos que os professores reconhecem que os avanços tecnológicos alteram as relações em sala de aula e que o rendimento dos alunos não é mais o mesmo.

Hoje, o nosso jovem passa uma porcentagem muito significativa do tempo dele no celular ou no *Face*, no *WhatsApp* e a gente compete com esse tempo, você quer tirar esse tempo usado para essas atividades e chamar esse aluno para o estudo. Mas é uma competição que a gente não ganha, porque a gente não é interessante tanto quanto o *Face* ou o *WhatsApp*. Sentar, ser disciplinado, forçar você a aprender alguma coisa é muito menos interessante do que conversar com alguém descompromissadamente, não é? A gente fica tentando com os míseros 45 minutos, 50 minutos de aula, mesmo que você veja ele, no caso de Matemática, quatro vezes por semana, mas esse tempo é insignificante para o restante do dia que ele vai ficar com a mente voltada para essas outras atividades. Gostaria muito que quando eles saíssem dos portões da escola, que fossem estudar, que fossem em uma aula com o monitor, resolver tarefa, que entrassem na internet e procurassem no Youtube uma aula diferente, mas isso não ocorre e, infelizmente, quando ele volta no outro dia, você se depara com o fato que ele nem lembra o que você disse no dia anterior, é complicado, apesar de a gente ficar contente de saber que você está em uma profissão que tenha a possibilidade de mudar a vida de alguém, você também tem a aflição de saber que em muitas das vezes você não está atingindo essa meta, você não está conseguindo fazer isso, está passando por ele mais como um disciplinador, como uma pessoa que dá lições de vida, mas não contribui com a formação real com que ele precisa. A gente não consegue instrumentalizá-lo, em termos de ter conteúdo, de saber fazer, para quando ele for testar um ENEM, em uma prova de concurso, realmente mudar a vida dele. Então a gente sabe que deveria saber atingir mais alunos, mas a porcentagem que a gente consegue, hoje, é uma porcentagem de uns 20, 30% real, é isso, 70, 80% estão de passagem, infelizmente, e isso entristece (CABRAL, L.F., 2016).

Assim, fica evidente que o trabalho docente está intimamente relacionado ao envolvimento dos alunos com a disciplina. Os professores esperam que seus alunos contribuam com o seu ofício.

Outro ângulo do trabalho docente que deve ser observado é a hierarquia dos ambientes escolares. O professor é a base do sistema educacional, portanto, está subordinado às expectativas dos coordenadores, gestores, pais e alunos, além, é claro, dos supervisores externos. Essas expectativas nem sempre são coerentes ou alcançáveis. Assim, os insucessos escolares são sempre atribuídos aos professores, o que provoca uma sensação de fracasso, incompetência e revolta nos profissionais.

Ser um bom professor seria atingir cem por cento dos alunos. Coisa que tento desde quando comecei a dar aula, só que a gente não consegue, então, eu vivo procurando maneiras para aumentar essa porcentagem, que hoje é em torno de 40% que pega o conteúdo, e mais uns 20 ou 30 que chegam a ser regular, o restante, na verdade, empurra com a barriga. Então, não consegui, ainda, ser um bom professor, porque eu teria que atingir a todos e eu não consegui, a minha frustração é de não atingir todos (*sic*) (CABRAL, L. A., 2016).

Então, o que mais me incomoda é saber que estou preparando o aluno, ou para o mercado de trabalho, ou para uma vida, ou para uma prova, que ele não teve todas as condições para chegar lá e ter êxito, mas eu falo para ele que tem que ter, e o mundo fala para ele que se ele não teve, é porque não se esforçou o bastante. E sou eu que carrego essa mensagem lá para dentro da sala de aula. Então, quando pega essas provas externas, eles ficam muito decepcionados com o resultado; às vezes a gente avalia algumas questões que não têm nem lógica, não tem porque o menino saber aquilo exatamente, e eu preciso falar: - não foi falta de esforço, ou eu preciso ter essa análise com ele, o menino não vai pensar que é porque a escola não deu todas as condições, eu acho que é isso o que mais me incomoda, de tudo (FERREIRA, F. 2016).

Uma coisa que me chateia, me deixa para morrer em instituição de ensino, é quando eu ouço um coordenador, um diretor, falar assim: “olha, nós vamos apurar de quem é a culpa de o aluno não ter tirado nota”. Você, como policial, já ouviu um chefe seu apurar a culpa de um profissional da área de segurança, porque a criminalidade subiu? É sua culpa mesmo? Você tem culpa porque fulano matou beltrano? É assim que te tratam como profissional? É esse o mesmo sentimento que eu tenho em sala de aula, eu fico procurando um jeito de sair de perto quando eu ouço termos como esse, porque é o extremo do desrespeito para quem está lecionando, para quem está sendo responsável, para quem está trabalhando com ética, para quem tem respeito com a profissão, isso me mata, me dá um tanto de tapa, bem dado, mas não fala isso para mim. Se você quiser apurar as responsabilidades, eu estou apta a qualquer momento para contribuir e a dizer qual a minha responsabilidade no processo, mas não vem dizer para mim que hoje nós vamos aplicar um dispositivo para avaliar de quem é a culpa (*sic*) (CABRAL, L. F., 2016).

Para Huberman (2013, p. 38), “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades”. Os conflitos, as frustrações e os desencantamentos enfrentados cotidianamente pelos docentes remetem-lhes a replicar o discurso do sacerdócio e do dom como uma forma de justificarem a permanência na profissão e como força do *habitus*, conforme afirma Bourdieu (2015, p. 190):

[...] do ponto de vista do *habitus* socialmente constituído, para que lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado

estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas objetivamente vinculadas a estas posições.

Para tornar-se professor são necessárias horas de estudos e de empenho. Os docentes são profissionais que se dedicam tanto ou muito mais que outras categorias, mas, erroneamente, são simplesmente substituídos por qualquer pessoa, o que desprestigia a profissão, revelando que para ser professor, não necessita se profissionalizar. Essa visão reforça o caráter sacerdotal da profissão, os professores são imbuídos de uma grande responsabilidade social, mas não possuem o devido reconhecimento social e/ou financeiro, há uma incompatibilidade entre valor educacional e o retorno salarial.

Dessa forma, é possível perceber que essas questões conduzem os professores a propagarem para seus alunos as deficiências da profissão docente e, conseqüentemente, a necessidade de se esforçarem para galgarem outras profissões distintas da docência.

Em contrapartida a isso, deveriam chamá-los para a luta, como disse Freire (1993, p.18): “Não é possível também ser professora sem lutar por seus direitos para que seus deveres possam ser melhor cumpridos”. Portanto, faz-se necessário a formação de profissionais conscientes da realidade social e menos imersos no romantismo da profissão.

Em suma, ao alimentar cunho vocacional da profissão, os professores não podem perder de vista a necessidade de valorização e de respeito à carreira docente, almejando sempre uma formação adequada e uma remuneração condizente com as responsabilidades inerentes ao seu ofício.

3.2.3 Influências acadêmicas e profissionais

A escola é, sem dúvida, um dos principais espaços de socialização da atualidade. São nos ambientes de ensino que há interação entre os sujeitos, seja por meio da disseminação do saber, seja por meio das relações estabelecidas entre seus membros.

Na escola ocorre a junção do *habitus* familiar com os princípios educacionais do Estado. São os currículos escolares que estruturam e organizam as nossas identidades. Uma grande parcela do tempo social é vivenciada nos ambientes de ensino, por onde também perpassa a maioria da população. “O que os indivíduos devem à escola é, sobretudo, um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns” (BOURDIEU, 2015, p. 207).

Os ambientes escolares, portanto, disseminam o conhecimento e se constituem como mecanismo de formação social. As experiências vivenciadas nesse espaço acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem ou passam a limpo o *habitus* familiar.

Os indivíduos privilegiam segundo Bourdieu (2015), a primeira educação e as primeiras experiências escolares, como forma de evidenciarem seus posicionamentos e visões de mundo. Nas narrativas dos professores entrevistados, percebe-se a elevada estima e admiração aos ambientes escolares que frequentaram ao longo de suas trajetórias.

[...] o que me marcou bastante no João Roberto foi minha primeira professora, que me alfabetizou e a quem eu devo muito, que é a Maria Dione Lopes de Souza. Depois, estudei na Escola Polivalente Dante Mosconi; lá eu tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que marcaram minha trajetória, uma delas foi a Professora Irene Teixeira, que foi minha professora de Matemática, o professor Valdemar Coimbra, que também foi meu professor de Matemática. Também tive a oportunidade de participar, no Dante Mosconi, das aulas de Educação para o lar, Técnicas Agrícolas, em que fazíamos aulas práticas, cortar grama, fazer horta; foi uma parte muito importante na minha vida que eu passei dentro do Dante Mosconi (FERREIRA, E., 2016).

[...] quando eu estudei, na época da ditadura, a coisa era tudo certinha, então eu passei a ter aquilo, eu era meio bruto. Quando eu comecei a dar aula, os meninos morriam de medo de mim, isso foi acabar só após eu dar aula particular em casa, por necessidade, pois eu tinha que atender o aluno individual, ter mais paciência, trabalhar tranquilo, então, aquilo me levou a perceber as dificuldades que o aluno tem de aprender. Também revi esta prática após trabalhar na direção da escola, o que me ajudou a rever meus conceitos de sala de aula (CABRAL, L. A., 2016).

Nós estudamos no IPSG, que antes era ISG. Apesar de haver pagamento de mensalidade, nós recebíamos bolsa, porque o pessoal da Presbiteriana sempre organizou para estudarmos lá. Por isso, eu tive uma boa educação. O ISG, desde aquela época, já era considerado muito bom (FERREIRA, F., 2016).

[...] fiz a primeira fase na Escola Auta de Souza, que é uma escola municipal; a segunda fase no Nestório Ribeiro, de frente da minha casa, tive a graça de estudar na escola que leciono e que amo muito de coração, e também foi o quintal da minha casa, onde brinquei, onde aprendi a andar de bicicleta, onde tive meus amigos de infância, então tenho uma história, um apego muito grande com o local onde trabalho hoje, porque lá também é uma extensão do meu lar (CABRAL, L. F., 2016).

Assim que eu olho por esses corredores, em que eu estive aqui por muito tempo e ainda me sinto como estando aqui, quem eu encontro pelos corredores foram meus professores, aquilo é uma referência muito boa de lembrar, como eram aqueles tempos, lembrar da professora Luciene, que muito nos ajudava, que nos incentivava. Aqui eu tive contatos muito bons. Um professor que foi

quem despertou em mim a vontade de querer descobrir as coisas, foi um professor da 6ª série, professor de História, que quando ele veio para dar aula na minha turma tinha chegado de Londres, então aquilo para minha era um sonho ver aquele professor revolucionário, que sentava em cima da mesa para contar algumas coisas, para imaginarmos aqueles lugares em que ele passou, como era essa história. Eu via certo ar de rebeldia, mas bem discreto, disfarçado, mas aquilo era muito bom, chamava nossa atenção (SILVA, 2016).

Assim, o cabedal das memórias, segundo Bosi (2004, p.54), é estruturado a partir dos grupos de convívio e referência inerentes a cada indivíduo. Logo, além de reconhecer e atribuir valor aos espaços escolares, a imagem dos ex-professores e suas práticas pedagógicas se sobressaem nas narrativas dos docentes entrevistados.

Quando eu fiz o 2º grau no ISG, teve uma professora que marcou bastante a minha vida profissional, que é a professora Rosália de Assis. Ela para mim é um exemplo de profissional, a minha característica de professor eu me inspiro nela, ela é uma pessoa que me inspirou profissionalmente. Ela tinha um jeito assim especial de dar aula para a gente, conversar, para mim ela era perfeita como professora (FERREIRA, E., 2016).

Eu me lembro de uma professora no sexto ano de Geografia, que contava histórias, ela não passava conteúdo, ele contava as coisas e você se envolvia e de certa forma aprendia, pois, ao chegar em casa pesquisávamos tudo o que ela tinha falado em sala. Também tive uma professora de Português, que todo início de aula lia durante dez minutos um livro. E eu ficava querendo saber o final do texto, então não matava aula, prestava atenção e por meio disso comecei a gostar de ler e de estudar também. Porque eu gosto de estudar, hoje! Há também a professora Nilda de Matemática aqui no ensino médio, gente! As aulas dela eram perfeitas, demonstrava as fórmulas e eu olhava para aquilo e achava que tinha tanta lógica, ela me marcou nesse ponto, por me mostrava de onde vinham todas aquelas operações matemáticas, ao contrário dos professores do ensino fundamental, que já me davam as fórmulas prontas, só para usar (FERREIRA, F., 2016).

Um professor de história, na 6ª série, ele mostrava que história era aquilo que você vivia, mostrava de uma forma bem diferente que eu havia conhecido essa história de uma maneira viva; para mim isso foi muito marcante, e analisando o que eu passei também após a atividade de ontem, eu me recordei de algo que foi muito significativo, a disciplina de Filosofia que eu tive aqui no curso de ensino médio, em que, por meio de conversas, orientações, com Euclides Corrêa, que ministrava as aulas, fazendo a gente refletir, pensar, questionar [...] (*sic*) (SILVA, 2016).

A presença desses personagens na vida dos docentes entrevistados comprova o que afirma Tardif (2014, p. 19): “[...] o saber profissional está, de um certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais,

das universidades etc”. À vista disso, pode-se afirmar que as práticas pedagógicas as quais foram submetidos ao longo de sua formação acadêmica, alicerçam o trabalho pedagógico dos professores.

Na escola, ninguém pode passar a mão na cabeça de menino, tem que exigir mesmo, então o professor que cobra mais ele fica marcado na vida do aluno, prova disso, a professora que mais me marcou no 2º grau era a professora mais exigente, era a mais “caxias” e me inspiro nela para ser professor, a Professora Rosália. Ela exigia o máximo que podia, então marcou a vida de muita gente na sociedade jataiense, e hoje sendo uma profissional aposentada respeitada, aonde ela chega é reverenciada (FERREIRA, E., 2016).

Professora Eliana Melo, hoje Secretária de Educação no Município, foi minha professora no Magistério, dinâmica, organizada, batalhadora, um exemplo de pessoa, mais pela pessoa, do que pelo que ela ensinava, mais pela empolgação dela, pelo interesse com a nossa aprendizagem. Lembro do Professor Aníbal, Professora Rosália, Professor Iron, todos os três professores de Matemática, me marcaram muito, principalmente por causa da organização, da técnica, sempre muito bem organizado no quadro, sempre bem distribuído, a letra bem legível, a fala compassada, a atenção aos detalhes, excelentes professores de Matemática e hoje referência em Jataí. Me espelho, tenho tentado muito agir com o mesmo formato (*sic*) (CABRAL, L.F., 2016).

Destarte, não somente aspectos positivos são lembrados e narrados; passagens e momentos de constrangimento, julgamentos e má conduta dos ex-professores também são evidenciados nas narrativas dos professores. Ao relatar essas passagens, os entrevistados parecem refutar esses comportamentos, como se dissessem “eu nunca agirei assim com os meus alunos”.

A professora me mandou ler um texto na aula de português; aí ele falou no meu ouvido: “nossa, não entendi nada desse texto”. Por ironia do destino, a professora pediu para fazermos a leitura silenciosa e depois na hora que ela foi discutir o texto, a primeira pessoa que ela pediu para levantar e falar sobre o texto fui eu, e o bobo aqui acreditou na história do colega e falei para a professora que não havia entendido nada do texto. A professora levantou da cadeira e acabou comigo na sala de aula; se eu soubesse dos meus direitos, eu tinha processado a professora, pois ela disse que eu não tinha competência para estar no 7º ano, pois se não entendia um texto daquele, não poderia estar naquela série. Essa professora me marcou negativamente a minha vida pelos maus exemplos que ela deu, ela era muito boa professora, mas ela jamais deveria ter falado para mim o que ela falou, eu sendo uma criança de 12 anos (FERREIRA, E., 2016).

Eu tive um problema na faculdade, com uma professora, então não me esqueço disso. Ela tinha voltado do Doutorado na Espanha e com certeza estava bastante empolgada, e, para mim, nada daquilo que ela falava fazia sentido,

eu falava assim: “- não, mas você já tentou na prática?” Eu era uma pessoa chata, sou ainda. Eu insistia - “-mas você já tentou aplicar isso na prática para ver se funciona? Porque às vezes aqui não funciona”. Lembro-me que ela implicou comigo, e eu também devo ter implicado com ela, mas deixa falar só da parte dela! Isso me marcou para ver que independente do que acontecer com o aluno, tenho que me manter neutra, em relação a sentimentos. Eu queria fazer Mestrado em Educação e ela era minha professora de didática e de metodologia. E para poder concorrer, tínhamos que ter indicações, e ela não ia me indicar nunca. Então, como eu não podia ir para a área dela, Educação, tentei a área da Matemática, mas vi que não era o que eu queria. Isso me marcou negativamente, percebi que ela levou para o lado pessoal (FERREIRA, F. 2016).

Quando eu fiz o curso de Direito, eu estava fazendo uma prova de direito processual do trabalho, com a professora Kátia Prado e naquela situação eu tinha uma colega que sofria muito tique, ela se balançava e mexia, muitos trejeitos e no momento da prova ela ficou muito ansiosa e ela me pediu ajuda, então peguei minha prova, transcrevi em uma borracha enorme e passei para ela e eu tinha um respeito muito grande pela Kátia. Ela é muito responsável, séria e, infelizmente, quando minha colega pegou essa borracha, como ela tinha muito tique, é um problema de doença, problema real, e ela movimentou de forma desajeitada demais e mandou essa borracha para o meio do corredor, a professora veio, pegou a borracha entre eu e ela, olhou e falou: “de quem que é a borracha?”. Eu não podia deixar a fulana, que já estava em dificuldade, zerar a prova, me passou uma vergonha tão grande, mas tão grande, e eu disse: “essa lambança sou eu que estou fazendo”. Eu assumi na hora, sem pestanejar, mas fiquei muito envergonhada, porque o curso de Direito, eu fazia questão de estudar muito; tirava as melhores notas na sala de aula, apresentar uma cola, era como jogar uma colher de veneno sobre a minha prática até o momento, era dizer: “olha, você não é confiável”, e eu fiquei muito envergonhada com aquilo, foi uma situação muito constrangedora. Essa eu levo comigo e quando acontece uma situação dos meus alunos, de estarem em uma situação como essa, eu tenho pena, eu tenho piedade (CABRAL, L. F., 2016).

De acordo com Libâneo (1992), a maioria dos professores, baseia suas práticas em “prescrições pedagógicas” oriundas de suas passagens pela escola ou advinda de colegas mais velhos. A vista disso, os professores entrevistados evidenciam:

Quando eu fiz o 2º grau no ISG, teve uma professora que marcou bastante a minha vida profissional, que é a professora Rosália de Assis. Ela para mim é um exemplo de profissional, a minha característica de professor eu me inspiro nela, ela é uma pessoa que me inspirou profissionalmente. Ela tinha um jeito assim especial de dar aula para a gente, conversar, para mim ela era perfeita como professora (FERREIRA, E., 2016).

Na minha trajetória escolar, como referência, eu tive poucos, e não saberia citá-los, mas eu cito dois que me ajudaram muito durante minha prática em sala de aula: Professor Edmilson e Professora Rosália. Quando eu precisei de auxílio para poder alavancar minha profissão, eu recorri a eles, e eles me

ajudaram bastante, então tenho eles como duas pessoas que me ajudaram muito na minha carreira (CABRAL, L. A., 2016).

A Professora Rosália foi uma das principais professoras do ensino médio aqui, enquanto não havia universidade, muitos anos atrás, ficou muito conhecida no estado, foi professora lá no Nestório Ribeiro, foi minha professora na quinta série, eu trago um respeito pelo trabalho e pela pessoa. Um respeito mesmo, eu hoje quando estou na rua, passo pela feira, ela hoje é aposentada, eu a vejo, eu tenho o prazer de ir lá cumprimentá-la, eu me sinto bem de falar com ela pelo menos um bom dia. E depois, anos mais tarde, eu tive a oportunidade de trabalhar, lecionar na escola que ela era Coordenadora, que ela foi professora e é uma satisfação muito grande. Não foram só eles; a professora Luciene de Sociologia pautou minha prática, durante muitos anos porque as aulas dela eram tão dinâmicas, gostava tanto do modo como ela expunha a sociologia que eu me apaixonei, então existem inúmeros professores que, pelo modo como ele trata você, pelo respeito que ele tem pelo aluno e pelo que ele ensina, ele serve de exemplo (CABRAL, L.F., 2016).

Dos cinco professores entrevistados, três destacam a professora Rosália de Assis como referência pedagógica. Vale ressaltar que as professoras SILVA (2016) e FERREIRA, F. (2016), por serem mais jovens, não a conheceram no exercício da docência. Sentimentos de admiração, respeito e estima permeiam as lembranças dos professores sobre a docente.

Na época era o quadro de giz, ela riscava e fazia uns pontinhos no quadro. Eu aprendi a fazer aqueles pontinhos só de vê-la fazendo. Quando eu começava a dar minhas aulas, eu fazia os pontinhos do mesmo jeito que ela fazia, hoje não é possível mais isso porque não tem mais giz, é pincel, mas ela como profissional era perfeita, inspirou a profissão de várias pessoas, e todo mundo que passou pelas mãos dela passou a gostar um pouquinho de Matemática, realmente ela vivenciava o que ela ensinava para nós (FERREIRA, E., 2016).

Para Bourdieu (2015, p. 214), “[...] a escola não fornece apenas indicações, mas também define itinerários, ou seja, no sentido primeiro, métodos e programa de pensamento”. À semelhança, Tardif (2014, p. 19) afirma que “[...] o saber profissional está, de um certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades, etc.”. Compreende-se, portanto, que as relações sociais estabelecidas nas instituições de ensino, sejam elas acadêmicas ou profissionais, interferem diretamente no modo de agir e pensar dos profissionais.

Vale, ainda, ressaltar dois pontos que foram expressos nas narrativas dos professores entrevistados, que também contribuem com a formação da identidade docente, bem como com a estruturação das suas práticas pedagógicas, que são a entrada na carreira e a assunção a cargos de gestão.

De acordo com Huberman (2013), a entrada na carreira docente é marcada por exaltação, entusiasmo e insegurança. É nesse momento que os professores entram em contato com o cotidiano escolar e têm a oportunidade de explorar a sala de aula de maneira autônoma, para além dos muros da universidade. Nos depoimentos, é perceptível o quanto a prática pedagógica se alterou ao longo dos anos, com a experiência adquirida. Ao narrarem o início da carreira, os professores submetem o passado à óptica da experiência adquirida.

A primeira vez que eu entrei numa sala de aula me marcou bastante. Foi no 1º “C” de contabilidade no noturno, eu fui dar aula de biologia, e por eu ser muito tímido na época, muito fechado, tive muita dificuldade na primeira aula, pensei comigo que não voltaria nunca mais, isso não é para mim, eu fui testado de todo jeito pelos alunos, pois já eram alunos adultos, alguns mais velhos que eu, uns foram meus colegas de escola. [...] pensei que não voltaria nunca mais, depois pensei que teria que lutar por isso, e devagarzinho eu cheguei, com jeitinho, com dedicação eu conquistei meu espaço (FERREIRA, E., 2016).

[...] quando eu comecei a dar aula, eu era bem chato, o menino não podia mexer na cadeira que eu estava brigando com ele. Eu dava aula no ensino fundamental II, os meninos muitas vezes já chegavam com medo de mim, porque a conversa andava, mas com o passar do tempo foram acostumando comigo, e mesmo com as cobranças meio radicais, coisas que eu mudei depois, hoje eu sou bem mais *light*, até demais (CABRAL, L. A., 2016).

Ao longo de minha trajetória como professora, eu mudei muito. Olho para mim hoje e para a reação dos alunos hoje e comparo comigo antes do mestrado. Nossa, eu mudei muito, eu era muito severa, primeiro porque eu gosto de matemática pura, então eu queria ensinar a matemática que eu gostava, que para os meninos é um pouco mais complicada. Então, eu era muito severa, eu consigo manter, se eu quiser, o silêncio absoluto, eles fazem, então eu era assim. Depois de algumas reflexões, acho que até uma dessas formações que eu nunca tive na área da educação, de formação de um indivíduo, fui mudando a minha visão de educação [...] (*sic*) (FERREIRA, F., 2016).

[...] desde 99 eu dou aula e eu peguei uma turma de EJA, minha primeira turma, dava aula para muitas pessoas, bem mais velhos do que eu e cada um com uma história diferente, não foi fácil. Foram seis meses, depois com o ensino regular, e às vezes, dando aula para crianças também, mas o primeiro contato foi com uma turma de EJA e foi muito bom. E cada um tinha uma dificuldade, ou uma pequena facilidade, um dia ele estava na aula, no outro não, era bem diversificado. Foram só seis meses, porque entrou outra professora que continuou com a turma, eu era só contrato, e tive que sair, mas não por vontade (*sic*) (SILVA, 2016).

[...] eu mudei muito, porque os alunos do ensino médio eu percebo eles como um pouco senhores de si e se você se mostrasse alegre, você chega e se mostra, sorridente em sala de aula, é motivo para eles começarem uma conversa, ou tentarem trazer uma informação alheia à aula do dia, para tentar desvirtuar completamente. Então, no ensino médio, eu já tinha assistido a muitas aulas com a Rosália, com o Iron e percebi que você precisa ser mais técnico e mais sério, não se movimentar muito, ficar mais centrado, sem contar uma história que pudesse rir, porque a intenção deles é realmente desvirtuar, então, não correr esse risco. Você não tem a oportunidade de falar alguma coisa, assim para se tornar agradável, você já entra em um ambiente que está meio desorganizado, então você já entra com aquela característica, de oh, estufando o peito: “eu estou aqui, eu vou impor a minha presença, você já tem que me olhar”, e aí é uma postura de pessoa que não veio a brincadeira, que não veio para trazer nada lúdico, é uma pessoa que veio para dar uma informação técnica ali, que vai exigir que a pessoa esteja olhando para ela (*sic*) (CABRAL, L.F., 2016).

Ainda há de se ressaltar que os cargos exercidos extrassala de aula, segundo os professores entrevistados, constituíram momentos de rupturas, transformando e alterando o percurso de suas trajetórias profissionais e pessoais.

[...] eu fui convidado para ser diretor do Marcondes de Godoy, eu achei que eu tinha o direito de ter essa experiência, eu fui e gostei, na direção da escola eu me realizei muito mais do que como professor. Como diretor eu podia ajudar mais o professorado, o aluno, o pai, eu via mais o pai, o aluno. Como professor, não dava muito tempo da gente fazer esse trabalho. Na época que eu fui diretor, até a minha vida pessoal foi mais feliz, foi a época que eu vivi melhor (FERREIRA, E., 2016).

[...] fiquei até 2005 na direção; saindo de lá, tive uma licença, fiquei 6 meses afastado, espero que não tenha que tirar isso mais, porque é muito ruim. Daí eu fui trabalhar em quatro escolas, trabalhei no João Roberto, no Emília, no Polivalente Dante Mosconi e lá no Alcântara. Aí consegui uma vaga aqui no Colégio Nestório Ribeiro para coordenação. Fiquei, acho que menos de 6 meses nesta função, desisti e voltei para sala de aula, isso foi em 2006 ou 2007. Logo depois, fui convidado a ser vice-diretor aqui e aceitei. Disseram que não tinha ninguém para ser candidato a vice e só tinha uma única chapa, eu resolvi ir e na verdade depois apareceu outra chapa, mas nós ganhamos e eu fiquei o período, que eram três anos, mas eu não fiquei esses três anos, porque saí para me candidatar a vereador. Fui candidato, não fui eleito, o pessoal estava em greve, não tive como pedir aos colegas para me ajudar, então não tive êxito, mas foi bom, foi gratificante. E depois disso eu assumi a Administração da SMT (Superintendência Municipal de Trânsito), a convite do Superintendente, estou lá após oito anos de mandato do prefeito, estou saindo agora e estou aqui no Nestório, até hoje também, com aulas no ensino médio, mesmo depois de ter passado a Colégio Militar (*sic*) (CABRAL, L. A., 2016).

[...] estou sempre inserida em alguma coisa; na UFG, onde eu fiz a graduação e o mestrado, participo de um grupo que oferece cursos, palestras e oficinas

para os professores de Matemática da Rede Estadual de Ensino. No Estado participo das formações continuadas e no IFG, onde fiz a especialização; estou cursando disciplinas como aluna especial no Mestrado, com isso eu tenho contato com o pessoal, e eles me chamam para escrever artigo, para avaliar trabalho (FERREIRA, F. 2016)

O máximo que eu fui foi coordenadora da significação do ensino médio, em 2009, quando foi feita a implantação, eu participei de toda a implantação, organização da escola, das disciplinas opcionais, aquisição de materiais, essas coisas todas, por isso eu não tive como concluir a especialização. Porque, nessa época, tinha 21 aulas e o restante era coordenação, aí eu podia fazer as aulas, só que de repente o cargo foi extinto, por uma razão da vida eles falaram: “não, não vai ter mais coordenador do ensino médio”. Eu tive que voltar e pegar minhas 42 aulas, e não dava mais para concluir. O que eu fiz, foi essa parte, mas sempre participei de conselho escolar e na escola no que precisa, estamos lá, no pequeno grupo com as mesmas pessoas que trabalham sempre. Mas, direção, nenhum cargo na gestão, não, só coordenadora e por um curto período (SILVA, 2016).

Existe uma relação estreita entre a memória e o trabalho, pois, segundo Bosi (2004, p. 479), findado o período de formação escolar e acadêmica, são nos ambientes de trabalho que se passa a maior parte do tempo social. Sendo assim, as experiências profissionais integram o cabedal das memórias; enquanto se trabalha, adquire-se experiência. Nesta concepção, entende-se que os ambientes de trabalho também moldam as identidades e contribuem de maneira significativa para a formação dos indivíduos.

3.2.4 Sentido e sentimento sobre a profissão docente

Pensar a relação entre o indivíduo e a profissão com base no *habitus* significa entender que os sentimentos pessoais sobre a carreira são orquestrados pela coletividade. O *habitus*, na perspectiva de Bourdieu (2015), pode ser compreendido como uma subjetividade socializada. Dessa maneira, o sentido e o sentimento sobre a profissão docente devem ser vistos como um conjunto de percepções, apropriações e ações constituídas nos espaços de ensino, sejam eles de formação ou de exercício da profissão.

Convictos do seu papel social, os sujeitos da pesquisa expressam uma visão extensa sobre a atividade docente, ressaltando a importância da formação e a ampla responsabilidade da profissão, uma vez que suas decisões interferem diretamente na aprendizagem do aluno.

Além de professor, sou educador e tento relacionar o máximo com o aluno para tentar ajudá-lo. Às vezes, extrassala de aula, problemas particulares ou outra necessidade tento resolver, aquilo que eu não tenho capacidade eu

procuro um profissional mais habilitado para me ajudar a encontrar a solução (FERREIRA, E., 2016).

Bom, ser professor para mim é tentar passar para os alunos um pouco de conhecimento daquilo que a gente obteve durante a nossa trajetória. Sempre auxiliando, tentando com que ele tenha um norte para seguir rumo ao futuro acadêmico dele (CABRAL, L. A., 2016).

Gosto de fazer parte da formação do aluno, é muito gratificante para mim quando ele fala assim: “nossa professora, a senhora me ajudou nisso”, não precisa ser nem em Matemática especificamente. Eu gosto pelo fato também de todo dia ser diferente, não conseguiria ter uma profissão que todo dia eu fizesse a mesma coisa, por mais que eu dê aula todo dia, toda aula é diferente e eu gosto dessa situação (FERREIRA, F., 2016).

Ser professora, para mim, é lidar com muita responsabilidade frente aos meus alunos, passando para eles uma informação que seja verdadeira e correta, que tenha significado. Busco conhecê-los também, não fico apenas no conteúdo, costumo sempre tratá-los pelos nomes, trato a questão em sala de aula, primeiramente pelo respeito, e isso eles acabam tendo comigo também, e ser professora é muito mais que apresentar um conteúdo, é manter ali uma convivência. Eu não vou para aquela sala simplesmente para realizar um trabalho, eu vou para aprender e para ensinar, é um momento de troca (SILVA, 2016).

Ser professor é ter a clara noção de que a sua serventia é única, é tornar alguma coisa mais apta à assimilação de outra pessoa. Se você conseguir que outra pessoa te entenda, compreenda o que você está dizendo. Ser professor é ser responsável pela aprendizagem de outra pessoa. Se você sair, você tem que saber: “olha, eu estou contente, porque o outro aprendeu”. Não é “eu estou contente porque eu dei a minha aula”, que é o que a maioria faz. Eu estou contente porque eu passei a página do livro, não é eu estou contente porque o que realmente eu ensinei o outro aprendeu, você pode passar 45 minutos, 1h30m lendo um texto e ir embora sem terminar sua página; se o outro aprendeu, aí são outros quinhentos (CABRAL, L.F., 2016).

Com base no que disse os professores, percebe-se que a maioria dos entrevistados possui um vínculo afetivo com a profissão. Mesmo aqueles que se dizem contrariados, ressaltam aspectos gratificantes da carreira. Outro ponto importante evidenciado pelos professores é a admiração dispensada à disciplina que ministram; em vários trechos, o amor pela Matemática é ressaltado.

Mas nunca parei de ministrar aulas de Matemática. Posteriormente, fui fazer Biologia, na época, me disseram que seria uma Licenciatura com habilitação em Biologia e Matemática, mas a certificação foi apenas em Biologia. Mas eu nunca dei uma aula de Biologia, terminei, em 2004, na UEG. Às vezes não sou mais aquele antigamente, mas ainda firme, ainda gosto muito de dar aula,

de ver as descobertas dos meninos, acho aquilo maravilhoso e te dá alegria ver que eles estão aprendendo; então eu gosto muito ainda de dar aula (CABRAL, L. A., 2016).

Eu amo a Matemática, então não consigo entender! A Matemática é uma disciplina que em algum momento, foi difícil para algumas pessoas. [...] eu gosto de Matemática, se eu ensinasse do jeito que eu gosto, aí que ia separar mesmo quem gosta dessa mesma Matemática de quem tem mais dificuldade (FERREIRA, F., 2016).

Quando eu encontro os meus alunos: “oi professora, quanto tempo?” Eles estão lá, com os seus filhos pequenos, para a gente conhecer, e às vezes chego a descobrir que estou dando aula para a filha de uma ex-aluna. Então, eles falam assim: “minha mãe me contou da senhora e falou que realmente era desse jeito”, significa que algumas marcas ficaram, então é uma boa recompensa, é o sentimento de estar atuando naquilo que foi feito para eu fazer mesmo, que eu gosto de fazer, amo dar aula, a melhor coisa que eu acho é ir para a sala de aula, me divirto mais que meus alunos, às vezes, preparando as atividades, vendo eles fazendo, como que vai ser isso [...] (*sic*) (SILVA, 2016)

Era um curso de Licenciatura plena em Matemática. Logo que terminei, comecei a lecionar Matemática e foi uma mudança bastante radical, porque eu lecionava biologia, história, alfabetizava e agora eu era professora de Matemática! Mas não me afligiu não, a área de exatas na verdade me cativou, amo Matemática, não sofri com isso, não foi um baque para mim de forma alguma, foi uma das coisas que eu mais gostei de ter feito e hoje eu sou professora de Matemática no colégio Nestório Ribeiro, que é lá do ladinho da casa dos meus pais, nosso vizinho (CABRAL, L.F., 2016).

Os professores entrevistados também demonstram apreço e admiração aos ambientes de trabalho. Expressões como: “sou apaixonado por essa escola” (FERREIRA, E., 2016); “[...] amo muito de coração” (CABRAL, L.F., 2016); “[...] o histórico do João Roberto é longo” (SILVA, 2016) enfatizam de forma contundente esses sentimentos. Vale ainda ressaltar que a maioria desses professores iniciou suas carreiras nessas escolas e está há mais de uma década atuando nelas, o que evidentemente contribui para o estabelecimento desse vínculo.

Os indivíduos se empenham segundo Bourdieu (2015), em evidenciar disposições adquiridas no *habitus* como forma de contemplar o que entendem como escolhas e opções pessoais. Sendo assim, as escolas em que atuam os professores integram o *ethos* dos entrevistados. Ao narrar a sua trajetória profissional, os indivíduos descrevem de forma longa e contemplativa o seu ofício, bem como os espaços onde ele ocorre.

3.2.5 Relação professor-aluno e ensino de qualidade

A interação entre professor-aluno é um aspecto fundamental na organização da situação didática, tendo em vista o alcance dos objetivos do processo de ensino: construção, mediação e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Segundo Dowbor (2008, p. 62), “para podermos aprender, necessitamos, de certa maneira, sentir-nos identificados com aquele que nos ensina”.

O processo ensino-aprendizagem precisa ser fundamentado na relação de interação professor-aluno, em que o docente se posicione como mediador entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico, em um processo contínuo para a construção do conhecimento. Desse modo, Dowbor (2008, p. 62) afirma que “a aprendizagem significativa é transformadora porque propicia a construção do saber pela própria pessoa, possibilitando, dessa forma, sua autoria de pensamento e sua responsabilidade como pessoa que pensa e deseja”.

A relação professor-aluno é fundamental para a organização e assimilação dos conteúdos. Tudo que o professor faz em sala de aula influencia no desenvolvimento dos alunos. Nessa perspectiva, as narrativas dos professores entrevistados confirmam a relevância dessa relação e suas particularidades.

O aluno tem que gostar do professor para que haja uma aprendizagem, e quem tem a responsabilidade de fazer essa transformação é o professor, pois o aluno é um ser que ainda está em construção, já o professor é um adulto que sabe diferenciar vários aspectos, trazer esse aluno para o lado dele e não o afastar. O professor tem que ser um grande aliado do aluno e o aluno do professor, e com essa relação de amizade o processo de aprendizagem só tem a ganhar (FERREIRA, E., 2016).

A relação entre professor e aluno para o aprendizado é que gostando mais de você, o aluno consegue captar melhor o que você passa, parece que passa a entender o conteúdo com mais clareza, ele consegue pegar mais rápido tendo afinidade com o professor (CABRAL, L. A., 2016).

Ser for uma relação aberta e boa, o menino vai se sentir mais à vontade, de prestar atenção, de pedir ajuda. Percebo que quando o aluno te admira, ele quer se espelhar em você, e aí ele paga o preço para tentar fazer o máximo que ele consegue para te agradar, sem saber que está melhorando muito. Então, uma boa convivência ajuda; uma péssima convivência faz com que o aluno crie bloqueio em relação ao professor e à disciplina que ele ensina. A admiração é o que mais ajuda no relacionamento. Quando eles te admiram em algum ponto, não precisa ser só como professor, o que você faz fora da sala

de aula também, eu acho que muda muito e para melhor (FERREIRA, F., 2016).

[...] se você tem um bom relacionamento com esse aluno, ele tem mais facilidade em te perguntar e tirar as dúvidas, em tentar fazer. Quando esse relacionamento é difícil, o aluno, às vezes, não vai prestar atenção, simplesmente vai falar que não sabe e que não quer saber do assunto, e nem tenta; muitos alunos, entretanto, conseguem superar dificuldades em momentos anteriores devido ao bom relacionamento, o respeito, o tratar bem, o procurar saber como está (SILVA, 2016).

A relação professor-aluno ela tem que ser de muita confiança. Além da confiança é preciso ter respeito. Não é temer, é ter respeito pelo outro [...]. O ser humano deve pautar sua prática pela ética. A pessoa tem que se preocupar em trabalhar com dignidade, com zelo, ter respeito pelos outros e por ele mesmo. Respeito nos seus horários, pontualidade (CABRAL, L.F., 2016).

A Matemática é considerada conforme Silveira (2002), pelos discentes como uma disciplina de difícil compressão. Para eles, a Matemática é vista como uma disciplina chata e enigmática, o que causa medo ou vergonha naqueles que não conseguem compreendê-la. Paralelamente, esses sentimentos são repassados aos professores, que acabam sendo vistos como severos, mal-humorados e temidos pelos alunos. As constantes reprovações e a linguagem Matemática acabam por intensificar o bloqueio dos alunos à disciplina.

Sobre este aspecto, os professores entrevistados reconhecem a existência desses sentimentos, porém, acreditam que a visão sobre os professores de Matemática está mudando, mas que sobre a disciplina ainda paira certo preconceito, que precisa ser desconstruído pelos próprios docentes, em concordância os professores entrevistados explanam:

Eu acho que essa cultura já mudou. Antigamente, o professor de Matemática era considerado o terror da escola pela própria cultura, que a Matemática era uma matéria difícil e que os professores eram os mais ranzinzas da escola. Acredito que na época que estamos vivendo na educação, essa imagem já melhorou. O próprio professor provocava no aluno, porque ele era o terror, cobrava coisas além da capacidade do aluno, e hoje não. Nós, educadores mais modernos, temos que conquistar o aluno, cabe ao professor, tirar isso, essa imagem que o aluno tem dele na sala de aula (FERREIRA, E., 2016).

[...] eles já vêm desde o início do ensino tendo a Matemática como bicho de sete cabeças, aí ele passa aquilo para o professor. Tanto é que eu disse anteriormente, quando eu comecei a dar aula, eu era bem chato, o menino não podia mexer na cadeira que eu estava brigando com ele. Eu dava aula no ensino fundamental II, os meninos muitas vezes já chegavam com medo de mim, porque a conversa andava, mas com o passar do tempo foram acostumando comigo, e mesmo com as cobranças meio radicais, coisas que

eu mudei depois, hoje eu sou bem mais *light*, até demais. Mas eu acredito que seja por conta de trazerem um preconceito do professor de Matemática (CABRAL, L. A., 2016).

É uma disciplina difícil, só que eu descobri recentemente, que foi a forma que nós escolhemos para ensinar Matemática que intensificou esse processo, existem outras formas, eu estava vendo uma palestra sobre como Asiáticos, japoneses, ensinam Matemática. Eles não esperam que os alunos, tenham decorado a tabuada, essas coisas, eles trabalham com o desenvolvimento do raciocínio. Aqui, os alunos estão vendo coisas tão abstratas, que eles nem sabem para o que serve aquilo, e se distanciam da disciplina. Ainda, alguém exige de mim que os alunos saiam bem na prova, aí eu exijo muito deles, assim eles nos veem como rigorosos. Mas eu não sou mais a professora temida. Não sou! A disciplina ainda é temida, mas a professora não (FERREIRA, F., 2016).

[...] existiu sempre um mistério, assim, com algo que não se conhece, aqueles professores tinham algum poder, na verdade, não tem, mas isso é ao longo do processo histórico, da formação escolar, as disciplinas de Matemática foram deixadas em um ponto inatingível para algumas pessoas, mas, às vezes pela própria condição social, não tiveram acesso, mas não é algo que seja assustador, não é que as pessoas não podem aprender, elas podem aprender, sim, pois é de fácil acesso, fácil compreensão. Existem meios para isso. Vejo que alguns professores tratam a Matemática, como uma forma de poder, para aterrorizar alguns alunos. De outro modo, outras pessoas já veem como uma maneira simples de lidar, tentam fazer de uma forma mais simples e tentam desmitificar esse ar da Matemática, eu não vejo que seja tão assustador, para alguns alunos parece, mas não vejo que seja (SILVA, 2016).

O aluno chega, não consegue avançar, não entende o que você diz, vai ficando desmotivado, porque você tem aquele cronograma, aquele conteúdo para selecionar, se você chega nas reuniões e você diz: “olha, não está rolando, não está indo, nós não estamos avançando”, você se torna a pessoa indesejável. E as pessoas da área de exatas sofrem demais com isso, muito mesmo, nós professores sofremos muito, muito mesmo, porque muitas vezes a gente não consegue resgatar, porque o déficit é muito grande, não se resgata cinco, seis anos de estudo em uma série. E aí você fica sendo o professor que reprovou, que tem um índice de reprovação de 30%, de 40%, você é o malvado, “vishi, lá vem o fulano; ih... todo mundo vai bomba com ela”. [...]. É muito complicado, a área da Matemática não é muito grata, para nós, professor, não é, é uma situação muito, muito delicada que a gente enfrenta (CABRAL, L.F., 2016).

Nas narrativas dos professores, é perceptível a definição dos papéis em sala de aula, ou seja, os docentes se reconhecem como mediadores e facilitadores do processo de ensino-aprendizagem e invocam o aluno como integrante fundamental desse processo.

[...] eu sou professor, aluno é aluno, somos pessoas diferentes, de cultura diferente, não significa que eu sei mais que o aluno; às vezes o aluno tem mais conhecimento do que eu, mas eu não posso misturar as coisas, e também não sou o dono da verdade, e aprendemos muitas coisas com aluno também, o professor não é dono da verdade e sempre tem que estar aberto para aprender novas coisas, o aluno tá ali para nos ensinar também, questão de relacionamento, questão interpessoal, o relacionamento humano é muito importante, essa relação entre professor e aluno é como se fosse uma guerra, o aluno tem que ver o professor como um aliado [...] (FERREIRA, E., 2016).

[...] vivemos uma situação hoje, que praticamente trabalhamos tentando forçar os alunos a estudarem, algo que eles não acham necessário, a cada dia a gente passa algo para eles na tentativa de motivá-los, mas não conseguimos, então, a nossa luta é buscar esse aluno, resgatá-lo para dentro da escola, então, o ensino de qualidade, tem que ter boas aulas, para chamar a atenção desse aluno, para que ele não fique perdido no tempo, porque muitas vezes o conteúdo, principalmente Matemática, é muito chato e eles não gostam, então, a gente procura colocar a realidade do dia a dia dentro das nossas aulas, buscando conquistá-los. Assim, para se ter aulas de qualidade, é necessário que se tenha vontade de aprender (CABRAL, L. A., 2016).

Além da informação, eu preciso fazer com que o aluno saiba transpor aquela informação, aplicá-la em problemas inusitados, situações diferentes. Se eu entrego um exercício e o menino dá conta de fazer, ele só aprendeu. Agora, se ele consegue resolver um problema com esses métodos, aí eu já acho que teve qualidade. Tem que ser uma formação integral, o aluno tem que conseguir transpor e aplicar aquilo em alguma situação da realidade (FERREIRA, F., 2016).

[...] passar uma visão ao meu aluno de que eu o respeito, assim, ele consegue, se não tiver, construir pelo menos naquele momento em que estamos trabalhando. Não é algo fácil. Havendo respeito, há cooperação, companheirismo, troca, participação, até mesmo entre os próprios alunos. Meu trabalho é voltado para atividades em que o aluno não fique isolado, ele tem que participar, seja com o colega mais próximo ou em um grupo pequeno, e isso vai criando uma relação entre eles de respeito e cooperação, acredito ser uma maneira de melhor aprendizagem, pois não é somente aquilo que eu vou explicar, eles aprendem muito mais quando ocorre essa troca (SILVA, 2016).

[...] o que não pode faltar, de forma alguma, é o professor mesmo, seja ele apresentando virtualmente, não precisa ser ele em pessoa, é necessário que tenha alguém que ensina e alguém que aprenda. O lugar que vai se sentar-se, dá-se um jeito, o lugar que vai escrever, dá-se um jeito, o papel ou o formato que você vai escrever dá-se um jeito, se não tiver o quadro dá-se um jeito, mas é preciso que tenha alguém que fale, alguém que está disposto a aprender, a ouvir e a interagir com o outro, isso é o que não pode faltar de jeito nenhum, tem que ter os dois agentes e não é o agente ativo e o passivo, tem que ter os dois agentes com interesses de aprendizagem. Um que está lá, que já planejou, que já se organizou, para pelo menos dar um norte, e o outro que está lá,

sabendo que ele está interessado, sabendo que aquilo pode mudar a vida dele e aí funciona, as outras coisas vão se adequando (CABRAL, L.F., 2016).

Na concepção dos professores, um ensino de qualidade só é possível se houver a participação efetiva do aluno e do professor: “[...] para se ter aulas de qualidade, é necessário que se tenha vontade de aprender” (CABRAL, L. A., 2016). Essa visão é reforçada pela ideia de que os alunos precisam ser mais interessados, motivados e participativos.

Primeiro a gente tem que trabalhar a autoestima, nossos alunos andam desanimados, como também os profissionais da educação também estão com a autoestima baixa, então temos que estimular a pesquisa, para ele buscar a resposta; não podemos entregar tudo pronto para os alunos, ele tem que fazer descobertas, investigar. Ser investigador e descobridor do mundo para ter uma opinião crítica e não ir na ideia dos outros, ele mesmo formar a sua própria opinião (FERREIRA, E., 2016).

[...] em Matemática há os que têm facilidade e os que não têm. Então eu tento trabalhar o fato de que vivemos em sociedade e aquela sala de aula ali é uma sociedade, e que tenho que atender todos os alunos, desde os que têm mais dificuldade, os que conseguiram subir de nível, melhorar, até os que têm muita facilidade, que sabem muito e precisam ir além do que está posto. E mais do que isso, mostro que eles precisam me ajudar também, porque enquanto aqueles que têm mais dificuldade não forem junto com a gente, teremos que ficar aqui (FERREIRA, F., 2016)

Um ensino de qualidade tem que ter significado, para o professor e para o aluno, e isso é ter um reflexo no dia a dia, ou seja, para a sua formação pessoal ou posterior, dando continuidade ao seu estudo, então ter qualidade é ter um significado, não ser um estudo só pelo ato de estudar (SILVA, 2016).

Ao falarem sobre suas práticas pedagógicas, os professores afirmam que refletem e reveem suas posições cotidianas em sala aula, almejando melhorar a relação professor-aluno e a qualidade do ensino.

Todo professor tem que refletir sobre a parte pedagógica, você aplica uma avaliação e seu aluno não sai bem, significa que você não conseguiu atingir seus objetivos, então você tem que fazer uma autoanálise do que deu certo e do que deu errado e voltar atrás, rever a sua parte pedagógica (FERREIRA, E., 2016).

Sim, sempre reflito. Sempre tentando melhorar, para ver se consigo trazer mais gente para junto de mim no que se refere ao aprendizado. Como dou aula

no ensino médio, os alunos já chegam acreditando que a Matemática é um bicho de sete cabeças, vivo tentando resgatar esses meninos, para que eles não tenham tanto medo desse bicho. Mas não é uma batalha fácil (CABRAL, L. A., 2016).

Eu reflito! Eu sou uma pessoa muito confusa, e vejo que tem um ponto positivo e um ponto negativo, estou sempre aberta às mudanças, mas o ponto negativo é que nunca tenho certeza de que se o que estou fazendo é o melhor, e como não tenho certeza, estou sempre pensando se “nossa, será que é assim mesmo?”. Então eu reflito bastante sobre a minha prática (FERREIRA, F., 2016).

Sempre reflito sobre minha prática pedagógica! Às vezes, na mudança de uma sala para outra sala. No ano passado eu tinha 15 turmas, então eram 15 situações diferentes, cada um tinha uma particularidade, alguns mais dinâmicos, outros mais quietos, uns não falavam nada, outros já queriam falar tudo, então, como iria atuar em cada uma delas? Essa reflexão é em todos os momentos, mais precisamente quando tinha um tempo para o planejamento, nos finais de semana, ao longo da semana era a noite pensando como foi o dia, mas procuro refletir sempre (SILVA, 2016).

A prática pedagógica é muito importante, não basta você saber o conteúdo, você tem que ter certo molejo, um certo traquejo para que isso se torne mais adequado, em uma linguagem, mais acessível para o outro. Às vezes, o outro não consegue entender o que está sendo falado, porque você usa uma linguagem um pouco rebuscada demais, outras vezes um pouco técnica demais. Na área de exatas, se a gente usar só termos técnicos mesmo, é possível que você não consiga alavancar muita coisa. É muito interessante, na prática, que o professor tenha a capacidade de fazer esse viés, ter essa noção de que o que ele precisa apresentar tem que ser legível, tem que ser audível, a pessoa do outro lado tem que ver, ouvir, e ler aquilo e entender aquilo que você está apresentando (CABRAL, L.F., 2016).

Na narrativa da professora SILVA (2016), fica clara a importância da empatia no processo de ensino-aprendizagem, bem como para a relação professor-aluno. O conceito de empatia pode ser entendido como a capacidade psicológica de se colocar no lugar do outro, em tentar compreender sentimentos e emoções, procurando experimentar, de forma objetiva e racional, o que sente o outro indivíduo. O domínio dessa competência possibilita a compreensão do comportamento em determinadas circunstâncias e a forma como o outro entende as informações repassadas.

[...] conhecimento de quem é seu aluno, de onde ele vem, para que você consiga, numa sala heterogênea, atingir aquele objetivo que você se propõe, que é passar uma informação com algum significado, mas não são todos que vão entender da mesma maneira, então o professor tem que saber falar de

várias formas a mesma informação que ele quer passar. Esse olhar para o outro faz perceber, às vezes, que um hoje não está tão bem e que o outro está um pouco mais alegre, será por quê? Então, é algo que faz ter significado, sim, na sala de aula. Então ter esse olhar além do seu conteúdo, olhar para quem você vai dar aula (SILVA, 2016).

Ainda nessa vertente, o professor Ferreira, O. (2016) expõe que cabe ao professor adaptar os conteúdos para que aluno possa aprender. Para ele, o bom professor é que aquele que consegue cativar os alunos.

O bom professor é aquele que consegue atingir a sua meta dentro da sala de aula, não significa que o bom professor é aquele que é doutor, porque às vezes ele chega na sala de aula e não consegue falar a linguagem do aluno, o bom professor é aquele que chega na sala de aula mesmo que ele tenha o menor curso, ele consegue atingir o objetivo, que é o aluno, o foco nosso na sala de aula é o aluno, então não adianta eu ter uma especialização, ser um doutor, se eu não vou conseguir atingir meu foco na sala de aula, que é a aprendizagem do aluno.

Ainda sobre suas práticas pedagógicas, os professores afirmam que contextualizam a disciplina com a realidade dos alunos. Entretanto, reconhecem não ser possível essa interlocução em todos os conteúdos.

Tem alguns conteúdos que dá para trabalhar, principalmente a parte econômica, dentro da Matemática tem alguns conteúdos que dá para relacionar bem as questões sociais, políticas. Matemática às vezes é mais difícil, nem sempre dá para trabalhar, em todos os conteúdos, estes aspectos (FERREIRA, E., 2016).

Em matemática, muitas vezes você coloca questões econômicas, políticas, dentro de questões. Mas, assim, no meio mesmo, não tem como discutir política, questões sociais, na minha aula não. A não ser que tenha alguma questão de um livro que fale sobre isso, do contrário não (CABRAL, L. A., 2016).

Todo conteúdo tem que ser envolvido na realidade, e de preferência partindo do contexto do aluno e ir se ampliando, mostrando para eles que têm outras possibilidades. Por exemplo, quando eu estou estudando porcentagem. Ontem, nós fizemos um exercício, em que o gráfico, distribuía as pessoas pelo valor que eles pagavam na passagem aérea, poderíamos ter feito só a conta, mas na hora que os meninos leram e viram que tinha gente que pagava mais de 2 mil em uma passagem aérea, gerou um debate e a gente precisa abrir espaço para esses debates, em todas as aulas. Eu não acho que é perder tempo, é ganhar tempo para as outras partes da formação que eu acredito ser necessário. Não sei se dá para fazer assim em todas as aulas, com todos os

professores, mas eu creio que o nosso objetivo tem que ser ensinar para o dia a dia (FERREIRA, F., 2016).

[...] coloco-os para refletirem em cima dessas situações que eles mesmos estão apresentando, isso em relação ao conteúdo. Mas quando estamos conversando sobre alguma interação entre as disciplinas, ou algum assunto que envolve um aspecto fora da sala de aula, seja um que eles trouxeram, como assunto político, ou problema que acontece, por exemplo, um acidente que aconteceu com a seleção de futebol, meu aluno estava muito abalado, então fomos conversar a respeito, porque aquilo estava deixando todos comovidos. Foi um momento em que pude conhecer mais a turma, e cada um falou sobre o que lhes causava preocupação. Então, esses questionamentos, às vezes, não são somente sobre o conteúdo da aula em si, há momentos que temos de parar a aula e ouvir o que o aluno tem a dizer, ele resolve aquelas questões ali e a gente dá prosseguimento (SILVA, 2016).

A matemática é a história das coisas, das operações que a gente faz no dia a dia. E dá para contextualizar. Só que se eu pegar todas as expressões matemáticas e for ler dessa forma meu tempo será insuficiente. Por isso que a Matemática colocou símbolos no lugar dos objetos, só para facilitar, ganhar tempo, só que em algum momento ninguém contou para os alunos que isso havia sido feito ou se contou eles esqueceram. As regras que eles criam por conta própria estão muito estranhas, diferem de todas as regras da vida real, é isso o que eu tento falar para eles: “olha, você escreveu isso aqui” e leio como se fosse um objeto: “está vendo que isso aqui na vida real não tem como ser feito, não acontece desse modo?” (CABRAL, L.F., 2016).

Notam-se, nas narrativas, diferentes práticas pedagógicas, desde tradicionais conservadoras, que adotam os livros didáticos como referências e que colocam o professor no centro do processo, até práticas voltadas para a inovação, que visam à construção do saber por meio da pesquisa e protagonismo do aluno.

O que mais me agrada é a possibilidade que tenho de realizar coisas que têm significado para os meus alunos, em que a proposta vem deles mesmos, e a gente consegue realizar atividades que eles se envolvem. Poderia citar um dos projetos que fiz junto com uma turma específica, que foi o desenvolvimento de uma montadora de carros, para trabalharmos a aplicação da Matemática Financeira; é algo que foi escolhido por eles, o nome, as etapas e depois a apresentação do projeto para a escola, direção e o envolvimento com outras turmas. Ver o que o aluno é capaz de fazer, de produzir, isso é o que mais me agrada, ver que eles conseguem caminhar pelas próprias pernas (SILVA, 2016).

A Pedagogia atualmente aprecia muito o lúdico, o engraçado, cativar o aluno pela graça, você tem que ser um professor bem extrovertido, bem animado, a aula show, você chegar cantando, levar um violão, eu acredito piamente que isso tem valor, para muitos alunos isso vai dar certo, eu só fico com pena do professor que não tem essa capacidade dinâmica de cantar, por exemplo, de pegar um violão e tocar e inventar sua própria paródia. Imagine eu cantando,

eu não tenho ritmo algum, então tem algumas coisas que eu acredito que dá certo, mas infelizmente tem algumas coisas que a gente não tem como levar, porque seria além do lúdico uma coisa dessa, seria extremamente extravagante, seria quase vexatório (CABRAL, L.F., 2016).

Os professores percebem que estão ocorrendo mudanças nos ambientes escolares e que, conseqüentemente, as práticas pedagógicas precisam ser alteradas. Porém, na visão da professora Cabral F. (2016), os professores não possuem formação e nem tempo devido a extensa carga horária, para acompanharem e se prepararem para tais mudanças.

A gente compete com o tempo, então, aulas um pouco mais sofisticadas, com um pouco mais de tecnologia envolve um tempo maior, eu preciso de prazo para ligar o computador no datashow, ele tem que funcionar, a internet tem que estar conectada, o wi-fi tem que estar funcionando na escola, tem que chegar redondinho ali na hora, e isso eu vou gastar um tempinho, mesmo estando tudo lá, só pela conexão, pelo tempo da instalação, eu vou gastar um tempinho, então a aula acaba. Uma aula nesses moldes, ela tinha que ser pelo menos dupla, pois em uma aula de 50 minutos é quase impossível de você usar a tecnologia de forma satisfatória, porque assim que você termina, você se organizou, você encontrou uma música, um poema, algo mais diferente, a aula terminou, bateu o sino, você vai embora sem fechamento, sem discussão. Algumas coisas que eu sei que dão certo, mas a instituição tem que repensar o modelo de horário, a organização (CABRAL, L.F., 2016).

Essas horas que o governo “dá” para a gente, um terço das horas de atividade, são tão insuficientes, que se eu usar as minhas duas aulas para fazer meus quinze planos semanais, antecipadamente, com o sistema rodando do jeito que ele roda, depois que eu digito uma, rodando, rodando, quando eu mando salvar, sai do programa, eu entro de novo e começo digitando a mesma aula, se eu usar as minhas duas aulas para fazer só esses planos de aula, e fazer rapidão, porque você não pode ficar incrementando, pegar um livro e estudar, você não pode, você tem que arrastar rapidão e enviar na correria, se você não enviar, vai passar o seu prazo, vai vencer a segunda-feira meia noite, você vai perder seu bônus, entende, acabou, sua vida destruiu, você não é mais um professor brilhante, então você tem que pegar, digitar rapidão, aula expositiva e dialogada, você tem que estar com isso na cabeça, fazer uma cópia e colar, digitar na correria, puxar o conteúdo e enviar, e aí o professor: “ah, mas eu já fiz aquele planejamento; mas esse planejamento, é o planejamento de sala de aula?” Você realmente fez seus exercícios, você estudou, você planejou, você escolheu uma dinâmica, você teve tempo para isso? (*sic*) (CABRAL, L.F., 2016).

Os professores também ressaltam que sua conduta em sala de aula e a relação que estabelecem com os alunos são pautadas pela interferência externa, seja advinda da coordenação, da direção ou de instâncias de supervisão e controle da Secretaria Estadual de Educação.

O que me desagrada é não termos a possibilidade de realizar atividades que lhe permitem ser ou usar aquilo que você acha que vai dar certo, às vezes vem imposições, você tem que cumprir aquilo, realizar aquilo, tem um prazo, uma meta, alguma coisa que veio pré-determinada, isso me desagrada, não que eu não vá realizar, realizo sempre, mas não é tão agradável quanto esse projeto que foi mais livre (SILVA, 2016).

E em muitas situações como essa, o excesso da formalidade, a burocratização do processo enterra todo o funcionamento da coisa; então, é necessário com o tempo, você tem que ser capaz de dizer: “olha, eu também tenho autonomia, eu penso deste modo, porque autor fulano de tal, beltrano, ciclano também pensam assim, esses são os principais da área onde eu trabalho, onde eu atuo e eu não estou indo contrário a uma visão da literatura”. Eu estou indo contrário a um interesse particular, às vezes de um funcionário. A gente tem que saber se posicionar e às vezes é necessário você dizer: “olha, o limite é esse” (CABRAL, L.F., 2016).

Assim, compreende-se que a relação professor-aluno se constitui a partir de vários fatores, sejam eles internos ou externos aos ambientes de ensino. A carreira docente está, de certo modo, na convergência de diversos fatores oriundos da sociedade, das escolas e das universidades. Portanto, a identidade docente não se constitui de maneira isolada, mas sim de maneira social, por meio da contribuição dos diversos grupos que circundam os professores. Tardif (2014, p. 14) ressalta:

[...] o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua “consciência prática”.

Por isso, a maneira como o professor se posiciona profissionalmente não se organiza apenas de forma cognitiva ou epistemológica, mas sim a partir das questões sociais e culturais vivenciadas. As narrativas coletadas nessa pesquisa, explicitam que os conflitos, as ambiguidades, o excesso trabalho e a extensa jornada, dentro e fora da escola, a burocracia, o acúmulo de atividades ao final dos bimestres, a falta de autonomia e de reconhecimento social, estão diretamente relacionadas às práticas pedagógicas dos professores. Ao ouvi-los sobre suas trajetórias, compreendem-se as contribuições desses grupos para a formação de sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa almejou compreender a influência da história de vida sobre as práticas profissionais dos professores de Matemática das escolas públicas de Jataí. Nóvoa (2013) pondera que a personalidade docente é constituída por meio da junção entre a formação acadêmica e pessoal, a vida privada tem o mesmo peso que a formação acadêmica. Dessa maneira, o tornar-se professor vai além dos conhecimentos científicos; perpassa também pela formação social e humana.

Entendemos nesta pesquisa que os professores são sujeitos históricos, sociais e culturais. Tomando como base os conceitos da teoria sócio-histórica de Vygotsky (1998) e do *habitus* de Bourdieu (1980), compreendemos que somos constituídos e inseridos no mundo por meio das relações sociais estabelecidas desde o nascimento.

Nesse sentido, ao longo de nossa trajetória, compartilhamos modos de agir, de falar e de pensar. É na mediação com outro que construímos nossos valores e significados. A existência humana se estrutura sobre os aspectos representativos da linguagem e ao longo de nossa história de vida, vamos, paulatinamente, apropriando-nos de tudo à nossa volta.

Ao analisar a história de vida dos professores de Matemática participantes da pesquisa, percebe-se o quanto os meios social, cultural e econômico influenciaram diretamente as trajetórias dos professores e paralelamente suas práticas pedagógicas.

Identificamos nas histórias de vida dos professores diversos saberes, oriundos dos grupos sociais aos quais pertencem, seja família, escola, trabalho, entre outros. Assim, ao relatar sua trajetória, os entrevistados deixam evidente as interferências de cada um desses grupos na constituição de seus posicionamentos e visões de mundo.

Ainda, reconhecemos a riqueza de detalhes proporcionada pela oralidade, pois, expressões, entonações de voz e percepções jamais poderiam ser captadas pela escrita. As pesquisas que possuem como fonte de coleta de dados a oralidade aproximam os sujeitos do pesquisador e vice-versa.

Para tanto, a abordagem desta pesquisa foi direcionada pela aproximação afetiva com os interlocutores, em que se buscou estabelecer um ciclo de amizade e confiança com os professores entrevistados. Esse vínculo não se limitou a uma simpatia momentânea, sendo permanente. Dessa maneira, esse trabalho não se alicerçou sobre um posicionamento crítico-analítico dos discursos, mas sim, numa perspectiva compreensivo-analítica, em que as histórias de vida foram ouvidas, interpretadas e apresentadas.

Com fulcro nos escritos de Meihy e Ribeiro (2011) e Alberti (2007), utilizamos a oralidade como recurso para coleta de dados e na perspectiva de que as histórias de vida não apresentam verdades, mas sim uma versão representativa da realidade, estruturada sobre os valores simbólicos de cada indivíduo.

Os limites e os preceitos interpelados pelos entrevistados foram respeitados. As palavras ditas, os momentos de silêncio, as lágrimas que caíram, as interjeições e o brilho no olhar, não só confirmaram seus valores simbólicos, como também possibilitaram a compreensão dos sentimentos e sentidos atribuídos à profissão docente.

Os professores entrevistados demonstram apreço e admiração pela profissão. Sentem-se responsáveis pela formação de seus alunos, apesar das dificuldades e o amor pelo que fazem fica evidente, mesmo aqueles que apresentam descontentamento com a profissão sentem-se abalados com a possibilidade de deixarem a sala de aula.

A paixão pela Matemática é evidenciada a todo o momento. Esses docentes não escolheram ser professores de Matemática; as rupturas impostas pelas relações sociais e econômicas conduziram-nos a esse processo. Entretanto, a área de exatas os cativou, como afirmado nas narrativas.

A vida pregressa dos professores, as experiências familiares, acadêmicas e profissionais estruturam a maneira de ensinar do professor. Pelas histórias narradas, há de se concordar com os posicionamentos de Nóvoa (2013, p. 17), que apregoa: “É impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Em vista disso, entendemos que as práticas pedagógicas dos professores se instituem na confluência dos vários saberes, sejam eles de ordem social ou profissional.

O tornar-se professor tem início no ambiente familiar, sob forte influência econômica e cultural. Posteriormente, perpassa pela vida acadêmica, tanto que as contribuições dos ex-professores são aspectos importantes evidenciados por esta pesquisa. Nota-se nos discursos dos professores o reconhecimento aos docentes que marcaram as suas trajetórias de vida, como é caso da Professora Rosália Assis, citada por três dos cinco professores entrevistados. As práticas pedagógicas desses professores são identificadas como motivadoras para o ingresso na carreira e servem de inspiração profissional.

Durante a vida acadêmica, absorvemos as características dos profissionais com os quais tivemos contato ao longo de nossa formação. Essas práticas, aos poucos, vão se incorporando à nossa subjetividade, de forma que tais contribuições se prolongam ao início da carreira e, posteriormente, ao cotidiano. Mediada pelo *habitus*, a trajetória profissional sofre

transformações e se altera conforme as referências do contexto social. Portanto, a identidade social pode ser expressa como algo em construção.

A análise das narrativas dos professores possibilitou-nos apreender que nossa história de vida revela mais sobre nós do que os nossos currículos acadêmicos. Não são apenas os conhecimentos teóricos que conduzem as nossas práticas, mas também, a nossa subjetividade. As escolhas que fazemos como professores e a forma como ensinamos revelam a nossa maneira de ser.

Podemos afirmar que as memórias têm a função prática de levar os sujeitos a reproduzirem formas de comportamento. Sendo assim, as experiências adquiridas ao longo da história de vida direcionam as ações presentes e também possibilitam a tomada de consciência.

Vale ainda salientar que o discurso dos professores nos permitiu vislumbrar que o tempo profissional absorve o tempo pessoal, a vida dos professores se desenvolve de forma prioritária nos ambientes escolares ou em atividades ligadas à profissão. A família, a formação continuada e os desejos individuais são tomados pelo excesso de aula e, por conseguinte, pelas rotinas administrativas recorrentes. A falta de salários dignos e de incentivos profissionais conduzem os professores à aceitação do *habitus* em que estão inseridos.

Essa pesquisa, além de permitir que a história de vida desses professores viesse à tona, ainda possibilitou momentos de reflexão e formação para os narradores, que, de forma prazerosa, retornaram ao passado e relembrou sobre seu caminhar social e profissional.

À vista disso, enfatizamos a necessidade de apropriação e reconhecimento dos diversos saberes, acumulados ao longo das trajetórias, como ferramentas capazes de promover alterações de posicionamentos e rupturas, uma vez que o autoconhecimento, aliado ao conhecimento teórico e conceitual, possibilita transformações e alterações de discursos. Logo, a criticidade tão almejada pelos intelectuais só será consolidada nos ambientes escolares, quando o passado explicar a prática do presente e o presente alterar a prática do futuro.

As reflexões feitas nessa pesquisa procuraram evidenciar elementos que permitissem a compreensão do tornar-se e ser professor. A pesquisa e a análise se encerram, por enquanto. Fica registrado o aprendizado adquirido por meio das experiências vivenciadas e dos desafios que me conduziram durante esse processo. O crescimento profissional advém de momentos de reflexão e de apropriação de novas formas de pensar.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução: Heloisa Araújo Ribeiro. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

AUAREK, Wagner Ahmad. Momentos críticos e de críticas nas narrativas de professores de Matemática. 2009. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8UCMML>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

BATISTA, Vera Lucia. **Conta sua história professora! Narrativas que significam a prática educativa**. Campinas 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesfmemoriais2005/VeraLBatista_ContasuaHistoriaProfessora.pdf. Acesso em 04 jan 2016.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.183-191

_____. **Escritos de Educação**. (Org.) NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos).

_____. **Le sens pratique**. Paris: LesÉditions de Minuit, 1980.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, SariKinopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994. Tradução de: Maria João Alvarez, Sara Bania dos Santos, Telmo Mourinho Baptista

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em 25 mai. 2017.

_____. **Professores do Brasil: impasses e desafios / Coordenado por Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto**. – Brasília: UNESCO, 2009.

BROI, Marisônia Pederiva da. **Professores de Matemática: trajetória docente e história de vida entrelaçadas**. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, Faculdade de Física, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em:

<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3387/1/425810.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CABRAL, Lázaro Alves. Entrevista concedida a Thiago Batista Assis. Jataí, 8/9 nov. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação].

CABRAL, Lucivânia Ferreira Entrevista concedida a Thiago Batista Assis. Jataí, 19/20 nov. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação].

CHAGAS, Flomar A. Oliveira. Políticas públicas de incentivo à docência. IN: FIGUERIA-BORGES, Guilherme, SILVA, Paula J da. PERES, Thalitta F de Carvalho (Orgs). **Novos paradigmas de ensino: adaptações curriculares e o direito ao saber**. Goiânia: Ed. Puc/Goiás, 2015, p.89-103.

COUTINHO, Eduardo. **Entrevista Eduardo Coutinho**. 03 fev 2014. Rio de Janeiro: Críticos. Disponível em <<http://criticos.com.br/?p=176>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo: 2000.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 23. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DUBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Sonia Lúcia de Carvalho e Deise Aparecida Luppi (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (p. 57-74)

FERREIRA, Edmilson Oliveira. Entrevista concedida a Thiago Batista Assis. Jataí, 19/20 nov. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação].

FERREIRA, Fernanda Lima Silva. Entrevista concedida a Thiago Batista Assis. Jataí, 9/10 nov. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação].

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água. 1993.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.35-53, 2015. Semestral. Disponível em: <[file:///C:/Users/Primetek/Rio Verde/Downloads/559-1787-1-PB \(2\).pdf](file:///C:/Users/Primetek/Rio%20Verde/Downloads/559-1787-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013.

- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103- 133.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida dos professores. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.
- IBGE. Cidades @ – Características Gerais dos Municípios. IBGE, 2015. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=521190>>. Acesso em 28 mai. 2017.
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação, 2015. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/resultado>>. Acesso em 30 de mai. 2017.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p.167 - 182.
- LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____ . **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1. Disponível em:<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAehikAH/libaneo>>. Acesso em: 08 nov 2017.
- LOZANO, J.E.A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.15-25.
- MEIRELES, Cecília (Org.). Retrato. In: LUSO-BRASILEIRA, Biblioteca. **Obra poética**. 4. ed. Rio de Janeiro: Companhia J. Aguilar Editora, 1958. p. 10-10. (Série brasileira).
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto. 2011
- MIRANDA, Adílio Renê Almeida; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MAFRA, Flávia Luciana Naves. Contribuições do Método História de Vida para Estudos sobre Identidade: o exemplo do estudo sobre professoras gerentes. In: **Revista de Ciências da Administração**, [s.l.], p.59-74, 16 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p59>. Acesso em: 31 jan. 2017
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 6. ed.. São Paulo, SP: Papirus, 2016. (Coleção Campo Imagético).
- NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: vértice, 1988. p. 14-43.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal o que é mesmo documentário?** 2. Ed. São Paulo: Senac, 2013.

ROCHA, Marise Maria Santana da. Educação Matemática, mitos presentes na prática pedagógica. In: PORTES, Ecio Antônio (org.) **Diálogo sobre ensino, educação e cultura**. Rio de Janeiro: e-papers, 2006. p. 37 -43.

ROCHA, Luciana Parente. **(Re) constituição dos saberes de professores de Matemática nos primeiros anos de docência**. 2005. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, área de Concentração: Educação Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000351921>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

ROLKOUSKI, Emerson. **Vida de professores de matemática:** (im) possibilidades de leitura. 2006. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Geociências e Ciências Exatas Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102138/rolkouski_e_dr_rcla.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SICARD, Bárbara Cristina Moreira. **Biografias educativas e o processo de constituição profissional de formadores de professores de matemática**. 2008. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <[file:///C:/Users/Primetek Rio Verde/Downloads/SicardiBárbaraCristinaMoreira_D \(2\).pdf](file:///C:/Users/Primetek Rio Verde/Downloads/SicardiBárbaraCristinaMoreira_D (2).pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SILVA, Anderson Afonso da. **Narrativas de professores de matemática sobre seus enfrentamentos cotidianos**. 2013. 227 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91101>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SILVA, Diva Souza. **A constituição docente em Matemática à distância:** entre saberes, experiências e narrativas. 2010. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS8DXFZX/tese_vers_o_9_final__2010_11_10.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 abr. 2017.

SILVA, Solene Neves dos Santos. Entrevista concedida a Thiago Batista Assis. Jataí, 19/20 nov. 2016. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "F" desta dissertação].

SILVEIRA, Marisa Rosâni Abreu. **“Matemática é difícil”:** um sentido pré-constituído evidenciado na fala dos alunos, 2002. Disponível em: <http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_25/matematica.pdf>. Acesso em: 14 nov 2017.

SIGE – Sistema de Gestão Escolar de Goiás, 2016. Disponível em <<http://sige.seduc.go.gov.br/sige/default.asp>>. Acesso em 30 mai. 2017.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TIZZO, Vinícius Sanches. **A História Oral como uma abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira de um curso de Licenciatura em Matemática**. 2014. 335 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110488/000789873.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente**. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991. 90 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta convite

Conte-nos sua história, professor (a)!

Você é nosso (a) convidado (a), para participar do Projeto de Pesquisa sobre História de Vida de professores efetivos de Matemática do ensino médio das escolas públicas de Jataí. Pretende-se com essa pesquisa explorar a literatura relativa ao uso da história de vida de professores e as memórias dos professores como metodologia de formação continuada.

Temos como pressuposto que os sujeitos são frutos das relações sociais e que as recordações de momentos significativos configuram-se como recursos importantes para análise e compreensão da prática pedagógica e das relações vivenciadas na escola.

Este projeto insere-se na linha de pesquisa Organização Escolar, Formação Docente e Educação para Ciências e para Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação de Goiás/Câmpus de Jataí, orientado pela Professora Doutora Flomar Ambrosina Oliveira Chagas e financiado pelo Fundo de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg).

Neste sentido, pretendemos realizar ao longo do projeto entrevistas abertas, para que você possa discorrer livremente sobre sua história de vida. Informamos que durante todo o processo será necessário a coleta de imagens e áudios dos depoimentos, para a produção de um documentário que será apresentado como produto final desse estudo.

Assim, para maiores esclarecimentos sobre o projeto convidamos você para um “chá matemático” no dia 3 de setembro de 2016, às 16 horas no Café Santa Brasa, localizado na Rua Benjamim Constant, 1040 em frente a antiga Secretaria Municipal de Educação.

Cordialmente,

Thiago Batista Assis
Mestrando

Flomar Ambrosina Oliveira Chagas
Orientadora

APÊNDICE B–Roteiro de entrevista: primeiro encontro

- a) Conte-nos sua história, professor (a)!
- b) Quem é {nome do professor (a)}?
- c) Infância
- d) Adolescência
- e) Trajetória Escolar (educação básica)
- f) Trajetória Acadêmica
- g) Trajetória Profissional
- h) Como você se vê como professor(a)?
- i) Quais os sentidos e sentimentos em relação a profissão docente?
- j) Qual significado atribui à sua prática pedagógica?

APÊNDICE C– Roteiro de entrevista: segundo encontro

- a) Na tua trajetória como aluno (a), houve algum (a) professor (a) que tenha marcado você positivamente, que se tornou uma referência? Que aspectos ou características destacam-se neste (a) professor (a)?
- b) Você recorda de alguma situação de sala de aula que tenha algum significado?
- c) Para você, o que é ensino de qualidade?
- d) Para você, o que é ser professor?
- e) Que características pessoais influenciaram positivamente a sua docência?
- f) Como você se relaciona com o seu contexto social (ambiente escolar, colegas de trabalho, comunidade, meio acadêmico)?
- g) Quais valores considera importante para formação humana? De que forma eles aparecem em sua prática pedagógica? Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade). De que forma esses valores aparecem em sua prática?
- h) O que deve fazer parte das aulas de todos os (as) professores (as)?
- i) Qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem?
- j) Você estabelece relação entre os conteúdos e as questões políticas, sociais, econômicas? Ocorre a interdisciplinaridade em sua docência?
- k) Você tem algum procedimento específico para estimular o pensamento crítico?
- l) Você costuma refletir sobre sua prática pedagógica?
- m) O que mais lhe agrada e desagrada no ensino?
- n) De que maneira você se atualiza?
- o) Para você, o que é ser um bom (boa) professor (a)?
- p) Por que o (a) professor (a) de Matemática é sempre o/ a mais temido (a) pelos (as) alunos (as)?

APÊNDICE D – Termo de autorização de uso de imagem, voz e dados biográficos

Eu, _____, brasileiro (a), portador (a) da Carteira de Identidade (RG) de número _____, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número _____, residente e domiciliado (a) na cidade de _____ Estado de _____, à rua _____, autorizo Thiago Batista Assis, mestrando, portador da Carteira de Identidade (RG) de número 33.165 PMGO, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 002.223.341-50, a fazer o uso de minha imagem, voz, e demais dados biográficos, além de vídeos e imagens por mim fornecidos a ele, no intuito de auxiliar na elaboração da Pesquisa **“Memórias e práticas pedagógicas de professores de Matemática do ensino médio”** a ser desenvolvida no Instituto Federal de Goiás, autorizado, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Ciências e Matemática.

A presente autorização, que possui caráter gratuito, abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, “home video”, DVD (“digital videodisc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus, que poderá utilizá-lo em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada à produção científica/intelectual a ser produzida em todo território nacional, por tempo indeterminado.

Declaro, ainda, estar ciente de que esta autorização produzirá seus efeitos por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, e neste ato, ainda renuncio ao direito de reclamar quaisquer indenizações em virtude do uso de minha imagem ou som de voz, intimidade, vida privada, ou a qualquer outro direito da personalidade elencado na Constituição Federal, bem como no ordenamento jurídico vigente.

Jataí, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do Autorizando

APÊNDICE E - Consentimento da participação da pessoa como sujeito

Eu, _____, brasileiro (a) , portador (a) da Carteira de Identidade (RG) de número _____, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número _____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa “Memórias e prática pedagógicas de professores de Matemática do ensino médio”, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador Thiago Batista Assis, sobre a pesquisa os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca compreender as influências da história de vida de professores de Matemática, efetivos, do ensino médio de escolas públicas de Jataí sobre suas práticas pedagógicas e a contribuição da narrativa de suas memórias para sua formação.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. O pesquisador principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Jataí, ____ de _____ de 20 ____.

Participante

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

(Testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE F - Textualização das Entrevistas

I Professor Lázaro Alves Cabral

Primeiro Encontro

Pesquisador – Conte-nos a sua história professor!

Nasci em Jataí, em 1967, meu pai mecânico, minha mãe professora, comecei a estudar antes de ir para a escola, pois minha mãe me ensinou o alfabeto e a tabuada, quando eu entrei na escola no pré, aos 7 anos, com uma semana eles me passaram para a primeira série, no meio do ano eu fui para o segundo ano e no final do ano, eu já estava indo para a terceira série. Só que como minha mãe mudou de escola, eu tive que mudar e aí a professora achou que eu não teria condições de fazer a terceira série, minha base era pouca, então voltei para a segunda série, fiz a segunda, terceira e assim por diante.

Quando comecei a quinta série, ia para escola onde minha mãe trabalhava à tarde. Ela era coordenadora e assim, às vezes, faltava professor e eu assumia a sala de aula, isso aos 11 anos de idade, então, comecei bem cedo, e com isso fui pegando o gosto pela coisa, sempre procurei ajudar os colegas, tive muita facilidade com a Matemática, devido já saber a tabuada antes de entrar na escola. Aos 18 anos, quando terminei o ensino médio, minha mãe me chamou para dar aula no lugar de uma professora que estava de licença, comecei em janeiro de 1986, fiquei dois meses no lugar dessa professora; em novembro, voltei no lugar de outro, trabalhando com Matemática. E aí fiquei até o final de 1986 e no início do ano de 1987 até meio do ano eu estava dando aula ainda. Aí resolvi fazer vestibular para o curso de Administração, passei no vestibular, fui fazer a faculdade de Administração e deixei de dar aula, durante este período eu trabalhei como estagiário no Banco do Brasil por dois anos. Nessa época, cursei administração aqui no CESUT, depois eu tive que parar. Eu meio que juntei com uma pessoa, aí a gente acabou não dando certo, e fui trabalhar na empresa dela, então tive que deixar o curso e fiquei dois anos junto com ela, durante este tempo permaneci afastado da escola. Aí voltei novamente a dar aula, minha mãe falando que precisava de professor, fui dar aula novamente; nessa altura, surgiu a oportunidade de fazer o concurso do Estado. E para isso, como eu só tinha concluído o ensino médio, ainda não tinha concluído o curso superior, tive que fazer para poder dar aula, o *Lúmen*, que substituí o Magistério, fiz o concurso, passei em 1993.

[***]

Então, passei no concurso, fiquei dois anos ali dando aula como contratado até assumir, que foi em março de 1993. Até então, eu trabalhava no Alcântara e em 1993, após eu ter passado no concurso, fiquei trabalhando lá à noite e vim trabalhar aqui no Nestório, em 1993, ainda com a Tereza, que logo depois faleceu. Fiquei aqui até 2000, dando aula aqui e no Alcântara. Saí daqui do Nestório em 2000 para assumir a direção do Alcântara. No colégio Alcântara, frente à direção, lá tinha primeira fase e fundamental II, como estava já para ter mudanças de passar o fundamental I para o município, eu já me adiantei e tirei o fundamental I de lá e coloquei o ensino médio; foi uma briga com a subsecretária, com a secretária, levei o mapa em Goiânia para mostrar que naquela localização não tinha escola de ensino médio e que tinha muitas famílias ali que precisavam. Então, implementamos o ensino médio em 2002.

Fiquei até 2005 na direção; saindo de lá, tive uma licença, fiquei seis meses afastado, espero que não tenha que tirar isso mais [risos], porque é muito ruim. Daí eu fui trabalhar em quatro escolas, trabalhei no João Roberto, no Emília, no Polivalente Dante Mosconi e lá no Alcântara. Aí consegui uma vaga aqui no Colégio Nestório Ribeiro para coordenação. Fiquei, acho, que menos de 6 meses nesta função, desisti e voltei para sala de aula, isso foi em 2006 ou 2007. Logo depois, fui convidado a ser vice-diretor aqui e aceitei. Disseram que não tinha ninguém para ser candidato a vice e só tinha uma única chapa, eu resolvi ir e na verdade depois apareceu outra chapa, mas nós ganhamos e eu fiquei, o período, que eram três anos, mas eu não fiquei esses três anos, porque saí para me candidatar a vereador. Fui candidato, não fui eleito, o pessoal estava em greve, não tive como pedir aos colegas para me ajudar, então não tive êxito, mas foi bom, foi gratificante. E depois disso eu assumi a Administração da SMT (Superintendência Municipal de Trânsito), a convite do Superintendente, estou lá após oito anos de mandato do prefeito, estou saindo agora e estou aqui no Nestório, até hoje também, com aulas no ensino médio, mesmo depois de ter passado a Colégio Militar.

A história de ser Professor, ela começou desde cedo e eu peguei gosto pela coisa, assim só para gente lembrar algumas partes, eu ia final de semana, sábado, domingo, ia dar aula para os meninos. [EMOÇÃO]

[***]

Então, voltando, os alunos para quem eu dei aula, em finais de semana, sábado, domingo, feriado, que eu propunha, tinha tempo para estar fazendo isso, era solteiro. Hoje, eles me encontram, me agradecem por terem passado em concursos, estarem bem, alguns médicos que eu já dei aula, também vieram me agradecer, então é gratificante. Hoje, às vezes, eu não tenho aquele pique de quando era mais novo, você vai cansando e a família vai te absorvendo

também. Há vinte anos, eu me casei, foi quando eu estava iniciando o curso de Matemática na UFG, então fiz 2 anos do curso e tive que parar porque meu filho nasceu, dava aula à noite e estudava de manhã. Chegava em casa, ele começava a chorar, chorava a noite inteira, os três primeiros meses foram difíceis, então fui perdendo aulas e vi que não ia dar conta de acompanhar, aí deixei o curso e tranquei a matrícula. Depois, quando fui voltar, tive que pegar aulas picadas, o que não dava certo e precisei trabalhar, tinha que encaixar minhas aulas lá, com aulas que dava aqui, então deixei o curso. Mas nunca parei de ministrar aulas de Matemática. Posteriormente, fui fazer Biologia, na época, me disseram que seria uma Licenciatura com habilitação em Biologia e Matemática, mas a certificação foi apenas em Biologia. Mas eu nunca dei uma aula de Biologia, terminei, em 2004, na UEG. Às vezes, não sou mais aquele antigamente, mas ainda firme, ainda gosto muito de dar aula, de ver as descobertas dos meninos, acho aquilo maravilhoso e te dá alegria ver que eles estão aprendendo; então eu gosto muito ainda de dar aula. Eu só queria ter o pique que eu tinha de antes, de dormir, 2, 3 horas só na noite, fazendo as coisas para poder dar aula. Eu já cheguei a dar 60 aulas na semana e mais aula no cursinho. Hoje, se eu fizer um negócio desses fico doente com uma semana. Hoje dou 28 aulas e acho muito, mas é gratificante dar aulas.

[Final de depoimento]

Segundo Encontro

Pesquisador – O que é ser professor?

Professor - Bom, ser professor para mim é tentar passar para os alunos um pouco de conhecimento daquilo que a gente obteve durante a nossa trajetória. Sempre auxiliando, tentando com que ele tenha um norte para seguir rumo ao futuro acadêmico dele.

Pesquisador – Na sua trajetória, teve algum professor ou professora que tenha te marcado? Que você o tenha como referência?

Professor – Na minha trajetória escolar, como referência, eu tive poucos, e não saberia citá-los, mas eu cito dois que me ajudaram muito durante minha prática em sala de aula: Professor Edmilson e Professora Rosália. Quando eu precisei de auxílio para poder alavancar minha profissão, eu recorri a eles, e eles me ajudaram bastante, então tenho eles como duas pessoas que me ajudaram muito na minha carreira.

Pesquisador – Tem alguma característica deles que você destaca?

Professor – Não, a característica deles não, a característica que eu tenho comigo é de que, quando eu estudei, na época da ditadura, a coisa era tudo certinha, então eu passei a ter aquilo, eu era meio bruto. Quando eu comecei a dar aula, os meninos morriam de medo de mim, isso foi acabar só após eu dar aula particular em casa, por necessidade, pois eu tinha que atender o aluno individual, ter mais paciência, trabalhar tranquilo, então, aquilo me levou a perceber as dificuldades que o aluno tem de aprender. Também revi esta prática após trabalhar na direção da escola, o que me ajudou a rever meus conceitos de sala de aula.

Pesquisador – Tem algum momento de sala de aula que você se lembra que teve algum significado, que traz referência, alguma situação em específico?

Professor – Na sala de aula não, mas, eu tenho uma passagem de um aluno na marquise da escola, em que eu estava como coordenador, e tirei o menino de lá e dei suspensão por achar ser uma falta gravíssima. Porém, tive o transtorno de que no dia seguinte a subsecretária mandou que o aluno voltasse para a sala de aula de boa, então, isso me deixou marcado.

Pesquisador – O que você atribui que seja um ensino de qualidade?

Professor – O ensino de qualidade [SILÊNCIO]

Professor – O ensino de qualidade passa pelo aprendizado do aluno de maneira eficaz, porém, vivemos uma situação hoje, que praticamente trabalhamos tentando forçar os alunos a estudarem, algo que eles não acham necessário, a cada dia a gente passa algo para eles na tentativa de motivá-los, mas não conseguimos, então, a nossa luta é buscar esse aluno, resgatá-lo para dentro da escola, então, o ensino de qualidade, tem que ter boas aulas, para chamar a atenção desse aluno, para que ele não fique perdido no tempo, porque muitas vezes o conteúdo, principalmente Matemática, é muito chato e eles não gostam, então, a gente procura colocar a realidade do dia a dia dentro das nossas aulas, buscando conquistá-los. Assim, para se ter aulas de qualidade é necessário que se tenha vontade de aprender.

Pesquisador – Que características pessoais influenciam positivamente a sua docência?

Professor – Não ser tão rápido é uma das minhas características. Tentar passar pausadamente para os alunos, apesar de que a gente tem alunos que pegam rápido, mas a maioria não consegue se a gente for acompanhar aquele aluno que tem o raciocínio mais rápido. Então, pausadamente, eu trabalho dessa forma, e a característica de estar sempre brincando com o aluno, mas sempre que possível estar puxando também, então, digamos, esse jogo de corpo que a gente tem feito para que o aluno não fique com raiva da gente por conta da matéria que o pessoal não gosta.

Pesquisador – Como você se relaciona com o contexto social com os colegas de trabalho, faculdade, com os alunos?

Professor – Me relaciono da melhor maneira possível, sempre procurando não desagradar ninguém. Mas não gosto que pisem no meu calo [RISO], às vezes fico até meio nervoso, e solto, como dizem os colegas, “os cachorros”, mas isso não é sempre, é algo muito de vez em quando. Procuro ajudar, tanto os alunos, como os colegas. Eu só não gosto é que [SILÊNCIO]. Existem algumas coisas dentro da educação que os outros gostam de subir na cabeça da gente para poder se sobressair, acham que não precisam disso, mas eu tento tratá-los bem, para que eu seja tratado da mesma forma.

Pesquisador – Qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem?

Professor – [SILÊNCIO]

Professor – A relação entre professor e aluno para o aprendizado é que gostando mais de você, o aluno consegue captar melhor o que você passa, parece que passa a entender o conteúdo com mais clareza, ele consegue pegar mais rápido tendo afinidade com o professor.

Pesquisador – Quais valores considera importante para a formação humana? De que forma eles aparecem em sua prática pedagógica? Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade). De que forma esses valores aparecem em sua prática?

Professor – [SILÊNCIO] doída essa pergunta aí [RISO]. Nós podemos pular ela? [RISO]

Professor – O que eu digo para eles é o que eu sempre digo para os meus filhos, a gente nunca perde por ser humilde, em qualquer lugar cabe humildade. Então, para você viver bem em qualquer lugar, você não pode ser estourado com ninguém. Ser humilde, mas não deixar que os outros subam na cabeça. A nossa sociedade hoje, passa por tantas coisas ruins, muita gente querendo levar mais um para o lado ruim, então, temos que sempre está com o pé atrás para poder sobreviver nessa sociedade. Geralmente, eu consigo colocar isso para os alunos, quando eles estão desleixados com o conteúdo, peço para que eles peguem com mais vontade, porque se já é difícil a sobrevivência hoje, daqui para frente vai ser pior e se não tiver um pouquinho de conhecimento, ele não vai conseguir chegar lá, porque os outros vão chegar, estão dando o melhor deles, então, é preciso que eles deem o melhor para que se sobressaiam lá na frente. [SILÊNCIO]

Pesquisador – O que o você acha que deve fazer parte das aulas de todos os professores? O que é fundamental na aula de um professor?

Professor – O que pode fazer parte na aula? [SILÊNCIO]

Professor – Primeiramente, respeito, dentro de sala de aula, eu acho que não deveria faltar para professor nenhum, para aula nenhuma. Não só com o professor, mas entre os colegas também. Porque, muitas vezes, o aluno sabe um pouco mais do que o outro e acha que pode atrapalhar o outro que está tentando aprender, que tem mais dificuldade.

Pesquisador – Você estabelece relação entre os conteúdos de sala de aula e questões políticas, sociais e econômicas?

Professor – Em matemática, muitas vezes você coloca questões econômicas, políticas, dentro de questões. Mas, assim, no meio mesmo, não tem como discutir política, questões sociais, na minha aula não. A não ser que tenha alguma questão de um livro que fale sobre isso, do contrário não.

Pesquisador – Você tem algum procedimento específico para estimular o pensamento crítico dos alunos?

Professor – [silêncio] ter eu tenho, mas eu não consigo. Depende da ocasião, do que a gente está falando, para poder jogar isso para que verifiquem uma crítica sobre aquilo que a gente está falando, então, depende da ocasião. Não tem como te falar especificamente.

Pesquisador – Você costuma refletir sobre sua prática pedagógica?

Professor – Sim sempre reflito. Sempre tentando melhorar, para ver se consigo trazer mais gente para junto de mim no que se refere ao aprendizado. Como dou aula no ensino médio, os alunos já chegam acreditando que a Matemática é um bicho de sete cabeças, vivo tentando resgatar esses meninos, para que eles não tenham tanto medo desse bicho. Mas não é uma batalha fácil.

Pesquisador – Para você, o que é ser um bom professor?

Professor – Ser um bom professor seria atingir cem por cento dos alunos. Coisa que tento desde quando comecei a dar aula, só que a gente não consegue, então, eu vivo procurando maneiras para aumentar essa porcentagem, que hoje é em torno de 40% que pega o conteúdo, e mais uns 20 ou 30 que chega a ser regular, o restante, na verdade, empurra com a barriga. Então, não consegui, ainda, ser um bom professor, porque eu teria que atingir a todos e eu não consegui, a minha frustração é de não atingir todos.

Pesquisador - Por que o professor de matemática é sempre o mais temido pelos alunos?

Professor – Como eu disse anteriormente, por conta de que eles já vêm desde o início do ensino tendo a Matemática como bicho de sete cabeças, aí ele passa aquilo para o professor. Tanto é que eu disse anteriormente que antes, quando eu comecei a dar aula, eu era bem chato, o menino não podia mexer na cadeira que eu estava brigando com ele. Eu dava aula no ensino fundamental II, os meninos muitas vezes já chegavam com medo de mim, porque a conversa andava, mas com o passar do tempo foram acostumando comigo, e mesmo com as cobranças meio radicais, coisas que eu mudei depois, hoje eu sou bem mais *light*, até demais. Mas eu acredito que seja por conta de trazerem um preconceito do professor de Matemática.

Pesquisador – Agora, a última reflexão. O que mais te agrada e te desagrada em ser professor?

Professor – O que mais me agrada é ver a satisfação do aluno em aprender, quando você vê estampado no rosto dele a alegria de estar aprendendo. Agora, o que mais me desagrada, é a falta de reconhecimento, tanto da sociedade como dos governantes; querendo ou não, todos passam pelas mãos de professores, então, toda e qualquer formação que o cidadão tem ele passa por um professor, e eles não veem um professor como deveriam, e os governantes, por conta de salários que são tão baixos como os de hoje, às vezes, eles desfazem dos direitos que a gente lutou para conseguir, assim, do dia para a noite. E a gente vive aí, o professor tentando pegar mais aulas, isso atrapalha inclusive na qualidade das aulas. Agora, gratificante mesmo, é ver os alunos se lembrarem de você e o que foi suas aulas para eles, o que aprenderam com você, e pode ser útil na vida dele depois que saíram da escola. Eu tenho uns meninos que foram meus alunos, na época que eu dava aula no curso técnico, eu dava aula de Matemática Financeira, que passaram no concurso da Caixa e do Banco do Brasil. De vez em quando nos encontramos por aí, e eles falam o quanto essas aulas os ajudaram. Tem uns primos, que ajudei também, os dois passaram no concurso da Caixa, ela é gerente em Goiânia e ele era gerente em Itumbiara, e recentemente o convidaram para ser superintendente no Acre.

[Final do depoimento]

II Professor Edmilson Oliveira Ferreira

Primeiro Encontro

Pesquisador – Conte-nos a sua história professor!

Meu nome é Edmilson Oliveira Ferreira, sou filho de um lavrador e de uma manicure, vivi até os 10 anos em uma fazenda, quando vim para Jataí. Entrei na escola, fiz o pré-escolar na escola João Roberto Moreira, do pré-escolar eu fui aprovado para o segundo ano, estudei no João Roberto até o quinto ano, no antigo João Roberto, que já foi destruído, não é a escola atual. Quando eu cheguei na segunda fase do fundamental, eu passei para a escola Polivalente Dante Mosconi, onde eu cursei do sexto até o nono ano. Nos quatro anos, fui eleito o melhor aluno da escola; tenho as medalhas. Quando passei para o segundo grau, fui para o INVEST, que naquela época chamava Habilitação Básica em Saúde, fiz o segundo grau particular.

Do segundo grau, entrei na faculdade, fui fazer Matemática na FESURV em Rio Verde, porque em Jataí não tinha o curso. Antes de chegar à faculdade, me convidaram para dar aula e comecei a dar aula aqui no Nestório Ribeiro, quando eu fazia o terceiro ano do segundo grau, ainda, eu estava com 17 para 18 anos. Com 19 para 20 anos, eu entrei para a faculdade; depois de cinco anos eu me formei, aí fiquei um ou dois anos sem estudar, voltei para fazer a Pós-Graduação em Metodologia do Ensino em Anicuns. Cursei durante três anos essa especialização, e nesse período eu também fui Diretor do Marcondes de Godói durante quatro anos e também coordenador pedagógico, trabalhei no ISG e no Nestório.

Eu tenho três irmãos, dois homens e uma mulher. Vim de uma família muito humilde; meus irmãos tiveram as mesmas oportunidades de estudar assim como eu, mas eles não deram valor, só eu consegui me formar; hoje tenho curso superior. Em primeiro lugar eu agradeço a Deus, depois aos meus pais, principalmente, a minha mãe, que batalhou para eu chegar onde cheguei hoje. Entrei na área de educação com mérito próprio, fiz o concurso, fui efetivado, comecei a trabalhar também no Educandário Pequeno Príncipe, quando eu tinha 18 anos, até hoje eu trabalho lá, vai fazer 30 anos agora, dia 01 de fevereiro de 2017. Em 2000, prestei o concurso da Prefeitura, sou concursado pela Prefeitura Municipal de Jataí, onde eu trabalho na Educação de Jovens e Adultos no noturno, ministrando a disciplina de Matemática. Ao longo desses anos, passamos por muitas decepções, muita glória, muita coisa boa, mas muita coisa ruim, muita luta, o professor não é valorizado, mas nós temos que unir forças para conseguirmos nossos direitos, isso não é fácil, é uma luta, tivemos muita perseguição, por ordem dos nossos

chefes. Espero que essas coisas mudem, que 2017 seja um ano melhor e que as perseguições e as coisas ruins que estavam na Educação melhorem no próximo ano.

[***]

Bom, como eu comecei minha carreira há 30 anos, eu tinha uma visão diferente de professor. Para mim, o professor tinha o poder de mudar a sociedade; hoje eu não vejo mais isso, nós estamos aqui só para contribuir para que essa mudança ocorra, contribuir para formar um cidadão crítico, consciente, e que a cada dia, mais o aluno saiba brigar pelo seu direito e conquistar seus ideais.

[***]

Meu sentimento em relação à docência é de missão e de amor. O professor é professor porque gosta mesmo, porque não é fácil ser professor, não é valorizado, nem pelos nossos governantes e, às vezes, nem pelos nossos alunos, mas ser professor é uma missão, é uma dádiva de Deus.

[***].

Desde a primeira fase, no ensino fundamental, que aconteceu no João Roberto Moreira; nós passávamos por muitas dificuldades, quando chovia a escola caía, nós tínhamos que sair correndo, porque era uma escola muito precária, mas o que me marcou bastante no João Roberto foi minha primeira professora, que me alfabetizou e a quem eu devo muito, que é a Maria Dione Lopes de Souza. Depois, estudei na Escola Polivalente Dante Mosconi; lá eu tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que marcaram minha trajetória, uma delas foi a Professora Irene Teixeira, que foi minha professora de Matemática, o professor Valdemar Coimbra, que também foi meu professor de Matemática. Também, tive a oportunidade de participar, no Dante Mosconi, das aulas de Educação para o lar, Técnicas Agrícolas, em que fazíamos aulas práticas, cortar grama, fazer horta; foi uma parte muito importante na minha vida que eu passei dentro do Dante Mosconi.

Depois, fui estudar no INVEST, que naquela época chamava Habilitação Básica em Saúde, a escola não me realizou muito, mas eu terminei meu segundo grau, lá eu não fiz um ciclo de amigos. Comecei a dar aula no Nestório Ribeiro e no ano seguinte fui para a faculdade; na faculdade tive muitas dificuldades, a gente ia para Rio Verde todos os dias, todas as noites, saía daqui de Jataí às 17:30h, as aulas começavam às 18h. Chegávamos atrasados, às 18h30minh, as aulas terminavam às 23h e nós saímos de lá às 22h30minh por causa de

transporte, de ônibus. Quantas vezes eu pousei na estrada porque o ônibus quebrou e a gente não tinha como voltar para Jataí. Era uma luta, passamos muita fome, tínhamos dificuldade. Teve um dia que fomos de carro próprio, a motorista dormiu e o carro foi jogado para fora da estrada; só não aconteceu um acidente porque tinha uma pedra que barrou o carro, se não, poderíamos estar todos mortos, foi por Deus que não aconteceu nada. Em umas das trajetórias indo para Rio Verde, a nossa colega fundiu o motor do carro, nós passamos a noite inteira na estrada pedindo socorro, mas não apareceu. Então, houve muitas dificuldades para fazer essa faculdade, estudar em Rio Verde não foi fácil, na nossa época tínhamos o apoio da Prefeitura que nos dava um ônibus em um semestre, no outro não, tínhamos que “nos virar nos trinta”, mas conseguimos. No dia 11 de julho de 1992, eu coleí grau na FESURV e de lá para cá é só luta. Essa vitória não foi fácil, o mérito é nosso e das nossas famílias que nos apoiaram e estiveram o tempo todo ao nosso lado. Quando a gente vai realizar um sonho, temos que deixar a vida particular, a vida social e a vida familiar de lado, porque nós não tínhamos tempo, nós estudávamos de segunda a sábado, só tínhamos praticamente o domingo para ficarmos em família, não dava para curtir o final de semana porque não dava tempo, foi muito corrido, tínhamos que trabalhar o dia inteiro e estudar à noite, não foi fácil, mas nós conseguimos chegar lá.

[***]

Eu comecei no Nestório Ribeiro em 1987, substituindo professores; depois eu fiz o concurso em 1998. Eu entrei para o Estado, fiquei fora do Nestório Ribeiro por quatro anos, foi quando eu fui diretor do Marcondes de Godoy, quatro para cinco anos que eu fiquei lá, quando eu saí da direção eu quis retornar, mas me foi negado, na época, o retorno, porque o pessoal tinha muito medo, como eu já tinha sido diretor de uma escola, o pessoal tinha medo de receber um ex-diretor de escola, me disse que não tinha vaga, eu fiquei dois anos no ISG, durante esse tempo continuei tentando retornar para o Nestório Ribeiro, todo ano eu vinha e pedia, mas diziam que não havia vaga, justamente por o medo de concorrência. Com a ajuda da Professora Marina, retornei e estou aqui até hoje.

[***]

Só de Nestório Ribeiro são uns 25 anos, passamos muitas dificuldades, teve uma época que alguns diretores, tiveram algumas intervenções da Secretaria da Educação. Houve um momento em que eu fui indicado para ser diretor, mas na época era um critério político, então outro candidato ganhou, porque ele era do Diretório do PMDB, ele foi empossado como diretor,

eu cheguei nele e falei assim: “- olha, eu estou saindo da escola porque não dá certo trabalharmos juntos, porque, pelo tipo de concorrência, por isso talvez você não vai me querer na escola, porque éramos concorrentes” e ele falou: “não, você pode continuar, nós vamos trabalhar juntos”. Mas os alunos não aceitaram ele aqui, teve manifesto, tiveram vários episódios, eu acho que ele ficou só uns 15 dias, teve que ser retirado e foi colocado outro. Nós passamos por intervenções, muita coisa pesada passou no Nestório Ribeiro, foram muitas fases difíceis. Nós tivemos excelentes diretores, o Professor Paulo que na primeira versão foi um excelente diretor, professor Edmar, o Professor Edgar, a professora Tereza Franco, que quando eu entrei no Nestório Ribeiro ela era a diretora, que me deu total apoio e quem me trouxe para o Nestório Ribeiro, foi a Tereza Franco e se hoje eu sou professor, eu devo a ela, foi ela que me deu a primeira oportunidade e que me apoiava em tudo. Ela foi minha professora no segundo grau e depois foi minha diretora. Foi ela quem abriu as portas para mim.

[***]

Quando eu comecei a trabalhar, eu trabalhava com Biologia, Artes e Geografia. Eu fiquei três anos trabalhando nessas áreas, depois de três anos que foi aberta a cadeira de Matemática para eu começar a lecionar essa disciplina.

[***]

Quando eu comecei a trabalhar, lecionava no ensino médio, trabalhava à noite e só tinha ensino médio, depois eu passei para o período da tarde e peguei ensino fundamental, mas eu tenho preferência pelo fundamental, eu gosto mais de trabalhar com criança, principalmente sexto ano. O adolescente dá mais trabalho e a criança é sincera com você, então você tem que fazer de tudo para conquistar uma criança e o adulto, às vezes, é mais falso, ele pode falar que gosta de você, pode fazer alguma coisa na sua frente, mas atrás ele faz tudo para acabar com você, por isso eu tenho preferência de trabalhar com o ensino fundamental. Eu me identifico mais com eles, principalmente, o sexto ano, eu acho que eles dependem muito da gente, precisam muito do professor ainda, corpo a corpo.

[***]

A gente sente muito bem entre os alunos do sexto ano a relação professor-aluno é mais forte. Para eles, o professor ainda é um ídolo, e com o passar do tempo vão perdendo essa identidade, o professor já não é mais um ídolo para eles, no sexto ano o aluno ainda tenta imitar o professor, sei disso, porque eu também passei por isso. Quando eu fiz o sexto ano, eu tive

professores que me inspiraram. Um dos professores que me influenciou na área de Matemática, tive a oportunidade de falar com ela há pouco tempo, se hoje eu sou professor, eu devo muito a ela, professora Rosália de Assis, que para mim é um exemplo de profissional, que foi minha professora, que me deu os primeiros passos dentro da Matemática do segundo grau, me inspiro muito nela. As minhas aulas são inspiradas nas aulas da professora Rosália de Assis, que para mim é um exemplo de educação dentro de Jataí. Ela era minha professora no INVEST - Carlos Chagas, quando eu vim para cá, ela já trabalhava aqui, trabalhamos juntos, em parceria, inclusive eu trabalhei junto com ela dando aula de Ciências no nono ano. Eu dava aula de física; eram duas aulas de física e ela dava duas aulas de química, a gente dividia o nono ano, eu e a professora Rosália.

[***]

Minha história na educação começou com o Nestório Ribeiro, sou apaixonado por essa escola, eu já tive a oportunidade de sair várias vezes, a única época que eu saí foi quando eu fui convidado para ser diretor do Marcondes de Godoy, eu achei que eu tinha o direito de ter essa experiência, eu fui e gostei, na direção da escola eu me realizei muito mais do que como professor. Como diretor, eu podia ajudar mais o professorado, o aluno, o pai, eu via mais o pai, o aluno. Como professor, não dava muito tempo da gente fazer esse trabalho. Na época que eu fui diretor, até a minha vida pessoal foi mais feliz, foi a época que eu vivi melhor.

[***]

Como diretor, a gente tinha mais tempo para atender o pai, o professor. Assim, eu ouvia várias histórias e naquela época eu não entendia o porquê. Teve uma história que me marcou bastante, uma mãe chegou em mim, no Marcondes, dizendo que queria uma vaga, eu falei para ela: “não, infelizmente não tem”. Ela morava lá perto do quartel, na vila, ela falou assim para mim: “Professor, eu moro na vila, mas não quero que meu filho estude na vila”. Daí eu fiquei pensando muito tempo, porque que ela me falou isso, que não quer que o filho estude na vila. Hoje eu sei, é pelo ambiente, um lugar muito pesado, que, às vezes, na vila poderia perturbar a educação dos jovens, então ela tinha essa mentalidade.

O Marcondes de Godoy era na época era uma escola bastante concorrida, quando eu deixei a escola, uma escola pequena, com cinco, seis salas de aula, nós tínhamos 600 alunos. Era uma escola que, na época de matrícula, tinha uma concorrência muito grande, fazia fila para entrar dentro do Marcondes de Godoy, era muito difícil conseguir vaga. O Marcondes de Godói é uma escola tradicional, a primeira escola de Jataí, foi fundada em 1929, foi construída

na época para ser uma escola de elite. O Marcondes de Godoy ficou uma escola centralizada, por isso que às vezes não tem aquela quantidade de aluno que já teve no passado, mas é uma escola de nome, de renome, por lá passaram várias pessoas importantes da sociedade, vários médicos, vários políticos.

[***]

Eu fiz pós-graduação em Anicuns. Era presencial; nós íamos geralmente em julho, ficávamos lá 15 dias, por isso demorou muito para terminar, pois era só em julho e em dezembro, na época de férias. Nós passamos muitas dificuldades para estudar, para pagar não era fácil, nós alugamos uma casa, a casa era alugada mensal, ficávamos apenas 15 dias, mas era cobrados 30 dias, éramos 30 pessoas e repartíamos as despesas.

[***]

Eu sou de Jataí, a história de vida da minha mãe é muito complicada, ela foi abandonada quando tinha três anos, próximo ao Nestório Ribeiro, só tinha mato, fazenda, só tinha o Hospital Regional, e minha avó fugiu com um policial aqui da cidade, aproveitou que meu avô estava fora e fugiu e deixou minha mãe e duas tias trancadas numa casa. Elas ficaram presas por uma semana, uma madrinha da minha mãe passou na rua da casa dela e ouviu choro de criança, bateu na porta e ninguém atendeu, ela resolveu arrebentar a porta e encontrou minha tia de nove meses morta, porque mamava na minha avó e não aguentou ficar uma semana sem se alimentar, minha mãe e outra tia estavam com bichos na cabeça, por estar sem tomar banho há dias. Quem cuidou delas na época foi o João França, um farmacêutico famoso que tinha em Jataí, depois que curou minha mãe e minha tia, ele falou que não sabe como elas sobreviveram, foi milagre de Deus. Então minha mãe foi adotada pela primeira cabeleireira de Jataí, Brentina Guimarães de Oliveira, e por um caminhoneiro na época, Joaquim Bicota, que são os meus avós postíços, mas são os avós que conhecemos e consideramos e que minha mãe também conhecia como pai e mãe.

Depois de 28 anos, a minha avó verdadeira apareceu em Jataí; ela morava em Alto Araguaia e veio à Jataí para reencontrar os filhos que tinha abandonado por coincidência ela esteve na minha casa eu tinha mais ou menos uns 15 anos e minha mãe falou para ela, que ela era uma pessoa estranha, “porque você não foi minha mãe, você apenas me gerou, mas a mãe que eu considero e a que me criou e meus filhos também não a reconhecem como avó, a senhora pode vir na minha casa, mas continuará como uma pessoa estranha e nunca teremos esse vínculo de mãe e filha, pois na hora que mais precisei de você, não tive seu apoio de mãe”. Toda a

sociedade antiga conhecia meus avós postiços; hoje já não conhecem, pois já modernizou, minha mãe foi criada com eles.

Meu pai é filho de Lindolfo Batista Ferreira e Maria Tomas Peres; eles tinham uma chácara em frente ao círculo militar que, na época, o quartel veio e tomou, aquela área que fica de frente ao círculo militar era do meu avô. Meu pai foi criado naquela região ali e eu também, até os oito anos. Quando o quartel tomou a terra, tivemos que sair e logo após meu avô morreu, acho que por desgosto, porque ele foi criado naquela terra, acho que não durou mais que cinco anos, porque tirou o lugar em que ele foi criado. Na época, o Governo Federal indenizou, mas como o preço da escritura foi muito barato, de lá a gente mudou para fazenda, ficamos até eu completar 10 anos, voltamos para cidade para que eu e meus irmãos estudássemos, aí comecei a estudar no João Roberto.

Relembrando aqui, eu comecei a dar aula quando eu fazia o quarto ano do primário. Lembrei agora de um fato, a professora já me colocava para dar aula; ela me passava o plano de aula e exercícios e falava que eu iria ministrar a aula, e sentava na sala e deixava eu dar aula para os meus colegas. O nome dela era Tereza Modesto; foi a primeira professora que meu deu oportunidade de ser professor, então eu já assumi a sala no quarto ano do primário, ela tinha total liberdade de deixar a sala em minha responsabilidade, ela ia mexer com outras coisas, até o que não podia fazer naquele horário, como sair da escola e deixava assumir a sala de aula dela.

Penso que foi lá que começou a minha carreira profissional, eu nunca podia imaginar que eu ia chegar a ser professor, não dava aula o tempo todo, mas ficava duas até três horas ministrando aula, ela já trazia o plano de aula prontinho eu só copiava e acompanhava os meus colegas e eles me respeitavam bastante, nós éramos mais ou menos da mesma idade, 10 e 11 anos, mas foi ali que começou a minha carreira. Se for parar para analisar, foi uma experiência.

Meu sonho era estudar na Escola Polivalente Dante Mosconi, que na época era uma escola famosa, localizada no mesmo lugar de hoje. Na época, não tinha nada, nem casa, era tudo mato. Para chegar lá, tinha que atravessar o mato; era perigoso no horário de verão, eu morava na Vila Paraíso, para chegar à escola, tinha que passar em muito lugar escuro, muito mato, tinha quarteirões inteiros que não tinha nada, passávamos com mato dos dois lados tendo apenas um “trieiro” para passar. Aquele quarteirão que fica de frente a escola não tinha casa nenhuma, tinha campo de futebol que os meninos jogavam bola, mas era totalmente diferente de como é hoje. Então quem vê Jataí como é hoje, na região em que eu convivi, percebe que antes era tudo mato, só tinha a escola. Foi ali que começamos ter um laço maior, fiz bastantes amizades, tenho vários colegas da minha época de lá, a gente se separou, alguns trabalham no

Banco do Brasil, éramos mais ou menos uns 20 colegas bem unidos, passávamos o dia inteiro na escola, éramos apaixonados naquela escola, porque ela realmente marcou a vida de todos nós, e o dia que não tinha aula sentíamos um vazio, foi uma escola que realmente marcou bastante, algo que não senti no ISG, onde eu estudei no ensino médio, eu ia lá só pra cumprir meu papel de estudante, não tive vínculo com a escola e nem com os colegas.

Todo ano os professores me encontravam no corredor e falavam “no ano que vem quero ver se você vai continuar sendo um bom aluno assim do jeito que você é, pois, o ano que vem é o 7º, 8º ano e nós vamos pegar no seu pé”; aquilo para mim era um desafio, e eu passei por uma experiência importante no Polivalente, não vou falar o nome por ética, mas eu vou dizer aqui. Quando eu fazia o 7º ano, era uma criança muito tímida, sentava na primeira cadeira e meu colega de trás, era mais esperto do que eu. A professora mandou ler um texto na aula de português; aí ele falou no meu ouvido: “nossa não entendi nada desse texto”. Por ironia do destino, a professora pediu para fazermos a leitura silenciosa e depois na hora que ela foi discutir o texto a primeira pessoa que ela pediu para levantar e falar sobre o texto fui eu, e o bobo aqui acreditou na história do colega e falei para a professora que não havia entendido nadinha do texto.

A professora levantou da cadeira e acabou comigo na sala de aula; se eu soubesse dos meus direitos, eu tinha processado a professora, pois ela disse que eu não tinha competência para estar no 7º ano, pois se não entendia um texto daquele, não poderia estar naquela série. Eu era simplesmente uma criança, tinha apenas 12 anos, mas eu fiquei calado, não respondi a altura, mas pensei “vou provar para ela quem eu sou” e a primeira prova de português que fiz com ela eu praticamente tinha tirado 10, mas eu cometi um erro, escrevi Brasil com b minúsculo e ela tirou 1 ponto da minha prova e me deu 9. Na segunda prova, eu vou mostrar para essa mulher do que eu sou capaz; ela tinha uma vantagem: ela aplicava a prova em um dia e no outro já entregava, era bem rápida para corrigir, eu fiz uma prova com ela no 3º bimestre, eu já sabia todas as manhas dela. Só que se passaram 15 dias, ela não me entregou a prova. Então eu pensei que tinha alguma coisa errada, aí ela cometeu um pequeno deslize, ela chegou no 9º ano - eu estava no 7º - e tinha 2 primas no 9º ano, aí ela falou lá no 9º ano que estava com um problema muito sério, pois tinha um aluno que tirou 10 em português, mas ela não poderia dar 10 para ele, tenho que achar um erro na prova dele, um ponto, alguma coisa para ele não ir com 10, porque vai até me desmoralizar, pois falei em frente à turma que ele não tinha competência e agora ele está provando que tem.

Ela contou isso lá na sala, minhas primas correram e me disseram isso e eu sabia que era eu; ela ficou um mês com a minha prova, depois ela viu que não tinha jeito de descobrir um

erro, então me entregou a prova e foi obrigada a reconhecer que eu tinha competência para estar na série que eu estava, fechei o 3º bimestre com média 10 e o 4º bimestre também com média 10, só para provar para ela que eu tinha competência, mas essa professora me marcou negativamente a minha vida pelos maus exemplos que ela deu, ela era muito boa professora, mas ela jamais deveria ter falado para mim o que ela falou, eu sendo uma criança de 12 anos. Hoje ela trabalha no Banco do Brasil, provavelmente já está aposentada, mas é uma pessoa que não tenho boas recordações, não gosto nem de ver.

[***]

Eu vivi dentro do Nestório Ribeiro grandes perdas e grandes vitórias, lutas e batalhas, não foi fácil. Então, já passamos por muitas dificuldades ali no Nestório Ribeiro, desde a intervenção da Secretaria de Educação, até a revolução de aluno, que na época colocaram um diretor e eles não aceitaram, não entravam para a sala de aula, ficaram uma semana sem entrar para a sala de aula, isso os alunos do noturno, pois durante o dia os alunos são mais tranquilos, eles não entravam para a escola, ficaram uma semana sem assistir aula porque não queriam o diretor que estava ali. Tivemos bons administradores, mas tivemos também administradores ruins que deixaram a desejar, mas 60% contribuíram bastante com o Nestório Ribeiro, para ser tornar a escola que o Nestório Ribeiro é hoje, que é uma escola de nome, tradicional e agora que virou Colégio Militar melhorou mais ainda; ele retornou às origens, resgatou o passado, voltando a ser a escola de referência que sempre foi. Antigamente, era orgulho falar que estudava no Ginásio Nestório, lá era chamado de Ginásio antigamente, alguns nem falavam Nestório, falavam apenas Ginásio, outro fato importante, à tarde era geralmente só 5º ano, indo do 5º “A” até o 5º ”J”, e uma coisa que me chamava atenção naquela época era como o Professor Paulo ia na rampa da entrada e ficava lá na hora de compor a sala, chamava aluno por aluno para ir para as salas de aula, às vezes no primeiro dia de aula a tarde inteira chamando os alunos, um por um, para conhecer cada um, e não era fácil, naquela época tinha 10 quintas séries, também teve uma época que ele tentou dentro da escola uma prova para entrar na 5ª série e para entrar no 2º grau, mas isso só aconteceu por 2 anos, porque depois a Secretaria de Educação barrou isso, porque por ser uma escola pública, não podia ter processo seletivo para entrar, mas ele tentou fazer, o período que ele fez foi muito bom, pois melhorou até o nível dos alunos.

[***]

Na escola, ninguém pode passar a mão na cabeça de menino, tem que exigir mesmo, então o professor que cobra mais ele fica marcado na vida do aluno, prova disso, a professora que mais me marcou no 2º grau era a professora mais exigente, era a mais “caxias” e me inspiro nela para ser professor, a Professor Rosália. Ela exigia o máximo que podia, então marcou a vida de muita gente na sociedade jataiense, e hoje sendo uma profissional aposentada respeitada, aonde ela chega é reverenciada.

[***]

Na época era o quadro de giz, ela riscava e fazia uns pontinhos no quadro. Eu aprendi a fazer aqueles pontinhos só de vê-la fazendo. Quando eu começava a dar minhas aulas, eu fazia os pontinhos do mesmo jeito que ela fazia, hoje não é possível mais isso porque não tem mais giz, é pincel, mas ela como profissional era perfeita, inspirou a profissão de várias pessoas, e todo mundo que passou pelas mãos dela passou a gostar um pouquinho de Matemática, realmente ela vivenciava o que ela ensinava para nós.

[***]

A primeira vez que eu entrei numa sala de aula me marcou bastante. Foi no 1º “C” de contabilidade no noturno, eu fui dar aula de biologia, e por eu ser muito tímido na época, muito fechado, tive muita dificuldade na primeira aula, pensei comigo que não voltaria nunca mais, isso não é para mim, eu fui testado de todo jeito pelos alunos, pois já eram alunos adultos, alguns mais velhos que eu, uns foram meus colegas de escola. Quando eu entrei na sala de aula muitos me discriminaram; outros nem voltaram para a escola, porque pensaram “um colega meu dando aula aqui agora”, mas a minha primeira experiência na sala de aula pensei que não voltaria nunca mais, depois pensei que teria que lutar por isso, e devagarzinho eu cheguei, com jeitinho, com dedicação eu conquistei meu espaço e fiquei amigo deles, até coisas particulares da vida deles, eles me contavam, foi difícil só a primeira vez, depois eu dei a volta por cima.

Hoje, o aluno é outro, a realidade é outra, as dificuldades são as mesmas, só que tem que trabalhar com realidades diferentes; a tecnologia já está mais avançada do que há 30 anos atrás. O professor quando entra na sala de aula pela primeira vez não é fácil, só que o professor tem que fazer uma coisa importante, em minha opinião, não misturar a vida profissional com a vida particular, então o professor não tem aquele elo, de intimidade com o aluno, de sair com aluno para barzinho, professor é professor e aluno é aluno, não pode misturar as coisas, por isso os professores perdem o domínio da sala de aula, porque têm um vínculo muito grande com o aluno lá fora, e o aluno não sabe diferenciar as coisas e leva isso para a sala de aula.

Pode ser que ocorra um desentendimento entre o professor e o aluno, porque o vínculo lá fora é muito grande entre os dois, de amizade mesmo, de ir junto para festa, e chega à sala de aula o aluno quer transferir essa liberdade que ele tem para o ambiente de estudo, o que tem gera conflito entre aluno e o professor. Na minha vida profissional, eu nunca fiz isso, eu sou professor, aluno é aluno, somos pessoas diferentes, de cultura diferente, não significa que eu sei mais que o aluno; às vezes o aluno tem mais conhecimento do que eu, mas eu não posso misturar as coisas, e também não sou o dono da verdade, e aprendemos muitas coisas com aluno também, o professor não é dono da verdade e sempre tem que estar aberto para aprender novas coisas, o aluno tá ali para nos ensinar também, questão de relacionamento, questão interpessoal, o relacionamento humano é muito importante, essa relação entre professor e aluno é como se fosse uma guerra, o aluno tem que ver o professor como um aliado, o professor é um mediador, está ali para ajudá-lo a descobrir uma coisa melhor, mudar a sua vida, como eles falam para mim: “professor a escola não vai me dar dinheiro, não quero estudar”.

Realmente, a escola não vai dar dinheiro para ninguém, mas a escola vai te dar uma condição de ter uma vida melhor, de ter um emprego melhor, de subir profissionalmente, legalmente na sua vida, para que possa ter uma vida digna, uma família, um lar, uma casa, uma esposa, um carro. Eu falo para eles que a vida hoje tem muito caminho errado para seguir; se não tiver a ideia firme, se não tiver pensamento positivo, você pode entrar no caminho errado, só que esse caminho não tem volta, mas quando você vai estudando, subindo degrau por degrau, às vezes vai custar mais você chegar lá no final, mas você vai ter a glória.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

Segundo Encontro

Pesquisador – Na sua trajetória como aluno, houve algum professor que tenha marcado você positivamente, que é uma referência e que aspectos ou características você destaca deste professor.

Professor – Quando eu fiz o 2º grau no ISG, teve uma professora que marcou bastante a minha vida profissional, que é a professora Rosália de Assis. Ela para mim é um exemplo de profissional, a minha característica de professor eu me inspiro nela, ela é uma pessoa que me inspirou profissionalmente. Ela tinha um jeito assim especial de dar aula para a gente, conversar, para mim ela era perfeita como professora.

Pesquisador – Você se recorda de alguma situação na sala de aula que tenha algum significado, seja enquanto aluno quanto professor?

Professor – Eu vou lembrar de uma parte negativa que marcou bastante minha vida de estudante, na Escola Polivalente, quando eu fazia a 6ª série, uma professora de português pediu para ler o texto, eu li o texto e meu colega de trás me disse para falar para ela que não entendi nada e o bobo aqui falou pra ela que não tinha entendido nada; ela levantou e falou pra mim assim “você não tem competência para estar nessa sala”, me humilhou na frente da sala, e se eu soubesse meus direitos como aluno, hoje as coisas seriam totalmente diferente, mas eu provei para ela o contrário, provei que eu tinha capacidade, ela dava aula de português, mas hoje trabalha no Banco do Brasil, não gosto nem de ver a dita cuja, e eu tirei três 10 com ela, fechei as três provas dela para provar que eu tinha competência, mas ela me marcou negativamente.

Pesquisador – Para você, o que é um ensino de qualidade?

Professor – Um ensino de qualidade é aquele que atinge o nosso principal cliente, que é o aluno. O aluno tem que ser bem tratado, tem que trabalhar as habilidades e competências dele.

Pesquisador – Para você, o que é ser professor?

Professor – Ser professor é uma dádiva, um presente de Deus, é uma missão que nós temos como educador, de tentar transformar a sociedade, de formar mais cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres.

Pesquisador – Quais características pessoais que você tem que influenciam positivamente na sua forma de dar aula?

Professor- Como educador, eu sou uma pessoa bem séria, não misturo muito com aluno, professor é professor, aluno é aluno como prega o amor exigente, cada um no seu lugar.

Pesquisador – Como você se relaciona com o contexto social, com o ambiente escolar, com os colegas de trabalho, comunidade, com o meio acadêmico?

Professor – Dentro do ambiente de trabalho, me considero uma liderança bem positivamente, porque muita coisa que eu falo desperta nos meus colegas confiança. Ultimamente, eu ando evitando falar muita coisa para não causar transtorno, pois quando eu falo fica parecendo uma verdade, então estou evitando falar as coisas, porque não estou podendo falar as verdades, este lado meu ultimamente está meio fechado.

Pesquisador – Quais os valores que você considera importantes para a formação?

Professor – O respeito à vida é o que está precisando muito, o amor mesmo, o amor ao próximo e a confiança no Ser superior que é Deus; sem Deus não conseguimos fazer nada na vida.

Pesquisador – De que forma estes valores aparecem na sua vida?

Professor – Além de professor, sou educador e tento relacionar o máximo com o aluno para tentar ajudá-lo. Às vezes, extrassala de aula, problemas particulares ou outra necessidade tento resolver, aquilo que eu não tenho capacidade eu procuro um profissional mais habilitado para me ajudar a encontrar a solução.

Pesquisador – Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade). De que forma esses valores aparecem em sua prática?

Professor – O mundo está passando por uma transformação meio complicada, nós vivemos uma economia que não está bem mundialmente, a ética está pouca, tem muitas pessoas que têm vergonha de ter ética, vou ser sincero, tem muitas pessoas que têm vergonha de ser honesto, principalmente no nosso país, mas esses são valores que nós ainda devemos despertar nos nossos educandos, a honestidade e que não façam coisa errada, que fazendo o certo a gente consegue de degrau a degrau chegar ao ponto maior, às vezes aquilo que é mais difícil vem com mais glória, o que chega mais fácil, sai mais fácil também.

Pesquisador – O que deve fazer parte das aulas de todos os professores?

Professor – Acho que primeiro a psicologia, a questão de ética também tem que fazer parte da formação dos professores e também relacionamento humano, interpessoal também, falta muito ainda em nossa categoria; às vezes, é um colega querendo derrubar o outro, falta ainda muita ética entre os profissionais da Educação.

Pesquisador – Qual a influência da relação entre professor e o aluno para o aprendizado?

Professor – O aluno tem que gostar do professor para que haja uma aprendizagem, e quem tem a responsabilidade de fazer essa transformação é o professor, pois o aluno é um ser que ainda está em construção, já o professor é um adulto que sabe diferenciar vários aspectos, trazer esse aluno para o lado dele e não afastá-lo. O professor tem que ser um grande aliado do aluno e o aluno do professor, e com essa relação de amizade o processo de aprendizagem só tem a ganhar.

Pesquisador – Você estabelece relação entre os conteúdos em questões políticas, sociais, econômicas?

Professor – Tem alguns conteúdos que dá para trabalhar, principalmente a parte econômica, dentro da Matemática tem alguns conteúdos que dá para relacionar bem as questões sociais, políticas. Matemática, às vezes, é mais difícil, nem sempre dá para trabalhar, em todos os conteúdos, estes aspectos.

Pesquisador – Você tem algum procedimento para estimular o aluno a ter pensamento crítico?

Professor – Primeiro a gente tem que trabalhar a autoestima, nossos alunos andam desanimados, como também os profissionais da Educação também estão com a autoestima baixa, então temos que estimular a pesquisa, para ele buscar a resposta; não podemos entregar tudo pronto para os alunos, ele tem que fazer descobertas, investigar. Ser investigador e descobridor do mundo para ter uma opinião crítica e não ir na ideia dos outros, ele mesmo formar a sua própria opinião.

Pesquisador – Você costuma refletir sobre a sua prática pedagógica?

Professor – Todo professor tem que refletir sobre a parte pedagógica, você aplica uma avaliação e seu aluno não sai bem, significa que você não conseguiu atingir seus objetivos, então você tem que fazer uma autoanálise do que deu certo e do que deu errado e voltar atrás, rever a sua parte pedagógica.

Pesquisador – O que mais lhe agrada no ensino?

Professor – O que me agrada é quando eu vejo a mudança de comportamento do aluno, quando eu vejo que aquele aluno começou lá de baixo, que, às vezes, era de uma classe menos favorecida e consegue chegar no topo, sendo um médico como já temos em Jataí, alunos que passaram por minhas mãos, que são médicos e dentistas, eu me sinto realizado quando eu vejo eles bem, o que desagrada é a deslealdade e muita injustiça que a gente vê, principalmente a injustiça social.

Pesquisador – De que maneira você busca se atualizar?

Professor – O professor sempre tem que estar estudando, nós vivemos em um mundo globalizado, temos que buscar nos atualizar sempre mais, buscar os cursos de aperfeiçoamento e formações continuadas. Temos também de nos atualizar por meio da internet, lendo jornais e revistas, nós não podemos ficar parados no tempo, o educador está sempre buscando mais, estudando, lendo bastante, procurando informação e troca de experiências com outros profissionais da área, da mesma cidade ou de outro estado ou município.

Pesquisador – Para você, o que é ser um bom professor?

Professor – O bom professor é aquele que consegue atingir a sua meta dentro da sala de aula, não significa que o bom professor é aquele que é doutor, porque às vezes ele chega à sala de aula e não consegue falar a linguagem do aluno, o bom professor é aquele que chega na sala de aula mesmo que ele tenha o menor curso, ele consegue atingir o objetivo, que é o aluno, o foco nosso na sala de aula é o aluno, então não adianta eu ter uma especialização, ser um doutor, se eu não vou conseguir atingir meu foco na sala de aula, que é a aprendizagem do aluno.

Pesquisador – É a última pergunta, por que um professor de matemática às vezes é o mais temido pelos alunos?

Professor – Eu acho que essa cultura já mudou. Antigamente, o professor de Matemática era considerado o terror da escola pela própria cultura, que a Matemática era uma matéria difícil e que os professores eram os mais ranzinzas da escola. Acredito que na época que estamos vivendo na Educação, essa imagem já melhorou. O próprio professor provocava no aluno, porque ele era o terror, cobrava coisas além da capacidade do aluno, e hoje não. Nós, educadores mais modernos, temos que conquistar o aluno, cabe ao professor, tirar isso, essa imagem que o aluno tem dele na sala de aula.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

III Professora Fernanda Lima Silva Ferreira

Primeiro Encontro

Pesquisador - Conte-nos a sua história professor!

Meu nome é Fernanda, nasci em Goiânia, sou a filha mais nova de três filhos, tendo dois irmãos mais velhos. Meu pai faleceu quando eu tinha cinco anos. À época, morávamos em Goiânia, de onde era a família dele, e lá só ele trabalhava. Depois de seu falecimento, minha mãe decidiu mudar para Jataí, pois ela precisou de ajuda financeira para cuidar da gente. Ela trabalhava três períodos e nós ficávamos em casa. Apesar da tragédia de perder meu pai, que faleceu em razão de um câncer, eu tive muita liberdade.

Lembro-me que eu era muito feliz, porque minhas colegas tinham que ficar pedindo para ir nos lugares e eu não; eu só avisava minha mãe, até porque minha mãe não tinha tempo para controlar isso. Eu acho que nós, eu e meus irmãos, não fomos por caminhos muito ruins porque morávamos perto da Igreja Presbiteriana Betânia, e acabamos ficando amigos do pessoal de lá, que nos adotou. O pessoal da igreja cuidava de nós; tinha viagem e não tínhamos dinheiro, eles pagavam para a gente ir, então, a gente cresceu na Igreja Presbiteriana, mais eu do que os meus irmãos, e recebi muito apoio lá.

Eu via um diferencial entre eu e meus colegas, porque na igreja, desde criança, você já escreve atas, relatórios, e quando chegava na escola, parece que eu sabia fazer aquele tipo de coisa e os meus colegas não sabiam. Nós estudamos no IPST, que antes era ISG. Apesar de haver pagamento de mensalidade, nós recebíamos bolsa, porque o pessoal da Presbiteriana sempre organizou para estudarmos lá. Por isso, eu tive uma boa educação. O ISG, desde aquela época, já era considerado muito bom.

Porém, eu que não era uma aluna nota dez; na nossa época, tinha recuperação no final do ano, quem não conseguisse passar, fazia recuperação, e eu nunca ficava de recuperação, porque eu não queria estudar mais do que o mínimo necessário, só que eu também não tirava dez, fazia o esforço necessário para passar e pronto. Acho que não foi sempre que eu gostei de Matemática, gostei sempre de jogos de lógica, eu gostava de quebra-cabeça e qualquer coisa, Sudoku, qualquer problema que envolvesse lógica.

Quando eu fui prestar o vestibular, meu irmão mais velho também ia prestar junto comigo, e eu lembro que queria Biologia ou alguma licenciatura, acho que não tinha como fugir da carreira docente, só que não tínhamos condição de ir fazer o curso no Câmpus Jatobá, e como

seríamos dois acadêmicos, minha mãe disse que não tinha condição de pagar ônibus todos os dias de ida e volta para nós estudarmos lá. E por essa razão, teríamos que escolher algum curso daqui, e ficamos sem saber o que fazer.

Meu irmão falou: “Então eu vou fazer Letras”. Eu disse “Eu não quero ser sua colega, então vou fazer Matemática”. Porque eu gostava, eu queria ser professora, mas se eu pudesse escolher, eu acho que seria professora só de redação e literatura, porque eram disciplinas que gostava, e na época eu pensava que gostaria de ensiná-las, mas quando meu irmão falou que faria Letras, decidi cursar Matemática, porque eu não queria ser colega de faculdade dele. E me encontrei; não era uma boa aluna até o ensino médio, mas na faculdade, me tornei, tinha o gênio, um colega que era fora de lógica, mas, dentre os normais, eu conseguia me destacar um pouquinho. Até que recebi um incentivo, que terminando a graduação faria um mestrado, em Matemática, faz-se um curso de verão, com duração de cerca de um mês e meio; durante o curso tem prova e os melhores entram com bolsa. Eu consegui e fui para a UNB. Mas não consegui terminar a pós-graduação, que era um mestrado acadêmico. Vi que não era a minha área, aqui fiz licenciatura e a maioria havia feito bacharelado, então, eles já tinham muito mais base do que eu. Vários outros motivos contribuíram para que eu não conseguisse concluir, e um deles foi a pressão psicológica, pois, depois que o meu pai faleceu, como já disse, viemos para Jataí, onde minha mãe casou-se novamente e meu padrasto faleceu um ano antes que eu fui para Brasília. Acredito que por sentir falta dele, minha mãe não foi em Brasília, eu fui e minha mãe não ia me visitar, acho que em algum momento eu pensei assim “Se ele estivesse vivo, iria ser diferente”, então eu baqueei; tive que procurar psicólogo, fiquei internada, enfim não terminei, um pouco por falta de base e porque não tive estrutura psicológica para aquilo que é meio complicado.

Voltei para Jataí porque eu passei no concurso do Estado, na mesma época em que eu passei para o mestrado. Acho que fiquei em segundo lugar e para chamar alguém para a minha vaga, eles me ligaram e pediram para assinar um termo de desistência. Graças a Deus, porque quando eu assinei o termo, fui para o final da fila, e quando voltei, por não ter dado certo o mestrado, deu tempo de me chamar e assumir o concurso. Trabalhei principalmente no ISG e agora estou aqui no Dante, “na escola que eu estudei”. Foi muito bom”.

Eu gosto de ser professora, não imaginei que fosse gostar tanto, e eu gosto, apesar das dificuldades. Já teve época em que pensei em ir para outras áreas, pensei em fazer engenharia, em prestar concurso para banco. Dei muita aula particular para quem faz concurso de banco e sempre me perguntavam porque eu era professora, sendo que eu sabia o que é mais difícil

para entrar em concurso bancário, e cada resposta era diferente, eu encontrava motivações diferentes para continuar na carreira docente.

Acho que umas das formas que eu tenho encontrado, mesmo diante das dificuldades, para eu me manter animada e com esperança na carreira, é sempre fazer um curso diferente. Então, depois que eu voltei, eu fiz o PROFMAT, que foi o primeiro mestrado que abriu aqui na área de Matemática. Sou da primeira turma e gostei muito do curso, porque ele conseguiu unir a matemática que eu estudei na faculdade com a Matemática que eu tenho que ensinar, que são coisas totalmente distintas; uma em cada polo, muito distantes, e esse mestrado conseguiu fazer isso, então para mim foi muito bom, só que ele não tinha nada, nenhuma disciplina voltada para a educação, era Matemática pura. Então, eu tenho buscado agora participar do mestrado aqui, como aluno especial, para ter essa outra base, outras visões relacionadas à política, educação, metodologia. Além disso, participo com o pessoal da UFG do UPEM, que é uma parceria da Universidade dos Professores com a educação básica, em que são oferecidas, constantemente, palestras com doutores da UFSCAR e da UNICAMP, e eu sempre participo, mesmo que, para eu ir, tenha que ouvir reclamações por parte das escolas, porque eles não querem nos liberar para formação. Eu brigo de vez em quando, agradeço, mas vou. Mas, acho que são esses cursos, quando você tem contato com outros professores que têm muito mais informações que me mantêm firme na carreira.

[***]

Quando a gente veio para Jataí, nós fomos morar na casa de um dos tios, um deles tinha uma loja e deu emprego para minha mãe, ela também começou a vender roupas. Hoje, minha mãe ainda vende roupa, mas agora dentro de casa e ela ganha mais do que eu [RISOS], porque o povo gosta dela, então, eles vão atrás dela para comprar. Minha mãe fez o ensino regular até o sexto ano, e foi fazer EJA depois de muito tempo, concluiu o ensino fundamental.

Os familiares do meu pai eram de lá, os da minha mãe de cá. Aí a gente voltou porque eles que ajudaram minha mãe a se reerguer. E a velhinha é porreta [riso]. Minha mãe aguentou muita coisa, porque eu não sofri, meu irmão mais velho ele tem uma visão de tudo o que a gente passou, bem diferente da minha. Assim, quando minha mãe dava dinheiro no final de semana, ele não pegava, porque ele falava assim: - “não, minha mãe sofreu muito e sofre muito para ganhar o dinheiro”. Eu pegava dinheiro quando ela dava, saía; ele não tinha coragem de fazer isso. Mas eu acho que eu não percebia tudo o que acontecia, eu era nova, meus irmãos já tinham

seus 10 e 11 anos, eu tinha 5, e aí eu acho que eu não passei pelas mesmas dificuldades que eles, não.

Para mim que era normal aquilo. Eu senti muita falta do pai, mas eu não passei pelas dificuldades, não percebi as dificuldades que meus irmãos perceberam, principalmente o mais velho. Eu percebia que minhas colegas tinham mais condições que eu, só que eu tenho um primo que sempre me ajudou, ele pegava dinheiro com a mãe dele, que era a tia para quem minha mãe trabalhava, pagava lanche para mim e para ele, só que como ele financiava, eu tinha que ficar na fila para comprar o lanche [risos]. E eu não via isso como humilhação, eu pensava assim: ah, está bom! Ele já levava o dinheiro, já era combinado, eu ficava na fila, comprava dois pastéis. Então, eu tinha acesso as mesmas condições que a maioria, só que era porque alguém me dava. Então não sofri, me acostumo fácil com as adversidades da vida, tipo assim, esse é o melhor que eu consigo, é a melhor oportunidade que tenho, então vamos viver ela da melhor forma.

[***]

Eu não sei de onde que veio a vocação para ser professora [SILÊNCIO], sempre gostei de ensinar matemática, apesar de ter pensado na literatura e na redação. Mas eu pegava meus priminhos lá, sentavam eles todos, especialmente os mais novos, e ia ensinar a tirar raiz quadrada. Para os meninos que não sabiam multiplicar, não dava certo, mas eu ficava feliz [riso]. Meu irmão também fez licenciatura, nós sempre gostamos de dar aula particular, de ensinar, só que a escolha como profissão acredito que foi uma mistura de muitas coisas, como falta de opção de ir para outras áreas, mas aí já gostava e fiquei e as coisas foram se afunilando a isso e deu certo.

[***]

Os meus irmãos, não seguiram a carreira docente, hoje eles são militares. Meu irmão mais velho fez licenciatura em Letras e hoje ele é bombeiro em Goiânia e meu irmão do meio, ele não concluiu a licenciatura em Educação Física, porque ele passou na Polícia Militar, de Belo Horizonte - MG, aí ele mora lá. Quando chega o Natal, a minha mãe pede para eles trazerem as fardas para tirar fotos e aí eu não tenho o uniforme da escola, eu sou meio excluída. Minha mãe está muito preocupada esse ano. Porque, para ela, seria uma realização muito grande ter três filhos concursados, ela sabia que a gente não ia ficar rico, mas não íamos passar pelo que ela passou, de depender dos outros para poder comer. Ela falava: “mesmo que vocês

ganhem pouco, vocês vão ter comida”. E aí, com essas novas reformas, minha mãe não quer que eu seja mais professora, ela não entende o porquê ainda insisto. Fala que ainda não conseguiu que eu tivesse uma outra opção na época, mas que hoje eu tenho e que deveria aproveitar para deixar a docência.

[***]

Ao longo de minha trajetória como professora, eu mudei muito. Olho para mim hoje e para a reação dos alunos hoje e comparo comigo antes do mestrado. Nossa, eu mudei muito, eu era muito severa, primeiro porque eu gosto de matemática pura, então eu queria ensinar a matemática que eu gostava, que para os meninos é um pouco mais complicada. Então, eu era muito severa, eu consigo manter, se eu quiser, o silêncio absoluto, eles fazem, então eu era assim. Depois de algumas reflexões, acho que até uma dessas formações que eu nunca tive na área da educação, de formação de um indivíduo, fui mudando a minha visão de educação, eu sempre trabalhei com um público diferente de mim, não trabalhava com pobre, parece que eu era mais pobre que os meninos, então a vida deles pareciam tão perfeitinhas e quando eu fui para uma escola que eu tive que trabalhar com um público com menos recursos, é diferente; a vivência deles, tudo é diferente. Aí ampliei minha visão do papel da educação para essas pessoas, que não é só ensinar Matemática, mas isso é muito recente para mim.

Hoje, meu objetivo é contar história, eu vi que o professor de Matemática precisa contar história, que quando eu vou ler um problema, antes de fazer uma conta, tem toda uma situação que o envolve, tenho conseguido, porque antes eu era a professora brava; hoje, mesmo exigindo respeito, silêncio, vejo que sou muito bem recebida pelos alunos. Hoje me vejo como uma professora que conta história, pelo menos eu tento melhorar. E hoje eu me vejo como uma pessoa que está se importando mais em como a Matemática pode mudar a vida do menino, do que só trazê-lo para o mundo que eu gosto, mas que às vezes o aluno nem precisa daquilo. Acho que é isso, eu não sei explicar quem eu sou [riso]. Mas sei, que estou em uma fase de transformação [silêncio].

[FINAL DO DEPOIMENTO]

Segundo Encontro

Pesquisador – Durante sua trajetória como aluna, houve algum professor ou professora que você atribua a uma referência, que você tenha ele como referência?

Professora – Referência para eu ter me tornado professora? [SILÊNCIO]

Professora – Eu me lembro de características de vários professores, que me marcaram, mas um professor só ter me marcado? [SILÊNCIO]. Eu me lembro de uma professora no sexto ano de Geografia, que contava histórias, ela não passava conteúdo, ele contava as coisas e você se envolvia e de certa forma aprendia, pois, ao chegar em casa pesquisávamos tudo o que ela tinha falado em sala. Também tive uma professora de Português, que todo início de aula lia durante dez minutos um livro. E eu ficava querendo saber o final do texto, então não matava aula, prestava atenção e por meio disso comecei a gostar de ler e de estudar também. Porque eu gosto de estudar, hoje! Há também a professora Nilda de Matemática aqui no ensino médio, gente! As aulas dela eram perfeitas, demonstrava as fórmulas e eu olhava para aquilo e achava que tinha tanta lógica, ela me marcou nesse ponto, por me mostrava de onde vinham todas aquelas operações matemáticas, ao contrário dos professores do ensino fundamental, que já me davam as fórmulas prontas, só para usar.

Pesquisador – Você se recorda de alguma situação de sala de aula que tenha algum significado para você, que tenha acontecido?

Professora – Eu tive um problema na faculdade, com uma professora, então não me esqueço disso. Ela tinha voltado do Doutorado na Espanha e com certeza estava bastante empolgada, e, para mim, nada daquilo que ela falava fazia sentido, eu falava assim: “- não, mas você já tentou na prática?” Eu era uma pessoa chata, sou ainda. Eu insistia - “-mas você já tentou aplicar isso na prática para ver se funciona? Porque, às vezes, aqui não funciona”. Lembro-me que ela implicou comigo, e eu também devo ter implicado com ela, mas eu falar só da parte dela! Isso me marcou para ver que independente do que acontecer com o aluno, tenho que me manter neutra, em relação a sentimentos. Eu queria fazer Mestrado em Educação e ela era minha professora de didática e de metodologia. E para poder concorrer, tínhamos que ter indicações, e ela não ia me indicar nunca. Então, como eu não podia ir para a área dela, Educação, tentei a área da Matemática, mas vi que não era o que eu queria. Isso me marcou negativamente, percebi que ela levou para o lado pessoal.

Agora, pelo lado positivo, o que me marcou mais são os professores que foram humanos. São vários professores, os quais admiro pela inteligência e pela forma que dão aula. Eu lembro de aulas, e olha que sou ruim de memória. As aulas que me lembro até hoje, quando o Paulo levava a Marta, o Paulo era meu professor no ensino médio e ele trazia a Marta para fazer experiências com a gente. Lembro, também de uma professora também do Mestrado, minha orientadora, que percebeu o momento que eu passava e sem me falar nada ela foi diminuindo algumas coisas, tomando iniciativa para mim em outros pontos, e eu só fui descobrir tudo o que ela fez por mim muito depois que eu já tinha defendido, conversei com alguém que disse: “encontrei sua orientadora, e ela falou isso, isso e isso”. Nossa! Nem para mim ela falou. Era um momento muito particular da minha vida e eu pensei assim: “é, realmente ela foi além da docência”. Então me marcaram muito essas situações.

Pesquisador - Para você, o que é ensino de qualidade?

Professora – Ensino de qualidade. Ok! Tem que ter o aspecto de formação moral e ética do aluno. Além da informação, eu preciso fazer com que o aluno saiba transpor aquela informação, aplicá-la em problemas inusitados, situações diferentes. Se eu entrego um exercício e o menino dá conta de fazer, ele só aprendeu. Agora, se ele consegue resolver um problema com esses métodos, aí eu já acho que teve qualidade. Tem que ser uma formação integral, o aluno tem que conseguir transpor e aplicar aquilo em alguma situação da realidade.

Pesquisador - Que características pessoais influenciaram positivamente a sua docência?

Professora – Vejo que adolescente gosta mais de mim do que criança. Eu era a única neta mulher, só tinha homem, então, não tenho vergonha, porque eu passei vergonha demais. Convivia muito com homem, aprendi contar piada, essas coisas! Tenho um jeito mais tranquilo de conversar, e parece que eles se identificam. Por puxar muito no conteúdo, no início, eles criavam certa distância e por ter essa característica, eles se aproximassem de mim. A minha forma de conversar, de brincar, faz com que as aulas de Matemática fiquem menos rígidas.

Pesquisador - Quais valores considera importante para formação humana? De que forma eles aparecem em sua prática pedagógica? Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade). De que forma esses valores aparecem em sua prática?

Professora – Tento ver o mundo como não sendo uma estrutura pronta e que não tem como mudar, é assim e pronto. É capitalista e tal, esse pessoal aqui vai ser pobre, nasceu pobre, vai

morrer pobre, mão de obra barata, que eles vão estudar a vida inteira e vão ficar com os cursos de licenciatura. Então, creio que o mundo e as relações que se dão nele não estão prontos e acabados. Tento mostrar nas minhas aulas, que é responsabilidade nossa e quem pode dar uma solução diferente somos nós.

Em relação à ética e afins, em Matemática há os que têm facilidade e os que não têm. Então eu tento trabalhar o fato de que vivemos em sociedade e aquela sala de aula ali é uma sociedade, e que tenho que atender todos os alunos, desde os que têm mais dificuldade, os que conseguiram subir de nível, melhorar, até os que têm muita facilidade, que sabem muito e precisam ir além do que está posto. E mais do que isso, mostro que eles precisam me ajudar também, porque enquanto aqueles que têm mais dificuldade não forem junto com a gente, teremos que ficar aqui. Aí eu falo lá dos lobos, que põem os velhinhos na frente, põem os doentinhos na frente, porque eles cuidam, e aí eu falo sobre esse cuidado que os colegas têm que ter e dá certo, porque eles gostam de ser monitores agora, os meninos saem na sexta às 17:00 horas, neste dia tem amor exigente aqui, então se fala muito sobre o convívio dos alunos, eles fazem metas semanais, então com esse trabalho, os meninos se dispõem a ficar aqui das 17 horas às 18 horas para ajudar os colegas, então os colegas falam assim – ah, professora, estou com dúvida nisso e o fulano vai ficar das 17 h às 18h para me ajudar. Enquanto os professores estão em reunião, que é toda sexta, os alunos estão nesse projeto de monitoria. Trabalho dessa forma, pois temos que ser solidários. Precisei muito de ajuda dos outros e hoje parece que ficou entranhado em mim que tenho que ajudar, tenho que cuidar do outro.

Pesquisador - Como você se relaciona com o seu contexto social? (Ambiente escolar, colegas de trabalho, comunidade, meio acadêmico)?

Professora – Eu tenho um relacionamento bom com os meus colegas de trabalho atuais, mas, já tive problemas, por conta de visão diferente sobre educação. Eu era muito rígida e as escolas não eram tão rígidas, e fui mandada embora da escola, um convite para sair, por falta de perfil. Aprendi muito com isso; então, hoje, tenho uma convivência muito boa com os meus colegas de trabalho, com todos, recebendo ajuda, opinião, eles me pedem para participar das aulas deles, nos momentos que precisam de Matemática. Com os pais, é o primeiro ano que não ouço reclamações nas reuniões, sabe, os pais vêm mais para pedir conselho, preocupam-se mais com o que podem fazer com seu filho, do que o porquê de o filho estar com determinada nota, com o que está acontecendo. Vejo que é um reflexo do que tenho me proposto a ser; estou mais humana, aí os meninos devem sentir isso e passam para os pais, e eles realmente não chegam em mim querendo questionar nota; eles perguntam o que eu posso fazer? Minha convivência

com os pais também é muito diferente e, na minha opinião, é para melhor. No meio acadêmico, eu estou sempre inserida em alguma coisa; na UFG, onde eu fiz a graduação e o mestrado, participo de um grupo que oferece cursos, palestras e oficinas para os professores de Matemática da Rede Estadual de Ensino. No Estado participo das formações continuadas e no IFG, onde fiz a especialização; estou cursando disciplinas como aluna especial no Mestrado, com isso eu tenho contato com o pessoal, e eles me chamam para escrever artigo, para avaliar trabalho.

Pesquisador - O que você acha que deve fazer parte das aulas de todos os professores?

Professor – Todo conteúdo tem que ser envolvido na realidade, e de preferência partindo do contexto do aluno e ir se ampliando, mostrando para eles que têm outras possibilidades. Por exemplo, quando eu estou estudando porcentagem. Ontem, nós fizemos um exercício, em que o gráfico, distribuía as pessoas pelo valor que eles pagavam na passagem aérea, poderíamos ter feito só a conta, mas na hora que os meninos leram e viram que tinha gente que pagava mais de 2 mil em uma passagem aérea, gerou um debate e a gente precisa abrir espaço para esses debates, em todas as aulas. Eu não acho que é perder tempo, é ganhar tempo para as outras partes da formação que eu acredito ser necessário. Não sei se dá para fazer assim em todas as aulas, com todos os professores, mas eu creio que o nosso objetivo tem que ser ensinar para o dia a dia.

Pesquisador - Qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem?

Professora – Ser for uma relação aberta e boa, o menino vai se sentir mais à vontade, de prestar atenção, de pedir ajuda. Percebo que quando o aluno te admira, ele quer se espelhar em você, e aí ele paga o preço para tentar fazer o máximo que ele consegue para te agradar, sem saber que está melhorando muito. Então, uma boa convivência ajuda; uma péssima convivência faz com que o aluno crie bloqueio em relação ao professor e à disciplina que ele ensina. A admiração é o que mais ajuda no relacionamento. Quando eles te admiram em algum ponto, não precisa ser só como professor, o que você faz fora da sala de aula também, eu acho que muda muito e para melhor.

Pesquisador - Você estabelece relação entre os conteúdos e as questões políticas, sociais, econômicas?

Professora - Sim. Sim. Sim. Meu conhecimento em relação a essas questões não é tão amplo, por isso quando eu vim procurar disciplina aqui, logo escolhi Políticas Públicas como a

primeira. Nesse momento de PEC mesmo, quase toda aula a gente conversa sobre isso, em algum momento, e relacionando ao conteúdo, porque em Matemática temos: Matemática Financeira, tratamento da informação, gráficos, eles tratam sobre esses assuntos também. Minha formação, nesse sentido, não é boa, então, as informações que eu tenho, já as recebo interpretadas, não tenho uma criticidade para analisar tudo o que está acontecendo, mas naquilo que eu sei, levo para a sala de aula com base no conteúdo, lógico que não é perfeito, mas vamos encaixando, não planejo a aula usando isso, acontece.

Pesquisador - Você tem algum procedimento específico para estimular o pensamento crítico?

Professora –Durante as conversas tento estimular, levá-los a pensar. Agora, um instrumento específico para isso, não. Igual a questão de trabalhar esses assuntos, não sento na minha casa e planejo uma aula, eu vou inserir esse assunto aqui, usando esse conteúdo, isso acontece durante a aula.

Pesquisador - Você costuma refletir sobre sua prática pedagógica?

Professora – Um pouquinho. Tenho encontro com o coordenador toda semana [RISOS]. Eu reflito! Eu sou uma pessoa muito confusa, e vejo que tem um ponto positivo e um ponto negativo, estou sempre aberta às mudanças, mas o ponto negativo é que nunca tenho certeza de que se o que estou fazendo é o melhor, e como não tenho certeza, estou sempre pensando se “nossa, será que é assim mesmo? ”. Então, eu reflito bastante sobre a minha prática.

Pesquisador - O que mais lhe agrada e desagrada no ensino?

Professora – Gosto de fazer parte da formação do aluno, é muito gratificante para mim quando ele fala assim: “nossa professora, a senhora me ajudou nisso”, não precisa ser nem em Matemática especificamente. Eu gosto pelo fato também de todo dia ser diferente, não conseguiria ter uma profissão que todo dia eu fizesse a mesma coisa, por mais que eu dê aula todo dia, toda aula é diferente e eu gosto dessa situação.

Agora o que eu menos gosto? Li um texto da Shiroma e Evangelista, que fala sobre algo que eu nunca esqueci depois, o fantasma que percorre a Educação e que nós somos portadores disso. O que o texto se encaixou muito com o que eu pensava, a gente exige dos alunos algo e não dá base para que eles alcancem; quero que eles sejam muito bons em tecnologia, mas não tenho um laboratório na escola em que ele possa manusear e desenvolver essa habilidade, eu quero que ele seja muito bom em algumas coisas e a escola não tem estrutura para isso. Eu não tenho tempo para me formar, nem é tempo, eu não tenho espaço para aprender sobre política e essas

coisas que eu sei que eu não domino bem, mas eu quero ter um aluno crítico, e o que a gente passa é assim: não, você teve a oportunidade, se você não conseguiu, é porque a culpa é sua. E não acho que isso é verdade. Então, o que mais me incomoda é saber que estou preparando o aluno, ou para o mercado de trabalho, ou para uma vida, ou para uma prova, que ele não teve todas as condições para chegar lá e ter êxito, mas eu falo para ele que tem que ter, e o mundo fala para ele que se ele não teve, é porque não se esforçou o bastante. E sou eu que carrego essa mensagem lá para dentro da sala de aula. Então, quando pega essas provas externas, eles ficam muito decepcionados com o resultado; às vezes a gente avalia algumas questões que não têm nem lógica, não tem porque o menino saber aquilo exatamente, e eu preciso falar: não foi falta de esforço, ou eu preciso ter essa análise com ele, o menino não vai pensar que é porque a escola não deu todas as condições, eu acho que é isso o que mais me incomoda, de tudo.

Pesquisador – Dê que maneira você se atualiza?

Professora – Nos cursos que eu faço, participo das palestras do EIPEM, todo ano, estou fazendo disciplinas aqui já faz um ano também, todo curso que aparece faço, todo projeto novo que aparece participo, às vezes se eu achar que não compensa, eu nem termino, mas assim, realmente tudo que aparece para fazer, eu faço.

Pesquisador - O que é ser uma boa professora?

Professora –[SILÊNCIO]. Eu já falei sobre a visão de mundo que eu tenho e que o aluno precisa se preparar para esse mundo na escola. Já falei também que eu acho que a convivência com o professor, o relacionamento interpessoal influencia no aprendizado. Então, um bom professor é aquele que consegue atingir esses objetivos, ter um bom relacionamento com esses alunos, já que isso melhora o aprendizado e conseguir formar ele integralmente naquilo que é possível. [SILÊNCIO].

Pesquisador – Essa daqui você já falou um pouco sobre ela, mas vamos lá. Por que a professora de Matemática é sempre a mais temida pelos alunos?

Professora – Eu amo a Matemática, então não consigo entender! A Matemática é uma disciplina que em algum momento, foi difícil para algumas pessoas. Não sei se foi a forma como foi trabalhada, e isso foi se perpetuando, então quem faz pedagogia é porque não gosta de matemática. É lógico que estou generalizando, e ela já passa para o aluno, e isso eu falo porque eu ouço, converso com elas, e os alunos já chegam aqui sem gostar da disciplina, e o processo de você conquistar é muito lento, mas ele tem acontecido, graças a Deus. É uma disciplina

difícil, só que eu descobri recentemente, que foi a forma que nós escolhemos para ensinar Matemática que intensificou esse processo, existem outras formas, eu estava vendo uma palestra sobre como Asiáticos, japoneses, ensinam matemática. Eles não esperam que os alunos, tenham decorado a tabuada, essas coisas, eles trabalham com o desenvolvimento do raciocínio. Aqui, os alunos estão vendo coisas tão abstratas, que eles nem sabem para o que serve aquilo, e se distanciam da disciplina. Ainda, alguém exige de mim que os alunos saiam bem na prova, aí eu exijo muito deles, assim eles nos veem como rigorosos. Mas eu não sou mais a professora temida. Não sou! A disciplina ainda é temida, mas a professora não.

Depois que eu ouvi essa palestra sobre como se trabalha matemática em outros países, se o jeito que a gente trabalha aqui está certo mesmo. No Brasil, a Matemática é hierarquizada, tem uns que são muito bons de lógica e acabam sendo bons em Matemática, que conseguem seguir caminhos, padrões, eles costumam se destacar, aquelas pessoas que parecem ser mais criativas, que não conseguem fixar ali, sempre fazer aquela regrinha, seguir aquele padrão, eles não costumam se saírem bem em Matemática. E o que eu vejo é que apesar de exigirem mais matemática e português nessas avaliações, as pessoas que se saem bem em Matemática costumam ser aquelas muito centradas, que fazem tudo o que é mandado, não são as que se destacam depois, quando vão encarar a vida; quem se destaca depois são aqueles que estão prontos para qualquer parada, que olha e não segue uma receitinha, que pensa assim” não, deixa ver o que eu vou fazer aqui”. Então, eu estou muito pensativa quanto à forma que a gente tem abordado, só que não é uma coisa que eu consiga mudar sozinha, porque nós temos um currículo ocupacional. [SILÊNCIO]. Mas, infelizmente, ou felizmente, eu gosto de Matemática, se eu ensinasse do jeito que eu gosto, aí que ia separar mesmo quem gosta dessa mesma matemática de quem tem mais dificuldade. Mas nós não somos mais temidos, não. Você acha que ainda somos? Eu não acho não. Eu conheço muita professora de Matemática muito querida pelos alunos, a maioria que eu conheço, na verdade.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

IV Professora Solene Neves dos Santos Silva

Primeiro Encontro

Pesquisador – Conte-nos a sua história professora!

Eu me chamo Solene, tenho 39 anos, sou filha de um pai, que foi lavrador, e de uma dona de casa, se casaram muito jovens, com 16 e 17 anos. Eles moravam em Mato Grosso, e num belo dia meu pai decidiu trilhar novos caminhos e chegou para minha mãe e falou “vamos embora, vamos em busca de alguma coisa melhor”. Vieram com a cara e a coragem e os três filhos pequenos, e ele encarou todo tipo de serviço para levar o sustento para casa. Minha mãe sempre teve algum problema de saúde, e meu pai, nesse meio tempo, ia trabalhando cuidando, e eu como filha mais velha tive que assumir a responsabilidade em casa, com os irmãos, com a casa. Meu pai vivia me passando os ensinamentos de cuidar da casa, fazer comida, cuidar dos meninos e nisso fui adquirindo essas responsabilidades bem cedo.

Ser criança foi uma etapa que eu pulei; eram mais as responsabilidades mesmo em casa, de estudo, de cuidados com eles, de ensinar, de preocupar, de defender na rua também, porque às vezes os vizinhos eram muito cruéis, e tinha que me fazer de cruel mais do que quem vinha para cima deles, sendo que eu não era, tive que enfrentar muita coisa [RISOS]. Graças a Deus não tive que chegar em nenhuma via de fato, era mais o parecer para defendê-los. Meu irmão caçula, muito danado, furava o pé com prego, cortava, quebrou a perna, aconteceu de tudo, cachorro o mordeu, e nisso tudo eu que socorria, no dia que ele quebrou a perna, eu que o carreguei, todo cheio de terra, para casa, para cuidar, e nisso foi despertando interesse também nos cuidados com o ensinamento deles também, da escola, era eu que ia à escola ver o que precisavam e repassava para minha mãe para meu pai. Cuidava do material escolar, dessas coisas todas.

Meu tempo de estudo foi muito interessante. Eu tinha muitos primos e cada um estudava num período; daí, quando eu ia para Mato Grosso, na casa dos meus avós, eu ficava com eles. Então eu ia com aqueles para escola nos dois períodos. Eles estudavam em uma escola seriada, cada filho era uma série, e aquilo me chamava atenção: uma professora só dando aula para tantos meninos na mesma sala. Ia mesmo para observar como era; eu tinha o meu material, dado pelo meu avô, que era muito importante para mim, pois mostrava o cuidado que ele tinha e nesse caderno já gostava muito de fazer alguns desenhos. Lembro-me que gostava muito de desenhar flores, isso era muito marcante.

Depois, quando fui para escola regular, aqui no Colégio Marcondes, já era comum ir para escola; quem me levava era meu pai; todos os dias de manhã me deixava lá e buscava quando encerrava o horário, umas 11h30min. De lá íamos para casa e eu fazia os cuidados de casa, de irmãos e tudo mais. Depois fui para o colégio Emília, onde estudei da 1ª a 4ª série. Lá também estudavam meus irmãos; sempre aquela escadinha, um fazia uma série, aí vinha e o outro dando sequência. Acho que eu abria o caminho e depois tentava que eles fossem pelos mesmos. Também estudei no Colégio João Roberto; lá fiz a 5ª série e depois vim para a Escola Técnica, desde a 6ª série. Fiz o ensino fundamental e o ensino médio lá. Saí direto para universidade - UFG. Cursei Matemática, acho que a escolha pelo curso foi pela possibilidade de ter desafios, porque eu não era tão boa aluna em Matemática, inclusive tinha mais facilidade nas outras matérias, que eram de escrita, como Geografia, História, Português. Também gostava de Física, Química, Biologia, mas tinha um pouco de dificuldade.

Ao longo do meu curso técnico, foi muito bom ter experiência com muitos professores, a gente vê muita coisa interessante, conhece uma parte, chamada história da Matemática, que colocava os fatos com outros. Conheci alguns autores que me chamaram muito a atenção. Eu estudei aqui ao longo de muito tempo, trabalhei na biblioteca, era aluna bolsista, tive muito contato com a leitura, porque você está na biblioteca, você aproveita de tudo, então gostava muito de ler poesias e outros livros didáticos, além de revistas. O contato era muito bom durante o tempo em que estudei aqui.

Aos domingos eu fazia curso de informática, que era das 7h às 12h; esse curso eu só conseguia pagar porque eu era aluna bolsista e recebia meio salário e meu pai completava a mensalidade. Foi muito tempo para consegui concluir, porque as aulas eram só aos domingos, mas valeu a pena, tanto é que quando eu fui para a faculdade, eu tive a oportunidade de trabalhar em escolas de informática no primeiro ano de curso. Depois, no 2º ano de faculdade, eu pude trabalhar como bolsista no laboratório de informática, algo que já foi melhor, aliando. Fiz vários trabalhos; trabalhei de vendedora, professora de informática, instrutora, fiz o estágio obrigatório do curso técnico de edificações na SANEAGO e trabalhando também numa escola de informática. Apesar de tanta coisa, consegui cumprir todas as exigências da universidade, como as participações nos cursos, eventos, capacitações e também com o estágio obrigatório, que eu fiz aqui onde eu tinha estudado, inclusive com a professora que me deu aula, professora Gisela.

Agora eu estou como professora do estado; sou concursada desde 2004, atuando com alunos de 6º ano até 3º ano, sendo que a disciplina que eu sempre trabalhei, foi Matemática. Só no início que algumas vezes foi a disciplina de Física, mas para 1º ano. Outra vez eu quase fui da aula de Química, mas não cheguei a dar aula. Tenho muito gosto em dar aula, tento fazer

meu melhor e sempre que tenho alguma dificuldade procuro alguma orientação, alguém que possa me ajudar; leio mais, procuro organizar alguma coisa que meu aluno vá entender, porque é uma área que, inicialmente, eles não gostam; chegam e dizem “eu não gosto dessa matéria, não é nada contra a senhora professora [RISO], é que não gosto da matéria”. Aí nós vamos tentando equilibrar as coisas e estou procurando me aperfeiçoar, porque sempre quis fazer um mestrado, sempre busquei isso, já tentei várias vezes o curso que é oferecido aos professores que estão atuando, que é o PROFMAT, mas vejo que quem está na sala de aula não tem tanta possibilidade de preparação para essa prova, porque eu sempre trabalhei com 40 aulas, 42 aulas semanais e toda preparação dessas aulas, organização de atividades, provas, exercícios, correção, esse trabalho é muito cansativo, e acabava não dando possibilidade de estudar, visto serem poucas as vagas ofertadas, era mais fácil de entrar os alunos que estão saindo da universidade.

Eu já consegui até ser classificada, mas não existia vaga suficiente; tentei todos os anos, até que surgiu a possibilidade de fazer algumas disciplinas aqui no mestrado como aluno especial, foi uma possibilidade incrível vir para cá estudar de novo nesse ambiente. Assim que eu olho por esses corredores, em que eu estive aqui por muito tempo e ainda me sinto como estando aqui, quem eu encontro pelos corredores foram meus professores, aquilo é uma referência muito boa de lembrar, como eram aqueles tempos, lembrar da professora Luciene, que muito nos ajudava que nos incentivava. [RISO]. Aqui eu tive contatos muito bons. Um professor que foi quem despertou em mim a vontade de querer descobrir as coisas foi um professor da 6ª série, professor de História, que quando ele veio para dar aula na minha turma tinha chegado de Londres, então aquilo para minha era um sonho ver aquele professor revolucionário, que sentava em cima da mesa para contar algumas coisas, para imaginarmos aqueles lugares em que ele passou, como era essa história. Eu via certo ar de rebeldia, mas bem discreto, disfarçado, mas aquilo era muito bom, chamava nossa atenção.

Então, gostava muito dessas disciplinas de História, Geografia, Inglês. Era aquela dificuldade: “Ah, qual a disciplina que você mais gosta?”. Não tinha, eu gostava de todas, porque eu gostava muito de vir para escola; acho que sempre quis estudar, nunca foi aquela obrigação, sempre era a melhor coisa que eu tinha para fazer, sempre fui assim muito dedicada. Às vezes eu não sabia, então procurava como fazer e por isso fiz grandes amigos, que são pessoas que eu convivo - algumas eu convivo até hoje e que foram encontradas aqui, tenho três amigas e um amigo que sempre fazíamos trabalho juntos, estudávamos juntos, estávamos sempre na casa um do outro - Shira, a outra a Michele, o Lélío e a Valeria. Tenho contato com todos eles e a Michele, inclusive, é madrinha da minha filha. Essas situações foram muito

importantes para nós, porque sempre fazíamos as coisas juntos, mesmo quando cada um seguiu seu caminho. Eu e a Shira fomos fazer o curso de matemática, a Michele foi fazer curso de magistério e o Lélío seguiu outra área, ele é da eletrotécnica. Temos uma convivência, a Valeria faz mestrado na UFG, mas nos encontramos novamente, porque a filha dela e a minha estudavam na mesma sala e também se tornaram amigas e nossos caminhos acabaram se cruzando novamente.

Uma coisa que me marcou foi o fato de sempre estar participando das atividades escolares, o que fez com que todo ano eu me tornasse representante de sala, era dessa parte que as responsabilidades não me deixavam, era a participação ali, ajudando o professor e depois no ensino médio fui presidente da comissão de formatura e na universidade também tive essa responsabilidade, mas ali todos são muito mais restritos, não faziam tantos grupos; a parte da Matemática até que se agrupava, mas porque tinha que estudar direto, muito mesmo, tínhamos um laboratório, mas eu não tinha tanto tempo de estudo, era depois que chegava do trabalho.

O primeiro ano foi o mais difícil, pois o tempo era mínimo; não foi fácil entrar na universidade, eu tive que fazer minha preparação em casa mesmo, não tive como fazer cursinho, procurava conciliar o curso, que eu estava finalizando o quarto ano de cursinho técnico, com as disciplinas técnicas, fechando estágio e eu trabalhava também durante o dia e tentava ler os livros literários, procurava ajuda e eu consegui os resumos com o irmão do meu patrão, que tinha vestlivros. Eu estudava e organizava a formatura, tudo misturado, preparando para o vestibular, não tive liberação do trabalho. Quando fiz o vestibular, não foram tantos inscritos, porque o curso de Matemática já não tem tanto público e foram só 19 inscritos e 13 conseguiram passar e quando cheguei na faculdade, tínhamos uma sala de 40 alunos, diversos, nós éramos assim tão jovens perto daqueles professores, com mais idade que nós, mas havia outros colegas, com outras formações, que faziam complementação em outra instituição; foi uma troca de experiência muito boa, fiz grandes amigos também, como a professora Neir, que trabalha na subsecretaria, a Ana Maria, que conheci no curso e trabalhava na escola onde eu estou, então, assim, com a convivência surgiram muitas coisas também. Esse tempo foi muito agradável; fui construindo a bagagem que tenho hoje como professora, como pessoa e chegando a esse momento de estar aqui, como professora de Matemática, almejando novos horizontes, fazer meu curso de mestrado completo, que aí vou estar mais realizada. [RISO]

[***]

Não contei, mas meu marido foi, meu professor na faculdade [RISO]. Ele veio para cá, para dar aula no meu curso, mas assim, com a convivência e tal, no segundo ano, não teve jeito.

[***]

Eu também tive aula com a Marisa Duarte. Escrevi minhas primeiras poesias, foi com ela [RISOS]. Nossa, professora Helena, de artes [RISOS], despertou aquele olhar, a sensibilidade!

[***]

É, aqui eu tive um ano apenas da disciplina de Química, mas aquilo ficou marcado para a vida inteira. Professor Elias, assim, naquele laboratório, perfeito. O professor de Física foi o Paulo Henrique, ele veio do mestrado para dar aula na minha turma, era excelente, na faculdade eu sempre quis ter aula de física com a Marta, mas aí não dava certo [risos]. A História aqui foi muito boa, acho que por isso o retorno, à vontade. Iniciei a pós-graduação aqui, mas não pude concluir o curso, porque ou eu trabalhava ou eu concluía o curso, aí tive que trabalhar e agora voltando, espero continuar [risos].

[***]

Eu nunca tinha pensado tanto a respeito de tudo o que eu já fiz na vida [RISOS]. Sobre tudo! Porque desde 99 eu dou aula e eu peguei uma turma de EJA, minha primeira turma, dava aula para muitas pessoas bem mais velhos do que eu e cada um com uma história diferente, não foi fácil. Foram seis meses, depois com o ensino regular, e às vezes, dando aula para crianças também, mas o primeiro contato foi com uma turma de EJA e foi muito bom. E cada um tinha uma dificuldade, ou uma pequena facilidade, um dia ele estava na aula, no outro não, era bem diversificado. Foram só seis meses, porque entrou outra professora que continuou com a turma, eu era só contrato, e tive que sair, mas não por vontade. Isso foi no Emília, voltei para dar aula na escola que estudei, então para mim tinha muito significado estar lá, depois fui para o Davi Ferreira, dei aula lá seis meses também e desde 2001 eu dou aula no João Roberto. Só em 2014 que eu fiquei dando aula em duas escolas, no Militar e no João Roberto. Mas o histórico do João Roberto é longo [RISO].

[***]

Eu fiz concurso para Rio Verde, porque tinham dez vagas para professor de Matemática, aqui só tinha seis; deu certo, passei em primeiro lugar e falei “por que eu não fiz para Jataí?” [RISO]. Se eu soubesse, mas deu muito certo e vim para cá, fiz semana de planejamento, ia dar aula no Nestório, só que, com poucas turmas, sempre se define pelos professores antigos, então fui para o João Roberto e nunca mais saí.

[***]

O máximo que eu fui foi coordenadora da significação do ensino médio, em 2009, quando foi feita a implantação, eu participei de toda a implantação, organização da escola, das disciplinas opcionais, aquisição de materiais, essas coisas todas, por isso eu não tive como concluir a especialização. Porque, nessa época, tinha 21 aulas e o restante era coordenação, aí eu podia fazer as aulas, só que de repente o cargo foi extinto, por uma razão da vida eles falaram: “não, não vai ter mais coordenador do ensino médio”. Eu tive que voltar e pegar minhas 42 aulas, e não dava mais para concluir. O que eu fiz, foi essa parte, mas sempre participei de conselho escolar e na escola no que precisa, estamos lá, no pequeno grupo com as mesmas pessoas que trabalham sempre. Mas, direção, nenhum cargo na gestão, não, só coordenadora e por um curto período. Isso aí é um pouco da minha história, espero que contribua para você.

Segundo Encontro

Pesquisador - Na tua trajetória como aluna, houve algum professor que tenha marcado você positivamente, que se tornou uma referência? Que aspectos ou características destacam-se neste professor?

Professora – Um professor de história, na 6ª série, ele mostrava que história era aquilo que você vivia, mostrava de uma forma bem diferente que eu havia conhecido essa história de uma maneira viva; para mim isso foi muito marcante, e analisando o que eu passei também após a atividade de ontem, eu me recordei de algo que foi muito significativo, a disciplina de Filosofia que eu tive aqui no curso de ensino médio, em que, por meio de conversas, orientações, com Euclides Corrêa, que ministrava as aulas, fazendo a gente refletir, pensar, questionar, foi proposto um trabalho em que inicialmente eu não iria desenvolver com a colega que eu fiz, nós simplesmente, quando terminávamos as aulas, descíamos para casa comentando sobre a aula, “ah, o assunto era esse, e tal”, e ao longo de vários dias a gente já vinha conversando sobre o assunto, iríamos fazer o trabalho com outras duplas, mas acabou que fomos fazer o trabalho

juntas, como passar algo que era cultura para os nossos colegas de um modo significativo, nós simulamos um teatro dentro da sala, viramos as cadeiras de pernas para o alto, jogamos um monte de papel no chão, simulando que era o nosso ambiente de estudo, e foi interessante que ela era a Filó, eu era a Sofia, e nós nos encontrávamos para discutir sobre o assunto que seria tratado futuramente na aula, mas estávamos representando dentro da sala de aula, a grande questão era “tudo que eu dissesse, ela iria receber e devolver concordando”, de acordo com o que havíamos feito anteriormente, e isso foi uma dinâmica muito interessante, o professor gostou demais, a turma toda aplaudiu quando terminamos, ele só falou “mas por que não me avisaram? Eu teria filmado”, e sempre que nós nos encontramos ele fala “eh, mas você, hein Sofia?”. Ele sempre me chama de Sofia, isso foi muito marcante, os professores de História e Filosofia.

Pesquisador – Para você o que é um ensino de qualidade?

Professora – Um ensino de qualidade tem que ter significado, para o professor e para o aluno, e isso é ter um reflexo no dia a dia, ou seja, para a sua formação pessoal ou posterior, dando continuidade ao seu estudo, então ter qualidade é ter um significado, não ser um estudo só pelo ato de estudar.

Pesquisador – Para você o que é ser professora?

Professora – Ser professora, para mim, é lidar com muita responsabilidade frente aos meus alunos, passando para eles uma informação que seja verdadeira e correta, que tenha significado. Busco conhecê-los também, não fico apenas no conteúdo, costumo sempre tratá-los pelos nomes, trato a questão em sala de aula, primeiramente pelo respeito, e isso eles acabam tendo comigo também, e ser professora é muito mais que apresentar um conteúdo, é manter ali uma convivência. Eu não vou para aquela sala simplesmente para realizar um trabalho, eu vou para aprender e para ensinar, é um momento de troca.

Pesquisador – Quais características pessoais influenciam positivamente a sua docência?

Professora – O respeito, a responsabilidade, o otimismo, porque eu acredito que isso dá uma motivação, tenho essa parte de achar que as coisas vão dar certo, e ser bastante responsável.

Pesquisador – Como você se relaciona com o contexto social no ambiente de trabalho, colegas de trabalho, comunidade e o meio acadêmico?

Professora – Bem, tenho um bom relacionamento com os meus alunos, com os outros professores, com a direção, com as pessoas que trabalham comigo, desde o porteiro até o pessoal da secretaria, é sempre um bom relacionamento, mesmo com alguém que acho meio difícil, mas não tem nada que um bom dia ou boa tarde não consegue dar uma abertura.

Pesquisador – Quais valores considera importante para formação humana? De que forma eles aparecem em sua prática pedagógica? Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade)

Professora – [silêncio]. Primeiramente, passar uma visão ao meu aluno de que eu o respeito, assim, ele consegue, se não tiver, construir pelo menos naquele momento em que estamos trabalhando. Não é algo fácil. Havendo respeito, há cooperação, companheirismo, troca, participação, até mesmo entre os próprios alunos. Meu trabalho é voltado para atividades em que o aluno não fique isolado, ele tem que participar, seja com o colega mais próximo ou em um grupo pequeno, e isso vai criando uma relação entre eles de respeito e cooperação, acredito ser uma maneira de melhor aprendizagem, pois não é somente aquilo que eu vou explicar, eles aprendem muito mais quando ocorre essa troca. O respeito vem das pessoas, do ambiente em que estão, o cuidado que eles têm na sala com a aula, isso é feito, com algumas cobranças, como “não sente na mesa, não rabisque a sua carteira, jogue o lixo no lixo”, aquelas pequenas cobranças que às vezes são deixadas de lado. Seja na Matemática em si, a gente puxa para o lado do cuidado com o meio ambiente, qual é o respeito que você tem pelo local em que está? Pelo outro que vem e que vai usar esse material? A gente tem que pensar nos outros que virão.

Pesquisador – O que deve fazer parte das aulas de todos os professores?

Professora – [SILÊNCIO] O conhecimento de quem é seu aluno, de onde ele vem, para que você consiga, numa sala heterogênea, atingir aquele objetivo que você se propõe, que é passar uma informação com algum significado, mas não são todos que vão entender da mesma maneira, então o professor tem que saber falar de várias formas a mesma informação que ele quer passar. Esse olhar para o outro faz perceber, às vezes, que um hoje não está tão bem e que o outro está um pouco mais alegre, será por quê? Então, é algo que faz ter significado, sim, na sala de aula. Então ter esse olhar além do seu conteúdo, olhar para quem você vai dar aula.

Pesquisador – Qual a influência da relação professor-aluno em relação ao aprendizado?

Professora – [SILÊNCIO]. Ela é altamente definitiva ou determinante para o bom aprendizado, se você tem um bom relacionamento com esse aluno, ele tem mais facilidade em te perguntar e tirar as dúvidas, em tentar fazer. Quando esse relacionamento é difícil, o aluno, às vezes, não vai prestar atenção, simplesmente vai falar que não sabe e que não quer saber do assunto, e nem tenta; muitos alunos, entretanto, conseguem superar dificuldades em momentos anteriores devido ao bom relacionamento, o respeito, o tratar bem, o procurar saber como está. Evito passar conteúdos como algo frio, sem significado, utilizando apenas uma única maneira, só livro didático ou só quadro, procuro diversificar isso, porque sei que cada aluno aprende de um modo diferente, procuro usar várias estratégias para que todos possam participar, e percebo que isso faz com que eles aprendam, então essa boa relação contribui e muito para o aprendizado.

Pesquisador – Você estabelece a relação entre os conteúdos e as questões políticas, sociais, econômicas, ocorre interdisciplinaridade?

Professora – Sim, procuro relacionar sempre que possível, de uma maneira que esteja mais próximo deles, às vezes não adianta dar algum exemplo de uma aplicação que tenha em outra disciplina que a Matemática esteja presente também, mas se eu der um exemplo em uma situação em que ele não tenha contato, parece que aquilo fica solto, sem ter algum significado. Então, algo que seja mais próximo da realidade dele ou algo que ele identifica, que vê, pode ser simples, ele compreendeu, então eu procuro fazer sim essa relação entre as disciplinas, vendo que o que vou trabalhar o outro professor também vai, e inclusive o conteúdo que eu trabalhei no 2º ano, a parte de probabilidade, que genética utiliza muito, que não era para uma turma que estava trabalhando, mas falei que no ano seguinte eles usariam muito. Para mostrar como seria, preparei uma lista para estudar e falei que seria como se estivessem na genética, como é que isso é aplicado, então usei aquelas atividades que eu teria mais habilidade, porque a minha formação não é em Biologia, é em Matemática, mas fui trabalhar, eles interagiram, vimos antes o que eles viriam somente no 3º ano, assim eles puderam ver a aplicação, ver como iram usar, esse é um dos exemplos.

Pesquisador – Você tem algum procedimento específico para estimular o conhecimento crítico?

Professora – Específico eu não diria, mas, de acordo com o conhecimento que tenho com aquela turma, vamos desenvolvendo uma aproximação, na medida em que vou compreendendo como eles são, eu lanço alguns questionamentos, em relação à realização daquele assunto, por

exemplo, você tem outro caminho para fazer? Em relação às respostas que os alunos colocam, uma fala que não está certa, aí pergunto o porquê de não estar certo, coloco-os para refletirem em cima dessas situações que eles mesmos estão apresentando, isso em relação ao conteúdo. Mas quando estamos conversando sobre alguma interação entre as disciplinas, ou algum assunto que envolve um aspecto fora da sala de aula, seja um que eles trouxeram, como assunto político, ou problema que acontece, por exemplo, um acidente que aconteceu com a seleção de futebol, meu aluno estava muito abalado, então fomos conversar a respeito, porque aquilo estava deixando todos comovidos. Foi um momento em que pude conhecer mais a turma, e cada um falou sobre o que lhes causava preocupação. Então, esses questionamentos, às vezes, não são somente sobre o conteúdo da aula em si, há momentos que temos de parar a aula e ouvir o que o aluno tem a dizer, ele resolve aquelas questões ali e a gente dá prosseguimento.

Pesquisador – Você costuma refletir sobre a sua prática pedagógica?

Professora – Sempre reflito sobre minha prática pedagógica! Às vezes, na mudança de uma sala para outra sala. No ano passado, eu tinha 15 turmas, então eram 15 situações diferentes, cada um tinha uma particularidade, alguns mais dinâmicos, outros mais quietos, uns não falavam nada, outros já queriam falar tudo, então, como iria atuar em cada uma delas? Essa reflexão é em todos os momentos, mais precisamente quando tinha um tempo para o planejamento, nos finais de semana, ao longo da semana era à noite pensando como foi o dia, mas procuro refletir sempre.

Pesquisador – O que mais lhe agrada e desagrada no ensino?

Professora – O que mais me agrada é a possibilidade que tenho de realizar coisas que têm significado para os meus alunos, em que a proposta vem deles mesmos, e a gente consegue realizar atividades que eles se envolvem. Poderia citar um dos projetos que fiz junto com uma turma específica, que foi o desenvolvimento de uma montadora de carros, para trabalharmos a aplicação da Matemática Financeira; é algo que foi escolhido por eles, o nome, as etapas e depois a apresentação do projeto para a escola, direção e o envolvimento com outras turmas. Ver o que o aluno é capaz de fazer, de produzir, isso é o que mais me agrada, ver que eles conseguem caminhar pelas próprias pernas. O que me desagrada é não termos a possibilidade de realizar atividades que lhe permitem ser ou usar aquilo que você acha que vai dar certo, às vezes vem imposições, você tem que cumprir aquilo, realizar aquilo, tem um prazo, uma meta, alguma coisa que veio pré-determinada, isso me desagrada, não que eu não vá realizar, realizo sempre, mas não é tão agradável quanto esse projeto que foi mais livre.

Pesquisador – Para você o que é ser uma boa professora?

Professora – Ter o domínio do seu conteúdo, porque, com esse conhecimento, você consegue passar uma informação com segurança, e passando essa informação com segurança, você não dá informações erradas, então isso transmite a parte verdadeira que você quer ser. Uma boa professora também está em constante aperfeiçoamento, mesmo que não tenha possibilidade, você procura fazer, estar informada, estar atenta, olhar em volta as pessoas que estão juntas de você e procurar também fazer o melhor possível dentro das possibilidades que tem, e não querer fazer a parte mais fácil, a parte mais fácil é sempre desistir das coisas, “tem que fazer? Tem! Como que pode ser feito?”. Então, uma boa professora tem que pensar assim, dentro das diversidades, o que pode ser feito, da melhor forma possível, isso.

Pesquisador – De que maneira você se atualiza?

Professora – Sempre que eu vou preparar uma aula, algum assunto eu procuro o conhecimento histórico sobre o tema, porque que surgiu, quais as relações sociais que estavam tendo naquele período. Tento buscar isso em livros em livros, revistas, em alguns sites que eu leio.

Pesquisador - Por que o professor de matemática é sempre o mais temido pelos alunos?

Professora – Porque existiu sempre um mistério, assim, com algo que não se conhece, aqueles professores tinham algum poder, na verdade, não tem, mas isso é ao longo do processo histórico, da formação escolar, as disciplinas de Matemática foram deixadas em um ponto inatingível para algumas pessoas, mas, às vezes pela própria condição social, não tiveram acesso, mas não é algo que seja assustador, não é que as pessoas não podem aprender, elas podem aprender, sim, pois é de fácil acesso, fácil compreensão. Existem meios para isso. Vejo que alguns professores, tratam a Matemática, como uma forma de poder, para aterrorizar alguns alunos. De outro modo, outras pessoas já veem como uma maneira simples de lidar, tentam fazer de uma forma mais simples e tentam desmitificar esse ar da Matemática, eu não vejo que seja tão assustador, para alguns alunos parece, mas não vejo que seja.

Pesquisador - Como você se vê como professora?

Professora – Como eu me vejo? Eu me vejo como uma boa professora [RISOS]. Assim, tenho uma boa interação com os alunos, eles compreendem os assuntos, conseguem realizar atividades por conta própria e até mesmo superam minhas expectativas, então eu acredito que

eu seja uma boa professora e o que eles refletem é bem isso, em momentos de sala de aula, às vezes, a gente ouve “nossa, já acabou a aula, nem vi o tempo passar”, ou então, fazendo outras atividades, percebo o envolvimento deles, a entrega, porque aquilo não vai valer uma nota, é simplesmente o fato de você estar trabalhando junto, fazendo alguma coisa que o retorno é para todo mundo. Então, foram feitas várias atividades no colégio em que estava trabalhando, com feira de ciências, é por envolvimento, por dedicação deles e você vê o retorno deles e às vezes você pensa: “e aí, está preparado, como que vai ser? Não esquece de falar para todas as pessoas”. Então, eu fiz isso com todos os grupos, passei antes e depois, passei de novo como jurada, antes, preparando-os, depois, vendo como que era. Então, esse envolvimento, essa cumplicidade é o retorno, o que você vê, seu aluno é capaz de fazer o que ele quiser fazer e isso é muito bom.

Pesquisador - Quais os sentidos e sentimentos em relação à profissão docente?

Professora – [SILÊNCIO]. De ter feito uma boa escolha, acho que sempre fui professora, mesmo nas minhas brincadeiras de antes, de escolinha [RISO], o sentimento é de dever cumprido. Quando eu encontro os meus alunos: “oi professora, quanto tempo?” Eles estão lá, com os seus filhos pequenos, para a gente conhecer, e às vezes chego a descobrir que estou dando aula para a filha de uma ex-aluna. Então, eles falam assim: “minha mãe me contou da senhora [RISOS] e falou que realmente era desse jeito”, significa que algumas marcas ficaram, então é uma boa recompensa, é o sentimento de estar atuando naquilo que foi feito para eu fazer mesmo, que eu gosto de fazer, amo dar aula, a melhor coisa que eu acho é ir para a sala de aula, me divirto mais que meus alunos, às vezes, preparando as atividades, vendo eles fazendo, como que vai ser isso, que jeito, hora que um está lá tentando fazer alguma coisa: “Não, professora, me dá a resposta?” Eu falei: “Não, por quê? Você que tem que descobrir”. Então, eu tinha um aluno que queria tudo pronto, mas eu não deixava, falava: “tenta, pensa, faz desse jeito, vai por aqui”, “-ah, mas não está dando certo”, “-então tenta de outro”. É ver até onde eles podem ir, mas sem dar o caminho pronto, acho que essa é a melhor parte de ser professora, é saber que eles podem vê-los desentocando isso, é a melhor coisa.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

V Professora Lucivânia Ferreira Cabral

Primeiro Encontro

Pesquisador – Conte-nos a sua história professora!

Tenho hoje 43 anos, nasci em 07 de fevereiro de 1973, me chamo Lucivânia Ferreira Cabral, eu tive a graça de nascer a oitava filha de um casal que viveu juntos durante 80 anos, uma linda história de amor, meus pais viveram! Infelizmente, minha mãe faleceu em dezembro do ano passado. Eu estudei sempre em escola pública, meus pais sempre nos deram o básico para a sobrevivência, a alimentação, as demais coisas nós tivemos que lutar, galgar, caminhar para poder conseguir, desde o sapato, a roupa, e nós estudamos em escolas públicas no ensino fundamental.

Quando nós terminamos o ensino fundamental, fiz a primeira fase na Escola Auta de Souza, que é uma escola municipal; a segunda fase no Nestório Ribeiro, de frente da minha casa, tive a graça de estudar na escola que leciono e que amo muito de coração, e também foi o quintal da minha casa, onde brinquei, onde aprendi a andar de bicicleta, onde tive meus amigos de infância, então tenho uma história, um apego muito grande com o local onde trabalho hoje, porque lá também é uma extensão do meu lar. Meus pais são cristãos, evangélicos, nos criaram na doutrina, muito rígidos; até por volta dos 20 anos, nós nem se quer podíamos assistir televisão, uma educação bem rígida mesmo, bem centrados.

Após terminar o ensino fundamental, eu fui estudar técnico em Magistério no ISG; naquela época, a gente tinha duas opções: pobre, não sai para estudar fora; fazer Carlos Chagas, para fazer um cursinho, para passar em um vestibular, pobre faz uma escola técnica, quando terminava a oitava série, um curso técnico, gratuito, para poder trabalhar, e sabendo que a gente não tinha outra condição, foi isso o que eu fiz. Existiam duas opções naquela época: o técnico em magistério e o técnico em contabilidade. Eu tinha duas irmãs mais velhas, que fizeram técnico em contabilidade; naquela época, elas já comentavam que estava difícil trabalho, e eu sabia que o técnico em magistério era trabalho garantido, mal você terminava o curso, já estava empregado, mas eu tinha 15 para 16 anos quando terminei o curso de técnico em magistério.

No ensino fundamental, tinha sido alfabetizada pela professora de Matemática chamada Carmencita, que era também minha coleguinha de infância, então eu pulei do pré para a segunda série, então terminei o ensino médio um pouco antes e quando eu concluí, graças a Deus, fui lecionar, e eu lecionei cinco anos na alfabetização, uma graça, 33 a 35 alunos por sala de aula,

eu trabalhava no matutino e no vespertino, duas turminhas e a gente alfabetizava. Foi na época no CBA, em muitas vezes eu acompanhei a minha turma por três anos, outras eu lecionava só no primeiro aninho, que era o período de alfabetização mesmo, extremamente gratificante! Você pega uma matéria bruta mesmo, a criança que anda em cima do murinho, que caminha com dificuldade, porque não tem muita coordenação aos cinco aninhos, e você vai trabalhando com ele e durante sete meses, oito meses, você se dá conta que tem trinta crianças que não seguravam no lápis, que está: Pa-re, Ma-çã, professora, professora, ali está escrito: Pro-fe-so-ra? Não, Professora, dois S, sonzinho de S. A gente lecionava pelo método Fonético, e é gratificante demais ver trinta crianças, lendo.

Naquela época, a minha coordenadora era a professora Soraia Rodrigues, uma pessoa que nos ajudou muito e eu lecionei também lá, no ISG, na escola que eu formei no técnico em magistério, então quando concluí, eu já fiquei lá, porque eu tinha um dom, esse eu não perdi, tinha o dom de mexer com coisas Artísticas, fazer desenho flanelo-gravuras e aquilo era uma maravilha no técnico em magistério, era um achado, hoje você tem tudo, você compra de EVA pronto nas lojas de R\$1,99 da vida, mas naquela época se desenhava tudo, eu ampliava os desenhos e era muito gratificante, fazia para a escola inteira, no início do ano a gente mudava toda a ornamentação da sala para receber as crianças e eu gostava muito daquilo. Carregar as crianças para ir ali na Praça de São Judas, fazer piquenique, era um show, nós vamos atravessar a rua com duas pistas, já pensou o perigo? [RISOS] Era muito bom. E as crianças aprendiam muito, elas amam a gente de coração, você não é só a professora deles, você é a “Tia”. A tia naquele momento, ela tem o significado muito mais amplo do que só a palavra tia; é como a irmã da mãe mesmo, é como alguém da família, que ele ama, que ele gosta, que ele tem carinho, que ele tem zelo, se alguém falar mal de uma professora para uma criança de cinco aninhos, ele vai defendê-la na hora.

Naquela época, quando concluí o ensino médio e já comecei a lecionar, eu passei no vestibular para Pedagogia. Eu também tinha algumas opções: eu podia fazer Pedagogia, Letras, na Universidade Federal de Goiás e Direito no CESUT, eram as três opções que nós tínhamos aqui em Jataí. Direito era caro, eu não tinha condição de pagar; entre Letras e Pedagogia, optei pela Pedagogia porque já lecionava. Todas as minhas escolhas foram diante das opções que eu tinha, o que eu podia fazer, o que tem próximo de mim que eu posso fazer? Não é aquilo que eu desejava fazer, que eu gostaria de ter feito, mas era o que eu podia fazer. Então, o que estava ao meu alcance, eu ia lá e fazia, sempre fui assim, esse está ao meu alcance, então vou fazer. Fiz o curso de Pedagogia, amei de verdade, terminei achando que eu mudaria o mundo, ah ilusão, utopia! É complicado!

Antes de concluir o curso de Pedagogia, fiz um concurso para o estado, fui aprovada. Então eu fui trabalhar lá na Escola Técnica como Professora do Estado e passei lá também em um concurso para técnico em laboratório. Então um período era professora e no outro técnico em laboratório, eu não precisava ir para casa nem almoçar, lá eu montei a extensão da minha casa, uma cozinha, dentro do laboratório, praticamente. E trabalhei lá aproximadamente uns oitos anos no magistério, continuo até hoje trabalhando em técnico de laboratório, houve algumas mudanças de setor, tomei conta do CIPD durante um tempo e nesse período eu concluí o curso de Pedagogia. Lá no CEFET, tinha o curso de Tecnólogo em Informática no noturno, eu já estava lá no vespertino, já estava lá no matutino, por que não no noturno? E eu também pensava o seguinte, olha, não é possível, com o avanço tecnológico a gente tem que aprender alguma coisa, não é possível que vou ficar catando letras e não dou conta de digitar um texto, manusear um computador pessoal, e logo ingressei nesse curso. E nesse meio tempo, quando eu já estava quase concluindo, houve uma mudança na rede estadual de ensino, o Estado passou para o município a responsabilidade pela educação infantil, então o nosso concurso para magistério e Pedagogia ficou mais restrito, a gente não tinha mais tantas oportunidades de trabalhar na carreira do magistério no estado, porque agora, do primeiro ao quarto ano, gradativamente, estava passando para o município.

Mas o estado fez isso, passou para o município, foi imposto para o pedagogo, “olha, você vai ter que ser coordenador, porque você não tem aulas ou então você vai ter que dar aulas de sociologia ou filosofia”. Eu até lecionei certo tempo, mas o governador, seu Marconi Perillo, também nos ofereceu uma oportunidade, ele disse o seguinte: “olha, eu preciso de professor da área de exatas, não tem professor no estado de Matemática, Física, Química”, então ele abriu aqueles cursos para a formação de professores nessas áreas e eram cursos feitos em todas as férias, integral, todos os sábados, todos os feriados, foi um curso sofrido, mas eu ingressei nele. Era um curso de Licenciatura plena em Matemática. Logo que terminei, comecei a lecionar Matemática e foi uma mudança bastante radical, porque eu lecionava biologia, história, alfabetizava e agora eu era professora de Matemática! Mas não me afligiu não, a área de exatas na verdade me cativou, amo Matemática, não sofri com isso, não foi um baque para mim de forma alguma, foi uma das coisas que eu mais gostei de ter feito e hoje eu sou professora de Matemática no colégio Nestório Ribeiro, que é lá do ladinho da casa dos meus pais, nosso vizinho.

Nesse meio tempo eu trabalhei algumas vezes na coordenação do Nestório Ribeiro, no noturno, fiz já muita coisa, em termo de trabalho, já trabalhei basicamente em todos os setores, nunca no comando de uma instituição com o cargo de direção, isso não. Atualmente, estou no

Nestório Ribeiro e no IF e estou cursando o curso de Engenharia Civil, o motivo deste curso agora é porque o curso é ofertado no IF, onde eu já estou trabalhando, é na área de exatas e atualmente, depois de 23 anos de trabalho na docência, eu estou cansando. Infelizmente, cansando pelo descaso do governo, da família, dos alunos, pela falta de interesse, de motivação, e hoje eu já penso, eu não gostaria jamais de dizer isso, mas penso em abandonar a docência e futuramente vou trabalhar na área de Engenharia, construção civil. Mas, Deus sabe de todas as coisas, são projetos meus, mas eu espero que esteja sob os cuidados dele, se assim permitir, eu farei, se for permissão de Deus, caso contrário, eu estarei trabalhando, lutando ao lado dessa categoria que vem sendo desprestigiada a cada dia, mas é idealista.

Mesmo com o descaso da maior parte de todos os setores com a gente, à docência é uma profissão de coração. Deixar a sala de aula, apesar de já pensar nisso, para um tempo futuro, quando você é colocado em outra função e sai da sala de aula é perturbador, te causa insônia, te causa um mal-estar, mesmo que você saiba que você está lutando, tendo outros ideais, mas é algo que mexe com a gente, docência é algo de coração, é algo que está dentro da gente mesmo, é uma profissão que, [silêncio] é uma profissão diferente das demais, porque eu já trabalhei em vários outros setores, mas a docência [silêncio]. Na verdade, eu trabalho com outras pessoas, saber que você influencia a vida dela, encontrá-la na rua, depois de um tempo, e fala: “oi, eu te conheço, ou, você foi, o meu professor”. Encontrar alguém que passa o recadinho, põe o seu nome no Face falando: “olha, eu agradeço fulano, fulano e fulano, porque estiveram presentes na minha formação”. É muito gratificante, é saber que você fez parte da vida de muita gente e não de modo insignificante ou pejorativo, você fez parte para elevar aquela pessoa e isso não tem valor, essa estima não tem valor, apesar de a gente viver em um mundo capitalista [riso]. Essa é a Lucivânia, a professora de matemática, que vive hoje, eu vivo hoje esse dilema, eu continuarei sendo professora? Eu realmente estou pronta?

[***]

Olha, atualmente, não é um problema de como eu me vejo, mas é como o professor da área de exatas é visto. Hoje, quase todos os professores na área de exatas, eles são estigmatizados, as pessoas olham para nós como se fôssemos quase à beira de loucos, por escolher essa área, por trabalhar com essa área, isso se deve ao grande número de pessoas que não se adaptam bem com a área, porque as exatas tem essa características abstratas, o seu pensamento tem que ser mais abstrato, rápido e têm muita gente que, ou estudou pouco ou não teve realmente uma formação básica suficiente para ele entender os fundamentos da Matemática, e os fundamentos da área de exata são extremamente complicados para a gente.

Quando eu lecionava história, eu chegava e dava aula na sexta série, e também na sétima série e não tinha problema nenhum se o aluno da sétima não soubesse a história da sexta, em uma estava dando Império Bizantino e na outra Brasil Colonial, não havia problema nenhum se o aluno não soubesse Império Bizantino. Quando eu leciono Matemática, na sexta série eu estou ensinando uma parte da Matemática, na sétima uma outra parte que, necessariamente, inevitavelmente, precisa dos fundamentos da sexta. E isso vira uma bola de neve, porque o professor muda a cada ano, infelizmente em todos os setores da sociedade é assim, existem bons profissionais, existem aqueles que não se esforçam tanto, existe quem veste mesmo a camisa e tem pessoas que não, ah, tá ruim, não tá querendo, vamos deixar e não vamos questionar em uma reunião que a aprendizagem verdadeira, o que o aluno está aprendendo não condiz com essa nota, vamos dar um trabalhinho, vamos fazer uma campanha, uma gincana, vamos chegar no “seis”, para que ele seja aprovado e a pessoa não chega lá, não dá a cara à tapa e diz: “olha, espera aí, o meu aluno não aprendeu o suficiente”.

Porque se você faz isso, você é mal visto pelo próprio colegiado e isso vai mascarando os resultados e aí o aluno não sabe o conteúdo, da primeira série passou para segunda, da segunda ele não sabe, nem o do primeiro e da segunda ele passou para a terceira. E hoje a gente chega a um alarmante índice de alunos do terceiro, estou no último ano do ensino médio. Você encontra alunos do terceiro ano que infelizmente não fazem as quatro operações básicas, com números naturais, nem vou falar com os números racionais, com dízimas, decimais, não, estou falando com números naturais.

Infelizmente, nós temos e não é um; “ah, mas você está falando de exceções”. Não, não estou falando de exceção, estou falando da regra, nós temos três que sabem. Mas as quatro operações fundamentais são da terceira série do ensino fundamental, é lá que o aluno adquire essa habilidade, essa competência. E aí, o que aconteceu?

O aluno chega, não consegue avançar, não entende o que você diz, vai ficando desmotivado, porque você tem aquele cronograma, aquele conteúdo para selecionar, se você chega às reuniões e você diz: “olha, não está rolando, não está indo, nós não estamos avançando”, você se torna a pessoa indesejável. E as pessoas da área de exatas sofrem demais com isso, muito mesmo, nós professores sofremos muito, muito mesmo, porque muitas vezes a gente não consegue resgatar, porque o déficit é muito grande, não se resgata cinco, seis anos de estudo em uma série.

E aí você fica sendo o professor que reprovou, que tem um índice de reprovação de 30%, de 40%, você é o malvado, “vishi, lá vem o fulano; ih... todo mundo vai bombar com ela”. Se você pede para um aluno do ensino médio fazer uma tarefa de biologia, de história, você pede

para fazer um resumo, para responder algumas questões de um texto, ele vai encontrar as respostas dentro do texto, se você pede a ele para resolver uma equação matemática que tem vários fundamentos, ele não vai achar isso em um livro. Ele vai ter que ter os raciocínios para poder fazer e vai voltar com a tarefa sem fazer. É muito complicado, a área da Matemática não é muito grata, para nós, professor, não é, é uma situação muito, muito delicada que a gente enfrenta.

O bom seria que eles viessem adquirindo, sabe, gradativamente, de ano a ano, eles soubessem realmente o que aprenderam na outra série, mas o mais interessante é que você ainda tenta alguns mecanismos. É início de ano, vamos fazer aquela famosa revisão, aquela, vamos buscar o conteúdo lá da quinta, da sexta, da sétima e vamos fazer uma revisão, um mês, aí você ensina como fazer um produto notável, fatorar, tirar mínimo comum, todo aquele aparato que você necessita para a próxima aula. Quem disse? [RISO]. Hora que aparecem, eles chegam a perguntar: “professor, mas eu já vi isso alguma vez na minha vida?” E você fala assim: “Oh, teve uma série que existiu só para isso, só funcionou para te ensinar isso”. Mas hoje tem também a inadequação do currículo, que é outra coisa séria.

Nós lecionamos hoje no nono ano, vamos pegar um exemplo. Eu ensino no nono ano equações da circunferência; tem volume, mas esses conceitos são conceitos ensinados no terceiro ano, no ensino médio, entende? Então, por que no nono ano, lá do sexto ao nono ano, não se preocupam em ensinar para eles os fundamentos da Matemática, os cálculos necessários, para a hora que forem fazer uma equação de circunferência, saibam fazer um produto notável. E são muitos os conteúdos, que você fala assim: “para que estou lecionando nesse nível, para esse aluno agora?”. Por que não ensinam para ele o básico mesmo necessário? Vai entender? Quem faz os currículos? Se bem que a gente anda participando dos currículos, a gente participa, envia e continua usando o antigo.

[***]

O pessoal da área de licenciatura é muito sofrido. Os professores se formam na área de licenciatura vem da escola pública e não tem condições de fazer um curso superior em outra área. Os professores, da licenciatura, deveriam ser amparados. Quem tivesse o interesse de entrar em uma licenciatura, ele deveria ser subsidiado pelo governo desde então. O curso deveria ser um dos mais difíceis que poderia ter, em termos de conteúdo, de exigências, o profissional que sai dali, é um profissional que vai mudar a vida, como a gente estava dizendo antes, ele não pode sair um profissional meia boca, em termos de conhecimento, quem não sabe, não tem competência para ensinar. Para lecionar, você pode ter didática, me conta uma pessoa

que tem uma didática excelente, mas não tem nada o que dizer. Tem que ser a combinação da didática, com o conhecimento, sem essas duas coisas, não tem como você ser um bom professor, não tem como ser um bom profissional na área da educação.

[***]

Por mais que a gente passe por uma série de problemas, que seja turbulento o nosso processo, porque é uma profissão que o produto final não depende somente de você, ele depende mais ainda daquele que aprende, daquele que tem interesse em aprender, que foi ali para ser motivado, que vê na escola, na instituição um meio para a mudança da sua vida. Hoje, quem é o jovem que fala “não, hoje eu estou indo para a escola, porque é um mecanismo, uma das formas para eu mudar de vida, para eu melhorar, para eu me estruturar”. Atualmente, se você perguntar para os jovens, perguntar quais os objetivos dele - aluno que está no terceiro ano e você pergunta para ele: “qual é o curso que você quer cursar? - Ah, eu não sei”. “- Qual é o seu objetivo, quando você concluir? - Ah, eu ainda não pensei”.

Então, apesar de ser muito turbulento o nosso processo, você tem que fazer alguém aprender, avançar. E hoje, com raras exceções, uma juventude desmotivada, desinteressada na escola, a gente compete em termos de tempo, ele quer usar o tempo dele na tecnologia, não desenvolvendo programa, aprendendo a utilizar o computador como um meio de trabalho, não, quer usar para jogos, conversa, bate papo. Hoje, o nosso jovem passa uma porcentagem muito significativa do tempo dele no celular ou no *Face*, no *WhatsApp* e a gente compete com esse tempo, você quer tirar esse tempo usado para essas atividades e chamar esse aluno para o estudo. Mas é uma competição que a gente não ganha, porque a gente não é interessante tanto quanto o *Face* ou o *WhatsApp*.

Sentar, ser disciplinado, forçar você a aprender alguma coisa é muito menos interessante do que conversar com alguém descompromissadamente, não é? A gente fica tentando com os míseros 45 minutos, 50 minutos de aula, mesmo que você veja ele, no caso de Matemática, quatro vezes por semana, mas esse tempo é insignificante para o restante do dia que ele vai ficar com a mente voltada para essas outras atividades. Gostaria muito que quando eles saíssem dos portões da escola, que fossem estudar, que fossem em uma aula com o monitor, resolver tarefa, entrassem na internet e procurassem no Youtube uma aula diferente, mas isso não ocorre e, infelizmente, quando ele volta no outro dia, você se depara com o fato que ele nem lembra o que você disse no dia anterior, é complicado, apesar de a gente ficar contente de saber que você está em uma profissão que tenha a possibilidade de mudar a vida de alguém, você também tem

a aflição de saber que em muitas das vezes você não está atingindo essa meta, você não está conseguindo fazer isso, está passando por ele mais como um disciplinador, como uma pessoa que dá lições de vida, mas não contribui com a formação real com que ele precisa. Agente não consegue instrumentalizá-lo, em termos de ter conteúdo, de saber fazer, para quando ele for testar um ENEM, em uma prova de concurso, realmente mudar a vida dele. Então a gente sabe que deveria saber atingir mais alunos, mas a porcentagem que a gente consegue, hoje, é uma porcentagem de uns 20, 30% real, é isso, 70, 80% estão de passagem, infelizmente, e isso entristece.

Um profissional que tem respeito pelo outro, isso entristece a gente, porque do mesmo modo que eu fico feliz de saber que um aluno vem contente: “ai, eu consegui fazer, eu passei, estou satisfeito, eu vou fazer esse curso”, você passa depois em um comércio e vê seus alunos lá, no subemprego, trabalhando arduamente e você sabe que ele poderia ter um sucesso melhor, em termos econômicos e você não mudou, não alterou muito, aquela atividade que ele está exercendo; é uma atividade que não é uma atividade que desmerece a pessoa, é um trabalho, e todo trabalho é dignificante, mas é um trabalho, que vai deixá-lo mais cansado, com menos tempo de lazer, de vida familiar e não vai ser reconhecido, pelo que faz, porque é assim que é a nossa organização, infelizmente, aqueles que não são tão aptos, fazem trabalho braçal o dia inteirinho e recebem bem pouco. O futuro da família dele é o mesmo trajeto, pois ele vai ficar sobrecarregado no trabalho, com pouco tempo para os filhos, os filhos vão ficar à mercê e isso não é o ideal para as pessoas. A gente gostaria que todas as pessoas tivessem condição de vida mais dignificante, melhores, menos sofridas.

[***]

A prática pedagógica é muito importante, não basta você saber o conteúdo, você tem que ter um certo molejo, um certo traquejo para que isso se torne mais adequado, em uma linguagem, mais acessível para o outro. Às vezes, o outro não consegue entender o que está sendo falado, porque você usa uma linguagem um pouco rebuscada demais, outras vezes um pouco técnica demais. Na área de exatas, se a gente usar só termos técnicos mesmo, é possível que você não consiga alavancar muita coisa. É muito interessante, na prática, que o professor tenha a capacidade de fazer esse viés, ter essa noção de que o que ele precisa apresentar tem que ser legível, tem que ser audível, a pessoa do outro lado tem que ver, ouvir, e ler aquilo e entender aquilo que você está apresentando.

Você tem que usar mais de uma forma, mais de um método, uma técnica, para fazer com que essa pessoa consiga entender o que você está dizendo. Às vezes, ele não consegue ouvindo,

mas ele consegue vendo, então é preciso que você represente, escreva para ele. Talvez a palavra escrita ainda seja distante, às vezes é preciso que você desenhe, que você represente graficamente e em Matemática você precisa muito usar essa técnica de transformar a linguagem em algo concreto.

Quando eu uso uma expressão e falo “ $2x$ é igual a 8”, muitas pessoas ouvindo dizer $2x$ é igual a 8, muitas crianças ouvindo, podem entender nada do que eu estou dizendo, mas se eu digo para ela: olha o X é uma letrinha que estou usando para substituir algo real, por exemplo, um chuchu, um coelho, uma mesinha, então quando eu digo para você que 2 chuchus é igual a R\$ 8,00, significa que esse chuchu tem que valer quatro. E muitas vezes, quando eu só digo $2x$ é igual a 8, ele não entende, mas quando eu transformo isso para um gráfico ele entende, quando eu vou e escrevo 2 e ponho um quadradinho na frente, um igual e um 8 e digo: “quem tem que estar dentro do quadradinho? 2 vezes quem é este quadradinho? Esse quadradinho representa o que?”. Eles logo respondem: “Ah, esse quadradinho tem que ser quatro”. E, às vezes, se eu for lá e mudar um objeto e desenho um chuchu, o aluno consegue entender melhor ainda, alguns conseguem entender melhor ainda, por quê? Porque ele ainda não consegue fazer essa transferência do concreto para o abstrato, ele ainda está lá no ensino fundamental. Então, na prática pedagógica, o professor tem que fazer a adequação, tem que usar mais de uma técnica para fazer com que o aluno consiga entender o que ele está dizendo. Na exatas, um dos nossos maiores problemas está exatamente lá nessa mudança de estado, sair do concreto e mudar para o abstrato.

A Pedagogia atualmente aprecia muito o lúdico, o engraçado, cativar o aluno pela graça, você tem que ser um professor bem extrovertido, bem animado, a aula show, você chegar cantando, levar um violão, eu acredito piamente que isso tem valor, para muitos alunos isso vai dar certo, eu só fico com pena do professor que não tem essa capacidade dinâmica de cantar, por exemplo, de pegar um violão e tocar e inventar sua própria paródia. Imagine eu cantando [risos], eu não tenho ritmo algum, então tem algumas coisas que eu acredito que dá certo, mas infelizmente tem algumas coisas que a gente não tem como levar, porque seria além do lúdico uma coisa dessa, seria extremamente extravagante [riso], seria à beira de um vexatório.

E a outra questão é o seguinte, o tempo. A gente compete com o tempo, então, aulas um pouco mais sofisticadas, com um pouco mais de tecnologia envolve um tempo maior, eu preciso de prazo para ligar o computador no datashow, ele tem que funcionar, a internet tem que estar conectada, o wi-fi tem que estar funcionando na escola, tem que chegar redondinho ali na hora, e isso eu vou gastar um tempinho, mesmo estando tudo lá, só pela conexão, pelo tempo da instalação, eu vou gastar um tempinho, então a aula acaba. Uma aula nesses moldes, ela tinha

que ser pelo menos dupla, pois em uma aula de 50 minutos é quase impossível de você usar a tecnologia de forma satisfatória, porque assim que você termina, você se organizou, você encontrou uma música, um poema, algo mais diferente, a aula terminou, bateu o sino, você vai embora sem fechamento, sem discussão. Algumas coisas que eu sei que dão certo, mas a instituição tem que repensar o modelo de horário, a organização.

É importante, muito importante, que a gente diversifique nossas aulas, para atender a maioria dos nossos alunos, que a gente tenha prazo para estudar meios diferentes de você fazer as coisas. Essas horas que o governo “dá” para a gente, um terço das horas de atividade, são tão insuficientes, que se eu usar as minhas duas aulas para fazer meus quinze planos semanais, antecipadamente, com o sistema rodando do jeito que ele roda, depois que eu digito uma, rodando, rodando, quando eu mando salvar, sai do programa, eu entro de novo e começo digitando a mesma aula, se eu usar as minhas duas aulas para fazer só esses planos de aula, e fazer rapidão, porque você não pode ficar incrementando, pegar um livro e estudar, você não pode, você tem que arrastar rapidão e enviar na correria, se você não enviar, vai passar o seu prazo, vai vencer a segunda-feira meia noite, você vai perder seu bônus, entende, acabou, sua vida destruiu, você não é mais um professor brilhante, então você tem que pegar, digitar rapidão, aula expositiva e dialogada, você tem que estar com isso na cabeça, fazer uma cópia e colar, digitar na correria, puxar o conteúdo e enviar, e aí o professor: “ah, mas eu já fiz aquele planejamento; mas esse planejamento, é o planejamento de sala de aula?” Você realmente fez seus exercícios, você estudou, você planejou, você escolheu uma dinâmica, você teve tempo para isso?

De verdade, o professor tem que trabalhar em regime de dedicação exclusiva, ele tem que dar lá suas 20, 30 aulas, no máximo 20 aulas, já é muito e ele tem que ficar outro horário na instituição, e nesse horário ele vai estudar e preparar as aulas com competência, passar por uma aprovação da pessoa da área, não é um coordenador geral que não entende da sua área não, passar por uma pessoa da área, não é para pedir aprovação não, é para ter uma conversa sobre se está adequado, uma parceria real, você ter condição de conversar com outro colega e os professores têm que entender que esse horário é um horário de trabalho, não um de descanso, ele está lá para cumprir o horário e fazer o que ele deve. Aí quando ele vai para a sala de aula, faz diferença.

A prática pedagógica começa com a preparação do professor e infelizmente a gente é atordoado. As escolas querem ter sucesso e põe 42 aulas para um professor, uma aula para cada primeiro, quatro primeiros, uma aula em cada segundo, quatro segundos, uma aula em cada terceiro, quatro terceiros, e aí põe uma aula em cada nono, e o professor tem que saber a matéria

do primeiro, do segundo, do terceiro, do nono, fazer esses planos de aula, que roda lá no programa lentamente, qualquer pessoa que se coloca no lugar do outro, devia falar, que isso é um castigo [risos], não tem “cabimento” é trabalho escravo, sem precedentes, isso é fadado ao fracasso. A pessoa só se submete a isso porque não tem outra opção.

[***]

Mas é gratificante ser professor. No dia da formatura dos meninos do terceiro ano, fiquei extremamente grata ao terceiro ano C, que me chamaram para nome de turma, professor de matemática é o mau, já te contei. Então, uma turma te chamar para ser nome de turma? Já é, você sabe que ali tem alguém que já é diferente, e aquela pessoa que é diferenciada, ela influencia os demais. Mas eu fiquei extremamente grata quando vieram três pais, porque não tinha o resultado do ENEM ainda, mas havia saído o resultado das universidades particulares, eles me abraçaram fortemente e disseram: “olha aqui sua cria”; é muito interessante o modo que eles falam com você, “essa aqui é cria sua, foi primeiro lugar em Engenharia Civil”. Não foi o segundo ou terceiro lugar, ainda que seja em uma escola particular, mas o primeiro lugar. O curso de engenharia é um curso extremamente competido, não é fácil para uma pessoa ser aprovada. Então eu fico feliz por saber que tem alguns pais que veem a necessidade do filho de estudar, e que vêm te agradecer porque você fez a sua parte na instituição, fez a sua parte como professor, mas também tem muitos que estavam lá bem chateados, tipo assim, “aquela professora deixou meu filho de progressão”. Eu deixei ele de progressão. Interessante é que eu nunca pensei, hoje eu vou deixar um aluno de progressão, nunca me passou isso na minha cabeça, nunca, jamais, nunca amanheci o dia e disse: “ah, hoje tem alguém lá que merece progressão”. Jamais.

Todos os dias levanto logo cedo, vou para a escola, alegre, quando dá para o terceiro horário, eu já estou em um “azedume” terrível, porque “pessoal, por favor, faça silêncio, pessoal, por favor vamos lá, pessoal por favor levanta a mão para mim que eu vou olhar no seu caderno quem fez a atividade de hoje” e eu não ter ninguém, nenhuma alma viva para levantar a mão, então você vai murchando, a cada sala que você vai passando, é como se o sol estivesse esquentando e você fosse uma planta e fosse passando o sol esquentando e ninguém te dá um pouquinho de água e você vai murchando, murchando, quando chega no sexto horário você está pensando: aí meu Deus do céu não vai terminar, eu quero ir embora, quando chega meio dia e quinze, você está exausto e muitas vezes você quer ir embora e ainda mais, tem alguns dos nossos queridos alunos, se você chamar a atenção deles, eles revidam como se tivessem razão

de estar conversando ou de não ter feito uma tarefa. Mas como assim? Eu sou um profissional, formei, estudei, levantei pela manhã, vim, estou aqui para contribuir com a sua vida. Como assim? Às vezes você chega ao final do horário, você fica: “não vai bater o último sino? Hoje não bate” [RISO]. Mas graças a Deus todos os dias tem batido [RISO], demora um pouco, mas bate, chega ao final.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

Segundo Encontro

Pesquisador - Na sua trajetória como aluna, houve algum professor que tenha marcado você positivamente, que se tornou uma referência? Que aspectos ou características destacam-se neste professor?

Professora – Houverem inúmeros, vários professores que eu ainda me lembro, apesar de muito tempo, ter assistido aulas com eles, mas foram vários. Professora Eliana Melo, hoje Secretária de Educação no Município, foi minha professora no Magistério, dinâmica, organizada, batalhadora, um exemplo de pessoa, mais pela pessoa, do que pelo o que ela ensinava, mais pela empolgação dela, pelo interesse com a nossa aprendizagem. Lembro do Professor Anibal, Professora Rosália, Professor Iron, todos os três professores de Matemática, me marcaram muito, principalmente por causa da organização, da técnica, sempre muito bem organizado no quadro, sempre bem distribuído, a letra bem legível, a fala compassada, a atenção aos detalhes, excelentes professores de Matemática e hoje referência em Jataí. Me espelho, tenho tentado muito agir com o mesmo formato. A Professora Rosália, foi uma das principais professoras do ensino médio aqui, enquanto não havia universidade, muitos anos atrás, ficou muito conhecida no estado, foi professora lá no Nestório Ribeiro, foi minha professora na quinta série, eu trago um respeito pelo trabalho e pela pessoa. Um respeito mesmo, eu hoje quando estou na rua, passo pela feira, ela hoje é aposentada, eu a vejo, eu tenho o prazer de ir lá cumprimentá-la, eu me sinto bem de falar com ela pelo menos um bom dia. E depois, anos mais tarde, eu tive a oportunidade de trabalhar, lecionar na escola que ela era Coordenadora, que ela foi professora e é uma satisfação muito grande. Não foram só eles; a professora Luciene de Sociologia pautou minha prática, durante muitos anos porque as aulas dela eram tão dinâmicas, gostava tanto do modo como ela expunha a sociologia que eu me apaixonei, então existem inúmeros professores que, pelo modo como ele trata você, pelo respeito que ele tem pelo aluno e pelo o que ele ensina, ele serve de exemplo.

Pesquisador – Você se recorda de alguma situação de sala de aula que tenha algum significado?

Professora – Existem muitas situações, geralmente o que mais fica na memória da gente são as situações constrangedoras que a gente passa. Quando eu fiz o curso de Direito, eu estava fazendo uma prova de direito processual do trabalho, com a professora Kátia Prado e naquela situação eu tinha uma colega que sofria muito tique, ela se balançava e mexia, muitos trejeitos e no momento da prova ela ficou muito ansiosa e ela me pediu ajuda, então peguei minha prova, transcrevi em uma borracha enorme e passei para ela e eu tinha um respeito muito grande pela Kátia. Ela é muito responsável, séria e infelizmente quando minha colega pegou essa borracha, como ela tinha muito tique, é um problema de doença, problema real, e ela movimentou de forma desajeitada demais e mandou essa borracha para o meio do corredor, a professora veio, pegou a borracha entre eu e ela, olhou e falou: “de quem que é a borracha?”. Eu não podia deixar a fulana, que já estava em dificuldade, zerar a prova, me passou uma vergonha tão grande, mas tão grande, e eu disse: “essa lambança sou eu que estou fazendo”. Eu assumi na hora, sem pestanejar, mas fiquei muito envergonhada, porque o curso de Direito, eu fazia questão de estudar muito; tirava as melhores notas na sala de aula apresenta uma cola, era como jogar uma colher de veneno sobre a minha prática até o momento, era dizer: “olha, você não é confiável”, e eu fiquei muito envergonhada com aquilo, foi uma situação muito constrangedora. Essa eu levo comigo e quando acontece uma situação dos meus alunos, de estarem em uma situação como essa, eu tenho pena, eu tenho piedade.

Pesquisador – Para você, o que é ensino de qualidade?

Professora - Enquanto a aluna que não teve muitas oportunidades de realmente escolher aquilo que queria fazer profissionalmente, porque eu não tinha condições financeiras “eu vou fazendo o que der, o que for aparecendo”, penso que ensino de qualidade não fez parte da minha formação. Foi por isso que eu tive que ir me readeguando, fazendo trajetos que profissionalmente me deixam bem angustiada, economicamente não foi nem um pouco viável. Um ensino de qualidade tinha possibilitado a minha aprovação no vestibular naquela época e eu não tive essa oportunidade, eu fui para uma escola técnica que me ensinou uma profissão. Todavia, eu tive ensino de qualidade para o trabalho que eu ia desenvolver, não era aquilo que eu desejava, mas era aquilo que eu podia fazer, ser uma boa professora. Ser um profissional que soubesse não só o conteúdo que ia lecionar, mas as técnicas de como fazer isso, e isso eu aprendi

muito bem, lá no ISG em Técnico de Magistério, foi excelente, extremamente organizado, foi muito bom. Aprendi isso também na Pedagogia. Então, ensino de qualidade depende do seu propósito, as aulas que eu tive, no magistério ou na Pedagogia, para o meu propósito inicial que era ser aprovada no curso de medicina, não me serviram de nada, não tinha qualidade alguma para isso.

[***]

Pesquisador - Para você o que é ser professora?

Professora – Ser professor é ter a clara noção de que a sua serventia é única, é tornar alguma coisa mais apta à assimilação de outra pessoa. Se você conseguir que outra pessoa te entenda, compreenda o que você está dizendo. Ser professor é ser responsável pela aprendizagem de outra pessoa. Se você sair, você tem que saber: “olha, eu estou contente, porque o outro aprendeu”. Não é “eu estou contente porque eu dei a minha aula”, que é o que a maioria faz. Eu estou contente porque eu passei a página do livro, não é eu estou contente porque o que realmente eu ensinei o outro aprendeu, você pode passar 45 minutos, 1h30m lendo um texto ir embora sem terminar sua página se o outro aprendeu, aí são outros quinhentos.

Pesquisador - Que características pessoais influenciaram positivamente a sua docência?

Professora – No início da minha carreira, as características pessoais que me influenciaram na minha docência, foram que quando a gente é jovem, é alegre, disposto, movimenta com muita agilidade, tem uma aproximação física maior, com os alunos. Então, quando eu iniciei, lecionando para alunos da primeira fase e eles necessitavam disso, eu era a tia, não só a professora, eu era uma pessoa muito próxima deles, então, um estava com a perna quebrada, eu carregava no ombro, nas costas. Eu tinha disposição para brincar, cantar, andar, passear, correr de um lado para o outro com eles. Quando eu lecionei no ensino fundamental, na segunda fase, já são alunos da quinta, sexta, sétima e oitavo ano, isso na escola particular, durante muito tempo. Uma das características físicas, é que, enquanto você é jovem, você ainda se interessa por algumas coisas que são muito próximas do que eles fazem, você ainda se interessa por um programinha no celular, um joguinho na internet, nas viagens externas que você faz, você nada junto com eles, desce um tobogã, e tem disposição física, para estar junto com a molecada e isso faz com ele te veja como um amigo e isso é muito importante na relação.

Já no ensino superior e no ensino médio, eu mudei muito, porque os alunos do ensino médio eu já percebi eles como um pouco senhores de si e se você se mostrasse alegre, você chega e se mostra, sorridente em sala de aula, é motivo para eles começarem uma conversa, ou tentarem

trazer uma informação alheia à aula do dia, para tentar desvirtuar completamente. Então, no ensino médio, eu já tinha assistido a muitas aulas com a Rosália, com o Iron e percebi que você precisa ser mais técnico e mais sério, não se movimentar muito, ficar mais centrado, sem contar uma história que pudesse rir, porque a intenção deles é realmente desvirtuar, então, não correr esse risco. Você não tem a oportunidade de falar alguma coisa, assim para se tornar agradável, você já entra em um ambiente que está meio desorganizado, então você já entra com aquela característica, de oh, estufando o peito: “eu estou aqui, eu vou impor a minha presença, você já tem que me olhar”, e aí é uma postura de pessoa que não veio a brincadeira, que não veio para trazer nada lúdico, é uma pessoa que veio para dar uma informação técnica ali, que vai exigir que a pessoa esteja olhando para ela.

Pesquisador - Como você se relaciona com o seu contexto social (ambiente escolar, colegas de trabalho, comunidade e meio acadêmico de forma geral)?

Professora – Enquanto estudante, eu tenho uma distância de idade entre os outros alunos no curso de engenharia civil; eles são bem novos, e eu já tenho 43 anos, eles são praticamente da idade que poderiam ser filhos meus, nós não temos muito assunto diversificado, é até interessante [RISO], eles estão todos conversando e tal, eu chego na rodinha e todo mundo fica caladinho. Eles já têm a impressão que você é de outra época, te excluem. Enquanto profissional, na instituição com os demais colegas, eu creio que a proximidade não é muito distante não, eu vejo que é possível ter um relacionamento mais próximo com os colegas de trabalho, se bem que fica praticamente ali na esfera, no âmbito de trabalho, a gente quase não marca: ah, vamos sair no final de semana, vamos comer um churrasquinho, não. Praticamente, o serviço é nesse ambiente e minha vida social é em outro, o máximo que acontece é se ver, de vez em quando, no shopping, um: “Oi! Tudo bem? ”. Mas não são amigos pessoais e na instituição o que a gente tenta fazer é respeitar todo mundo, as opiniões de todos, em um debate é lógico que a gente tenta defender uma ideia, comunicar e dizer: “olha, eu vim para isso, eu acredito nisso”; é tentar fazer uma negociação e pontuar e dizer: “olha, eu acredito nisso, nisso e nisso por esses motivos”. Não sei, mas acredito que em toda situação tem pessoas diante de situações como essa que vão dizer: “ah, essa pessoa é arrogante”. Mas tem também a maioria que sempre que precisam de um subsídio, estão sempre próximos, da mesma forma eu sempre estou pedindo um auxílio em uma ou outra matéria, quando é necessário. Às vezes, estou fazendo uma prova do ENEM que eu preciso do conteúdo de química, converso com o professor de química tranquilamente, nos horários do recreio os relacionamentos são muito bons, sempre estamos conversando e tal. Mas fica no âmbito praticamente da escola mesmo.

Pesquisador - Quais valores você considera importante para formação humana? De que forma eles aparecem em sua prática pedagógica? Fale um pouco sobre sua visão de mundo (ética, meio ambiente, formação pessoal e profissional, relação interpessoal, solidariedade). De que forma esses valores aparecem em sua prática?

Professora - O ser humano deve pautar sua prática pela ética. A pessoa tem que se preocupar em trabalhar com dignidade, com zelo, ter respeito pelos outros e por ele mesmo. Respeito nos seus horários, pontualidade. Tem instituições que tem muitas regras, o colégio militar é uma dessas você tem que se adequar, tem que se organizar, para poder seguir os padrões estabelecidos. É muito difícil trabalhar com alguém que não concorda ou não se organiza, de modo a fazer o que é necessário para a instituição. A dignidade é um processo que você constrói, se mostrar responsável, é como construir uma reputação. É preciso que você tenha atenção para os detalhes também. Eu não sou uma pessoa muito atenciosa às regras que me impõem, a gente tem que fazer um juízo de valor delas, você tem que saber filtrar, selecionar aquilo que é viável e aquilo que não é, aquilo que só cumpre o papel de formalidade nua e crua ali, só para agradar “ao” fulano. E em muitas situações como essa, o excesso da formalidade, a burocratização do processo enterra todo o funcionamento da coisa; então, é necessário com o tempo, você tem que ser capaz de dizer: “olha, eu também tenho autonomia, eu penso deste modo, porque autor fulano de tal, beltrano, ciclano também pensam assim, esses são os principais da área onde eu trabalho, onde eu atuo e eu não estou indo contrário a uma visão da literatura”. Eu estou indo contrário a um interesse particular, às vezes, de um funcionário. A gente tem que saber se posicionar e, às vezes, é necessário você dizer: “olha, o limite é esse”. Eu acho que dignidade é construção, como uma avaliação clássica. Quantos autores dizem que a avaliação é um processo de aprendizagem? Quantos autores dizem que durante o processo que você está avaliando, ele serve como diagnóstico, ele serve também para você, às vezes, até trabalhar, no sentido de dar uma pista para que o aluno reveja o seu procedimento, readequar o seu caminho? Quantos e quantos autores afirmam que avaliar não é um processo distante da aprendizagem em si, diferente, que tem que ser: agora você não sabe mais nada? Muitos e muitos. Às vezes, você está trabalhando em uma instituição que você já leu tantas e tantas vezes, você já passou por uma formação, você sabe que ali é um único minuto de um bimestre inteiro, que aquele indivíduo, que o seu único objetivo é ensiná-lo, você sabe que aquele é o único minuto que ele parou, que ele interessou por aquilo, que ele realmente te perguntou alguma coisa importante, sem te pedir para ir ao banheiro a toda hora, você sabe que aquele é o momento, não, mas agora é a hora da prova e a regra da instituição é agora e eu não te respondo nada [silêncio]. Então,

tem situações e situações, eu não nasci para seguir todas as regras que me impõem não. Eu, às vezes, digo: olha, “uhum”, está certo, eu entendi o que você está me dizendo. E eu não vou vencer pelo convencimento, tem gente que você não vence ele, não tem como você fazer isso. Mas quer dizer de verdade, se realmente lá no dia a dia, na minha prática eu vou fazer exatamente isso? Eu vou ter um conflito enorme com o que eu acredito, eu não vou fazer isso, lá no dia a dia se surgir essa oportunidade e saber que ela é a única, aquele é o único momento, ele vai aprender mesmo, se eu ensinar ali naquele momento, se eu falar para ele, der uma dica, eu não vou falar a resposta para ele, mas se eu der uma dica, eu já percebi que ele está caminhando, está trocando ali alguma coisinha, se eu passar e falar “– ixi”. Só de colocar o dedo e falar: “dá uma olhada aqui, isso aqui será que tem cabimento? Pensa bem, vê se tem lógica o que você está dizendo“. Eu não estou dizendo a respeito do conteúdo, mas só um pedido de atenção para ele já vai modificar toda a resposta. O meu interesse é que ele aprenda, é que ele tenha êxito e eu vou fazer isso, eu vou fazer uma, duas, três, quantas vezes for necessário for. A gente tem que trabalhar com ética, mas você forma os conceitos éticos a partir da compreensão do que você tem certeza que é certo e adequado socialmente, não é só porque eu quero, fulano quer, beltrano quer, é isso, aquilo e aquilo outro que você tem que colocar um tampão e seguir. Isso é complicado, e são inúmeras as situações, estou dizendo da avaliação só para você ter uma noção. Realmente, tem momentos que não dá para você seguir todas as formalidades, tem momento que você tem que dizer: não, eu tenho autonomia e eu não vou fazer isso, porque eu não acredito no que você está dizendo. Porque eu já percebi em inúmeras situações que isso não dá certo, eu já vivenciei isso.

Pesquisador - O que deve fazer parte das aulas de todos os professores?

Professora – Lecionando na área de humanas e depois na área de exatas, percebi que o que não pode faltar de forma alguma, é o professor mesmo, seja ele apresentando virtualmente, não precisa ser ele em pessoa, é necessário que tenha alguém que ensina e alguém que aprenda. O lugar que vai se sentar-se, dá-se um jeito, o lugar que vai escrever, dá-se um jeito, o papel ou o formato que você vai escrever dá-se um jeito, se não tiver o quadro dá-se um jeito, mas é preciso que tenha alguém que fale, alguém que está disposto a aprender, a ouvir e a interagir com o outro, isso é o que não pode faltar de jeito nenhum, tem que ter os dois agentes e não é o agente ativo e o passivo, tem que ter os dois agentes com interesses de aprendizagem. Um que está lá, que já planejou, que já se organizou, para pelo menos dar um norte, e o outro que está lá, sabendo que ele está interessado, sabendo que aquilo pode mudar a vida dele e aí funciona, as outras coisas vão se adequando. Se não der para você escrever, dá para falar, dá até para você

fazer gesto e funciona, mas tem que ter os dois, se não tiver, não tem o que fazer. Em inúmeras situações você vê isso, você fala assim: tem que ter um quadro, com iluminação adequada. É interessante, alguém aprende no escuro? Aprende. Depende do que você estiver ensinando, é possível aprender no escuro. Você pode colocar uma venda, por exemplo, fazer com que a pessoa aprenda a partir do paladar. É possível! É. Ah não, se não tiver um quadro. Tem jeito de ensinar alguma coisa por meio de um espaço? Tem. Agora, a gente sabe que têm coisas específicas que facilitam, se você tiver um recurso ou outro. Mas são só recursos? Não posso dizer que isso é exatamente o que faz a aprendizagem.

Pesquisador - Qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem?

Professora – A relação professor-aluno ela tem que ser de muita confiança. Além da confiança é preciso ter respeito. Não é temer, é ter respeito pelo outro.

Pesquisador - Você estabelece relação entre os conteúdos e as questões políticas, sociais, econômicas? Ocorre a interdisciplinaridade em sua docência?

Professora – Na matemática isso é um pouco difícil, mas não impossível. Tem muitos conteúdos que são complexos de você relacionar, olha, isso serve nessa e nessa área, apesar de todos os conhecimentos matemáticos, todos eles, sem exceção nenhuma, vai ser usado em algum momento, na Física, resolver um problema na vida diária, na Química. Há muitos conteúdos de matemática que são mais tranquilos para você fazer essa relação, como a Matemática Financeira. Outros são intermediários; eles vão fazer parte de um cálculo maior, que num curso superior serve para resolver uma situação da profissão. E no ensino fundamental e no ensino médio, às vezes você não tem condição de demonstrar essa sequência, esse caminhar da matemática, onde você quer chegar com aquele cálculo, porque seria longo demais e as nossas aulas são muito curtas, infelizmente. Mas todos os conteúdos de matemática, eles são altamente ligados à vida real. Acho muito interessante a álgebra, nela a gente começa a usar as letras x, y e z, essas letras, elas não são simplesmente letras que nada representam, que formam só uma expressão ou uma equação matemática. Quando eu escrevo: $x + y + z = 15$; $x - y + 2z = 12$; $2x - 3y + 4z = 13$ e coloco uma chave faço um sistema. Como resolver esse sistema no segundo ano, classificar e resolver esse sistema? Na verdade, esse $x + y + z$ é o que você faz na feira, você vai lá na feira e compra chuchu, mais abobrinha, mais dois jilós e paga R\$13,00 reais, aí você em outro ambiente que não é a feira, aí você compra dois chuchus, mais três abobrinhas, mais cinco jilós e paga R\$4,00 reais. Você vai em outro ambiente que não é a feira e nem o supermercado, em uma frutaria e compra a mesma coisa, um chuchu, mais quatro abobrinhas,

mais um jiló e paga R\$6,00 reais, isso são as equações que você tem e combinando o preço dos três valores é a resolução do sistema, vai te dar o valor de um chuchu, de uma abobrinha, específico e separado de um jiló. Então, o x, y, z estão em todas as expressões matemáticas, são objetos reais, que trocamos por x, y, z para ficar mais fácil, não escrever dois jilós, duas abobrinhas e é complicadíssimo, porque a partir do momento lá da quinta série, tira um quadradinho, põe uma letrinha, lá na quarta série você usa duas vezes o quadradinho igual a oito, então o quadradinho vale quatro, põe $2x = 8$, tirou o quadradinho e colocou um x, e aí começa mudando, quando é fé, não sei o que acontece, em algum momento eles se perdem completamente, eles não fazem ideia que esse x representa algo real. Você termina o ensino médio achando que aquilo lá é só um x lá do alfabeto mesmo. Em todas as expressões matemáticas você pode fazer essa leitura, quando você coloca um x ao quadrado? Ora, o chuchu pode ser verde, o chuchu pode ser branco, não tem um chuchu meio branco? Esse ao quadrado elevado a um é o atributo do chuchu, é uma potência ao atributo, é uma característica, o x é o chuchu e o “doisinho” é o verde. Se você fizer essa leitura, transformar aquelas expressões para os objetos é extremamente lógico. Isso é vida, só que a pessoa não sabe ler a Matemática, pega uma expressão e fica sofrendo. A matemática é a história das coisas, das operações que a gente faz no dia a dia. E dá para contextualizar. Só que se eu pegar todas as expressões matemáticas e for ler dessa forma meu tempo será insuficiente. Por isso que a Matemática colocou símbolos no lugar dos objetos, só para facilitar, ganhar tempo, só que em algum momento ninguém contou para os alunos que isso havia sido feito ou se contou eles esqueceram. As regras que eles criam por conta própria estão muito estranhas, diferem de todas as regras da vida real, é isso o que eu tento falar para eles: “olha, você escreveu isso aqui” e leio como se fosse um objeto: “está vendo que isso aqui na vida real não tem como ser feito, não acontece desse modo?”.

Pesquisador - Você estimula o pensamento crítico?

Professora – Eu sou uma pessoa extremamente crítica, já por conta própria [RISO], não perco a oportunidade, é preciso, é necessário, a gente vive em uma nação judiada pela corrupção, a gente estabelece inúmeras relações de trabalho onde, muitas vezes, o conhecimento não é a via de regra, e como eu tinha dito para você antes, é preciso aprender a filtrar as coisas. Conhecimento crítico não é sair fazendo crítica de todas as coisas, é pegar um texto, uma informação, um conhecimento e saber se aquilo é adequado ou não, se tem lógica, sequência e realmente é bom. Então, estimulo a crítica, em todos os momentos do ensino. Acredito que

todos os profissionais que se prezam, levam o aluno à crítica, penso que é extremamente relevante; isso é parte da trajetória, do ato de conhecer.

Pesquisador - Você costuma refletir sobre sua prática pedagógica?

Professora – Se eu costumo refletir? Muito. Tem muita coisa que a gente acha que poderia dar certinho, se eu proceder dessa forma vai funcionar bonitinho, você faz uns planejamentos mirabolantes, isso aqui vai funcionar, não tem como não dar certo e é tão interessante, que quando a gente leciona para mais de uma sala da mesma série é percebemos como as realidades são diversas, o momento da prática é diferente. Você planeja o mesmo conteúdo, as mesmas metodologias para uma aula e na outra, a trajetória daquilo que você planejou se forma no momento real, são tão diferentes, às vezes, uns dos outros que você precisa ver. Hora que você sai de uma turma e você entra em outra, você começa a refletir: “nossa, mas a minha didática nessa sala, o que aconteceu? Por que que foi tão diferente? Aqui eu consegui isso, a compreensão foi essa! Em geral, ocorre quase sempre da mesma forma, mas tem inúmeras situações que você percebe claramente o tanto que são diferentes, os posicionamentos, as ideias de quem está aprendendo, muda muito quando você está em uma turma participativa, que dialoga, você entra lá e dá o seu recado. A gente vive analisando a prática, às vezes você pensa que vai dar certinho e não funciona, às vezes no momento você muda completamente, e quantas e quantas aulas o seu planejamento é um e lá dentro da sala de aula é outra coisa, você já percebeu de início que aquilo lá não vai funcionar. É por isso que a formação de professor é tão importante, em situações como essa, o tal do planejar em dobro, é muito importante, você tem que ter bagagem para reorganizar suas coisas e, às vezes, é necessário, planejar inúmeras vezes.

Pesquisador - O que mais te agrada e te desagrada em ser professora?

Professora – O que mais me agrada? Me agrada quando o aluno tira boas notas, fico em uma felicidade, isso me agrada demais [RISO], porque atualmente a ideia de aprendizagem é que a avaliação dá uma devolutiva daquilo que foi ensinado. Nós organizamos nosso processo de ensino de aprendizagem nesse formato, então, se ele está fazendo uma devolução e demonstrando ali que ele sabe fazer os procedimentos que você lecionou, é muito bom, é muito gratificante. Tento fazer as avaliações que não dê para ele marcar um x ou me dar qualquer outra resposta. Gosto de ver como é que ele chegou naquilo, qual foi o procedimento que ele adotou, quais foram as ideias dele para poder calcular. Então, fico muito feliz quando eu pego avaliação e ela está organizada, está lógica, as respostas conferem, e quando um apresenta uma outra metodologia que não foi aquela ensinada para poder fazer. Fico muito satisfeita, porque

eu estou vendo que ele está estudando, porque há aprendizagem. Quando eu vejo que o aluno está estudando, está se esforçando, eu fico muito feliz. Agora, quer ver o contrário também, pensa em uma pessoa que fica irada, que fica por conta de destruição total, eu mudo de humor, eu fecho a cara é quando pego as avaliações e têm aquele tanto de zero, eu quero morrer [SILÊNCIO]. Literalmente, eu me desespero, quando eu falo para você: eu quero morrer; é esse exatamente o sentimento que eu sinto. Oh, não funcionou, nada deu certo, isso aí é uma tristeza para mim, isso é o que mais me desagrada. Depois tem umas outras coisas, alguns percalços no caminho também, a falta de tempo para estudo, para a organização do trabalho, é uma situação muito desfavorável que atormenta a vida da gente. Uma coisa que me chateia, me deixa para morrer em instituição de ensino é quando eu ouço um coordenador, um diretor assim: "olha, nós vamos apurar de quem é a culpa de o aluno não ter tirado nota". Você como policial já ouviu um chefe seu apurar a culpa de um profissional da área de segurança, porque a criminalidade subiu? É sua culpa mesmo? Você tem culpa porque fulano matou beltrano? É assim que te tratam como profissional? É esse o mesmo sentimento que eu tenho em sala de aula, eu fico procurando um jeito de sair de perto quando eu ouço termos como esse, porque é o extremo do desrespeito para quem está lecionando, para quem está sendo responsável, para quem está trabalhando com ética, para quem tem respeito com a profissão, isso me mata, me dá um tanto de tapa, bem dado, mas não fala isso para mim. Se você quiser apurar as responsabilidades, eu estou apta a qualquer momento para contribuir e a dizer qual a minha responsabilidade no processo, mas não vem dizer para mim que hoje nós vamos aplicar um dispositivo para avaliar de quem é a culpa.

Pesquisador - O que é ser um bom professor?

Professora – Um bom professor? Organizado, metódico, técnico, responsável, dinâmico, solidário e acima de tudo que tenha um conhecimento daquilo que ele leciona, uma visão de mundo, um conhecimento geral, uma formação em nível bem superior daqueles que ele pretende ensinar.

Pesquisador - Por que o professor de matemática é sempre o mais temido pelos alunos?

Professora – Matemática é rainha [RISOS], da ciência, a Matemática é linda, mesmo. Sabe quando foi que eu vim aprender Matemática? Depois do ensino médio, em um curso específico, porque eu precisava lecionar. Até a oitava série, o ensino de Matemática é muito básico, é elementar, você aprende ali pouquíssimas coisas, e no ensino médio, técnico em magistério, você aprende didática e a Matemática da primeira à quarta série. Como é que você foi aprender

a matemática, então? Lá no ensino superior, já tinha aquele buraco enorme, entre o que eu sabia e o que eu precisava saber para lecionar, já existia isso na minha vida. Mas, precisava formar nessa área, era lá que tinha vaga para professor, já estava concursada, então precisava estudar e estudei bastante para aprender Matemática e passei a amar. Vejo a Matemática, do jeito que eu estava te dizendo, leio as expressões desse modo, o meu cérebro processa desse jeito, não tem porque eu não saber, são coisas elementares do dia a dia, todas as expressões. Com a repetição, isso vai se tornando normal e você memoriza, tudo o que você repete, e faz sem problema. Então, Matemática é muito bonito para quem estuda, mas ela é o bicho papão mesmo para muitos. Por quê? História se leciona na quinta série, lá na quinta série você leciona, por exemplo, povos pré-históricos, não vou falar dos pré-históricos não, vamos falar da antiguidade, você pode lecionar na quinta série, antiguidade, na sexta série você pode lecionar a idade média, feudalismo, depois você pode lecionar a história do Brasil, todo ano você pode ir lecionar um conteúdo. Geografia do mesmo modo, você pode lecionar sobre os povos da África, pode falar sobre as divisões dos continentes, dos estados brasileiros, todos os anos você pode lecionar um conteúdo diferente, basta para que o aluno aprenda o que? Leitura, ele tem que saber ler.

Se eu pegar uma operação do segundo ano, muitas operações, por exemplo, do segundo e do primeiro ano, para que o aluno saiba em Matemática, ele vai ter que relembrar das quatro operações básicas, somar, subtrair, multiplicar, dividir lá na terceira e quarta série. Se lá dentro tiver, por exemplo, uma potência, tem que aprender a potência da quinta e da sexta, se lá tiver uma fração, números racionais, lá quarta, se lá tiver um produto notável, quadrado da soma, ele precisa do conteúdo da sétima, se lá dentro tiver aplicado, por exemplo, em um triângulo, alguma coisa, ele precisar de teorema de Pitágoras lá dentro, ele precisa lá do conteúdo da sexta, sétima série e por aí vai. Finalizando, aquele problema de Matemática ele vai precisar saber, não é ter breve noção, ele tem que saber o conteúdo da quarta, da quinta, da sexta, da sétima...! Como é que os alunos estão aprendendo de verdade o conteúdo da quarta? Como é que ele aprendeu o da quinta? E o da sexta?

É do jeito que estou te falando, chega um ponto que você vai fazendo, fazendo, fazendo e você o memoriza, torna-se repetitivo. As quatro operações você não vai todas às vezes, por exemplo, no segundo ano ensinar o processo de divisão para o aluno, em todas as operações, você não pode falar: vamos lá, tem uma multiplicação, pega aí 3 palitinhos, vamos lá para o concreto, 3 palitinhos vezes 6. Então, pega 3 palitinhos 6 vezes, agora conta quantos que deu, deu 18, agora põe 8, sobe 1. Você não pode fazer isso, gasta muito tempo. Ah, mas depois que ele fez isso inúmeras vezes na terceira série ele aprendeu então, passar do abstrato para o concreto, não, ele não aprendeu na terceira série, sabe o que é essa passagem? É o da tabuada,

ele não aprendeu, ele não aprendeu na terceira, na sexta, na sétima e tem aluno do terceiro ano que não sabe. Então, eu dou o conceito do conteúdo do terceiro ano, ele até entende o conceito, mas ele não tem os elementos anteriores para poder calcular. E aí a matemática vira o bicho papão. Como que você retoma todos esses conhecimentos de anos de estudo em uma aula? Como é que você realmente pega esse conteúdo devido lá da quarta série e aprende ele mesmo? O professor vai mostrar o concreto para você e depois você vai ter que repetir, aquelas listas de exercícios antiga de matemática que tinha lá, para calcular, para fazer a tabuada umas 5, 6 vezes, depois vinha as operações: 12×4 ; 25×6 ; 38 vezes não sei o que, 300, não sei o que vezes 7, fazia inúmeras vezes, aquilo era procedimento para memorizar, ele se tornar constituinte, ele não é parte fisiológica, mas ele é uma parte que está lá na sua mente, é um desenvolvimento mental que tem que estar lá, tem que passar a constituir uma das suas partes e quando você não tem isso? Quantas vezes você fez isso e não memorizou o procedimento? Quando você tem dúvidas em todos eles? Como que o professor lá do segundo e do terceiro ano resolve essa situação?

É isso o que acontece, daí a gente só fica reclamando: “olha, não vai, não tem condição de fazer. Ah, não, vamos dar uma revisão“. Junta eles todos, joga dentro de uma salinha de reforço, dá uma semana de aula, ele repetiu isso sempre para refazer? Não, ele vai para lá sem achar bom, sem estar satisfeito, ele vai fazer dois ou um de cada, vai voltar e esquecer. Existem várias regrinhas e ele vai retornar do mesmo jeito na outra semana. E vira uma bola de neve, sem condição, sabe, na descida e não tem condição de você parar, frear isso.

Os alunos não aprenderam ler a matemática. Pega um texto em inglês, se você não conhece a língua inglesa, pode ler ele o dia inteirinho, vai embora vazio de conteúdo, sem saber nada o que fazer e é exatamente isso que o meu aluno faz em Matemática, pega um texto em língua matemática e não consegue traduzir. Um dos objetos de estudo, alguém que tem cacife, que pode mudar a educação, que vai lá e fala: “olha, governo, você vai fazer outros livros, o livro é esse“. Alguém que conhece de formação podia ter um projeto, sabe, que tem bagagem mesmo para mudar, muitos de nós vamos fazer nossos mestradinhos, nosso produto e guardar na biblioteca. Mas quem tem condição para mudar, tinha que tentar e chamar os professores para uma formação, quem sabe? Se viesse aí, desde a quarta, quinta, sexta e sétimo ano, acho que se eles engrenassem, até o sétimo ano, já tinha resolvido. O aluno não aprende matemática porque ele não sabe ler a língua da matemática. O que você não entende nadinha, como você gosta? [RISO]. É uma tristeza.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

DOCUMENTÁRIO

PROFESSORES DE MATEMÁTICA:

Entrelaçar de vidas entre o pessoal e o profissional



Mestrando
Thiago Batista Assis

Orientadora
Dra. Flomar Oliveira Chagas



*Programa de Pós-Graduação em
Educação para Ciências e
Matemática*

**THIAGO BATISTA ASSIS
FLOMAR AMBROSINA OLIVEIRA CHAGAS**

**DOCUMENTÁRIO PROFESSORES DE MATEMÁTICA: ENTRELAÇAR DE
VIDAS ENTRE O PESSOAL E O PROFISSIONAL**

Produto Educacional vinculado à dissertação Professores de Matemática: entrelaçar de vidas
entre o pessoal e o profissional

JATAÍ
2017

SUMÁRIO

Apresentação.....	178
Entre a realidade e a ficção no documentário.....	178
As faces de um documentário.....	180
Documentário: histórias entrelaçadas.....	182
O cinema documentário no Brasil histórico, perspectivas e possibilidades	183
Caminhos trilhados: a busca pelos personagens.....	188
Luz, câmera, ação: da elaboração do roteiro a gravação das narrativas.....	190
Produção.....	192
Ficha técnica.....	194
Proposta pedagógica: roteiro de atividades.....	193
Algumas considerações sobre o produto.....	197
Referências.....	198

Apresentação

O documentário Professores de Matemática: entrelaçar de vidas entre o pessoal e o profissional constituiu-se como produto educacional desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, Câmpus de Jataí, como proposta de intervenção para cursos de formação de professores.

Esse documentário foi desenvolvido por meio da metodologia história oral, em que foram coletadas narrativas de cinco professores de matemática, do quadro efetivo das escolas públicas estaduais de Jataí, que lecionam no ensino Médio. Eles relataram suas experiências e trajetórias, tendo como objetivo conduzir os participantes e os espectadores a uma reflexão sobre os sentidos e os sentimentos inerentes à profissão professor, mediante o resgate das memórias dos atores sociais. Nóvoa (2013) salienta que o trabalho com histórias de vida tem sido relevante nas pesquisas educacionais, principalmente no que se refere à formação de professores, pois essas narrativas têm possibilitado a compreensão de identidades profissionais ao contextualizar a vida privada com a vida profissional.

Desse modo, por meio das narrativas expostas nesse documentário, esperamos que seja possível ao espectador analisar valores, perspectivas subjetivas e interpretação sobre a vida dos professores de Matemática. Kossoy (2001) afirma que a imagem é um testemunho visual, no qual se pode detectar uma série de dados que dificilmente poderia ser mencionada pela linguagem escrita.

Nichols (2016) afirma que os documentários participativos e observativos são caracterizados pela relação direta, pessoal e afetiva desenvolvida entre o cineasta e os atores sociais. Por conseguinte, por meio de entrevistas, de diálogos e de provocações, esse documentário expõe memórias, emoções e angústias dos professores participantes. Para assistir o documentário acesse: <https://thiagodocmatematica.wixsite.com/2018>.

Entre realidade e ficção no documentário

Ao inverso da produção ficcional, os documentários estabelecem proposições sobre o mundo histórico. Embora essas duas narrativas cinematográficas se distingam, há momentos em que se aproximam ou até mesmo se misturam.

Os documentários ocupam-se em nos conduzir a uma nova maneira de olhar o mundo. Para que esse objetivo se efetive, segundo Nichols (2016), o cineasta deve atentar-se aos três Cs da retórica; portanto, um documentário precisa ser: crível, convincente e comovente. Desse

modo, os documentaristas optam por indivíduos, cujos comportamentos sejam o mais natural possível diante da câmera, que transmitam autenticidade, sejam carismáticos e que fascinem o público, características também apreciadas em atores profissionais.

Dessa forma, o expectador, por meio de sua experiência prévia, certifica a veracidade das narrativas expostas nos documentários. De acordo com Ramos (2013), quando assistimos a um documentário, temos, em geral, um saber social prévio, que nos possibilita julgar se estamos diante de uma narrativa documental ou ficcional. Nichols (2016, p. 147) afirma que

O documentário baseia-se muito num realismo empírico de tempo e espaço. Ele gera realismo psicológico ao procurar pessoas, ou atores sociais, que se revelem diante da câmera com uma abertura e uma falta de timidez semelhante às que os profissionais experientes conseguem. Por fim, os documentários extravasam o realismo emocional no uso de técnicas cinematográficas e de uma voz de documentário que dão vazão à reserva de emoções preexistentes do público.

Logo, os filmes documentais retratam pessoas reais, que *representam* ou *apresentam* a si mesmas; os indivíduos podem falar abertamente ou reservadamente de suas próprias trajetórias e experiências. Certamente, a presença da câmera, do cineasta e de toda equipe de filmagem interfere no comportamento dos participantes, conforme Nichols (2016, p.147) corrobora:

[...] uma pessoa não se apresenta exatamente da mesma maneira a um namorado num encontro romântico, a um médico num hospital, aos filhos em casa ou a um cineasta numa entrevista. E as pessoas não se apresentam da mesma maneira durante todo o desenvolvimento de uma interação; seu comportamento modifica-se à medida que a situação evolui. Nos documentários, esperamos que os atores sociais se apresentem assim, não que desempenhem o papel de um personagem criado pelo cineasta, mesmo que o ato de filmar exerça uma influência evidente sobre a maneira como eles se apresentam

No dia a dia, as pessoas reais estão sempre representando um ou outro personagem inventado para si próprias, ou para atender as convenções sociais existentes: “[...] todos nós encenamos, a todo momento, para todos. A cada presença, nós tentamos interpretar a nós mesmos para outrem, e não seria diferente para a câmera” (RAMOS, 2013, p. 48).

Assim, os discursos e as expressões demonstradas em um filme documentário são representações próprias dos atores sociais; eles encenam o seu próprio papel social e não algo criado ou proposto por outrem. O que atribui realidade aos depoimentos são as contradições, variações de voz, nervosismo, esquecimento e inquietações frente à câmera. Dessa maneira, o que se espera dos atores sociais não é como eles disfarçam ou transformam seu comportamento

e sua personalidade, mas como esse comportamento e essa personalidade contribuem com os objetivos do documentário.

As faces do cinema documentário

De acordo com Nichols (2016), ciclos e movimentos propiciaram ao cinema documentário vários modos de produção, que variam de acordo com a maneira como o cineasta enfatiza as questões sociais e as tendências da época. Para o autor, existem seis modos de fazer cinema documentário. Vejamos o quadro 1:

Quadro 1: Modos de fazer cinema documentário

Modo poético	Modo expositivo	Modo observativo
Associação visual, qualidade rítmica, e organização formal. Os atores sociais dificilmente assumem forma de personagens complexos. Concentra-se mais na emoção do que na razão. Os personagens não são expostos de forma complexa.	Comentário verbal e uma lógica argumentativa. Dirige-se diretamente ao espectador, por meio de legendas ou de vozes que expõem um argumento ou uma proposta. As imagens desempenham função secundária, vemos as imagens como comprovações do que foi falado.	Comprometimento com cotidiano dos atores sociais. Representam a experiência de vida de pessoas reais. Os atores sociais, levam a vida normalmente, interagindo entre si, como se a câmera não se encontrasse presente. Transmite a ideia de neutralidade, não há legendas, narradores e/ou trilhas sonoras.
Modo participativo	Modo reflexivo	Modo performático
Interação do documentarista com os atores sociais. As filmagens acontecem em forma de entrevista e diálogos provocativos. A presença da câmera e do cineasta são percebidas e muitas vezes evidenciadas.	Acentua a consciência crítica mediante a representação da realidade feita pelo filme. O modo reflexivo questiona a própria forma de fazer documentário, atua e intervém na realidade filmada.	Busca aumentar a receptividade do público em relação ao comprometimento do documentarista com tema. Existe uma combinação entre os fatos reais e imaginários do cineasta, o que conduz o espectador de maneira emocional e não de forma lógica ou científica.

Fonte: Nichols (2016, p. 52)

A apresentação dessas características não visa estabelecer regras rígidas para a produção de um documentário; os modos podem se misturar ou até mesmo se sobreporem de forma harmoniosa, conforme afirma Nichols (2016, p. 167):

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de

um dado modo dão estrutura ao filme, mas não ditam nem determinam todos os aspectos de sua organização.

Os documentaristas recorrem frequentemente a essa mescla de modelos e modos diversos, almejando obter um resultado distinto, singular e inovador. A pretensão de propor diferentes maneiras de representar o mundo histórico contribuiu para a composição de cada modo, que pode ser alterado conforme a percepção de sua deficiência em representar o ponto de vista do cineasta.

A voz de um documentário atua para dar materialidade ao comprometimento do documentarista com o mundo. De acordo com Nichols (2016), cada documentário possui uma voz autêntica, ou seja, uma forma peculiar de expor o mundo histórico, pois o estabelecimento de um estilo favorece a expressão dessa voz. Elementos como a escolha do ângulo das filmagens, as composições das cenas, permitem ao cineasta falar com o espectador, não de forma inexpressiva, mas de maneira significativa, retórica ou até mesmo poética.

A voz do documentário não se restringe às narrações invisíveis - “voz de Deus” - ou visíveis - “autoridades”. Os recursos fílmicos permitem ao cinegrafista falar por outros meios, tais como: em que momento cortar ou montar, de que maneira enquadrar ou constituir o plano, gravar ou não o som direto durante as filmagens, determinar o modo de representação do documentário.

Nichols (2016) designa duas modalidades discursivas usadas para expressar a voz dos documentários, sendo:

- a) discurso direto: a fala ou escrita é direcionada ao público ou à câmera; transmite a sensação de diálogo com espectador. O filme faz uma proposta sobre o mundo histórico de forma direta;
- b) discurso indireto: a fala não é direcionada ao público diretamente, assim como nos filmes de ficção. Fornece possibilidades sobre o mundo histórico de forma indireta.

No quadro 2, transcrevemos as diferentes asserções estabelecidas por Nichols (2016) acerca das formas de voz do documentário:

Quadro 2: Voz do Documentário

Discurso direto	
Personificado (Vê-se uma pessoa, um ator social)	Não personificado (Não se vê quem fala)
Voz da autoridade (Âncora de noticiário, repórter)	Voz de Deus (Comentário em voz <i>over</i>)
Entrevista	Títulos/ intertítulos

(Vê-se o entrevistado, talvez se veja ou ouça o entrevistador)	(Material impresso dirigido a nós)
--	------------------------------------

Discurso indireto

Personificado (Transmitido por atores sociais)	Não personificado (Transmitido por técnica cinematográfica)
Observação (Observam-se os atores sociais em seu cotidiano)	Forma cinematográfica (O cineasta nos diz coisas por meio da montagem, da composição, do ângulo da câmera, da música, dos efeitos e etc. cabe a nós interpretar como essas escolhas falam conosco.)

Fonte: Nichols (2016, p.93)

A voz de um documentário não estimula apenas a percepção estética no espectador; ela ativa a consciência social, seja de forma direta ou indireta. Grande parte dos documentários impulsiona debates e discussões sobre questões sociais de interesse público ou particular. Nessa concepção, Nichols (2016, p. 108) assevera: “A voz do documentário atesta seu engajamento na ordem social e numa perspectiva sobre os valores subjacentes a essa ordem. É essa orientação específica para o mundo histórico que dá ao documentário sua voz própria”.

Os comentários falados ou escritos direcionam o espectador às interpretações desejadas pelo cineasta, as imagens concretizam o que se diz. Os documentários agrupam sons, imagens e falas de forma organizada, com intuito de transmitir algo conceitual e abstrato. É isso que o diferencia das simples filmagens de registro.

Documentários: histórias entrelaçadas

Em um documentário, pelo menos três histórias de vida se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do espectador. Todas essas histórias, de maneiras distintas, contribuem para a estruturação dessa modalidade cinematográfica.

Quando assistimos a um documentário, nos questionamos: quem o produziu? Quais são seus motivos? Suas intenções? Geralmente, não; mas, o cineasta está a todo momento presente em sua produção, pois ela representa a sua forma de ver o mundo e suas propostas de intervenção sobre ele. A história do filme, por meio de seus atores sociais, aliada às intervenções fílmicas, concretizam essas percepções. Por fim, o espectador, com suas experiências prévias, atribui valor ou não ao que se é demonstrado no documentário.

O cinema documentário possibilita-nos enxergar o mundo por um ângulo distinto do que estamos acostumados; as representações expostas revelam uma nova perspectiva sobre um determinado tema que nos é comum (família, assistência médica, sexualidade, desigualdades

sociais, violência, morte e assim por diante). Essas representações ajudam-nos a compreender as práticas sociais, a partir do momento em que entendemos como os outros vivenciam as mesmas situações e acontecimentos que presenciamos cotidianamente. Nichols (2016, p. 254) escreve:

Alguns documentários tentam nos *explicar* aspectos do mundo. Analisam problemas e propõem soluções. Procuram mobilizar nosso apoio a uma posição, em detrimento de outra. Outros documentários convidam-nos a *compreender* aspectos do mundo de maneira mais completa. Observam, descrevem ou evocam poeticamente situações e interações. Tentam enriquecer nossa compreensão de aspectos do mundo histórico por meio de suas representações. Complicam nossa adesão a certas posturas ao minar a certeza com complexidade ou dúvida (grifo do autor).

A voz de um documentário tem natureza própria, o que garante autenticidade ao filme e à forma de pensar do cineasta. A retórica ou crítica utilizada procura apresentar-nos pessoas, lugares e fatos em sua plenitude, a fim de que possam ser analisados e julgados como dignos de admiração ou de rejeição.

O cinema documentário constitui uma tradição cinematográfica que, de maneira eloquente, tem abordado questões diversas que envolvem, instruem, agradam, comovem e convencem o público, por meio de histórias e personagens reais, sob a ótica do documentarista.

O cinema documentário no Brasil: histórico, perspectivas e possibilidades

O documentário, no sentido literal da palavra, teve início no final do século XIX, com o cineasta norte-americano Robert Flaherty e o russo Dziga Vertov. Os primeiros filmes documentários retratavam atividades cotidianas da sociedade da época, como rotina dos operários, das cerimônias fúnebres, das movimentações em estações de trem e das contemplações da natureza.

Para Nichols (2016, p. 133), os pioneiros do cinema documentário tinham objetivos imediatos. Ao fazer um filme, buscavam atender necessidades e intuições próprias na maneira de representar o mundo histórico. Não almejavam criar uma tradição cinematográfica; sua veemência estava nas inúmeras formas de exploração que o cinema possibilitava. Todavia, é somente na década de 1920 e no começo da de 1930 que o documentário é reconhecido como forma cinematográfica distinta. Conforme esse autor, é nesse momento que elementos fundamentais, que formam a base do documentário, se convergem; as imagens, os sons e as

histórias são submetidos a um tratamento criativo (montagem, enquadramento, música, iluminação e assim por diante), conferindo voz própria ao cinema documentário.

A era ouro dos documentários inicia-se na década de 1980, com o advento de várias produções que atribuíram valor a essa nova forma de fazer cinema. Esses filmes alteram as percepções sobre o mundo histórico, apresentando um olhar intrínseco sobre os problemas e as situações que compartilhamos.

O surgimento dos aparelhos portáteis e a gravação de sons diretos, ocorridos entre 1960 a 1980, possibilitaram que os modos observativos e participativos ganhassem destaque. É nesse período também que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Los Angeles reconhece o documentário como forma popular e irresistível de cinema, premiando, com o Oscar, muitos documentaristas.

Com a chegada da televisão, os documentários ganharam um novo impulso. Na década de 1980, nos Estados Unidos e na Europa, surgiram canais fechados especializados na transmissão de documentários, o que também despertou interesse nos canais convencionais.

O cinema documentário surge no Brasil pelas mãos dos próprios donos de salas de projeção. Afonso Segreto, irmão de Paschoal Segreto, dono de salas de cinema e um dos maiores fomentadores do ramo do entretenimento do Rio e São Paulo, na época, ao regressar de viagem comercial à Itália, em 19 de junho de 1898, traz consigo uma filmadora. Ainda a bordo do paquete francês *Brésil*, ele produziu uma das primeiras filmagens no Brasil, ao registrar a entrada do navio na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Depois dessa experiência, os irmãos começaram a registrar regularmente os eventos cívicos e as atividades da elite brasileira, dando início ao movimento cinematográfico conhecido como “tomadas de vista” e que prevaleceu até o ano de 1908.

Devido à falta de infraestrutura nas cidades brasileiras, no início do século XX, predominou a produção de documentários e cinejornais com temáticas regionais, revelando as belezas, as tradições e os costumes das diversas regiões brasileiras. A maioria dessas produções era encabeçada por estrangeiros, em geral, europeus.

Posteriormente, as câmeras cinematográficas foram integradas ao trabalho dos antropólogos que percorriam todo território nacional a fim de catalogar as comunidades indígenas. Dessa maneira, esses registros etnográficos possibilitaram que as populações urbanas conhecessem um Brasil extenso e oculto. Destaca-se nesse contexto o documentário *Os Sertões de Mato Grosso*, de 1916, realizado pelo major Luís Tomás Reis, que, a cargo do Serviço de Fotografia e de Cinematografia da Comissão de Linhas Telegráficas, registra,

durante as décadas de 1910 a 1920, as peculiaridades das populações indígenas presentes no interior do Brasil. Seu filme foi exibido por várias salas de cinema em todo país.

Em 1936, o Governo Federal funda o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), com a pretensão de democratizar o conhecimento. Por 30 anos, a direção do INCE ficou a cargo do cineasta Humberto Mauro, que produziu inúmeros filmes de caráter educativo e de natureza oficial. O INCE tornou-se um terreno fértil para a produção de curtas e de médias-metragens. Séries de documentários rurais, da fauna e da flora, de instituições e de cerimônias oficiais foram produzidas. Outros órgãos públicos federais, como o Departamento de Imprensa e de Propaganda e o Serviço de Informação do Ministério da Agricultura (DIP), também se destacaram nesse período.

Nos anos 60, surgem novas temáticas para o documentário brasileiro. As questões inerentes às florestas e suas comunidades dão lugar aos problemas sociais causados pelo subdesenvolvimento e pelas desigualdades sociais. Surge, então, um movimento denominado “cinema novo”.

O contexto político brasileiro nesse período, marcado pelo Golpe Militar de 1964, impulsionou a produção de inúmeros filmes que buscavam a valorização das questões populares por meio de temáticas culturais, econômicas e religiosas. O documentário se fortalece como gênero cinematográfico e se distancia do caráter meramente educativo.

As universidades brasileiras, nesse período, tiveram um papel importante na difusão e na produção do cinema documentário. Com o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE), documentaristas apresentavam produções críticas sobre o processo de urbanização e de industrialização do país e, ao mesmo tempo, valorizavam a cultura popular.

Durante a ditadura militar, vários documentaristas foram perseguidos e tiveram seus filmes censurados. Em 1964, Eduardo Coutinho inicia as filmagens do documentário *O Cabra Marcado para Morrer*, filme interrompido pelo governo militar, que foi concluído 20 anos mais tarde, e que posteriormente se tornou um marco do cinema documentário no Brasil, consagrando Coutinho como o maior documentarista do país.

Ao final dos anos 60, a televisão brasileira se fortalece como veículo de massa; com isso, surgem novos formatos de documentários, com enfoque investigativo e crítico. Essas produções buscavam mostrar um Brasil real, questionando a imagem oficial mostrada pelo governo militar nos vídeos institucionais.

Na década de 80, o país vivenciava um momento de reorganização política e econômica. Nesse processo, surgem diversos movimentos populares, dentre os quais se destaca a

Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP), que se empenha em conquistar espaço para as produções do cinema documentário.

Nos anos 90, o documentário recupera o seu status, o qual, além da produção para televisão, volta a ocupar as salas de exibição, obtendo sucesso de público e de crítica. Com uma diversidade de temas, vários filmes se proliferam e demonstram o dinamismo do formato documental no cinema brasileiro.

Os avanços da tecnologia, seguidos pela redução dos custos dos equipamentos, propiciaram um aumento significativo na quantidade de documentários produzidos no Brasil, a partir dos anos 2000. A diminuição dos equipamentos digitais e a facilidade no transporte possibilitam o desenvolvimento de documentários construídos em primeira pessoa, em que a relação entre o documentarista e a realidade ultrapassa os limites da simples representação do real.

Nichols (2016) afirma que na internet, por meio de *sites* como o Youtube e o Facebook, proliferam imitações de documentários, quase documentários, semidocumentários, falsos documentários e documentários excelentes, que adotam novos formatos e abordam novos temas.

No ano de 2003, o Governo Federal, por meio do Ministério da Cultura, celebra convênio com a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, e, com o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas, lança o programa de fomento à produção e à difusão do cinema documentário no Brasil (DOCTV), com o intuito de fomentar e de regionalizar a produção de filmes independentes. Esse projeto mostrou-se fundamental para a expansão do cinema documentário no país, pois possibilitou que várias produções fossem exibidas em rede nacional pelas emissoras públicas de televisão, exteriorizando a diversidade cultural das diversas regiões brasileiras.

O DOCTV contribuiu ainda para a formação de novos profissionais para o setor, especialmente nos estados mais afastados do eixo Rio/São Paulo. Esse programa possibilitou a formatação de filmes mais elaborados e com características próprias, que romperam com as tradições meramente informativas dos documentários institucionais e das reportagens jornalísticas.

As ações do DOCTV desencadearam o surgimento de novas iniciativas que se expandiram para a TV aberta e, posteriormente, para outros países. A Associação Brasileira de Produtoras Independentes de Televisão (ABPI-TV), em parceria com o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), apoiados pelo Ministério da Cultura, exibiram vários documentários em rede aberta, em um projeto intitulado “Documenta Brasil”. Ainda o programa DOCTV Ibero-

América ampliou a realização de coproduções entre os países ibero-americanos, possibilitando a exibição de filmes documentários em dezessete países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Equador, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai, Paraguai e Venezuela. Na Rede DOCTV, somam-se 21 televisões públicas.

O documentário brasileiro, nos últimos anos, tem se concentrado na representação do popular, abordando, em sua maioria, temáticas ligadas à violência, a desigualdades sociais, ao racismo, ao preconceito e à exclusão, conforme afirma Ramos (2013, p. 217):

A partir da década de 1980, no entanto, e com maior intensidade nos últimos dez anos, a exaltação da cultura popular passa a conviver com uma nova sensibilidade do *outro popular*, marcada pela representação do *miserabilismo* e expressa pelo que venho chamando de *popular criminalizado*. Da elegia da beleza da cultura popular e da defesa de seu potencial transformador positivo, emerge uma visão do popular na qual predomina a expressão, com traços naturalistas acentuados, de aspectos miseráveis e atemorizantes.

Assim sendo, a exploração das mazelas sociais constituiu-se como um dos pilares do cinema documentário brasileiro contemporâneo, atingindo apogeu na primeira metade dos anos 2000 e perpetuando até os dias atuais. Documentários como *Falcão: meninos do tráfico*, de MV Bill e Celso Athayde, e o *Ônibus 174*, de José Padilha, são exemplos clássicos da representação popular pelo viés da criminalização e do miserabilismo.

Para Ramos (2013), as imagens de horror expostas nas representações do popular criminalizado, pelos documentários brasileiros, não só despertam sentimento de culpa e angústia nos espectadores, como também denunciam a incompetência institucional do Estado, na garantia dos direitos mínimos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988.

As características abordadas na representação popular criminalizada, retratadas nos documentários atuais, estão enraizadas no modo de vida das grandes cidades brasileiras e na forma como essas comunidades se constituíram, expondo problemas sociais que fazem parte do processo de formação de toda a sociedade brasileira, marcado por processo de colonização extremamente exploratório: um longo período de escravidão, uma sangrenta ditadura militar e um processo de redemocratização bastante frágil. O cinema documentário nacional revela-nos um Brasil ignorado, muitas vezes mascarado pelas belezas naturais, culturais e pelo carisma do povo brasileiro.

É importante ressaltar que essa tendência não é unânime nos documentários brasileiros. Apesar de essas temáticas serem mais evidentes e de poderem ser vistas na maior parte das

produções do gênero no país, há documentaristas brasileiros que abordam questões ambientais, biográficas e históricas.

Desde seu surgimento, o cinema documentário sempre foi uma forma de experimentação, de vivências e de exploração das possibilidades cinematográficas. Os documentários brasileiros, portanto, se reafirmam como um mecanismo de descobertas e de possibilidades; novos estilos, temas e histórias dão voz a documentaristas anônimos ou famosos que se aventuram em nos apresentar o mundo histórico sob seu ponto de vista.

Caminhos trilhados: a busca pelos personagens

Em meio às reflexões teóricas empreendidas, verifica-se que diversos autores apontam que o vínculo estabelecido entre o pesquisador e os pesquisados é uma especificidade da metodologia de pesquisa história de vida; é por meio dessa relação que o diálogo entre as partes acontece. “Nesse sentido, para que o narrador conte sua vida, ele precisa sentir confiança e se sentir à vontade” (MIRANDA, CAPELLE E MAFRA, 2014, p. 60).

Sob esse enfoque, planejamos como nos aproximaríamos dos interlocutores da pesquisa. De posse de uma lista de contatos fornecida pela Subsecretaria Regional de Educação de Jataí, na qual constavam todos os professores de matemática, do quadro efetivo, que lecionavam no ensino médio nas escolas da rede estadual de educação no município de Jataí, com cerca de quinze nomes, realizamos um “Chá Matemático”.

Escolhemos um café aconchegante e uma tarde de sábado para o encontro. Em uma carta convite, explicitamos os objetivos e a metodologia do documentário/pesquisa e os convidamos para que comparecessem ao evento, para mais esclarecimentos. Na carta, deixamos o contato para confirmação de presença. Ressaltamos que essa primeira reunião foi realizada externamente ao ambiente formal, escolar, com o intuito de trazer “leveza” e “descontração” ao encontro.

Utilizando-se das tecnologias disponíveis, por meio do aplicativo *WhatsApp*, formamos uma lista de transmissão², para que pudéssemos compartilhar informações com os professores convidados. Após o envio dos convites, encaminhamos uma mensagem de apresentação, com um breve currículo e uma foto pessoal para que todos nos conhecessemos. Ainda nesse canal

2 Uma **Lista de Transmissão** permite criar, salvar e enviar a mensagem para uma lista de contatos instantaneamente. Os destinatários recebem a mensagem como uma mensagem normal, diretamente, como uma conversa individual. Ao responderem, as respostas aparecerão individualmente. Fonte: Whatsapp, disponível em <https://www.whatsapp.com/faq/pt_br/general/23741782>.

de comunicação, solicitamos a confirmação das presenças, dispondo citações de trabalhos sobre história de vida, buscando construir um vínculo inicial com os professores.

Para a primeira reunião, escolhemos o poema Retrato, da escritora Cecília Meirelles, que conduz o leitor a uma reflexão sobre si próprio, descrevendo as mudanças, as transformações psicológicas e físicas pelas quais passamos ao longo da vida. A autora estabelece uma comparação entre quem éramos no passado e como somos no presente. A opção por esse texto foi intencional, pois seu enredo contemplava os objetivos da pesquisa realizada paralelamente à elaboração desse produto educacional.

Dessa maneira, cada participante recebeu uma embalagem na qual havia um espelho de bolso e uma cópia do poema. Após a leitura dinâmica do poema, que termina com a seguinte estrofe “Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face?” (MEIRELES, 1958, p. 10), solicitamos a cada participante que abrisse o pacote e olhasse seu rosto refletido no espelho. Nesse instante, expressamos a seguinte frase: Conte-nos sua história, professor (a).

Posteriormente, explanamos sobre a metodologia de pesquisa história de vida, suas contribuições para a formação de professores e como pretendíamos colher os depoimentos de cada um dos envolvidos na pesquisa. À oportunidade, ressaltamos que esses depoimentos comporiam um documentário a ser apresentado como produto educacional da dissertação de mestrado em andamento.

Após o encontro por meio da linha de transmissão e de contatos telefônicos, continuamos a compartilhar com os professores pequenos textos sobre a metodologia história de vida e ainda obter a confirmação dos voluntários para a pesquisa. Seis professores se dispuseram a participar, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, que lecionam nos respectivos colégios: Colégio Estadual Alcântara de Carvalho, Colégio Estadual João Roberto Moreira, Colégio Estadual Marcondes de Godoy e Colégio da Polícia Militar de Goiás – Nestório Ribeiro.

Ao iniciarmos as gravações dos depoimentos, um dos professores desistiu da participação, não atendendo mais as ligações e nem respondendo às mensagens de textos enviadas e *e-mails*.

Após o aceite dos professores, disponibilizamos dois documentos para formalização do voluntariado, que foi lido e assinado por todos: a) *Consentimento da participação da pessoa como sujeito*: nesse documento, descrevemos a metodologia de pesquisa e o participante atesta ter conhecimento sobre ela; b) *Termo de autorização de uso de imagem, voz e dados biográficos*: nesse documento, o participante concede a autorização para a divulgação de sua

imagem, da sua voz e de seus dados biográficos, conforme previsto pela Constituição Federal de 1988, no seu artigo 5º, inciso X.

Luz, câmera, ação: da elaboração do roteiro à gravação das narrativas.

No desenvolvimento das entrevistas, seguindo as orientações de Alberti (2007), optamos por estruturar um percurso a ser seguido para que, caso houvesse necessidade, o participante e/ou pesquisador pudessem recorrer às questões para direcionamento da conversa. Esse roteiro foi elaborado a partir dos objetivos da pesquisa, tendo como princípio três temas que consideramos fundamentais, quais sejam: sentido, sentimento e significado sobre a profissão docente.

Estabelecemos que seriam realizados dois encontros consecutivos para cada participante, a fim de permitir que os sujeitos relembassem de algo que não haviam contado em um primeiro momento e para que pudéssemos abordar questões específicas sobre os aspectos fundamentais da pesquisa, além de evitar que os encontros se tornassem cansativos.

Logo, na primeira entrevista, foi solicitado aos entrevistados que discorressem livremente sobre sua história de vida. Após pronunciarmos a frase “*Conte-nos sua história, professor (a)*”, a palavra estava franqueada ao participante, deixando-o livre para iniciar a sua narrativa. Mas, ao perceber que o entrevistado estava perdendo o foco e sem saber o que dizer ou se tornando repetitivo, buscávamos apoio no roteiro para orientá-lo a dizer um pouco mais ou falar sobre algum assunto que não teria sido abordado até o momento, por exemplo: fale de sua infância, da sua adolescência, da sua trajetória escolar, da trajetória acadêmica, da trajetória profissional e outros. Ressalte-se que essas intervenções foram feitas sempre tomando cuidado para não interferir nas respostas.

Para a segunda entrevista, decidimos evidenciar questões mais complexas sobre a prática pedagógica e as visões de mundo dos professores. Assim, nessa etapa, direcionamos os entrevistados, isto é, apontávamos as questões a serem refletidas e dialogávamos sobre elas; depois, a palavra era passada ao participante, que discursava livremente sobre o assunto tratado. “[...] o pesquisador deve ter a capacidade de correr riscos. Isso significa fazer as perguntas certas, avaliações ou críticas pertinentes, a fim de que o pesquisado se sinta à vontade para verbalizar e rememorar suas histórias” (MIRANDA; CAPPELLE; MAFRA, 2014, p. 64).

Todo processo foi registrado por um cinegrafista profissional, que, de posse de duas câmeras de alta definição - uma fixa, destinada a capturar as imagens gerais e o áudio das narrativas, e outra móvel, que registrava as expressões faciais, movimentos das mãos,

momentos de emoção e de detalhes das entrevistas. As gravações foram realizadas em locais distintos, conforme a disponibilidade dos docentes; em sua maioria, eles optaram em gravar nas escolas em que trabalham.

Antes do primeiro encontro, conforme explicita Alberti (2007, p. 32), “o conhecimento prévio do objeto de estudo é requisito para a formulação de qualquer projeto de pesquisa. No caso da história oral, dele dependem as primeiras escolhas que devem ser feitas no encaminhamento da pesquisa [...]”. Nesta concepção, buscamos informações preliminares de cada um dos professores, com o intuito de nos prepararmos para as entrevistas. Com a colaboração da Subsecretaria Regional de Educação de Jataí, acessamos o Sistema de Gestão Escolar de Goiás (SIGE–GO). Nessa plataforma, tivemos acesso aos seguintes dados dos professores: nome completo, data de nascimento, naturalidade, estado civil, data de posse como servidor público, formação acadêmica, cursos de pós-graduação, local de trabalho e nível de classificação na carreira docente no Estado de Goiás. Ainda buscamos informações na Plataforma *Lattes*, a fim de localizar o currículo dos participantes; porém, somente uma professora possuía cadastro nesse sistema.

Durante a realização das entrevistas, permanecemos atentos e concentrados na fala dos entrevistados, demonstrando sempre interesse em ouvir o que eles tinham a dizer; em alguns momentos, apenas expressávamos algum gesto de apoio. Nesse filme, somos coadjuvantes; o personagem principal é o professor, que revela a sua história de vida da maneira como acha melhor, interagindo com o pesquisador/documentarista e construindo seu próprio discurso, seja ele condizente ou não com sua prática social. Miranda, Cappelle e Mafra (2014, p. 63) afirmam:

É interessante destacar, também, que mesmo que a vida dos indivíduos tenha, de alguma maneira, uma continuidade, a forma como ela é contada não segue esse padrão. Isso acontece porque, na história de vida, quem decide o que vai contar é o pesquisado. Sendo assim, a verbalização de suas trajetórias, bem como os fatos e acontecimentos relacionados a ela são lembrados de acordo com a importância que o narrador atribui a eles.

Assim sendo, é necessário que o pesquisador/documentarista tenha cuidado na condução da entrevista para que sua subjetividade não se aflore, evitando que ela se imponha sobre a do narrador/sujeito pesquisado, por meio de interferências desnecessárias para o estabelecimento de uma cronologia ou esclarecimento de fatos.

Na medida em que os diálogos se expandiam, os participantes sentiam-se à vontade para relatarem as suas trajetórias. As amarras do nervosismo, da timidez e do receio, aos poucos foram sendo superadas e uma relação de proximidade e confiança se estabelecia. A presença da

câmera, do microfone e do cinegrafista ia ficando em segundo plano e os professores se concentravam na emoção de poderem narrar a sua própria história.

Produção

Depois de concluídas as gravações com os participantes, iniciamos o processo de produção do documentário. Nessa etapa, contamos com apoio profissional de uma produtora de vídeos, que pelos conhecimentos técnicos e equipamentos adequados, proporcionou qualidade à produção.

As gravações, por nós realizadas, continham aproximadamente onze horas, uma média de 2,2 horas por depoimento. Em um longo trabalho de recortes e composição de cenas, esse tempo foi reduzido para 35 minutos.

No documentário, optamos pelo discurso direto, com a utilização da voz de Deus, com comentário em voz *over*, visível. De acordo com as definições apresentadas por Nichols (2016), esse documentário caracterizou-se como performático, tendo como objetivo interagir o público com o tema tratado. Em seu desenvolvimento, houve uma combinação entre os fatos reais narrados pelos professores e a subjetividade do pesquisador, que também optou por participar diretamente do documentário.

A trilha sonora foi escolhida a partir dos enredos de cada discurso, buscando sempre envolver o espectador de maneira emocional. Por precaução, as músicas escolhidas foram de domínio público, cujos direitos autorais e a reprodução são liberados por seus autores.

Para dar voz ao documentário, utilizamos ângulos e recortes sequenciais, que permitem aos telespectadores participarem das entrevistas, ou seja, o professor conta a sua história de vida não para o pesquisador, mas sim para o público, representado pela câmera.

Ficha Técnica

Direção Geral: Thiago Batista Assis

Orientação: Dra. Flomar Oliveira Chagas

Produção e Roteiro: Alessandro Ferreira Luz

Filmagem: Xis Filmes - Alcione Rodrigues de Souza

Edição: Xis Filmes - Alcione Rodrigues de Souza

Design Gráfico: Peça Propaganda - Lucas Júnior

Colaboradores: Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Dra. Rita Rodrigues de Souza

Dr. Marcos Antônio de Menezes

Elenco: Thiago Batista Assis

Lázaro Alves Cabral

Edmilson Oliveira Ferreira

Fernanda Lima Silva Ferreira

Solene Neves dos Santos Silva

Lucivânia Ferreira Cabral

Agradecimentos: Coordenação Regional de Educação de Jataí

Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás – Nestório Ribeiro

Colégio Estadual Marcondes de Godoy

Centro de Ensino em Período Integral João Roberto Moreira

Duração: 40 min

Disponível em: <https://thiagodocmatematica.wixsite.com/2018>

Proposta pedagógica: roteiro de atividades

Este documentário foi elaborado como proposta de recurso didático complementar para disciplinas de formação de professores e/ou políticas educacionais. Intenciona-se que ao trabalhar a história de vida de outros profissionais, os docentes reflitam sobre suas próprias trajetórias. A proposta foi elaborada para aplicação em duas aulas/ 1h30min, da seguinte forma:

- **Aulas 01**

Materiais: cópia do poema, data show, telão, computador, caixa de som e mini-espelhos.

Desenvolvimento: Leitura e análise do poema Retrato de Cecília Meirelles (1958, p.10)

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro,
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,

tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 a minha face?

Orientações 01: Após a leitura do poema, peça para cada pessoa olhar no espelho e refletir sobre sua trajetória, em seguida estimule a discussão sobre as transformações ocorridas ao longo da vida, sejam elas provocadas pelo tempo, pela sociedade ou pela cultura.

Questões norteadoras

Quem sou eu? Quem é você? Quem somos nós?

O que é identidade?

Como nos constituímos?

O que é destino? Podemos alterá-lo?

E o tempo? As mudanças? As transformações?

E a nossa história de vida?

Orientações 02: após as discussões exiba o documentário: Professores de Matemática: entrelaçar de vidas entre o pessoal e o profissional – 40 min

Orientações 03: solicite para o próximo encontro a leitura de textos relacionados a História de Vida de Professores, narrativas e/ou estudos autobiográficos.

Sugestões:

BATISTA, Vera Lúcia. **Conta sua história professora! Narrativas que significam a prática educativa.** Campinas 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/proesfmemoriais2005/VeraLBatista_ContasuaHistoriaProfessora.pdf. Acesso em 04 jan 2016.

COSTA, Roseli Barros, GONÇALVES Tadeu Oliveira. **Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos.** Revista Espaço Acadêmico n° 64 – setembro/2006 – mensal ISSN 1519 61 86 ano VI. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/064/64costa.htm>> acesso em 13 abr 2015.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. **Histórias de vida e autoformação de professores:** alternativa de investigação do trabalho docente. Pro-Posições, v.15, n.2 (44)- maio/ago 2004. Disponível em < <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/44-artigos-moraesaaa.pdf> > Acesso em 28 nov 2015.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. *In:* NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores.** Portugal: Porto Editora, 2013. 11 – 30.

PRADO, Guilherme do Val Toledo, SOLIGO Rosaura. **Memorial de formação:** quando as memórias narram a história da formação. Unicamp, 2004. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesfmemorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf. Acesso em 04 jan 2016.

Aula 02

Materiais: data show, telão, computador e caixa de som.

Desenvolvimento: analisar e discutir as falas dos professores, contrapondo com a literatura estudada.

Orientação 01: Evidenciar a importância das histórias vida para a compreensão dos sujeitos. Apresentar os principais pontos desta metodologia, usando como parâmetros os estudiosos da área.

Sugestões:

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade:** Lembrança de Velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In:* FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.183-191

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In:* NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 2013.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103- 133.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida dos professores. *In: NÓVOA, António (org.) Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 2013.

LEVI, G. Usos da biografia. *In: FERREIRA, M. de M. & AMADO, J. (orgs.). Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p.167 - 182.

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. *In: NÓVOA, António (org.) Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 2013. 11 – 30.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. *In: SIMSON, Olga Moraes Von. Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: vértice, 1988. p. 14-43.

Atividade: Solicitar a cada um dos participantes que produza um memorial contando a sua história de vida.

Observação 02: memorial é uma produção autobiografia que expõe, analisa e critica fatos de uma trajetória. Recomenda-se, portanto, que o autor fique livre para destacar as informações que julgue significativas e importantes.

Observação 03: é interessante que o texto seja redigido na primeira pessoa do singular, para que o participante possa evidenciar as suas memórias. O memorial deve conter no mínimo cinco páginas, na fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas 1,5.

Questões direcionadoras

- a) Quem é você?
- b) Infância
- c) Adolescência
- d) Trajetória Escolar (educação básica)
- e) Trajetória Acadêmica
- f) Trajetória Profissional
- g) Quais os sentidos e sentimentos em relação à profissão docente?

Observação 04: O coordenador da atividade deverá receber o texto, após a leitura de cada um, ainda poderá devolver aos participantes para discussões e análises coletivas ou individuais.

Algumas considerações sobre o produto

Os recursos audiovisuais, frequentemente, têm sido utilizados na perspectiva de facilitarem o processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, ao desenvolver esse produto, almejamos colocar à disposição um conteúdo reflexivo sobre a profissão docente, abordando o tema de forma transversal e multidisciplinar. Nichols (2016, p. 58) afirma:

Quando assistimos a documentários, esperamos aprender ou nos emocionar, descobrir as possibilidades do mundo histórico ou sermos persuadidos por elas. Os documentários recorrem à comprovação para alegar algo como “isto é assim” junto com um tácito “não é mesmo?”. Essa alegação é transmitida pela força da retórica ou persuasiva da representação (p. 58).

O foco deste documentário foi permitir que os professores participantes pudessem se expressar, expor suas visões de mundo, sentimentos e sentidos. As análises e interpretações foram deixadas para o telespectador, para que, assim como pesquisador/documentarista, possam constituir suas percepções sobre as narrativas expostas.

A intenção foi de criar um ambiente em que o telespectador se sentisse presente à entrevista foi para que houvesse envolvimento, uma vez que as tramas dos discursos refletem uma realidade social comum a ambos. Não temos a pretensão de apresentar, nesse documentário modelos e exemplos a serem seguidos; nosso intuito foi de conduzir os telespectadores a refletirem sobre suas próprias trajetórias e compreenderem-se como sujeitos sociais, construídos historicamente pelo *habitus*. Nichols (2016, p. 85) assim se expressa:

A questão do discurso levanta a questão da “voz”, e encontrar e ter uma voz significam mais do que usar a palavra falada. Quando um documentário “fala sobre” alguma coisa, quando “nós falamos de alguma coisa para você”, por exemplo, o filme fala através da composição de planos, da edição de imagens e do uso da música, entre outras coisas.

Em um documentário, portanto, não é só a oralidade que dialoga com o telespectador, mas um conjunto de sentidos e expressões, tais como gestos, expressões e entonações, além de elementos de produção, como composições de cenas e trilhas sonoras.

Vale ainda destacar as potencialidades dos documentários como mecanismos de transformações sociais, conforme preconiza Nichols (2016, p. 25): “[...] é o cinema documentário independente que traz um olhar novo sobre os eventos do mundo e conta, com

verve e imaginação, histórias que expandem horizontes limitados e despertam novas possibilidades

Uma das principais características do cinema documentário apontadas por Nichols (2016) é que os telespectadores se identificam com os personagens e com as histórias contadas. De alguma forma espera-se que o enredo do filme seja validado pelos conhecimentos de causa de cada um que o assiste. Assim, acreditamos que ao entrar em contato com outras histórias de vida, os telespectadores deste documentário, terão a possibilidade de refletirem sobre suas próprias trajetórias e descobrirem a influência de suas experiências pessoais e educacionais na configuração de sua identidade.

Esperamos ainda, que as histórias de vida aqui expostas conduza os telespectadores a um exame crítico sobre o seu processo de formação e quais as influências deste nas suas ações no presente, assim como feito pelos professores participantes. A experiência, adquirida na produção desse documentário, demonstra o quanto o autoconhecimento de si e da sociedade contribui para o processo de alterações de práticas e rupturas sociais e culturais.

Referências

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MEIRELES, Cecília (Org.). Retrato. In: LUSO-BRASILEIRA, Biblioteca. **Obra poética**. 4. ed. Rio de Janeiro: Companhia J. Aguilar Editora, 1958. p. 10-10. (Série brasileira).

MIRANDA, Adílio Renê Almeida; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MAFRA, Flávia Luciana Naves. Contribuições do método História de Vida para estudos sobre identidade: o exemplo do estudo sobre professoras gerentes. In: **Revista de Ciências da Administração**, [s.l.], p.59-74, 16 dez. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p59>. Acesso em: 31 jan. 2017

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 6. ed.. São Paulo, SP: Papyrus, 2016. (Coleção Campo Imagético).

NÓVOA, António. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal o que é mesmo documentário?** 2. ed. São Paulo: Senac, 2013.